



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CAMPUS DE CASCAVEL
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM E SOCIEDADE**

JONI MÁRCIO DORNELES FONTELLA

**TERMOS DO TURISMO EM ARTIGOS ACADÊMICOS EM INGLÊS: UM ESTUDO
TERMINOLÓGICO**

CASCAVEL – PR
2023

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste

FONTELLA, Joni Márcio Dorneles

Termos do Turismo em artigos acadêmicos em inglês: um estudo terminológico / Joni Márcio Dorneles FONTELLA; orientadora Rosemary Irene Castañeda ZANETTE. -- Cascavel, 2023.

307 p.

Tese (Doutorado Campus de Cascavel) -- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2023.

1. Terminologia. 2. Vocabulário Acadêmico. 3. Inglês para Fins Específicos. 4. Ensino. I. ZANETTE, Rosemary Irene Castañeda , orient. II. Título.

JONI MÁRCIO DORNELES FONTELLA

**TERMOS DO TURISMO EM ARTIGOS ACADÊMICOS EM INGLÊS: UM ESTUDO
TERMINOLÓGICO**

Tese apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), para a obtenção do título de Doutor em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Práticas Linguísticas, Culturais e de Ensino.

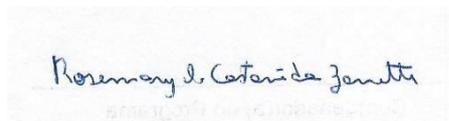
Orientadora: Profa. Dra. Rosemary Irene Castañeda Zanette.

CASCAVEL – PR
2023

JONI MARCIO DORNELES FONTELLA

**TERMOS DO TURISMO EM ARTIGOS ACADÊMICOS EM INGLÊS: UM ESTUDO
TERMINOLÓGICO**

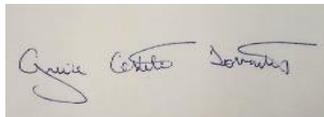
Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Doutor em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade, linha de pesquisa Linguagem: Práticas Linguísticas, Culturais e de Ensino, APROVADO(A) pela seguinte banca examinadora:



Orientador(a) - Rosemary Irene Castañeda Zanette



Odair Luiz Nadin da Silva



Greice Castela Torrentes



Rosislene de Fátima Fontana

Documento assinado digitalmente
gov.br VIVIANE APARECIDA BAGIO FURTOSO
Data: 07/02/2023 18:14:57-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Viviane Aparecida Bagio Furtoso

Cascavel, 07 de fevereiro de 2023

AGRADECIMENTOS

À CAPES pela concessão da bolsa durante o período de abril de 2021 e março de 2023, o que contribuiu significativamente com a qualidade da pesquisa efetivada.

À minha orientadora, Profa. Dra. Rosemary Irene Castañeda Zanette, por todos os anos de trabalho juntos. Suas orientações e dicas, sempre construtivas, foram essenciais para que todas as etapas do Programa fossem atingidas com sucesso.

À coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UNIOESTE, Profa. Dra. Dantielli Assumpção Garcia, pela prontidão e por todos os esforços à frente de sua função.

A todos os professores do colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras da UNIOESTE, pela dedicação e atenção que sempre demonstraram com cada mestrando e doutorando do Programa.

À assistente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UNIOESTE, Magaly Lindbeck Guimarães, por toda a gentileza, simpatia e dedicação para atender a todas as demandas dos discentes.

A João Clóvis Vargas Alves, por todo o profissionalismo, paciência e dedicação no desenvolvimento do aplicativo *Terms of Tourism*.

A todos os meus familiares, que de uma forma ou de outra, acostumaram-se com minhas visitas cada vez mais raras devido ao foco na presente pesquisa.

Aos meus dois *babies* – Mignon e Miah (gatinhos), que me ajudaram a manter-me com a saúde mental em dia. Os passeios na pracinha e no jardim sempre foram momentos de recarregar as energias.

Muito obrigado a todos!

FONTELLA, Joni Márcio Dorneles Fontella. Termos do Turismo em artigos acadêmicos em inglês: um estudo terminológico. 2023. 307 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2023.

Orientadora: Rosemary Irene Castañeda Zanette

Defesa: 7 de fevereiro de 2023.

RESUMO

Artigos acadêmicos publicados em periódicos são uma das principais formas de acesso ao conhecimento científico produzido nas mais diversas áreas. A leitura desse gênero é fundamental no contexto de ensino e aprendizagem do Ensino Superior, uma vez que o acesso à produção científica atualizada é um fator positivo na formação dos estudantes. Pesquisas no âmbito dos estudos do léxico, por um lado, têm evidenciado a existência de um vocabulário acadêmico, que seria comum aos diferentes campos do conhecimento, mas, por outro, destacam a necessidade da realização de estudos que abordem as especificidades de cada área. Considerando que os termos são parte integrante do vocabulário acadêmico (NATION, 2013), na presente pesquisa investigamos a área do Turismo, tendo como propulsoras as seguintes perguntas: 1) quais são os termos mais frequentes em artigos acadêmicos? 2) como elaborar um material pedagógico para ensinar esses termos em contextos de ESP? Nessa perspectiva, o objetivo principal da pesquisa foi *identificar os termos recorrentes do Turismo em inglês em artigos acadêmicos da área e organizá-los em subáreas, a fim de utilizá-los em propostas didáticas*. Para tanto, traçamos os seguintes objetivos específicos: 1) elaborar uma lista dos termos do Turismo mais recorrentes no *corpus* organizado; 2) verificar se os termos selecionais se fazem mais recorrentes na *Academic Word List* (AWL) (COXHEAD, 2000), ou na *General Service List* (GSL) (WEST, 1953); 3) elaborar atividades com foco em questões terminológicas, considerando o contexto do Turismo e as interfaces com a gramática; 4) produzir um material didático para estudantes de Graduação em Turismo e de áreas correlatas, em formato de livro e aplicativo, que apresente os termos mais recorrentes em artigos acadêmicos da área. Utilizamos a metodologia da Linguística de Corpus, fazendo uso do Programa *WordSmith Tools 7.0*, e utilizamos como referência de vocabulário acadêmico a AWL (COXHEAD, 2000) e a GSL (WEST, 1953), que serviu como referência de vocabulário fundamental do inglês. Trata-se de uma pesquisa baseada em *corpus*, de caráter qualitativo, que é fundamentada na Terminologia (CABRÉ, 1993, 2005; HOFFMANN, 2015; KRIEGER; FINATTO, 2020; KRIEGER, 2001; FINATTO; ZILIO, 2015; TAGNIN; BEVILACQUA, 2013; ZAVAGLIA et al. 2020), e nos estudos do Ensino de Inglês para Fins Específicos (ESP) (BELCHER, 2009; CELANI, 1988, 2005; DUDLEY-EVANS; ST JOHN, 2003; HUTCHINSON; WATERS, 1987; PALTRIDGE, 2001; RAMOS, 2008). Tínhamos a premissa de que havia termos do Turismo que não figuram nas obras usadas como referência. A investigação mostrou a incidência de termos presentes na AWL e verificamos que muitos deles fazem parte do vocabulário fundamental da língua inglesa (GSL). Entretanto, o estudo explicitou muitos termos que não foram encontrados em nenhuma das listas de referência, o que evidencia que existe uma lacuna que pode servir de objeto para futuras investigações. Como resultado da pesquisa, elaboramos um livro didático em que os

termos do Turismo são apresentados divididos em subáreas como *Food and Beverage*, *Transportation*, *Money and Finance*, *Hotels and Accommodation*, entre outras. Além disso, criamos um aplicativo que tem o mesmo conteúdo do livro.

PALAVRAS-CHAVE: Terminologia; Vocabulário Acadêmico; Inglês para Fins Específicos; Turismo; Ensino.

FONTELLA, Joni Márcio Dorneles Fontella. Tourism Terms in academic articles in English: a terminological study. 2023. 307 pages. Thesis (Doctorate in Arts) – Postgraduate Program in Arts, State University of Western Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2023.

Advisor: Rosemary Irene Castaneda Zanette

Defense: February 7th, 2023.

ABSTRACT

Academic articles published in journals are one of the main ways of accessing scientific knowledge produced in the most diverse areas. Reading this genre is paramount in the context of teaching and learning in Higher Education, since the access to updated scientific production is a positive factor in the education of students. Research within the scope of lexical studies, on one hand, has shown the existence of an academic vocabulary, which would be similar in different fields of knowledge, but, on the other hand, they highlight the need for carrying out studies that address the specificities of each area. Considering that terms are part of the academic vocabulary (NATION, 2013), in this research we investigated the Tourism sector, having as driving forces the following questions: 1) what are the most frequent terms in academic articles? 2) how to develop a pedagogical material to teach these terms in ESP contexts? In this perspective, the main objective of the research was to *identify the recurring terms of Tourism in English in academic articles in the area and organize them into subareas, in order to use them in didactic proposals*. To do so, we outlined the following specific objectives: 1) to draw up a list of the most recurrent Tourism terms in the corpus; 2) to verify whether the selected terms are more recurrent in the *Academic Word List (AWL)* (COXHEAD, 2000), or in the *General Service List (GSL)* (WEST, 1953); 3) to develop activities focusing on terminological issues, considering the context of Tourism and the interfaces with grammar; 4) to create a didactic material for undergraduate students in Tourism, and related areas, in book and app formats, which presents the most recurrent terms in academic articles in the area. We used the *Corpus Linguistics* methodology, using the *WordSmith Tools 7.0* Program, the AWL (COXHEAD, 2000) as an academic vocabulary reference, and the GSL (WEST, 1953), as a reference for fundamental English vocabulary. This is a corpus-based, qualitative research, which is based on *Terminology* (CABRÉ, 1993, 2005; HOFFMANN, 2015; KRIEGER; FINATTO, 2020; KRIEGER, 2001; FINATTO; ZILIO, 2015; TAGNIN; BEVILACQUA, 2013; ZAVAGLIA et al. 2020), and in studies of *Teaching English for Specific Purposes (ESP)* (BELCHER, 2009; CELANI, 1988, 2005; DUDLEY-EVANS; ST JOHN, 2003; HUTCHINSON; WATERS, 1987; PALTRIDGE, 2001; RAMOS, 2008). We had the premise that there were terms of Tourism that do not configure in the works used as reference. The investigation showed the incidence of terms present in the AWL, and we verified that many of them are part of the fundamental vocabulary of the English language (GSL). However, the study showed many terms that were not part of any of the reference lists, which shows that there is a gap that can serve as object for future investigations. As a result of the research, we created a textbook in which the terms of

Tourism are presented divided into subareas such as *Food and Beverage*, *Transportation*, *Money and Finance*, *Hotels and Accommodation*, among others. In addition, we developed an application that has the same content as the book.

KEYWORDS: Terminology; Academic Vocabulary; English for Specific Purposes; Tourism; Teaching.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01	<i>The tree of the ELT</i>	52
FIGURA 02	Composição do AWL.....	107
FIGURA 03	Cobertura do <i>corpus</i> acadêmico pela AWL e GSL.....	108
FIGURA 04	<i>Layout</i> do <i>I love pdf</i>	125
FIGURA 05	Processo de mescla de textos.....	126
FIGURA 06	Programa <i>WordSmith Tools</i>	128
FIGURA 07	<i>Layout</i> da ferramenta <i>WordList</i>	130
FIGURA 08	Lista individual de palavras do <i>corpus</i>	131
FIGURA 09	Concordâncias do termo “ <i>attraction</i> ”	133
FIGURA 10	Colocações mais frequentes para o termo “ <i>attraction</i> ”	133
FIGURA 11	Verificação do texto fonte de uma ocorrência.....	134
FIGURA 12	Diferentes tipos de vocabulários em um texto acadêmico de Linguística Aplicada.....	142
FIGURA 13	Comparativo dos termos no GSL.....	167
FIGURA 14	Comparativo dos termos no GSL (continuação).....	168
FIGURA 15	Termos do Turismo presentes e ausentes no GSL.....	169
FIGURA 16	Total de termos ausentes no GSL.....	174
FIGURA 17	Termos presentes e ausentes na GSL e na AWL.....	175
FIGURA 18	Termos presentes e ausentes na GSL e na AWL (continuação).....	176
FIGURA 19	Resultado geral dos termos na GSL e na AWL.....	176
FIGURA 20	<i>Freepik</i> – banco de imagens <i>on-line</i>	187
FIGURA 21	<i>Print</i> do <i>Layout</i> inicial do aplicativo.....	244
FIGURA 22	<i>Print</i> das unidades didáticas no aplicativo.....	245
FIGURA 23	<i>Print</i> da indicação de acertos e erros.....	246
FIGURA 24	<i>Print</i> dos ícones para escolher o caminho de estudo de uma subárea.....	247
FIGURA 25	<i>Print</i> dos exemplos em artigos acadêmicos.....	248
FIGURA 26	<i>Print</i> dos tipos de exercícios no aplicativo.....	249
FIGURA 27	<i>Print</i> do exercício 1.....	249
FIGURA 28	<i>Print</i> do exercício 2.....	250

FIGURA 29	<i>Print do exercício 3: passos a seguir.....</i>	251
FIGURA 30	<i>Print do exercício 4.....</i>	252
FIGURA 31	<i>Print do exercício 5: passos a seguir.....</i>	253
FIGURA 32	<i>Print do exercício 6: passos a seguir.....</i>	254

LISTA DE TABELAS

TABELA 01	Destinos mais visitados por turistas estrangeiros a lazer...	36
TABELA 02	Cursos de graduação em Turismo na modalidade presencial em 2017.....	41
TABELA 03	Cursos de graduação em Turismo na modalidade a distância.....	42

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	Pesquisas científicas sobre vocabulário e termos no âmbito acadêmico.....	21
QUADRO 02	Algumas disciplinas da Graduação em Turismo da UNB.....	46
QUADRO 03	Universidades participantes do <i>Brazilian National ESP Project</i>	66
QUADRO 04	Noções pertencentes à Análise da Situação Alvo.....	73
QUADRO 05	Perguntas para coleta de informações sobre necessidades.	74
QUADRO 06	Subáreas do Turismo.....	137
QUADRO 07	Capítulos do material e subáreas relacionadas.....	138
QUADRO 08	Termos simples com “Turismo”	143
QUADRO 09	Termos complexos com “Turismo”	145
QUADRO 10	Termos complexos com “turista”	143
QUADRO 11	Adjetivos usados com “Turismo”	146
QUADRO 12	Verbos usados com “Turismo”	146
QUADRO 13	Termos simples sobre Alimentos e Bebidas.....	148
QUADRO 14	Termos complexos com Alimentos e Bebidas.....	148
QUADRO 15	Adjetivos usados com Alimentos e Bebidas.....	149
QUADRO 16	Verbos usados com Alimentos e Bebidas.....	149
QUADRO 17	Termos simples sobre Dinheiro e Finanças.....	150
QUADRO 18	Termos complexos sobre Dinheiro e Finanças.....	151
QUADRO 19	Adjetivos usados com Dinheiro e Finanças.....	151
QUADRO 20	Verbos usados com Dinheiro e Finanças.....	152
QUADRO 21	Termos simples sobre Lugares e Instalações.....	153
QUADRO 22	Termos complexos relacionados a Lugares e Instalações....	153
QUADRO 23	Adjetivos usados com Lugares e Instalações.....	154
QUADRO 24	Verbos usados com Lugares e Instalações.....	154
QUADRO 25	Termos simples sobre Hotéis e Acomodações.....	155
QUADRO 26	Termos complexos sobre Hotéis e Acomodações.....	156
QUADRO 27	Adjetivos usados com Hotéis e Acomodações.....	156
QUADRO 28	Verbos usados com Hotéis e Acomodações.....	157

QUADRO 29	Termos simples sobre Transportes.....	157
QUADRO 30	Termos complexos sobre Transportes.....	158
QUADRO 31	Adjetivos usados com Transportes.....	158
QUADRO 32	Verbos usados com “transportes”	159
QUADRO 33	Termos simples sobre Pessoas no Turismo.....	159
QUADRO 34	Termos complexos sobre Pessoas no Turismo.....	160
QUADRO 35	Adjetivos usados com Pessoas no Turismo.....	160
QUADRO 36	Verbos usado com Pessoas no Turismo.....	161
QUADRO 37	Termos do Turismo em artigos acadêmicos.....	161
QUADRO 38	Capítulos e exemplos	178
QUADRO 39	Texto introdutório da unidade didática.....	180
QUADRO 40	Exemplo extraído do <i>corpus</i>	180
QUADRO 41	Termos, adjetivos e verbos recorrentes.....	181
QUADRO 42	Exercício 1: <i>Food and beverage</i>	182
QUADRO 43	Exercício 2: <i>Food and beverage</i>	183
QUADRO 44	Exercício 3: <i>Food and beverage</i>	184
QUADRO 45	Exercício 4: <i>Food and beverage</i>	184
QUADRO 46	Exercício 5: <i>Food and beverage</i>	185
QUADRO 47	Exercício 6: <i>Food and beverage</i>	186

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1 A ESFERA DO TURISMO	25
1.1 TURISMO: NOÇÕES GERAIS	25
1.2 O ÂMBITO INSTITUCIONAL E O CENÁRIO ATUAL DO TURISMO	27
1.2.1 Os órgãos institucionais do Turismo	27
1.2.2 O cenário atual do Turismo no Brasil	31
1.2.2.1 Os destinos brasileiros mais procurados por estrangeiros	36
1.3 A FORMAÇÃO EM TURISMO	39
1.3.1 O Ensino Superior em Turismo no Brasil	40
1.3.2 As diretrizes curriculares	42
1.3.3.1 Um exemplo de grade curricular	44
2 O ENSINO DE LÍNGUAS PARA FINS ESPECÍFICOS (ESP)	48
2.1 BREVE HISTÓRICO DO ENSINO DE LÍNGUAS PARA FINS ESPECÍFICOS	49
2.1.1 ESP: algumas definições e características	52
2.1.2 Os principais propulsores do ESP	57
2.1.3 As fases de desenvolvimento do ESP	60
2.2 ESP NO BRASIL	65
2.2.1 O estabelecimento do ESP no Brasil	65
2.2.2. Ações e objetivos do <i>Brazilian National ESP Project</i>	67
2.2.2.1 Uma abordagem brasileira	70
2.3. ORGANIZAÇÃO DE UM CURSO DE ESP	72
2.3.1 Análise de necessidades	72
2.3.2 O papel do professor de ESP	76
2.3.3 O papel do aluno de ESP	78
2.3.4 Os materiais em cursos de ESP	81

3 O ESTUDO DO VOCABULÁRIO ACADÊMICO E SUA APLICAÇÃO NO ENSINO	84
3.1 O LÉXICO GERAL.....	85
3.2 O LÉXICO ESPECIALIZADO	89
3.3 TERMINOLOGIA E ENSINO	94
3.3.1 Principais pressupostos teóricos da Terminologia	95
3.3.2. O ensino da linguagem acadêmica	99
3.4 AS CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA DE CORPUS NA INVESTIGAÇÃO SOBRE VOCABULÁRIOS ESPECIALIZADOS	101
3.4.1 Linguística de Corpus: algumas características	102
3.4.2 A <i>Academic Word List</i> (AWL).....	105
4 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	112
4.1 OS PASSOS INICIAIS DA PESQUISA.....	112
4.2 PERSPECTIVA TEÓRICA.....	115
4.3 TIPO DE PESQUISA	117
4.4 PERSPECTIVA METODOLÓGICA	118
4.4.1 Pesquisa bibliográfica e documental	118
4.4.2 A LC como perspectiva metodológica	120
4.5 O CORPUS DA PESQUISA	122
4.5.1 A organização dos artigos do corpus em <i>txt</i>	125
4.6 TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	127
4.6.1 O uso do <i>WordSmith Tools 7.0</i>	130
4.7 SUBÁREAS DO MATERIAL DIDÁTICO	135
5 TERMOS DO TURISMO EM ARTIGOS ACADÊMICOS	141
5.1 A NATUREZA DO VOCABULÁRIO DOS TEXTOS ACADÊMICOS.....	141
5.2 VOCABULÁRIO ACADÊMICO DO TURISMO	143
5.2.1 <i>Terms with Tourism</i>	143
5.2.2 <i>Food and Beverage</i>	147

5.2.3 <i>Money and Finance</i>	150
5.2.4 <i>Places and facilities</i>	152
5.2.5 <i>Hotels and Accommodation</i>	155
5.2.6 <i>Transportation</i>	157
5.2.7 <i>People on Tourism</i>	159
5.3 OS TERMOS DO TURISMO E A GSL.....	162
5.4 OS TERMOS DO TURISMO E A AWL.....	169
6. A APRENDIZAGEM DE TERMOS DO TURISMO.....	178
6.1 A ESTRUTURA DO MATERIAL	178
6.2 O MATERIAL DIDÁTICO ELABORADO.....	188
6.3 O APLICATIVO <i>TERMS OF TOURISM</i>	244
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	255
REFERÊNCIAS.....	260
APÊNDICES	276
ANEXOS.....	278

INTRODUÇÃO

Nas últimas duas décadas, o Turismo se consolidou como um dos pilares de nossa economia, abrangendo uma rede de subáreas de grande importância na geração de empregos e renda no Brasil. Em meio a esse contexto, a presente pesquisa, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), *campus* de Cascavel, inserida no campo dos estudos linguísticos, investiga o léxico especializado do Turismo em nível superior, focando nos termos dessa área presentes em artigos científicos publicados em língua inglesa.

O potencial turístico do Brasil é ressaltado por meio dos dados apresentados no *Plano Nacional de Turismo 2018-2022* (PNT), elaborado pelo Ministério do Turismo (MTUR). Segundo esse documento, cerca de 6,5 milhões de visitantes estrangeiros chegaram ao país no ano de 2017 (MTUR, 2018), trazendo resultados positivos tanto na geração de empregos, quanto no impacto econômico brasileiro.

No PNT, o governo estabeleceu metas para que o país continuasse ascendendo como referência em Turismo. Logicamente, todo o planejamento foi afetado devido à pandemia causada pelo Sars-Cov-2¹, mas, nesta pesquisa, é relevante que observemos o lugar do Turismo no cenário nacional, e que consideremos aspectos que são determinantes para o contexto de Ensino dessa área, especialmente no âmbito superior.

Em uma das metas do documento mencionado, o governo pretendia criar dois milhões de novos postos de emprego no setor até o ano de 2022. Dessa forma, o MTUR elaborou as *Diretrizes Nacionais para a Qualificação no Turismo* (DNQT, 2018), que visam orientar estrategicamente as ações voltadas para a formação e a certificação profissional (MTUR, 2018). Para atingir essa meta, consideramos que é vital que existam pessoas capacitadas a trabalhar nos mais variados setores que o Turismo apresenta, como agências, hotéis, restaurantes, bares, transporte especializado, entre muitos outros.

¹ O SARS-CoV-2, também conhecido como novo coronavírus, é uma cepa identificada em 2019 responsável pela doença nomeada de COVID-19 (*coronavirus disease*, 2019), que tem como resultado desde quadros assintomáticos até casos fatais de síndrome respiratória. O vírus é altamente transmissível e resultou em milhares de mortes ao redor do mundo, sendo considerado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) uma pandemia.

Nesta perspectiva, sabemos que uma das principais formas de se adquirir conhecimentos específicos é por meio de cursos de formação em nível superior. Para este propósito, o Brasil tem várias instituições que oferecem Graduação e Pós-Graduação nessa área, totalizando mais de 200 cursos, somando-se neste número instituições Federais, Estaduais, Municipais e Privadas, de acordo com o *Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior* (e-MEC,2021).

Ao observar as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) do Curso de Graduação em Turismo (2006), é possível corroborar o que foi exposto, pois, este documento apresenta direcionamentos em relação às línguas estrangeiras prioritárias nos cursos no país. O artigo quarto deste documento diz que uma das habilidades que o curso deve contemplar é a “comunicação interpessoal”, o que inclui o domínio de diferentes idiomas. Mais à frente, no artigo quinto, o documento descreve a organização curricular e os conteúdos previstos para os cursos de Graduação em Turismo no país. Já no item II, são apresentados os conteúdos específicos, que contemplam áreas como Direito, Economia, Estatística e, o que nos interessa aqui, o domínio de, pelo menos, uma língua estrangeira (BRASIL, 2006)².

Por meio de uma pesquisa nos sites de várias instituições de Ensino Superior do país que oferecem cursos nessa área, notamos que as línguas estrangeiras geralmente presentes nos currículos são o inglês e o espanhol.

Percebemos, também, que as disciplinas de línguas estrangeiras em tais cursos têm duração de apenas um semestre ou um ano acadêmico. Na UNIOESTE, *campus* de Foz do Iguaçu, por exemplo, a disciplina de “inglês técnico” do Curso de Turismo tem a carga horária de 68 horas/aula. Apesar do pouco tempo que se tem para trabalhar com a língua estrangeira, deve-se lembrar, especialmente no caso do inglês, que ela é essencial não apenas no contexto da disciplina curricular, mas no acesso à informação sobre diferentes áreas relacionadas ao Turismo que os acadêmicos podem utilizar como referência em suas pesquisas. Isso porque conteúdos relacionados a Gerenciamento, Economia, Estatística, entre outras subáreas correlatas, são disponibilizados, muitas vezes, apenas em língua inglesa. Além disso, os principais periódicos da área, onde os pesquisadores publicam os resultados de seus estudos, como o *Annual Tourism Research* e o *Tourism Management*, por exemplo, são também veiculados em língua inglesa. Dessa forma,

² É importante destacar que as DCNs para os cursos de Graduação em Turismo não são atualizadas desde o ano de 2006.

ser capaz de ler livros e artigos nesse idioma pode ser um aspecto decisivo para o sucesso acadêmico e profissional dos estudantes de Turismo no Brasil.

O interesse pessoal no desenvolvimento de uma pesquisa linguística no âmbito do Turismo é decorrente da minha atuação como docente no Curso de Graduação em Turismo da UNIOESTE – *Campus* de Foz do Iguaçu. Ministrando a disciplina de Língua Estrangeira I – Inglês, percebi que havia uma lacuna ao que se refere a materiais didáticos para a aprendizagem de vocabulário específico da área em língua inglesa. E, considerando o fato de que a cidade de Foz do Iguaçu recebe muitos turistas estrangeiros e que muitos dos acadêmicos do curso já trabalhavam na área, esses alunos demonstravam bastante urgência por materiais que contemplassem tal vocabulário. Dessa forma, essas inquietações fizeram parte do projeto apresentado no processo seletivo deste Programa de Pós-Graduação. Após a aprovação no Programa, juntamente com minha orientadora, fizemos alguns redirecionamentos em relação aos objetivos geral e específicos que nos trouxeram até a presente Tese.

Considerando a experiência pessoal como docente do curso de Turismo, o contexto apresentado pelo PNT, a demanda por profissionais no setor, assim como o grande número de cursos de Graduação na área, pensamos sobre o papel das línguas estrangeiras na formação de acadêmicos de Turismo. Direcionamos nosso olhar para o vocabulário acadêmico do Turismo em língua inglesa, tendo como norte a noção apresentada por Nation (2013), na qual o autor afirma que o vocabulário acadêmico é composto por palavras do vocabulário fundamental da língua, palavras estritamente acadêmicas e, também, por termos tanto da área em questão quanto de outras áreas. Nesta perspectiva, decidimos focar nos termos do Turismo presentes em artigos científicos.

Inicialmente, realizamos uma busca no Banco de Teses e Dissertações da Capes para vermos que tipos de pesquisas científicas já haviam sido realizadas sobre o tema escolhido. Conduzimos a busca utilizando as seguintes palavras-chave: vocabulário acadêmico, vocabulário do Turismo, termos do Turismo. Vejamos no quadro a seguir os resultados obtidos:

Quadro 01 – Pesquisas científicas sobre vocabulário e termos no âmbito acadêmico.

	Vocabulário acadêmico	Vocabulário do Turismo	Termos do Turismo
Teses	1	X	X
Dissertações	3	X	X

Fonte: elaborado pelo autor.

Por um lado, verificamos que alguns trabalhos científicos já haviam sido conduzidos sobre vocabulário acadêmico. Em sua Tese de Doutorado, Silva (2015) busca identificar e analisar o vocabulário acadêmico em língua inglesa presente em textos acadêmico-científicos, à luz da Linguística de Corpus. A Dissertação de Demarque (2020) objetivou analisar o vocabulário acadêmico bilíngue português-francês, presentes em textos acadêmicos científicos nos domínios da Economia, Linguística e Medicina, discutindo as equivalências entre ambas as línguas. A Dissertação de Miranda (2016) teve como objetivo principal elaborar uma lista dos lexemas verbais acadêmicos, tendo como base a Linguística Centrada no Uso. Santos (2006), por sua vez, desenvolveu, em sua pesquisa de Mestrado, uma lista de palavras de uso acadêmico em português do Brasil.

Por outro lado, no entanto, quando delimitamos nossa busca à área do Turismo, não encontramos pesquisas que contemplassem o vocabulário acadêmico ou os termos do setor.

Neste contexto, algumas perguntas emergiram e se tornaram impulsionadoras do desenvolvimento dessa pesquisa, a saber: *quais são os termos de Turismo mais frequentes em artigos científicos? Como elaborar um material pedagógico para ensinar esses termos em contextos de ESP?*

A partir dessas questões e da notável importância que a língua inglesa tem no setor do Turismo, iniciamos nossa investigação. Apesar de não termos encontrado pesquisas de Mestrado e Doutorado sobre a terminologia da área, notamos a existência de algumas obras Terminográficas. Exemplos disso são o *Glossário do Turismo: compilação de termos publicados por Ministério do Turismo e Embratur nos últimos 15 anos* (2018), que reúne mais de 150 termos do setor de viagens; e o *Dicionário de Turismo – Termos Técnicos do meio Turístico: Conceito, Definições, Siglas e Tipologias* (FALCÃO, 2016), em que o autor objetiva auxiliar na contextualização da informação, “por meio de glossário como facilitador da

aprendizagem, considerando o volume e a velocidade da informação que permeia o ambiente organizacional e educacional, do âmbito do turismo” (FALCÃO, 2016, p. 05).

Na presente pesquisa, buscamos selecionar termos do Turismo recorrentes em artigos científicos publicados em importantes periódicos da área, muitos deles presentes no *ranking* apresentado na *Scimago Journal & Country Rank* (2019)³. Consideramos essa proposta relevante pelo fato de que a língua de veiculação desses textos é o inglês e, tomando o contexto apresentado como referência, evidencia-se que a proficiência em leitura nesse idioma pode ser determinante para o sucesso acadêmico e, posteriormente, profissional dos estudantes.

Além do mais, a partir do que depreendemos das leituras prévias sobre o tema, acreditamos que haja termos do Turismo que não configuram nos materiais já publicados sobre vocabulário acadêmico e, conseqüentemente, a presente pesquisa busca comprovar esta asserção.

Em âmbito internacional, diversas pesquisas têm tomado o léxico do contexto acadêmico como objeto de estudos. Podemos citar como exemplo o trabalho de Coxhead (2000), no qual a autora faz a delimitação do vocabulário acadêmico, a AWL. A autora conduziu sua pesquisa tomando como referência um *corpus* que compreendia quatro grandes áreas do conhecimento – Artes, Comércio, Direito, Ciências – contendo 28 disciplinas. Percebemos, no entanto, que em seu *corpus* de análise, Coxhead (2000) não incluiu textos de Turismo. O objetivo de Coxhead (2000) foi elaborar uma lista de palavras acadêmicas que fossem comuns e recorrentes na maioria dos cursos em nível superior. Logo, o resultado do estudo da autora é um produto de representatividade considerável de vocabulário utilizado no meio acadêmico. Dessa maneira, tomamos o AWL (COXHEAD, 2000) como referência em nossa pesquisa, pois pretendíamos identificar os termos mais recorrentes em artigos científicos do setor para que chegássemos ao objetivo principal da pesquisa, que é: *identificar os termos recorrentes do Turismo em inglês em artigos acadêmicos da área e organizá-los em subáreas, a fim de utilizá-los em propostas didáticas*. Decidimos criar uma versão do material para aplicativo pois acreditamos que essa é uma opção de fácil acesso, uma vez que muitas pessoas estão em contato com seus aparelhos celulares o dia todo.

³ Disponível em: <https://www.scimagojr.com/journalrank.php?category=1409>. Acesso em: 28 jan. 2021.

Para atingirmos o objetivo proposto, foi preciso estipularmos os seguintes objetivos específicos: 1) elaborar uma lista dos termos do Turismo mais recorrentes no *corpus* organizado; 2) verificar se os termos selecionados se fazem mais presentes na AWL de Coxhead (2000) ou no GSL de West (1953); 3) elaborar atividades com foco nas questões terminológicas, considerando o contexto do Turismo e as interfaces com a gramática; 4) produzir um material didático para estudantes de Graduação em Turismo, em formatos de livro e aplicativo, que apresente os termos mais recorrentes em artigos acadêmicos da área.

Para a observação dos termos do Turismo no *corpus* formado pelos artigos acadêmicos, utilizamos a metodologia da Linguística de Corpus, por meio do programa de análise léxica *WordSmith Tools* (7.0). Vale ressaltar que existem diferentes maneiras de trabalhar com *corpora*, mas optamos por essa metodologia devido à agilidade e à precisão que o programa escolhido proporciona.

Dessa forma, esta pesquisa possui caráter quanti-qualitativo, é baseada em *corpus* e fundamentada nos estudos do Inglês para Fins Específicos (ESP) (BELCHER, 2009; CELANI, 1988, 2005; DUDLEY-EVANS; ST JOHN, 2003; HUTCHINSON; WATERS, 1987; PALTRIDGE, 2001; RAMOS, 2008) e da Terminologia (CABRÉ, 1993, 2005; HOFFMANN, 2015); KRIEGER; FINATTO, 2004; KRIEGER, 2001; TAGNIN; BEVILACQUA, 2013; ZAVAGLIA et al. 2020), e será constituída de seis capítulos.

No primeiro, discorreremos sobre a área do Turismo no Brasil. Abordamos alguns órgãos institucionais importantes do setor, assim como dos principais destinos turísticos brasileiros. Ao final do primeiro capítulo fazemos algumas considerações a respeito do Ensino, focando no nível superior, pois um dos objetivos específicos desta pesquisa é elaborar um material didático voltado para estudantes deste nível de estudos

No segundo capítulo, tratamos do ESP. Iniciamos com um breve histórico do Ensino de Línguas para Fins Específicos e, então, apresentamos algumas definições e características da área. Na sequência, destacamos os propulsores dessa área de estudos, assim como as suas principais fases de desenvolvimento. Além disso, discorreremos sobre o estabelecimento dessa abordagem de ensino no Brasil, destacando o *Brazilian ESP Project*, projeto desenvolvido pela Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), sob a direção de Maria Antonieta Alba Celani, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da PUC-SP. Finalmente,

voltamos nossa atenção para alguns pontos importantes para a organização de um curso de ESP, tais como a análise de necessidades, o papel do professor, dos alunos e dos materiais.

No terceiro capítulo, tratamos do léxico. Iniciamos apresentando as noções de “léxico geral” e “léxico especializado”. Na sequência, discorremos sobre o surgimento e estabelecimento da Terminologia, sobre seus fundamentos, inaugurados por meio da Teoria Geral da Terminologia (TGT) e da sua busca por abarcar os diferentes contextos de uso das terminologias, entre os quais destacamos a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT). Discorremos, também, sobre as contribuições das pesquisas baseadas em *corpus* para o desenvolvimento de diferentes objetos de ensino e aprendizagem do léxico. Neste contexto, abordamos um dos mais influentes estudos sobre vocabulário acadêmico realizados nas últimas décadas, a AWL (COXHEAD, 2000), que tem sido usada como referência em pesquisas sobre o tema.

O quarto capítulo é dedicado aos procedimentos metodológicos. Este é o momento em que descrevemos: 1) as perspectivas teóricas que fundamentam o trabalho de forma geral; 2) o tipo de pesquisa; 3) a perspectiva metodológica, descrevendo o planejamento de forma ampla, até as tomadas de decisões mais específicas efetuadas durante o decorrer da pesquisa; 4) o *corpus*, apresentando os periódicos de onde os artigos que formam o *corpus* foram coletados; 5) as técnicas e os procedimentos de coleta de dados, destacando o uso da ferramenta de análise léxica *WordSmith Tools 7.0*; 6) o passo a passo da pesquisa, desde a escolha do tema até a fase final de execução da pesquisa.

No capítulo quinto o *corpus* selecionado é analisado. É neste momento que, utilizando o *WordSmith Tools 7.0*, fazemos a seleção das palavras acadêmicas nos artigos científicos de Turismo e comparamos com a AWL (COXHEAD, 2000) e com a GSL (WEST, 1953).

No sexto e último capítulo da Tese, apresentamos o material didático elaborado a partir dos termos selecionados no *corpus* de pesquisa. Trazemos na íntegra o livro e as principais características do aplicativo.

1 A ESFERA DO TURISMO

Neste capítulo, faremos a contextualização da área do Turismo, pois se trata de uma pesquisa situada no campo dos estudos linguísticos. Para tanto, discorreremos a respeito do surgimento e funcionamento dos principais órgãos institucionais que regulamentam o Turismo no Brasil, ressaltando dados relativos ao cenário atual da área. Além disso, fazemos considerações sobre a implantação dos cursos de Turismo no Ensino Superior, destacando as diretrizes curriculares, exemplificadas com a apresentação da grade curricular de um curso de referência no Brasil.

1.1 TURISMO: NOÇÕES GERAIS

O setor do Turismo tem sido destaque no cenário econômico e social brasileiro, pois ao mesmo tempo que gera empregos, impulsiona o país economicamente, tornando-se, assim, fundamental e uma forma de subsistência em diversos contextos. Dessa maneira, “trata-se de um fenômeno histórico complexo que causa impactos na economia, no planejamento e na gestão de localidades, nas condições de mobilidade, nas políticas de preservação ambiental, nas relações de hospitalidade e alteridade” (CASTRO; GUIMARÃES; MAGALHÃES, 2013, p. 7).

Definir a palavra Turismo não é uma tarefa simples, uma vez que, dependendo do ponto de vista adotado, corre-se o risco de apresentar “uma perspectiva limitada da realidade e da verdadeira abrangência do fenômeno” (PANOSSO NETTO, 2013, s/p). Dessa forma, é certo afirmar que “o fenômeno turístico é extremamente complexo pela relação que estabelece com diversas áreas das ciências sociais” (ASSUNÇÃO, 2012, p. XIII), caracterizando-se como um setor multidisciplinar.

As noções encontradas no senso comum relacionam Turismo a viagem, férias, descanso, entre outras ideias semelhantes. No entanto, são múltiplas as possibilidades e esferas que podem se relacionar à atividade turística⁴.

Na obra *O que é Turismo* (2013), por exemplo, Panosso Netto apresenta três diferentes visões de Turismo: “leiga”, “empresarial” e “acadêmico-científica”. A “visão

⁴ Aqui, não nos referimos à segmentação turística, a qual adota diferentes tipologias para a área, como por exemplo: turismo cultural, turismo de aventura, ecoturismo, turismo rural, entre outros (MTUR, 2010).

leiga” é aquela do senso comum, em que Turismo é sinônimo de viagem, descanso, férias etc. No âmbito da “visão empresarial”, o Turismo é tido como uma forma de renda e lucro financeiro que envolve diversos setores e agentes, entre os quais estão guias, motoristas, agências de Turismo e de marketing, empresas aéreas. Na “visão acadêmico-científica”, por sua vez,

Turismo está relacionado com possibilidade de inclusão social; desenvolvimento de ações para minimizar seus impactos negativos e maximizar os positivos; coleta e análise de dados qualitativos e quantitativos; produção de conhecimentos críticos na busca de sua melhor compreensão; implantação de políticas públicas de turismo; estudos interdisciplinares que envolvam a sociedade em todos os seus aspectos econômicos, políticos, culturais, sociais e ambientais na busca de resolução de algum problema causado pelas viagens; análise e previsão de tendências de desenvolvimento do turismo (PANOSSO NETTO, 2013, s/p).

É nessa esfera de abrangência do Turismo, a acadêmico-científica, que a presente pesquisa está inserida, uma vez que voltamos nosso olhar para uma necessidade imposta pela contemporaneidade em um mundo globalizado, a qual é sentida no âmbito do Ensino Superior. Nosso foco de investigação recai sobre a importância, e pode-se dizer, também, sobre a necessidade de proficiência em leitura de artigos acadêmicos em língua inglesa, uma vez que parte considerável da literatura da área do Turismo, assim como de outras áreas do conhecimento, é veiculada em inglês. Consideramos a pertinência da escolha deste tema devido ao fato de que a habilidade de leitura em língua inglesa pode ser contribuir de forma positiva na formação de qualquer profissional em nível superior.

Assim, na sequência, voltamos o nosso olhar para o âmbito institucional do Turismo, focando nos órgãos que regulamentam essa área. Além disso, buscamos apresentar um panorama a respeito do cenário atual do Turismo brasileiro, apresentando alguns dados relativos aos principais destinos turísticos do país.

1.2 O ÂMBITO INSTITUCIONAL E O CENÁRIO ATUAL DO TURISMO

Começamos esta subseção apresentando o âmbito global da área, discorrendo sobre a Organização Mundial do Turismo (UNWTO)⁵. E, na sequência, fazemos a apresentação dos principais órgãos que regulamentam o Turismo brasileiro. Pelo nível de importância que representam para o setor, damos maior destaque aqui para o Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR) e o Ministério do Turismo (MTUR). Finalmente, destacamos algumas ações coordenadas pelo MTUR, que buscaram, a princípio, a organização e estruturação do setor turístico brasileiro e que, no decorrer de sua implantação, objetivavam a melhoria dos dados estatísticos nos diversos âmbitos que o turismo propicia.

1.2.1 Os órgãos institucionais do Turismo

A UNWTO é a agência das Nações Unidas responsável pelo Turismo, a qual tem como princípios a promoção responsável, sustentabilidade e acesso universal da prática turística no mundo. Na página da agência na Internet lê-se que:

Como uma organização internacional líder no campo do turismo, a UNWTO promove o turismo como um direcionador do crescimento **econômico, do desenvolvimento inclusivo** e da **sustentabilidade ambiental** e providencia liderança e suporte ao setor com conhecimento avançado e políticas para o turismo em todo o mundo⁶ (UNWTO, 2020, s/p, grifos dos autores)⁷.

A UNWTO é sediada na cidade de Madri, capital da Espanha, e é composta por 159 países. Seus membros afiliados representam o setor privado, instituições de ensino, associações e autoridades locais de Turismo (UNWTO, 2019).

No biênio de 2020-2021, o Brasil assumiu uma vaga no Conselho Executivo da UNWTO, posição conquistada na 23ª Assembleia Geral da agência, realizada em São Petersburgo, na Rússia, no ano de 2019. Segundo o ministro do Turismo daquele ano,

⁵ UNWTO é a sigla em inglês. As letras “UN” fazem referência às Nações Unidas (United Nations), pois a Organização Mundial do Turismo (World Tourism Organization – WTO) é uma de suas agências.

⁶ As the leading international organization in the field of tourism, UNWTO promotes tourism as a driver of **economic growth, inclusive development** and **environmental sustainability** and offers leadership and support to the sector in advancing knowledge and tourism policies worldwide.

⁷ UNWTO. THE WORLD TOURISM ORGANIZATION. Disponível em: <https://www.unwto.org/who-we-are>. Acesso em: 21 mar. 2020.

Marcelo Álvaro Antônio, fazer parte do conselho da UNWTO é fazer parte de um grupo que dita tendências e lidera as principais ações do setor no mundo (MTUR, 2019)⁸.

Ao pensar no âmbito nacional e no estabelecimento dos órgãos que regulamentam o Turismo brasileiro, é importante destacar que na segunda metade do século XX, o mundo passou por grandes mudanças sociais, políticas, econômicas e tecnológicas que favoreceram o crescimento do “turismo de massa”, descrito por Boyer (2003) como práticas que tornavam “acessíveis ao povo as formas e os lugares de turismo até então reservados aos ricos” (BOYER, 2003, p. 14).

Foi nessa perspectiva que, durante o regime militar da década de 1960, o Brasil também apostou nas atividades turísticas como uma forma de desenvolvimento e crescimento econômico. Assim, o governo brasileiro passou a elaborar políticas e ações para regulamentar o Turismo nacional. Em 18 de novembro de 1966, por meio do Decreto-Lei 55, foi definida a “Política Nacional de Turismo (PNT)”, que era compreendida como “a atividade decorrente de todas as iniciativas ligadas à indústria do turismo, sejam originárias de setor privado ou público, isoladas ou coordenadas entre si, desde que reconhecido seu interesse para o desenvolvimento econômico do país” (BRASIL, 1966, n.p.).

Além do PNT, o Decreto-Lei 55, de 1966, criou também: 1) o “Conselho Nacional de Turismo” (CNT), que tinha como funções essenciais formular, coordenar e dirigir a PNT; 2) e a Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR). Vinculada ao Ministério da Indústria e do Comércio, esta caracterizava-se como uma Empresa Pública que tinha por finalidade:

[...] fomentar e financiar diretamente iniciativas, planos, programas e projetos que visem o desenvolvimento do turismo; estudar de forma sistemática e permanente o mercado turístico, de maneira a obter os dados necessários para seu controle técnico; organizar, promover e divulgar as atividades ligadas ao turismo; registrar e fiscalizar as empresas do setor (BRASIL, 2016, p. 27).

Apesar de já existir atividade turística no Brasil desde as primeiras décadas do século XX, até meados da década de 1960 o país tinha pouca estrutura turística e um baixo índice de investimentos e políticas voltadas para o setor. Nessa perspectiva, a

⁸ MTUR. MINISTÉRIO DO TURISMO. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/12958-brasil-conquista-vaga-no-conselho-executivo-da-omt.html>. Acesso em: 21 mar. 2020.

partir da criação dessa empresa pública voltada aos interesses exclusivos do Turismo, o Brasil começou a articular esforços e capitanear uma grande rede de empreendedores para o desenvolvimento da área. De acordo com Freire-Medeiros e Castro, a partir de sua fundação, a empresa tinha como objetivos principais a organização do setor no âmbito nacional, assim como divulgar as potencialidades turísticas brasileiras no exterior. Segundo os autores,

À empresa caberia, por um lado, regulamentar o setor turístico brasileiro com base na Política Nacional do Turismo e, por outro, promover o Brasil como destino turístico no exterior. A Embratur surgia, assim, como parte de uma política estatal que previa não apenas estímulos e incentivos fiscais à iniciativa privada, mas também uma séria campanha de adesão ao programa de integração nacional (FREIRE-MEDEIROS; CASTRO, 2013, p. 20).

Assim, a EMBRATUR se consolidou como a força motriz de transformação do Turismo nacional nas décadas seguintes (BRASIL, 2016).

A partir do ano de 2003, com a criação do MTUR, ela passou a cuidar exclusivamente da promoção e o apoio à comercialização dos produtos turísticos brasileiros no exterior (EMBRATUR, 2020). Deste então, foi implementado

[...] um novo modelo para a Embratur onde o Plano Aquarela – Marketing Internacional do Brasil e a Marca Brasil passam a nortear e dar unidade às ações de promoção do Brasil no Exterior. A Embratur tem [...] uma estratégia e um plano de ação formatados a partir de pesquisas realizadas dentro e fora do país, implantando ações voltadas para o trade turístico, a imprensa e o público consumidor (EMBRATUR, 2020, s/p)⁹.

Portanto, diferentemente à época de sua criação em que era vinculada ao Ministério da Indústria e Comércio, a EMBRATUR passou a ser regulada pelo MTUR. Tratava-se então de uma autarquia especial desse ministério, responsável pela execução da PNT relacionada à promoção, marketing e apoio à comercialização dos produtos turísticos nacionais no exterior (MTUR, 2015).

Em novembro de 2019, entretanto, a Medida Provisória 907/2019 propôs a transformação da Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo, deixando

⁹ EMBRATUR. INSTITUTO BRASILEIRO DO TURISMO. Disponível em: http://www.embratur.gov.br/piembratur-new/opencms/historia/fundacao_estrutura.html. Acesso em: 22 mar. 2020.

de ser autarquia para tornar-se um Serviço Social Autônomo. (EMBRATUR, 2019)¹⁰. A Medida Provisória 907/2019 está atualmente em discussão no Congresso Nacional, não havendo, ainda, uma definição clara quanto às implicações de sua aprovação ou não.

O MTUR, por sua vez, foi criado no ano de 2003, por meio da Lei nº 10.683, e apresentou como áreas de competências os seguintes itens:

- a) política Nacional de desenvolvimento do turismo;
- b) promoção e divulgação do turismo nacional, no País e no exterior;
- c) estímulo às iniciativas públicas e privadas de incentivo às atividades turísticas;
- d) planejamento, coordenação, supervisão e avaliação dos planos e programas de incentivo ao turismo;
- e) gestão do Fundo Geral de Turismo;
- f) desenvolvimento do Sistema Brasileiro de Certificação e Classificação das atividades, empreendimentos e equipamentos dos prestadores de serviços turísticos (BRASIL, 2003)¹¹.

Além da EMBRATUR¹², o MTUR tem sob sua estrutura organizacional a Secretaria Nacional de Estruturação do Turismo, a Secretaria Nacional de Desenvolvimento e Competitividade, e a Secretaria Nacional de Integração Interinstitucional, que juntos buscam “desenvolver o turismo como uma atividade econômica sustentável, com papel relevante na geração de empregos e divisas, proporcionando a inclusão social” (MTUR, 2015b, s/p)¹³.

Vale ressaltar que, desde 2019, o MTUR passou a ter sob sua regência, também, a Secretaria de Cultura, uma vez que o Ministério dessa área foi extinta a partir da administração do Governo Federal que tomou posse naquele ano.

Assim, apresentamos aqui três importantes órgãos que norteiam as atividades turísticas, uma em âmbito global, a UNWTO; e duas em âmbito nacional, a EMBRATUR, e o MTUR. No entanto, são muitas as entidades que envolvem o Turismo, cada uma com o seu grau de importância no funcionamento dos diferentes

¹⁰ EMBRATUR. INSTITUTO BRASILEIRO DE TURISMO. Disponível em: http://www.embratur.gov.br/piembratur-new/opencms/salaImprensa/noticias/arquivos/MP_que_transforma_Embratur_em_Agencia_e_apresentada_a_imprensa.html. Acesso em: 01 abr. 2020.

¹¹ BRASIL. Lei nº 10.683, 2003. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10683-28-maio-2003-496772-normaatualizada-pl.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2020.

¹² A Medida Provisória 907/2019 foi aprovada em 27 de abril de 2021, tornando a EMBRATUR a ser uma Agência Autônoma, saindo, assim, do comando do MTUR.

¹³ MTUR. MINISTÉRIO DO TURISMO. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/institucional.html>. Acesso em: 22 mar. 2020.

ramos desse setor no país. São exemplos a Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC), a Associação Brasileira de Agências de Viagens (ABAV), a Associação Brasileira de Ecoturismo e Turismo de Aventura (ABETA), a Associação Brasileira dos Profissionais em Turismo (ABBTUR), entre outros.

Vejamos na sequência as implicações que as medidas institucionais tiveram, e continuam tendo, sobre o setor turístico brasileiro.

1.2.2 O cenário atual do Turismo no Brasil

Para compreendermos a atual situação do setor do Turismo em nosso país, é preciso analisar o que tem sido feito na esfera institucional, tendo como base a criação do MTUR no ano de 2003.

Uma das medidas de destaque do Ministério foi a elaboração do Plano Nacional de Turismo (PNT), que tinha como intuito principal, segundo a mensagem do então Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, ser o elo entre os poderes governamentais em âmbito federal, estadual e municipal. Nessa perspectiva, buscava-se encontrar uma consonância ao traçar objetivos, na otimização de recursos e na incrementação da qualidade e da competitividade dos produtos turísticos nos mercados nacional e internacional (MTUR, 2003).

Como a intenção deste trabalho não é fazer um estudo aprofundado em cada um dos planos, mas, sim, uma breve exposição de medidas a favor do Turismo na esfera administrativa do país, fazemos a apresentação do primeiro PNT (2003-2007) e do último (2018-2022). Assim, analisamos alguns dos resultados do PNT 2003-2007 vistos no PNT 2007-2010. Da mesma forma, observamos os números do setor do Turismo no momento da elaboração do PNT 2018-2022 e analisamos o que se pretendia alcançar até o final do período de sua implantação.

Na publicação do PNT para o período de 2003-2007 foi enfatizado que:

A criação do Ministério do Turismo atende diretamente a uma antiga reivindicação do setor turístico. O Ministério, como órgão da administração direta, terá as condições necessárias para articular com os demais Ministérios, com os governos estaduais e municipais, com o poder legislativo, com o setor empresarial e a sociedade organizada, integrando as políticas públicas e o setor privado. Desta forma o Ministério cumprirá com determinação um papel aglutinador, maximizando resultados e racionalizando gastos (MTUR, 2003, p. 11).

De acordo com o documento, até aquele momento, apesar de alguns avanços obtidos no setor, o Brasil estava longe de ocupar um lugar no cenário turístico mundial que fosse compatível com suas potencialidades. Isso se devia à falta de articulação das diferentes instâncias governamentais, que realizavam ações e políticas desencontradas e, também, à falta de articulação entre os setores público e privado. Assim, os poucos recursos destinados ao setor não eram direcionados para objetivos comuns e, dessa forma, traziam poucos avanços significativos para essa área que tinha potencialidades ainda pouco exploradas (MTUR, 2003).

Nessa perspectiva, os objetivos gerais do PNT 2003-2007 visavam “desenvolver o produto turístico brasileiro com qualidade, contemplando nossas diversidades regionais, culturais e naturais/estimular e facilitar o consumo do produto turístico brasileiro nos mercados nacional e internacional” (MTUR, 2003, p. 22). Para atingir tais objetivos, os seguintes objetivos específicos foram elencados:

- Dar qualidade ao produto turístico.
- Diversificar a oferta turística.
- Estruturar os destinos turísticos.
- Ampliar e qualificar o mercado de trabalho.
- Aumentar a inserção competitiva do produto turístico no mercado internacional.
- Ampliar o consumo do produto turístico no mercado nacional.
- Aumentar a taxa de permanência e gasto médio do turista (MTUR, 2003, p. 22).

Colocando em prática esses objetivos, esperava-se alcançar cinco metas no período de 2003-2007. A primeira era a criação de condições para a geração de 1,2 milhão de novos empregos e ocupações; a segunda consistia em aumentar para 9 milhões o número de turistas estrangeiros no país; a terceira, alcançar um total de 8 bilhões de dólares em divisas geradas pelo Turismo; a quarta, aumentar para 65 milhões o número de chegada de passageiros por meio de voos domésticos; a quinta, por sua vez, consistia em ampliar a oferta turística do Brasil e desenvolver no mínimo três produtos de qualidade em cada estado e no Distrito Federal (MTUR, 2003).

No PNT para o quadriênio de 2007-2010 podemos verificar alguns dados que mostram os resultados das ações adotadas pelo MTUR por meio do PNT 2003-2007.

Quanto à geração de empregos, que previa a criação de 1,2 milhão de vagas até 2007, os cálculos mostraram que entre 2003 e 2006, 891 mil empregos, formais e informais, foram criados no setor, fazendo com que o governo ficasse otimista em

atingir a meta até o final daquele ano. Expandindo um pouco o campo de observação, o documento mostra que no ano de 2001 o número de empregos formais na atividade turística era de 1,5 milhão e, no final de 2006, atingiu a marca de 2,1 milhões, demonstrando, assim, considerável evolução (MTUR, 2007).

Quanto à chegada de turistas internacionais ao Brasil, houve um aumento de 4,1 milhões em 2003, para 5 milhões em 2006, totalizando um crescimento de 22%, número acima da média mundial para o mesmo período, que foi de 20,8% (MTUR, 2007). Entretanto, a meta estabelecida em 2003 dificilmente seria alcançada até o final do ano de 2007, mesmo com as ressalvas feitas pelo próprio Ministério no primeiro PNT, que assim escreveu:

Ressaltamos que esta meta [de 9,0 milhões de turistas estrangeiros ao ano] parte de condições *ótimas* de mercado e de infra-estrutura necessária de receptivo. Em uma conjuntura que chamaríamos de *boa* nossos estudos indicam, aplicado este Plano, a possibilidade de chegada de 7,5 milhões de turistas estrangeiros em 2007 (MTUR, 2003, p. 26, grifos nossos).

Por outro lado, a meta de atingir um total de 8 bilhões de dólares na entrada de divisas foi atingida e superou as expectativas.

Em 2006, o Brasil alcançou a receita cambial turística de US\$ 4,32 bilhões, superior em 11,78% ao ano de 2005 (US\$ 3,86 bilhões). Em 2005, essa receita atingiu o montante de US\$ 3,86 bilhões, superior em 19,87% em relação ao ano anterior (US\$ 3,22 bilhões). Os quatro primeiros anos deste governo acumulam uma receita cambial turística da ordem de US\$ 13,88 bilhões (MTUR, 2007, p. 27).

A quarta meta, que consistia em elevar o número de passageiros em voos domésticos para 65 milhões não foi atingida. No ano de 2006, por exemplo, foram 46,3 milhões de desembarques de passageiros em voos nacionais, 7,54% a mais do que o verificado no ano anterior. Mesmo assim, no total, o período entre 2003-2006 teve um aumento de 23% em relação ao quadriênio anterior (MTUR, 2007).

A quinta meta previa a ampliação da oferta turística no país. Assim, o MTUR lançou, no ano de 2004, o *Programa Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil*, no qual priorizava a descentralização da oferta turística brasileira, a qual estava localizada, especialmente, na região litorânea do país (MTUR, 2007). O objetivo geral do Programa foi descrito da seguinte maneira: “a regionalização propõe a ampliação

das ações centradas nas unidades municipais e apresenta ao País, em 2004, o Mapa da Regionalização, composto por 219 regiões turísticas, contemplando 3.203 municípios” (MTUR, 2007, 25). No ano seguinte, 2005, foi realizado o *Salão do Turismo – Roteiros do Brasil*, com o intuito de mostrar os produtos turísticos novos, surgidos a partir das diretrizes do Programa. Naquela ocasião, 451 roteiros turísticos, envolvendo 959 municípios em 134 regiões turísticas foram apresentados.

Durante os anos 2005 e 2006, uma série de reuniões, seminários e oficinas foram organizadas nos estados e no Distrito Federal, com a intenção de reorganizar a oferta turística nacional. Como resultado, houve uma atualização do Mapa da Regionalização, o qual passou a apresentar 200 regiões turísticas e 3.819 municípios (MTUR, 2007). Além disso,

A gestão participativa também foi adotada para a seleção dos 396 roteiros turísticos (149 regiões e 1.027 municípios) apresentados no 2º Salão do Turismo, realizado em 2006. Desses roteiros turísticos, foram selecionados 87 roteiros (116 regiões com 474 municípios) para serem trabalhados com o objetivo de alcançar o padrão internacional de qualidade (MTUR, 2007, p. 26).

Nesse âmbito, portanto, houve uma estruturação considerável do Turismo em todas as regiões do Brasil.

Vale a pena ressaltar que nos anos anteriores a 2018, o Turismo mundial tinha apresentado resultados positivos, tendo níveis de crescimento consideráveis. Segundo um levantamento realizado pela UNWTO, por exemplo, o ano de 2018 teve um aumento de 6% no fluxo de turistas ao redor do mundo em relação ao ano anterior, e previa-se que o Turismo mundial cresceria entre 3% e 4% em 2019. Além disso, o estudo mostrava que, apesar das Américas apresentarem o menor crescimento entre todos os continentes, o aumento de 3,2% era levemente acima da média histórica da região, que sempre se manteve entre 2% e 3% ao ano. O levantamento revelou ainda que 2018 foi o nono ano consecutivo de crescimento dessa área a nível mundial, demonstrando a sequência de resultados positivos do setor (UNWTO, 2019).

No Brasil, o Turismo se estabeleceu como um importante agente econômico, pois, ao mesmo tempo que movimenta a economia local, o grande fluxo de turistas impulsiona a geração de empregos. Só no ano de 2017, por exemplo, mais de 6,5 milhões de visitantes estrangeiros chegaram ao país, em sua maioria em busca de lazer, ou por motivos relacionados a negócios, eventos e convenções (MTUR, 2018).

Dessa maneira, buscando manter o crescimento do setor, o MTUR elaborou o PNT para o quadriênio de 2018-2022, estabelecendo as diretrizes para que pudéssemos continuar ascendendo como uma referência em Turismo. Assim, passamos para a análise de alguns dados apresentados por esse PNT.

O atual documento é dividido em quatro partes. A primeira, intitulada “diagnóstico”, apresenta o cenário econômico nacional e mundial, fazendo considerações sobre o papel do Turismo sob a economia nos âmbitos local e global. A segunda parte estabelece as metas globais para o Turismo no Brasil, entre as quais estão: o aumento da chegada anual de turistas de 6,5 para 12 milhões, aumentando, assim, a receita de 6,5 para 19 bilhões de dólares; além disso, busca-se aumentar de 60 para 100 milhões o número de turistas brasileiros viajando pelo país; e, finalmente, ampliar de 7 para 9 milhões o número de empregos na área do Turismo. A terceira parte, por sua vez, apresenta as “diretrizes”, nas quais estão inclusos temas como: fortalecimento da regionalização, melhoria da qualidade, competitividade, incentivo à inovação e promoção da sustentabilidade. Na quarta, e última seção do documento, são apresentadas as “linhas de atuação” para que os objetivos propostos sejam alcançados (MTUR, 2018).

Se compararmos os números apresentados no primeiro PNT e o números do atual, podemos perceber o crescimento que a área do Turismo teve em nosso país desde o ano de 2003.

Vale ressaltar, no entanto, que as metas ambiciosas do atual PNT provavelmente não foram atingidas devido ao impacto que a pandemia causada pelo novo Coronavírus (Sars-Cov-2) certamente teve sob a economia brasileira e mundial.

Mas, se observarmos os principais destinos turísticos do Brasil na atualidade e considerarmos que a ampliação da oferta turística brasileira era uma das metas do MTUR estabelecidas no primeiro PNT, podemos ver resultados muito positivos. Isso porque, a partir de ações promovidas pelo *Programa Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil* (2004), ao final de 2006, o país já apresentava grande evolução, com 200 regiões turísticas somando 3.819 municípios no total.

Com esse claro aumento de destinos turísticos em nosso país, nesta subseção, tratamos dos mais procurados pelos turistas. Importante destacar que existem dois domínios neste quesito, a demanda nacional e a internacional. No âmbito desta pesquisa, discutimos a segunda.

Para caracterizar e dimensionar o Turismo receptivo do Brasil, o MTUR realizou o *Estudo da Demanda Turística Internacional – Brasil – 2018*, no qual avaliou dados relativos ao perfil dos turistas, gastos, destinos, locais de residência, motivações, interesses, hábitos, opiniões e avaliações, entre outras informações que buscavam disponibilizar conteúdo que ajudasse na tomada de decisões na definição de políticas públicas e investimentos futuros no setor do Turismo (MTUR, 2018b).

A pesquisa coletou dados em aeroportos, salas de embarques internacionais e saguões; e em fronteiras terrestres, pontos de migração, postos da Polícia Federal ou outros pontos de acesso que possibilitassem a abordagem. Por meio de entrevistas diretas, foram coletados dados de 39.811 turistas estrangeiros (MTUR, 2018b).

1.2.2.1 Os destinos brasileiros mais procurados por estrangeiros

Das informações disponibilizadas pelo PNT 2018-2022, interessa-nos, aqui, os destinos brasileiros preferidos dos visitantes. Entretanto, o estudo mostrou que os resultados diferem consideravelmente dependendo da motivação da viagem. Como as *viagens a lazer* (Tabela 01) aparecem em primeiro lugar (58,8%), muito à frente das *viagens a negócios, eventos e convenções* (13,5%), consideramos os dados relativos às primeiras.

Tabela 01 – Destinos mais visitados por turistas estrangeiros a lazer.

Cidade	Ano 2018 (%)
Rio de Janeiro – RJ	29,7
Florianópolis – SC	17,1
Foz do Iguaçu – PR	12,9
Armação de Búzios – RJ	8,2
São Paulo – SP	7,9
Bombinhas – SC	6,4
Salvador – BA	5,5
Balneário Camboriú – SC	4,4
Itapema – SC	3,4
Angra dos Reis – RJ	3,2

Fonte: Pesquisa de caracterização e dimensionamento do Turismo internacional no Brasil (MTUR, 2018b).

É possível perceber pelos dados apresentados na Tabela 01 que a cidade do Rio de Janeiro (29,7%), Florianópolis (17,1%) e Foz do Iguaçu (12,9) estão bem à frente dos demais destinos na preferência dos estrangeiros que vêm ao Brasil a lazer. Assim, discorreremos sobre esses três destinos turísticos brasileiros.

O município de Foz do Iguaçu é um importante polo turístico e econômico da região oeste do estado do Paraná. A cidade se destaca também por sua diversidade cultural, pois entre os seus quase 260.000 habitantes, há pessoas de aproximadamente 80 nacionalidades, entre as quais se destacam libaneses, chineses, paraguaios e argentinos (FOZ DO IGUAÇU, 2020). A cidade está em uma posição geográfica que compreende a tríplice fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai, fazendo divisa com três cidades estrangeiras: Puerto Iguazú (AR), Ciudad del Este e Presidente Franco (PY) e, ainda, muito próxima à cidade de Hernandarias, onde fica o lado paraguaio da Hidrelétrica de Itaipu. O grande atrativo de Foz do Iguaçu é, sem dúvidas, as Cataratas do Iguaçu, um complexo composto por 275 cachoeiras que se estendem pelo Rio Iguaçu, e que foram eleitas, no ano de 2011, como uma das sete Maravilhas da Natureza do mundo (FOZ DO IGUAÇU, 2020).

A cidade de Florianópolis se destaca por suas magníficas praias, que atraem um número expressivo de turistas, especialmente argentinos, todos os anos. Além disso, salientam-se, também, “as localidades onde se instalaram as primeiras comunidades de imigrantes açorianos, como o Ribeirão da Ilha, a Lagoa da Conceição, Santo Antônio de Lisboa e o próprio centro histórico da cidade” (FLORIANÓPOLIS, 2020, s/p). Em um estudo realizado pelo MTUR no ano de 2015, que avaliou o *Índice de Competitividade do Turismo Nacional*, Florianópolis se posicionou acima da média do grupo das outras capitais brasileiras no quesito atrativos turísticos, entre os quais destacaram-se fatores como: existência de atrativos naturais, como a Praia do Jurerê Internacional, a Lagoa da Conceição e a Praia da Joaquina; evidência de conservação ambiental entorno do principal atrativo natural indicado – Praia de Jurerê Internacional; adoção de quesitos de acessibilidade neste local; presença de atrativos culturais com fluxo turístico; entre outros (MTUR, 2015c).

O Rio de Janeiro, por sua vez, é um lugar onde a diversidade cultural e a riqueza da história do Brasil se encontram com um dos horizontes mais estonteantes do mundo.

O lazer no Rio de Janeiro é democrático, agrada a todos os gostos e tem opção de janeiro a janeiro. Desde as belíssimas praias passando pelas animadas rodas de samba gratuitas nas praças da cidade até os pontos turísticos ou as festas mais badaladas (BOECHAT, 2018, s/p).

Além de todo o destaque que o Rio de Janeiro tem tido em âmbito nacional, a cidade tem alcançado importantes marcas internacionais. Um exemplo disso foi a divulgação feita pela Agência de Turismo do Município do Rio de Janeiro (RIOTUR) no final de 2017:

O Rio ganhou [...] o título de cidade mais visitada da América do Sul em 2016. O ranking foi divulgado na WTM [World Travel Market] em Londres, a maior feira de turismo do mundo. Além deste primeiro lugar, o Rio de Janeiro também é o único destino brasileiro da lista dos 100 mais desejados do mundo, ocupando a 88ª posição, com 2,3 milhões de visitas (RIOTUR, 2017, s/p).

Os atrativos turísticos da cidade são listados na página da RIOTUR. Além daqueles mais populares já citados anteriormente, são destacados: o estádio do Maracanã, a Marina da Glória, os Arcos da Lapa, a Lagoa Rodrigo de Freitas, o Museu de Arte Moderna (RIOTUR, 2010), entre muitos outros.

Além dessas informações a respeito dos três principais destinos de turistas estrangeiros no Brasil, vale a pena ressaltar que das dez primeiras colocadas do *ranking*, quatro são cidades catarinenses, Florianópolis (2º), Bombinhas (6º), Balneário Camboriú (8º) e Itapema (9º). Uma possível razão para esse fato pode ser dada com a análise de outro dado: a nacionalidade dos turistas.

De acordo com a pesquisa do MTUR, a Argentina foi o principal emissor de viajantes ao Brasil em 2018, com um total 2.498.483 pessoas (37,7%), seguida, de longe, pelos Estados Unidos, com 538.532 turistas (8,1%). Devido à proximidade, as praias catarinenses tornam-se uma boa opção aos argentinos. Vejamos uma notícia veiculada na página do jornal *Notícias do Dia* na internet, em 27 de dezembro de 2017:

Em busca das belas praias e do câmbio favorável, milhares de argentinos devem visitar Florianópolis durante a temporada de verão 2017/2018. A expectativa do superintendente de Turismo da Capital [...] é de que 600 mil argentinos e mais 150 mil latino-americanos de outras nacionalidades visitem a Capital até o mês de maio (GONÇALVES, 2017, s/p).

Nos dois anos seguintes, no entanto, houve uma queda acentuada no número de turistas argentinos no Brasil devido à crise econômica pela qual aquele país passava. Mas, ainda assim, eles se mantiveram como nossos principais visitantes estrangeiros.

Na sequência, voltamos nosso foco para o ensino da área do Turismo, uma vez que a implantação dos cursos superiores nessa área representara um impacto tanto quantitativo quanto qualitativo na formação de profissionais e, conseqüentemente, contribuem para a qualidade dos serviços oferecidos, impulsionando o crescimento do setor.

1.3 A FORMAÇÃO EM TURISMO

O Turismo como campo acadêmico independente tem aproximadamente 60 anos. No entanto, estudos sobre hotelaria, *catering*¹⁴, lazer e recreação, já eram conduzidos como disciplinas paralelas de outras áreas do conhecimento desde antes da Segunda Guerra Mundial (AIREY, 2008). De acordo com o autor:

De fato, apenas na década de 1960, com diversas mudanças importantes no turismo, na educação superior e na sociedade em geral, o turismo emergiu tanto como evidente área de estudo autônoma quanto matéria de estudo associada à diplomação, graduação e pesquisa (AIREY, 2008, p. 32).

O autor ressalta, entretanto, que a oferta mais antiga do Turismo em nível superior aconteceu em meados da década de 1960, mas ainda como matéria optativa em outros programas de estudo. No final daquela década, surgiram dois programas em Turismo referentes ao *Higher National Diploma* – Diploma Nacional do Ensino Superior. No entanto,

[...] os dois cursos de mestrado criados em 1972 nas universidades de Strathclyde e Surrey foram mais influentes que as iniciativas anteriores para o desenvolvimento futuro do turismo como campo de estudo. Por meio desses cursos, pela primeira vez, considerou-se o turismo um domínio de estudo por si mesmo, tratado como atividade multissetorial e como matéria multidisciplinar (AIREY, 2008, p. 34).

¹⁴ De acordo com o dicionário Priberam *on-line*, *catering* é uma palavra inglesa derivada do verbo *to cater* – fornecer comida pronta. Serviço que fornece comida pronta a consumir, geralmente destinada a eventos ou a companhias de avião. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/catering>. Acesso em: 16 abr. 2020.

Podemos perceber o quanto essa área de estudo em nível superior é nova em âmbito global. Entretanto, interessa-nos, aqui, observar quando os primeiros cursos superiores em Turismo iniciaram em nosso país. Além disso, observamos o que os documentos oficiais que regulamentam os cursos da área recomendam e, ainda, analisamos o conteúdo programático básico para a formação de um turismólogo.

1.3.1 O Ensino Superior em Turismo no Brasil

A formação em Turismo em nível superior foi instituída no Brasil no ano de 1971, na Faculdade Anhembí Morumbi, hoje Universidade Anhembí Morumbi, por meio da publicação do Parecer CFE nº 35/71, no qual foram fixados o currículo mínimo e a duração do curso (MATIAS, 2012). Perinotto, Santos e Brito (2016) explicam que

Os primeiros cursos de Turismo tiveram seu início na década de 1970, impulsionados pelo “milagre econômico brasileiro”, na tentativa de reverter a imagem negativa do país deixada pelo período da ditadura militar, levando à criação de novos cursos que incentivassem o desenvolvimento econômico e educacional da época e, conseqüentemente, a formação de mão de obra qualificada, pois diversos setores seriam beneficiados com a formação de mais profissionais (PERINOTTO; SANTOS; BRITO, 2016, p. 47).

Ao tratar sobre o contexto histórico da formação do curso de Turismo, Teixeira (2006) cita três pontos principais: 1) o desenvolvimento da indústria do Turismo e da EMBRATUR, e a natural exigência por profissionais mais qualificados; 2) maior facilidade para a abertura de novos cursos e a valorização do lazer.

A implantação do curso de Turismo em nível superior se deu em um momento em que o sistema educacional brasileiro passava por profundas modificações, em que se buscava atender às demandas do mercado. Aquele contexto “fez com que o curso de Turismo, já na sua criação sofresse algumas críticas e preconceitos por parte de dirigentes de outras áreas do conhecimento” (MATIAS, 2012, p. 60). Segundo a autora, acreditava-se que os graduados em Turismo não teriam base de conhecimento para desenvolver trabalhos que exigissem reflexão, visão preconceituosa que, segundo ela, persiste até os dias atuais nos meios acadêmicos e empresariais.

Com críticas ou não, o fato é que na primeira década de existência, nos anos de 1970, foram criados 20 cursos superiores em Turismo no Brasil. Na década seguinte, houve um aumento de 25%, com a criação de mais cinco cursos; e, entre os anos de 1990 e 1994, o país tinha 49 cursos, um crescimento de 68,9% em relação à década anterior. A tendência de crescimento se manteve nos anos 2000, e atingiu o maior nível em 2007, quando chegou ao total de 526 cursos (MATIAS, 2012).

Para ver o atual *status* da oferta de cursos, analisamos os dados apresentados pelas *Sinopses Estatísticas da Educação Superior – Graduação* (2018), levantamento realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) desde o ano de 1995. Escolhemos analisar este documento por tratar de dados referentes ao período anterior à pandemia da Covid-19. Segundo informações disponibilizadas no *site* do INEP,

Os dados apresentados fazem referência a instituições, recursos humanos, cursos de graduação presenciais, processos seletivos, matrícula, concluintes, cursos de graduação a distância, cursos sequenciais presenciais e a distância, além das instituições federais, com base nos resultados do Censo da Educação Superior (INEP, 2018, s/p).

O documento, publicado em 2018, apresentava os dados do ano anterior, e mostraram que houve um decréscimo acentuado no número de ofertas de cursos de graduação em Turismo em comparação ao ano de 2007, quando havia 526 cursos. A pesquisa sobre o ano de 2017 apresentou um total de 162 cursos presenciais (Tabela 2), dos quais 54 eram oferecidos em Universidades, Centros Universitários, Faculdades e Institutos públicos de educação; e 108 cursos eram ofertados em Instituições de Ensino Superior (IES) privadas (INEP, 2018).

Tabela 02 – Cursos de graduação em Turismo na modalidade presencial em 2017.

Total	IES Pública			IES Privada
	Federal	Estadual	Municipal	
162	28	23	3	108

Fonte: Sinopses Estatísticas da Educação Superior – Graduação (INEP, 2018).

Segundo os dados da pesquisa, o estado de São Paulo é o que tinha a maior oferta de cursos na área, com 39 no total, 10 em IES públicas e 29 em IES privadas.

De todos os estados brasileiros, apenas no Acre não havia oferta de curso superior em Turismo até o ano de 2017.

Se por um lado os cursos de Turismo na modalidade presencial tiveram um grande decréscimo nos últimos anos, por outro, os cursos à distância aumentaram consideravelmente. De acordo com Perinotto, Santos e Brito (2016), no ano de 2005, por exemplo, foram criados 17 cursos nessa modalidade no país e, no ano seguinte, foram 218. Os autores ressaltam que, apenas entre 2005 e 2008, 366 novos cursos de Turismo foram criados na modalidade a distância no Brasil.

No entanto, por meio de uma busca realizada no e-MEC, percebemos que, atualmente, o número de cursos de Turismo na modalidade à distância regulamentados pelo MEC é bem menor do que foi apresentado pelos autores citados. Vejamos os números na tabela a seguir:

Tabela 03 – Cursos de graduação em Turismo na modalidade a distância.

Total	IES Pública			IES Privada
	Federal	Estadual	Municipal	
55	4	1	2	48

Fonte: e-MEC, 2021.

Assim, na sequência, observamos as recomendações e organização curricular para os cursos de graduação em Turismo, de acordo com os documentos oficiais da área.

1.3.2 As diretrizes curriculares

A competência para fixar os currículos dos cursos de graduação do país foi conferida ao Conselho Federal de Educação por meio da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 4.024/61, em seu art. 9º, e, posteriormente, seguido pelo art. 26 da Lei 5.540/68. Daquela maneira, instituía-se a “obrigatória observância dos denominados currículos mínimos profissionais de cada curso de graduação, inclusive de suas habilitações, mediante resoluções daquele Colegiado, válidas nacionalmente, para qualquer sistema de ensino” (BRASIL, 2018, p. 6). Caberia às IES apenas a escolha dos componentes curriculares complementares e as disciplinas optativas.

A Lei 9.131, de 24 de novembro de 1995, no entanto, conferiu à Câmara de Educação Superior (CES) do Conselho Nacional de Educação (CNE) a competência para a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), que deveriam orientar os cursos de graduação, a partir das propostas enviadas pela Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (MEC) ao CNE, por meio da LDB publicada no ano seguinte.

Assim, a nova LDB (9.394/96), em conformidade com a Lei 9.131/95, revogou parcialmente a anterior, com o intuito de promover:

A flexibilização na elaboração dos currículos dos cursos de graduação, retirando-lhes as amarras da concentração, da inflexibilidade dos currículos mínimos profissionalizantes nacionais, que são substituídos por “Diretrizes Curriculares Nacionais” (BRASIL, 2018, p. 7, grifo e destaques dos autores).

Nessa perspectiva, a nova LDB, juntamente com todo o conjunto de leis, normas e pareceres da legislação para a educação superior, buscaram a implementação de uma política educacional que não tivesse o caráter tecnicista da década de 1970. Além disso, a LDB de 1996 propiciou a autonomia das IES e dos sistemas de ensino, em diferentes níveis (MENEZES, 2018).

Sendo assim, as DCNs dos cursos de graduação foram elaboradas considerando as especificidades de cada curso. O documento observava fatores como o perfil do formando, competências e habilidades, conteúdos de estudos, duração dos cursos, atividades práticas e complementares, entre outros.

O Parecer CES/CNE nº 0146/2002¹⁵, aprovado em 03 de abril de 2002, apresentou as DCNs dos cursos de graduação em Direito, Ciências Econômicas, Administração, Ciências Contábeis, Turismo, Hotelaria, Secretariado Executivo, Música, Dança, Teatro e *Design*. O documento fixou balizamentos comuns para os onze cursos listados, a saber: projeto pedagógico, organização curricular, estágios e atividades complementares, acompanhamento e avaliação e monografia.

Interessa-nos, aqui, observar os conteúdos curriculares estabelecidos para o curso de Turismo. Quanto a isso, foram estipulados três eixos a serem contemplados:

¹⁵ MEC. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=139531-pces146-02&category_slug=fevereiro-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 31 mar. 2020.

I – Conteúdos Básicos: estudos relacionados com os aspectos Sociológicos, Antropológicos, Históricos, Filosóficos, Geográficos, Culturais e Artísticos, que conformam as sociedades e suas diferentes culturas;

II – Conteúdos Específicos: estudos relacionados com a Teoria Geral do Turismo, Teoria da Informação e da Comunicação, estabelecendo ainda as relações do Turismo com a Administração, o Direito, a Economia, a Estatística e a Contabilidade, além do domínio de pelo menos, uma língua estrangeira;

III – Conteúdos Teórico-Práticos: estudos localizados nos respectivos espaços de fluxo turístico, compreendendo visitas técnicas, inventário turístico, laboratórios de aprendizagem e de estágios (BRASIL, 2018, p. 19).

Esses três eixos contemplam os conhecimentos mínimos necessários para a formação de um turismólogo. Vemos que os conteúdos básicos abrangem disciplinas humanísticas, que têm o intuito de compreender a sociedade, o meio em que estão inseridos, assim como a sua cultura. Os conteúdos específicos buscam o aprofundamento em áreas essenciais do setor, como questões administrativas, econômicas, entre outras. É nesse eixo que se insere, também, a orientação para a inclusão de pelo menos uma língua estrangeira. Nos conteúdos teórico-práticos, por sua vez, estão as disciplinas que propiciam aos acadêmicos observar práticas, e pôr em prática os conhecimentos teóricos adquiridos no decorrer do curso. Exemplo disso são as visitas técnicas e os estágios obrigatórios.

Outros dois documentos foram publicados com atualizações e outras providências referentes às DCNs do curso de graduação em Turismo: Parecer CNE/CES nº 288/2003, aprovado em 6 de novembro de 2003, e a Resolução CNE/CES nº 13, de 24 de novembro de 2006 (BRASIL, 2018). No que se refere aos conteúdos curriculares, estes documentos não apresentaram alterações em relação às DCNs de 1996.

No próximo item, apresentamos um exemplo de grade curricular de um curso de graduação em Turismo de referência no Brasil, de acordo com as avaliações oficiais do MEC.

1.3.3.1 Um exemplo de grade curricular

Para dar um exemplo mais detalhado do currículo de um curso de graduação em Turismo, escolhemos um dos cursos mais bem avaliados em nosso país. Para

tanto, consultamos os dados levantados pelo MEC e disponibilizados pelo e-MEC, o qual serve como uma “base de dados oficial dos cursos e Instituições de Educação Superior – IES, independentemente de Sistema de Ensino” (MEC, 2020, s/p)¹⁶.

De acordo com os *Indicadores de Qualidade da Educação Superior* (2015), elaborados pelo INEP, são critérios de avaliação: o desempenho de estudantes, avaliado por meio do conceito obtido no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE); os cursos superiores, por meio do Conceito Preliminar de Curso (CPC), o qual “consubstancia diferentes variáveis que traduzem resultados da avaliação de desempenho de estudantes, infraestrutura e instalações, recursos didático-pedagógicos e corpo docente” (INEP, 2015, s/p); e as instituições de educação superior, avaliadas por meio do Índice Geral de Cursos Avaliados da Instituição (IGC), o qual “é resultado da média ponderada dos Conceitos Preliminares de Curso (CPC) de graduação no triênio de referência e dos Conceitos da Capes dos programas de pós-graduação *stricto sensu* da Instituição de Educação Superior” (INEP, 2015, s/p).

Assim, o curso de Turismo selecionado foi o da Universidade de Brasília (UNB) que, de acordo com os dados do Cadastro e-MEC, teve conceito ENADE 5 e CPC 4, na avaliação de 2018. O indicador IGC, por sua vez, foi nota 4. Dessa forma, considerando esses dados e comparando-os com os de outras instituições, verificamos que esse curso está entre os mais bem avaliados do país.

De acordo com a página da universidade, “criado em 2010, conforme o Plano de Reestruturação e Expansão da UnB, o bacharelado em Turismo reúne professores e pesquisadores com diferentes formações. De caráter interdisciplinar, o curso é oferecido no período diurno e possui duração de 8 semestres” (UNB, 2020).

No anexo A, é possível observar a estrutura curricular do curso, a lista das disciplinas obrigatórias e as optativas, assim como o número de créditos que cada uma compreende. O curso possui um total de 122 créditos obrigatórios, 30 créditos optativos, além de 24 créditos do módulo livre, somando um total de 176 créditos.

Vejamos algumas disciplinas de cada um dos oito períodos do curso para observarmos como elas estão relacionadas com os três eixos – conteúdos básicos, conteúdos específicos e conteúdos teórico-práticos – determinados pelos DCNs para os Cursos Superiores em Turismo.

¹⁶ MEC. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Disponível em: <http://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 31 mar. 2020.

Quadro 02 – Algumas disciplinas da Graduação em Turismo da UNB.

Primeiro período	Segundo período	Terceiro período	Quarto período
História: Natureza e Cultura	Ecologia do Turismo	Cultura Brasileira	Equipamentos e Serviços Turísticos – Hospedagem
Sustentabilidade, Ética e Turismo	Estudo do Turismo II	Estudo do Turismo III	Equipamentos e Serviços Turísticos – Lazer
Geografia e Turismo	Introdução a Economia	Estruturas de Suporte ao Turismo	Equipamentos e Serviços Turísticos – Eventos
Inglês Instrumental I	Introdução a Administração		Projeto Integrador II
Estudo do Turismo I	Projeto Integrador I		
Quinto período	Sexto período	Sétimo período	Oitavo período
Legislação Turística	Estágio Supervisionado II	Pesquisa em Turismo	Elaboração de Projetos em Turismo
Planejamento e Gestão do Turismo I	Planejamento e Gestão do Turismo 2	Estruturação e Promoção de Destinos	Projeto Integrador IV (TCC)
Estágio Supervisionado I	Fundamentos de Estatística Aplicada ao Turismo		
	Projeto Integrador III		
Disciplinas eletivas			
História da Arte e Turismo			
Políticas Públicas do Turismo			
Poéticas da Viagem: Arte, Cinema, Literatura e Turismo			
Geografia Humana Aplicada			
Linguagem de sinais Brasileira			

Fonte: elaborado pelo autor.

Ao analisar as disciplinas apresentadas no Quadro 02, é possível perceber que elas estão de acordo com as orientações institucionais para o Ensino Superior do Turismo. O primeiro período é formado, em sua maioria, por disciplinas do primeiro eixo das DCNs, a saber: História: Natureza e Cultura; Sustentabilidade, Ética e Turismo; Geografia e Turismo. Além disso, o primeiro eixo é ainda contemplado, com

as disciplinas Ecologia do Turismo (2º período) e Cultura Brasileira (3º período); e as eletivas: História da Arte e Turismo; Políticas Públicas do Turismo; Poéticas da Viagem: Arte, Cinema, Literatura e Turismo; Geografia Humana Aplicada; Linguagem de sinais Brasileira, entre outras. Entre as áreas recomendadas pelo eixo dois, a grade da UNB apresenta: Inglês Instrumental I (1º período); Estudo do Turismo 1, 2 e 3 (nos três primeiros períodos); Introdução a Economia (2º período); Introdução a Administração (2º período); Legislação Turística (5º período); Estratégia Empresarial (3º período). Além disso, há diversas disciplinas que tratam de questões específicas da área, como, por exemplo, Estruturas de Suporte ao Turismo (3º período); Equipamentos e Serviços Turísticos (4º período); entre várias outras. Quanto o terceiro eixo, a grade de disciplinas da UNB apresenta Estágios Supervisionados (5º e 6º períodos), Elaboração de Projetos em Turismo (8º período), além de um Projeto Integrador que se inicia no 2º período e se estende até o final do curso, propiciando a participação dos acadêmicos em ações práticas durante a sua formação (UNB, 2020).

Assim, neste capítulo, trouxemos alguns conceitos da área do Turismo, com o intuito de explicitar o âmbito de nosso interesse nesta pesquisa. Na sequência, abordamos três instituições que regulamentam o Turismo, em nível internacional – UNESCO – e em nível nacional – EMBRATUR e MTUR. Também, apresentamos algumas informações referentes aos principais destinos de turistas estrangeiros no Brasil, Rio de Janeiro, Florianópolis e Foz do Iguaçu, respectivamente. Além disso, discorreremos sobre a criação dos primeiros cursos de graduação em Turismo, apresentando algumas considerações a respeito das orientações estabelecidas pelo MEC, por meio das DCNs. E, finalmente, apresentamos como exemplo, a grade curricular do curso de bacharelado em Turismo da UNB.

Apresentado o panorama do setor, na sequência, passamos para a apresentação de um dos campos do conhecimento que fundamentam nossa pesquisa, o Inglês para Fins Específicos, uma vez que o ensino de pelo menos uma língua estrangeira faz parte das recomendações dos DCNs do Turismo e, como pudemos ver, o Inglês Instrumental está presente no primeiro período do curso da UNB.

2 O ENSINO DE LÍNGUAS PARA FINS ESPECÍFICOS (ESP)

Neste capítulo, tratamos do ESP tendo como norte a noção de que se pode considerar dois períodos principais. O primeiro se refere ao longo tempo em que as línguas estrangeiras foram ensinadas e estudadas com objetivos específicos, mas que não havia ainda uma sistematização desse ensino. O segundo, por sua vez, trata do Ensino de Línguas para Fins Específicos a partir da sistematização ocorrida na década de 1960, em que o inglês se tornou a língua propulsora da emergente abordagem de ensino que seria então denominada *English for Specific Purposes* (ESP). Também, pelo fato de discorrermos sobre diferentes momentos históricos, faz-se necessário esclarecer as opções terminológicas que adotamos durante este capítulo. Por um lado, utilizamos o termo “Ensino de Línguas para Fins Específicos”, escrita por extenso, quando abordamos um período anterior à década de 1960, isto é, de uma época em que ainda não existia uma sistematização dessa modalidade de ensino. Por outro lado, utilizamos o acrônimo ESP quando tratarmos do Ensino de Línguas para Fins Específicos a partir da sistematização dessa abordagem de ensino. Além disso, é importante destacar que, no Brasil, muitos pesquisadores utilizam o acrônimo ELFE como sinônimo de ESP. Exemplo disso pode ser observado nas pesquisas de Brito (2016), Delgado da Silva (2017) e Paixão-Mattos (2018). Guimarães (2014), explica a utilização de diferentes acrônimos nesses contextos:

Para estabelecer na literatura o ensino de línguas em contexto e/ou situação específica, é possível perceber, em diversas publicações, o emprego de múltiplos termos que em princípio parecem referir-se ao mesmo domínio conceitual: línguas para fins específicos (ELFE), para/com propositivos/finalidades específicas e mais recentemente o termo línguas para fins específicos (LinFE). Em inglês utiliza-se ESP (*English for Specific Purposes*) por ter sido a língua inglesa o primeiro idioma estudado para fins específicos, porém atualmente tem se utilizado o termo *Language for Specific Purposes* (LSP) englobando qualquer língua-alvo (GUIMARÃES, 2014, n.p.).

Assim sendo, optamos por utilizar o acrônimo ESP, uma vez que a nossa pesquisa está relacionada com o ensino da língua inglesa.

Posto isso, iniciamos o capítulo tratando do Ensino de Línguas para Fins Específicos sob uma perspectiva histórica. Descrevemos alguns eventos que foram determinantes para o surgimento e desenvolvimento do ESP como abordagem de

ensino na segunda metade do século XX. Damos atenção especial ao contexto brasileiro, descrevendo aquele que foi o marco dessa abordagem de ensino em âmbito nacional, o *Brazilian ESP Project* (1979-1989). Na sequência, trazemos para o rol das discussões alguns elementos constitutivos de um curso de ESP, como a questão da análise de necessidades, o papel do professor e dos alunos, assim como materiais didáticos de áreas específicas.

2.1 BREVE HISTÓRICO DO ENSINO DE LÍNGUAS PARA FINS ESPECÍFICOS

Aprender uma língua estrangeira para um fim específico não é algo recente. Na verdade, essa ideia é bem mais antiga que se possa imaginar, pois há indícios que o interesse por essa modalidade de aprendizagem remonte ao período dos impérios grego e romano (DUDLEY-EVANS; ST JOHN, 2005). Silva (2007) ressalta, por exemplo, que os romanos aprendiam a língua grega para fins acadêmicos. Da mesma forma, alguns séculos mais tarde, na Idade Média, o latim se tornou a língua de instrução nas escolas e universidades do continente europeu, atraindo, assim, o interesse das pessoas que buscavam o ensino formal. De acordo com Howatt e Smith (2014), apesar do reconhecimento que muitas pessoas tinham sobre o papel utilitário das línguas modernas, as línguas clássicas, o grego e o latim, continuariam com um nível de importância e preferência em escolas e universidades europeias por séculos. Os autores explicam que as

As línguas estrangeiras modernas eram aprendidas e, de forma limitada, ensinadas na Europa ocidental por séculos antes de aparecerem no currículo das escolas por volta da metade do século XVIII. Durante este período, o qual chamamos de 'Período Clássico' devido à forma que o ensino de Latim e Grego serviram de modelo para métodos instrucionais, o inglês teve um papel relativamente inferior (HOWATT; SMITH, 2014, p. 79)¹⁷.

¹⁷ Modern foreign languages were learnt and, to a limited extent, taught in western Europe for centuries before they appeared on the curricula of schools around the middle of the eighteenth century. Throughout the ensuing period, which we term the 'Classical Period' due to the way the teaching of Latin and Greek served as a model for instructional methods, English played a relatively minor role.

Naquele contexto, segundo os autores, destacava-se o papel das línguas clássicas para o estudo da literatura, que era veiculada, em grande parte, por meio do grego e do latim.

No entanto, paralelamente a essa tendência em favor dessas línguas, havia também a busca pelas línguas modernas, pois estas supriam necessidades específicas que as línguas clássicas não conseguiam suprir, devido ao surgimento e desenvolvimento de novas tecnologias. Assim, embora sem contar com uma sistematização, surgiu o Ensino de Línguas para Fins Específicos.

No mundo moderno as primeiras línguas ensinadas com objetivos instrumentais foram a francesa e a inglesa, de tal modo que encontramos indícios do ELFE no final do século XIV, por meio dos *manières de langage*, que eram manuscritos redigidos na Inglaterra entre 1396 e 1415 direcionados ao ensino e aprendizagem do francês e do inglês [para viajantes], por meio de diálogos com vocabulários específicos (GUIMARÃES, 2014, n.p., acréscimo nosso).

Na mesma perspectiva, Bloor (1997) diz que as primeiras publicações de materiais elaborados para o Ensino de Línguas para Fins Específicos surgiram ainda no século XV. Segundo este autor, tratava-se de manuais e livros didáticos utilizados por comerciantes e viajantes que buscavam aprender palavras técnicas das áreas do comércio e da indústria de lã. Em uma das publicações, por exemplo, do ano de 1480, há uma citação que advertia que as pessoas que estudassem por aquele livro – de 1480 – poderiam ter sucesso ao comercializar e transportar mercadorias para países estrangeiros (BLOOR, 1997).

Outro exemplo do quanto o Ensino de Línguas para Fins Específicos é uma prática antiga pode ser observado pelo seguinte excerto: “a necessidade do inglês comercial para os huguenotes e outros refugiados protestantes vindos para a Inglaterra no século XVI levou a um foco no inglês para negócios no início do ELT”¹⁸ (DUDLEY-EVANS, 2005, p. 19)¹⁹. Os Huguenotes eram protestantes franceses que, devido a perseguições religiosas, abandonaram a França durante os séculos XVI e XVII²⁰. Uma vez instalados na Inglaterra, sentiram a necessidade de aprender a língua

¹⁸ Acrônimo em inglês para a expressão *English Language Teaching* (Ensino de Língua Inglesa).

¹⁹ The need for commercial English for incoming Huguenot and other Protestant refugees to England in the 16th century led to a focus on Business English in the early ELT.

²⁰ HISTORY. Huguenots. Disponível em: <https://www.history.com/topics/france/huguenots>. Acesso em: 13 de dez. 2020.

inglesa para realizar atividades essenciais para sua sobrevivência, as quais eram especialmente relacionadas ao comércio e aos negócios.

Esses exemplos servem para demonstrar que o caráter utilitário e específico do ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras atende a demandas de públicos diversos há séculos. Além disso, eles nos dão uma ideia sobre as línguas que foram objeto de estudo para fins específicos em diferentes épocas, notadamente o grego, o latim, o francês e o inglês.

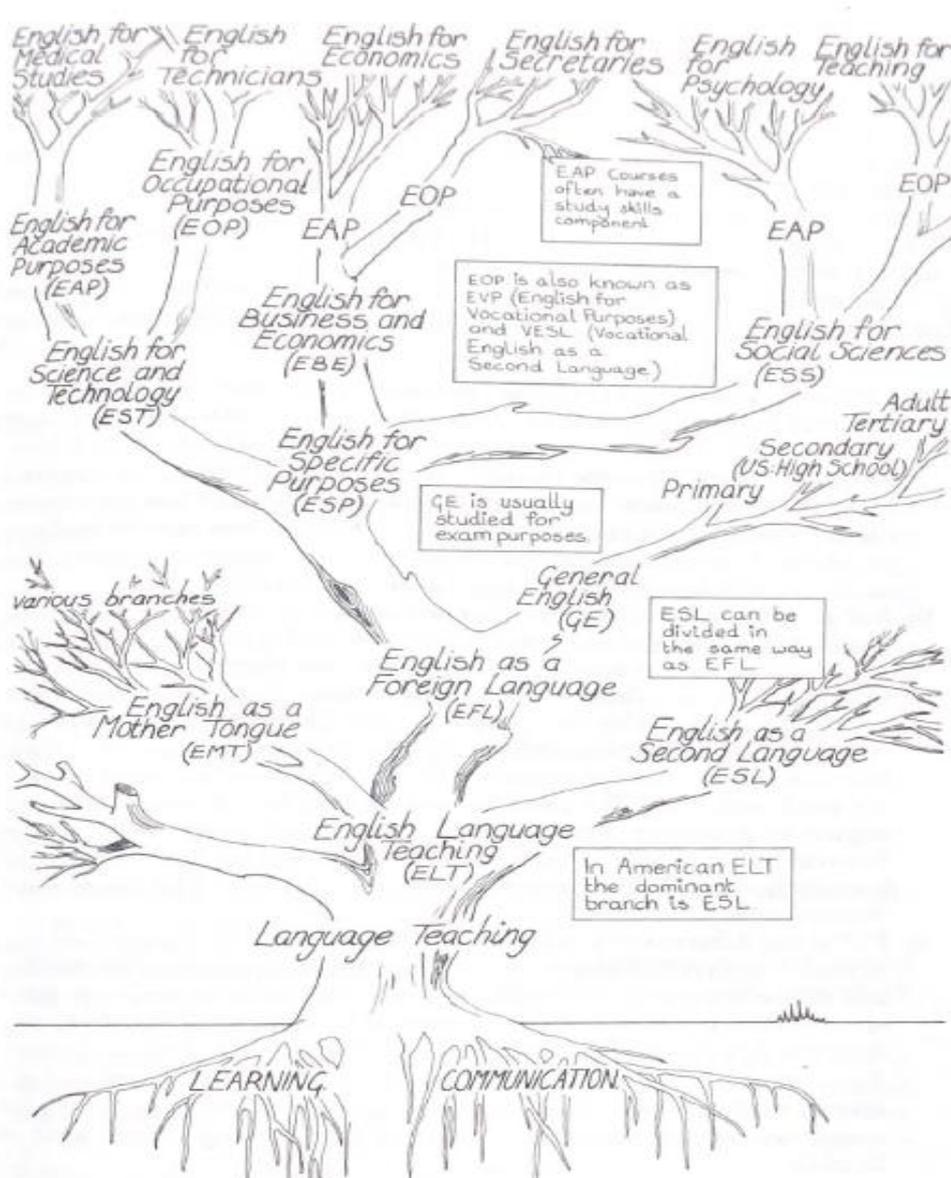
Contudo, focamos nossa atenção no Ensino de Línguas para Fins Específicos na sua sistematização, período histórico posterior ao final da Segunda Guerra Mundial, evento que causou transformações profundas nos mais diversos âmbitos, em uma escala global jamais vista anteriormente. Foi neste período que o inglês assumiu o posto de língua internacional e, assim, tornou-se objeto de estudos de profissionais e estudantes que precisavam desse idioma para os mais variados fins.

2.1.1 ESP: algumas definições e características

Para melhor compreendermos o ESP, torna-se fundamental termos uma visão geral da sua posição dentro do contexto de ensino da língua inglesa. Assim, tomamos como referência as ramificações apresentadas por Hutchinson e Waters em sua “árvore do ensino de línguas” (*The Tree of the ELT*) (1987, p. 17), como pode ser visto na figura 01.

O Ensino de Língua Inglesa – *English Language Teaching* (ELT) é dividido em três grandes áreas: i) Inglês como Língua Materna – *English as a Mother Tongue* (EMT); ii) Inglês como Segunda Língua – *English as a Second Language* (ESL); iii) Inglês como Língua Estrangeira – *English as a Foreign Language* (EFL). A área de EFL, por sua vez, também possui uma subdivisão, pois pode ser direcionada para o Ensino de Inglês Geral – *General English* (GE); ou para o ESP, que é o acrônimo da expressão *English for Specific Purposes* – Inglês para Fins Específicos, a área de nosso interesse neste capítulo.

Figura 01 – The tree of the ELT.



Fonte: Hutchinson e Waters (1987, p. 17).

Compreender os significados por trás da expressão ESP é fundamental para quem ingressa nessa área, seja como profissional de educação ou como pesquisador. Primeiramente apresentamos algumas definições e características gerais e, depois, tratamos das subdivisões que a própria área de ESP possui e que são importantes que sejam explicitadas no âmbito desta pesquisa.

De acordo com Hutchinson e Waters (1987), considerados uns dos principais teóricos da área, o ESP é uma abordagem de ensino que põem no centro das atenções as necessidades dos alunos, independentemente da língua estudada, do material didático ou da metodologia utilizados. Para Vian Jr. (1999), o ESP

[...] é parte de um movimento maior na área de ensino de línguas estrangeiras denominado língua para fins específicos (Language for Specific Purposes – LSP), no qual se insere o ensino de qualquer língua estrangeira com foco nas necessidades específicas do aprendiz, objetivando o uso da língua-alvo para desempenho de tarefas comunicativas, sejam elas de produção ou compreensão oral ou escrita naquela língua (VIAN JR., 1999, p. 439).

Johns (2013) afirma, entretanto, que nos anos iniciais dessa abordagem de ensino, o foco principal era o ensino de inglês para as áreas das ciências e da tecnologia em contexto acadêmico, diferentemente da extensa ramificação que o ESP apresenta hoje.

No âmbito desta pesquisa, tomamos como base a definição que afirma que ESP “refere-se ao ensino e aprendizagem de inglês como segunda língua ou como língua estrangeira onde o objetivo dos aprendizes é usar o inglês em um domínio específico”²¹ (PALTRIDGE; STARFIELD, 2013, p. 2). Estes autores complementam a sua visão, corroborando o que as definições anteriores já preconizavam: uma das características fundamentais de um curso de ESP é que a escolha dos conteúdos, assim como os objetivos do curso, deve ser orientada pelas necessidades específicas dos aprendizes.

Nessa perspectiva, para a estruturação de um curso de ESP, dentro dos moldes descritos pelas definições acima apresentadas, Hutchinson e Waters (1987) argumentam que é necessário fazer uma série de perguntas para se obter subsídios para o subsequente desenho do curso, determinação da metodologia, seleção de conteúdo, escolha e/ou elaboração de materiais didáticos etc. É preciso saber, por exemplo:

Por que o aluno precisa aprender?

Quem estará envolvido no processo? Isso deve atender não apenas o aluno, mas todas as pessoas que podem ser afetadas no processo: professores, responsáveis/patrocinadores, inspetores etc.

Onde a aprendizagem vai acontecer? Qual o potencial do local? Quais as limitações?

Quando a aprendizagem vai acontecer? Quanto tempo é disponível? Como o tempo será distribuído?

O que o aluno precisa aprender? Quais aspectos da língua serão necessários e como eles serão descritos? Que nível de proficiência deve ser atingido? Que tópicos precisam ser abordados?

²¹ Refers to the teaching and learning of English as a second or foreign language where the goal of the learners is to use English in a particular domain.

Como a aprendizagem será alcançada? Qual será a teoria de aprendizagem subjacente ao curso? Que tipo de metodologia será empregada? (HUTCHINSON; WATERS, 1987, p. 21-22, grifos dos autores)²².

Para Strevens (1988), o ESP é constituído por quatro características absolutas e duas variáveis. Por um lado, as absolutas dizem que um curso de ESP é desenhado para atender as necessidades dos aprendizes. Também, ele deve relacionar os conteúdos (temas e tópicos) com disciplinas, ocupações e atividades específicas. Além disso, o curso de ESP deve ser centrado nas formas apropriadas de sintaxe, léxico, discurso, semântica e análise do discurso com tais atividades específicas. E, finalmente, deve ser realizado em contraste com o ensino do inglês geral. Por outro lado, Strevens (1988) diz que as características variáveis determinam que o ESP pode ser restrito à aprendizagem de uma única habilidade, como a leitura, por exemplo; e que ele pode não ser ensinado de acordo com alguma metodologia preestabelecida, pois o ESP pressupõe que a metodologia deve ser adequada às necessidades específicas de cada grupo de estudantes. Assim, não é recomendado estabelecer uma metodologia de ensino antes de conhecer as reais necessidades dos alunos.

As características absolutas e variáveis descritas por Strevens (1988) foram essenciais para a elaboração do material didático por nós proposto, pois buscamos atender necessidades específicas de estudantes de Turismo, relacionando o conteúdo apresentado com disciplinas acadêmicas – geralmente subáreas do setor turístico, como Comidas e Bebidas e Economia. Além disso, centramos a atenção no ensino do léxico como uma forma de desenvolvimento da habilidade de leitura acadêmica de estudantes da área.

Assim como Strevens (1988), Dudley-Evans e St John (2005) dizem que o ESP tem características absolutas e variáveis, mas fazem alguns ajustes em relação ao trabalho de Strevens. Para Dudley-Evans e St John (2005) as características absolutas são:

²² **Why** does the students need to learn?

Who is going to be involved in the process? This will need to cover not just the student, but all the people who may have some effect on the process: teachers, sponsors, inspectors etc.

Where is the learning to take place? What potential does the place provide? What limitations does it impose?

When is the learning take place? How much time is available? How will it be distributed?

What does the student need to learn? What aspects of language will be needed and how will they be described? What level of proficiency must be achieved? What topic areas will need to be covered?

How will the learning be achieved? What learning theory will underlie the course? What kind of methodology will be employed?

- O ESP é desenhado para atender as necessidades específicas do aprendiz;
- O ESP faz uso da metodologia subjacente e atividades da disciplina a qual ele serve;
- O ESP é centrado na linguagem (gramática, léxico, registro), habilidades, discurso e gêneros apropriados para aquelas disciplinas (DUDLEY-EVANS; ST JOHN, 2005, p. 4-5)²³.

As características variáveis, por sua vez, são:

- O ESP pode ser relacionado ou desenhado para disciplinas específicas;
- O ESP pode usar, em situações específicas de ensino, uma metodologia diferente daquela do inglês geral;
- O ESP é possível ser desenhado para aprendizes adultos, seja em uma instituição de nível superior ou uma situação de trabalho profissional. Ele pode, entretanto, ser usado por aprendizes do nível secundário; o ESP é geralmente desenhado para alunos de nível intermediário ou avançado. A maioria dos cursos de ESP presumem um conhecimento básico do sistema linguístico, mas ele pode ser usado com iniciantes (DUDLEY-EVANS; ST JOHN, 2005, p. 5)²⁴.

Além disso, em sua definição de ESP, Dudley-Evans e St John (2005) chamam a atenção para a questão da metodologia. De acordo com os autores, “muito do ensino de ESP, especialmente quando ele está especificamente vinculado a uma profissão ou disciplina particular, faz uso de uma metodologia que difere daquela usada no ensino de inglês para fins gerais,” (DUDLEY-EVANS; ST JOHN, 2005, p. 04)²⁵. Os autores exemplificam o seu ponto de vista:

Por metodologia aqui estamos nos referindo à natureza das interações entre o professor de ESP e os alunos. Em uma turma de ESP mais geral as interações podem ser mais parecidas com aquelas de uma turma de inglês geral; em uma turma mais específica de ESP, no

²³ ESP is designed to meet specific needs of the learner; ESP makes use of the underlying methodology and activities of the discipline it serves; ESP is centred on the language (grammar, lexis, register), skills, discourse and genres appropriate to those activities”.

²⁴ ESP may be related to or designed for specific disciplines; ESP may use, in specific teaching situations, a different methodology from that of general English.

ESP is likely to be designed for adult learners, either at a tertiary level institution or in a professional work situation. It could, however, be used for learners at secondary school level; ESP is generally designed for intermediate or advanced students. Most ESP courses assume basic knowledge of the language system, but it can be used with beginners.

²⁵ Much ESP teaching, especially where it is specifically linked to a particular profession or discipline, makes use of a methodology that differs from that used in General Purpose English teaching.

entanto, às vezes o professor se torna mais como um consultor da língua, gozando de igualdade de status com os alunos que têm sua própria experiência no assunto (DUDLEY-EVANS; ST JOHN, 2005, p. 04)²⁶.

Tratamos sobre o papel do professor em um curso de ESP de forma mais detalhada na subseção 2.3.2 deste capítulo.

Feitas essas considerações acerca das características gerais, partimos agora para algumas observações relacionadas às subdivisões do ESP em subáreas que fazem com que o ensino da língua inglesa se torne cada vez mais centrado em objetivos específicos.

Nesta instância, o ESP se divide em duas grandes áreas (figura 01): Inglês para Fins acadêmicos – *English for Academic Purposes* (EAP), e Inglês para Fins Ocupacionais – *English for Occupational Purposes* (EOP).

O EOP compreende o ensino de língua inglesa para pessoas que precisam do idioma para o trabalho ou treinamento para atuar em uma área específica. Assim, naturalmente, o EOP se subdividirá em um número tão diversificado quanto as áreas de atuações profissionais: inglês para Medicina, inglês para Economia, inglês para Secretários, entre muitos outros. Entretanto, é importante lembrar que “EOP é também conhecido como EVP (Inglês para Fins Vocacionais) e VESL (Inglês Vocacional como Segunda Língua)”²⁷ (HUTCHINSON; WATERS, 1987, p. 17).

O EAP, por sua vez, está relacionado ao ensino de língua inglesa para pessoas que necessitam desenvolver conhecimento na língua para poderem progredir em seus estudos acadêmicos, sejam eles em nível de Graduação ou Pós-Graduação. Johns (2009) diz que nos Estados Unidos, por exemplo, o EAP é ensinado para alunos dos dois primeiros anos da Graduação, geralmente nas aulas de produção de textos. Em seu estudo, a autora analisa os impactos desse ensino e discorre sobre quais deveriam ser os seus reais propósitos. Segundo ela,

Os principais objetivos da instrução em EAP nos primeiros anos da educação terciária deveria ser preparar os estudantes para ser

²⁶ By methodology here we are referring to the nature of the interaction between the ESP teacher and the learners. In more general ESP classes, the interaction may be similar to that in a General-Purpose English class; in the more specific ESP classes, however, the teacher sometimes becomes more like a language consultant, enjoying equal status with the learners who have their own expertise in the subject matter.

²⁷ EOP is also known as EVP (English for Occupational Purposes) and VESL (Vocational English as a Second Language).

retoricamente flexíveis; empoderá-los a desenvolver uma consciência de, e sensibilidade para, quaisquer contextos, textos, e atividades que seu curso e instrutores lhes apresentem (JOHNS, 2009, p. 43)²⁸.

Apesar de o EAP estar frequentemente relacionado com o âmbito da universidade, ele tem sido também utilizado em contextos escolares, como no Ensino Secundário, porque é possível considerar que todos os contextos de Ensino de Inglês para Falantes de Outras Línguas (TESOL), independentemente do nível, encaixam-se como EAP (CRUICKSHANK, 2009, p. 22).

Isso posto, podemos deixar mais claro o lugar em que a presente pesquisa está localizada. Como a problemática central deste estudo está em torno da investigação sobre vocabulário acadêmico do Turismo, para a elaboração de um material didático que seja útil para estudantes dessa área, em nível Superior, estamos situados no âmbito do EAP.

Por fim, ressalte-se que as características de cada uma das subáreas do EAP e do EOP são as mesmas da grande área do ESP. Em outras palavras, qualquer curso que tenha por objetivo principal o ensino de língua para um fim específico deve seguir as premissas do ESP, que de forma geral consiste em desenhar cursos, avaliar e elaborar materiais e pensar em metodologias que tenham como foco central as necessidades dos aprendizes.

Na próxima subseção, discorreremos sobre os fatores que motivaram e impulsionaram o ESP, para compreendermos como se deu o início dessa abordagem de ensino, assim como a sua sistematização.

2.1.2 Os principais propulsores do ESP

Hutchinson e Waters (1987) apontam três fatores principais como os propulsores dessa abordagem de ensino a da década de 1960. Vejamos cada um deles.

O primeiro está relacionado às demandas do mundo pós-guerra. O final da Segunda Guerra Mundial deu início a um período de grande expansão, especialmente nas áreas da ciência, tecnologia e economia. Logo, “esta expansão criou um mundo

²⁸ The principal purposes of EAP instruction in the first years of tertiary education should be to prepare students to be rhetorically flexible, to empower them to develop an awareness of, and sensitivity to, whatever contexts, texts, and tasks their courses and instructors present.

unificado e dominado por duas forças – tecnologia e comércio” (HUTCHINSON, WATERS, 1987, p. 6)²⁹. Nesse contexto, os Estados Unidos se solidificaram como uma das principais potências econômicas mundiais e, assim, naturalmente, a língua inglesa se estabeleceu como a língua da ciência, da tecnologia e dos negócios, uma vez que a necessidade por uma língua internacional se intensificou no período. Dessa forma,

Como o inglês se tornou a língua internacional aceita da tecnologia e do comércio, ela criou uma nova geração de aprendizes que sabiam especificamente por que estavam aprendendo uma língua – homens e mulheres de negócios que queriam vender seus produtos, mecânicos que tinham que ler manuais de instrução, médicos que precisavam se atualizar com o desenvolvimento de sua área e um grande número de estudantes de cursos que incluíam livros didáticos e periódicos disponíveis apenas em inglês (HUTCHINSON; WATERS, 1987, p. 6)³⁰.

De acordo com Howatt e Smith (2014), o crescimento da demanda por instrução em inglês no período pós-guerra foi uma consequência do papel de importância que essa língua adquiriu mundialmente, papel este que nem sempre foi visto com bons olhos, mas que se tornou, segundo os autores, um fato muito difícil de ser negado.

O segundo fator apontado por Hutchinson e Waters (1987) que contribuiu com o desenvolvimento do ESP foi a revolução linguística ocorrida no período. De acordo com esses autores, o período de estabelecimento do inglês como língua internacional e o natural crescimento da demanda pela sua aprendizagem nos mais diversos contextos, coincidiu com as mudanças de paradigmas do campo da linguística. Até então, os objetivos centrais da linguística se concentravam nas descrições de ordem estrutural, ou seja, na gramática. No entanto, novos estudos mudaram o foco em direção à compreensão de como a língua é efetivamente usada na comunicação real. Como resultado dessa nova perspectiva de ver a linguagem, percebeu-se que a língua falada e escrita varia consideravelmente de um contexto de uso para outro. Dessa maneira,

²⁹ This expansion created a world unified and dominated by two forces – technology and commerce.

³⁰ As English became the accepted international language of technology and commerce, it created a new generation of learners who knew specifically why they were learning a language – businessmen and -women who wanted to sell their products, mechanics who had to read instruction manuals, doctors who needed to keep up with developments in their field and a whole range of students whose course of study included textbooks and journals only available in English.

No ensino de inglês, isso favoreceu a visão de que há diferenças significativas entre, digamos, o inglês do comércio e o inglês da engenharia. Essas ideias se casaram naturalmente com o desenvolvimento de cursos de inglês para grupos específicos de estudantes (HUTCHINSON; WATERS, 1987, p. 7)³¹.

Assim, naquele período marcado por transformações nos mais diversos âmbitos, inclusive na linguística, “novas concepções metodológicas de ensino ganharam espaço e diferentes perspectivas nos estudos de língua estrangeira surgiram” (HEYDT, 2019, p. 37).

O terceiro fator apontado por Hutchinson e Waters (1987) que favoreceu ao desenvolvimento do ESP foi fundamental. Trata-se dos desenvolvimentos no campo da psicologia da educação, que trouxeram o foco do ensino para as necessidades do aprendiz.

Por meio dessa nova perspectiva, reconhecia-se que os aprendizes tinham diferentes necessidades, motivações e atitudes em relação à língua que iriam aprender. Passou-se a defender que o reconhecimento dessas particularidades resultaria em maior efetividade no aprendizado. Isso porque a organização dos cursos, a seleção e a elaboração de materiais, assim como a metodologia empregada, levavam em consideração todo o tipo de informação relacionada aos aprendizes (HUTCHINSON; WATERS, 1987).

Outros fatores poderiam ainda ser apontados como contribuidores com o desenvolvimento do ESP em diferentes partes do mundo, como por exemplo, “o crescimento do poder econômico de certos países ricos em petróleo e o crescimento no número de alunos internacionais estudando no Reino Unido, Estados Unidos e Austrália” (DUDLEY-EVANS; ST JOHN, 2005, p. 19)³². Entretanto, os três pilares do surgimento, desenvolvimento e, principalmente, estabelecimento desta abordagem de ensino está nos três fatores destacados por Hutchinson e Waters (1987): as demandas do mundo pós-guerra, os desenvolvimentos da linguística e o foco do ensino voltado para o aprendiz.

³¹ In English language teaching this gave rise to the view that there are important differences between, say, the English of commerce and that of engineering. These ideas married up naturally with the development of English courses for specific groups of learners.

³² The increased economic power of certain oil-rich countries and the increased numbers of international students studying in the UK, USA and Australia.

Na sequência, observamos as diferentes fases de desenvolvimento do ESP, destacando as principais características de cada uma delas.

2.1.3 As fases de desenvolvimento do ESP

Desde o seu surgimento no início da década de 1960, o ESP se desenvolveu de formas díspares em diferentes países. Hutchinson e Waters (1987) apresentam uma visão geral das fases de desenvolvimento da área até meados dos anos de 1980, ressaltando que exemplos das abordagens descritas estariam em uso em algum lugar do mundo naquele momento.

A primeira fase, conhecida como *Register Analysis* (Análise de Registro), teve duração a década de 1960 até o início da década de 1970. Foi nesse período que a percepção que o inglês usado em uma área específica, como a Engenharia, era constituído por um registro diferente de outra área, como a Medicina, por exemplo.

Assim, o ensino focava, segundo Dudley-Evans e St John (2005), a gramática e o vocabulário do inglês técnico e científico de cada área específica, com o objetivo principal de “elaborar um programa de estudos que desse maior prioridade às formas linguísticas que os estudantes encontrariam nos seus estudos de Ciências e, conseqüentemente, dariam pouca prioridade para as formas que eles não encontrariam” (HUTCHINSON; WATERS, 1987, p. 10)³³.

O foco no ensino do léxico e pontos gramaticais das áreas de especialidade estudadas foi considerado como um dos pontos negativos desse período. Outro ponto negativo era o fato de se trabalhar com o ensino da língua somente no nível da frase. Foi a partir dessa característica que, seguindo os rumos dos desenvolvimentos da linguística, chegou-se a um novo estágio.

A segunda fase, chamada de *Rhetorical or Discourse Analysis* (Análise Retórica ou do Discurso), elevou o foco do ensino para o nível do texto. Segundo Allen e Widdowson (1975), citados por Hutchinson e Waters (1987), isso ocorreu devido à percepção de que apenas o estudo das formas linguísticas e do vocabulário específico de uma área não era suficiente para um aprendizado efetivo. O problema consistia, na verdade, na falta de familiaridade que os estudantes tinham com os usos da língua.

³³ Produce a syllabus which gave high priority to the language forms students would meet in their Science studies and in turn would give low priority to the forms they would not meet.

Dudley-Evans e St John (2005) afirmam que o *Register Analysis*, a primeira fase de desenvolvimento do ESP, não apresentava explicações suficientes sobre o porquê certas estruturas gramaticais ocorreriam com mais frequência no inglês científico. Nem tampouco como as frases podiam ser organizadas nos textos para veicular os discursos desejados. Nessa perspectiva, “a preocupação da pesquisa, portanto, era identificar os padrões organizacionais em textos e especificar os meios linguísticos pelos quais esses padrões são expressos” (HUTCHINSON; WATERS, 1987, p. 11)³⁴.

A terceira fase, chamada pelos autores de *Target Situation Analysis* (Análise da Situação Alvo), é amplamente conhecida como *Needs Analysis* (Análise de Necessidades). No entanto, segundo os próprios Hutchinson e Waters (1987), tratava-se de um conceito bastante simples se comparado à noção de necessidades que se desenvolveu nos anos seguintes.

A intenção desse período era utilizar os conhecimentos adquiridos nas fases anteriores, mas de uma forma mais científica. Para alcançar tal intento, buscou-se estabelecer maneiras de realizar a análise linguística de uma forma que considerassem mais de perto as razões pelas quais os estudantes buscavam a aprendizagem. Dessa forma, os estudos sobre as necessidades dos aprendizes começaram a considerar fatos como: os propósitos comunicativos, o ambiente comunicativo, os meios de comunicação, as habilidades linguísticas necessárias, as funções linguísticas, entre outros (HUTCHINSON; WATERS, 1987). Na subseção 2.3.1 tratamos a Análise de Necessidades de forma mais detalhada.

A quarta fase de desenvolvimento do ESP, de acordo com Hutchinson e Waters (1987), é conhecida como *Skills and Strategies* (Habilidades e Estratégias). Neste período, a preocupação foi ir além da superfície do texto, característico das fases anteriores, e olhar para os processos de pensamento e raciocínio subjacentes aos usos da língua. Isso porque se percebeu que, independentemente das formas linguísticas, esses processos, que subjazem todas as línguas, são fundamentais para que possamos extrair os significados dos discursos (HUTCHINSON; WATERS, 1987; DUDLEY-EVANS; ST JOHN, 2005).

Assim, diante deste panorama, esta abordagem se desenvolveu, especialmente, em países onde a língua de instrução não era o inglês, como o Brasil

³⁴ The concern of research, therefore, was to identify the organizational patterns in texts and to specify the linguistic means by which these patterns are signaled.

– com o *National ESP Project* – na América Latina; e a Malásia – com o *University of Malaya ESP Project* – na Ásia. Nestes contextos, de forma geral, o foco recaiu sobre a habilidade de leitura. Assim, deu-se atenção ao desenvolvimento de estratégias de interpretação textual, como reconhecer significados de palavras pelo contexto, observar o *layout* visual para identificar o gênero textual, explorar os cognatos etc. (HUTCHINSON; WATERS, 1987). No entanto,

[...] em outras situações ele pode envolver uma habilidade diferente, como a escuta para alunos internacionais partindo para um curso acadêmico no Reino Unido, habilidades orais para pessoas de negócios conduzindo negociações internacionais, habilidades de escrita para engenheiros empregados por uma empresa internacional, ou para estudantes internacionais escrevendo uma tese de pós-graduação (DUDLEY-EVANS; ST JOHN, 2005, p. 24)³⁵.

Nessa fase, os aprendizes passaram a ser vistos como seres pensantes, que desempenham um papel ativo no seu processo de aprendizagem.

Aprender e usar uma regra exige que os alunos pensem, isto é, apliquem seu poder mental para destilar uma regra geradora viável de um conjunto de dados apresentados e, em seguida, analisem as situações em que a aplicação da regra seria útil ou apropriada (HUTCHINSON; WATERS, 1987, p. 43)³⁶.

Dudley-Evans e St John (2005) dizem que a visão cognitiva da aprendizagem teve grande impacto no ESP, especialmente no desenvolvimento de cursos com o foco no ensino da habilidade de leitura.

A quinta fase descrita por Hutchinson e Waters (1987) é chamada de “*Learning-centred Approach*” (Abordagem Centrada na Aprendizagem). De acordo com os autores, todas as abordagens anteriores tinham um foco descritivo de como a linguagem era usada, seja no âmbito das formas, como na fase de Análise de Registro, seja nos processos subjacentes da linguagem, como na fase de Habilidades e Estratégias, por exemplo. No entanto, percebeu-se que não bastava apenas

³⁵ [...] in other situations it might involve a different skill, such as listening for international students embarking on academic courses in the UK, oral skills for businesspeople conducting international negotiations, writing skills for engineers employed by an international company, or for international students writing a postgraduate thesis.

³⁶ Learning and using a rule require learners to think, that is, to apply their mental power in order to distil a workable generative rule from the mass of data presented, and then to analyze the situations where the application of the rule would be useful or appropriate.

descrever o que as pessoas faziam com a linguagem, mas que era preciso compreender os processos que estavam envolvidos na aprendizagem de uma língua. Assim, o *Learning-Centred Approach* foi um período em que o ESP priorizou os aspectos relacionados ao processo de aprendizagem ao invés da simples descrição de seu uso.

A partir dos anos 2000, até os dias atuais, novas perspectivas se desenvolveram na área do ESP, tanto na pesquisa quanto na prática. Destacam-se neste período a Análise de Gênero (PALTRIDGE, 2001; HYLAND, 2004; SWALES, 2004; FLOWERDEW, 2011a), os Estudos de Retóricas Interculturais e os Estudos Baseados em *Corpora* (BIBER et al. 2007; COXHEAD, 2000; FLOWERDEW, 2011b).

A Análise de Gênero vai além das questões estruturais de cunho léxico-gramatical e considera os textos a partir de todo o seu contexto de produção. De acordo com Flowerdew (2011a),

O gênero é um construto multifacetado caracterizado por uma gama de recursos, incluindo ação social, comunidades de práticas, relações de poder, texto e intertexto. A análise de gêneros tem sido por muito tempo um construto chave em ESP, seguindo a partir da análise de necessidades e fornecendo dados analíticos necessários para a elaboração de planos de estudos e materiais (FLOWERDEW, 2011a, p. 120)³⁷.

Em outras palavras, uma vez que as necessidades alvo dos aprendizes são identificadas, como que uma pessoa da área de negócios, por exemplo, precisa utilizar a língua em reuniões, fazer negociações, interagir com seus pares em momentos pré e pós reuniões e, também, escrever diferentes tipos de cartas, o plano de ensino, assim como os materiais didáticos são elaborados a partir da análise criteriosa sobre esses gêneros chaves que foram identificados (DUDLEY-EVANS, 1997);

Já os estudos de Retóricas Interculturais focam nos discursos escritos de indivíduos provenientes de diferentes contextos culturais, uma vez que determinados tipos de textos e padrões estruturais são frequentemente identificados em contextos de ESP (CONNOR; ROZYCKY, 2013). Assim sendo, estes estudos desvelam as influências, tanto positivas quanto negativas, que as características textuais

³⁷ Genre is a multifaceted construct characterized by a range of features including social action, communities of practice, power relations, text, and intertext. Genre analysis has for a long time been a key construct in ESP, following on from needs analysis and providing the necessary analytical input for syllabus and materials design.

recorrentes podem ter no ensino da língua em foco. De acordo com estes autores, “a identificação de padrões preferidos em textos e interações entre culturas e línguas é importante porque o conhecimento pode informar professores de inglês para fins específicos (ESP) e aprendizes avançados” (CONNOR; ROZYCKY, 2013, p. 427). Nesta perspectiva, a observação da organização textual, das escolhas lexicais e gramaticais em artigos acadêmicos, podem trazer ganhos consideráveis para alunos de Graduação e Pós-Graduação, por exemplo.

Os estudos baseados em *Corpora*, por sua vez, têm sido amplamente utilizados e “tem fornecido base empírica para formular generalizações linguísticas geralmente correlacionadas com funções específicas, e explora variações linguísticas, em e através de textos de ESP” (FLOWERDEW, 2011b, p. 223)³⁸. As pesquisas baseadas em *Corpora* não são conduzidas tendo como objetivo apenas a identificação de padrões léxico-gramaticais, seus horizontes expandiram-se consideravelmente. Como exemplos podemos citar que elas têm sido combinadas com estudos que buscam observar manifestações interculturais, assim como na busca por clareza sobre o uso de determinados discursos por diferentes comunidades de prática, auxiliando, assim, na elaboração de planos de estudos e materiais a serem usados em ESP.

De forma geral, as abordagens de ESP aqui apresentadas têm em comum

Uma vontade por parte do professor de língua para entrar [...] como um estranho em domínios estranhos – áreas acadêmicas e ocupacionais que podem parecer bastante estranhas – e para quais os objetivos do aluno são realmente atendidos quando as práticas de linguagem de qualquer discurso da comunidade alvo são ensinadas (BELCHER, 2009, p. 2)³⁹.

Assim como lembram Hutchinson e Waters (1987), essas abordagens de ESP não foram adotadas de forma subsequente. Ao contrário, elas foram, e são, utilizadas em diferentes épocas nos mais diversos países.

³⁸ Have provided an empirical base upon which to formulate linguistic generalizations usually correlated with specific functions, and explore linguistic variation, in and across ESP texts.

³⁹ A willingness on the part of the language educator to enter [...] as a stranger into strange domains – academic and occupational areas that may feel quite unfamiliar – and to which learner’s purposes are actually served when the language practices of any target discourse community are taught.

Vimos nesta subseção como o ESP se desenvolveu nas suas primeiras décadas de existência de forma global. A seguir, observamos como se deu o seu estabelecimento e desenvolvimento no Brasil.

2.2 ESP NO BRASIL

Nesta seção, tratamos especificamente do ESP no Brasil, descrevendo as motivações, os objetivos, os participantes, assim como as características mais marcantes do *Brazilian National ESP Project* (1979-1989), que deixaram um legado importante para o ensino de língua inglesa no país.

2.2.1 O estabelecimento do ESP no Brasil

Os primeiros indícios do Ensino de Línguas para Fins Específicos no Brasil apareceram por meio das Aulas de Comércio, projeto desenvolvido pelo Marquês de Pombal em Portugal em 1759 e que foi trazido para o Brasil a partir do início do século XIX. Este projeto incluía o ensino de línguas estrangeiras para fins comerciais, com o objetivo de viabilizar transações, tradução de textos, redação de cartas de mercancia, apólices de seguros, entre outros tipos de textos (TELES, 2019).

No entanto, é apenas na segunda metade do século XX que o Ensino de Línguas para Fins Específicos começou a ser estruturado no país, devido à necessidade de implementação e/ou qualificação de cursos de ESP em muitas universidades brasileiras (CELANI et al. 1988). Essa necessidade era compartilhada por muitos professores de diferentes partes do Brasil que faziam o curso de Pós-Graduação na área de Linguística Aplicada na Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). De forma geral, esses professores “expressavam preocupação particular com as dificuldades encontradas em oferecer cursos de inglês especializado em vários departamentos de ciências puras e aplicadas (CELANI, 2005, p. 4)⁴⁰. Assim, no final da década de 1970 o *Brazilian National ESP Project* começou a ser pensado e estruturado.

⁴⁰ Expressed particular concern with the difficulties encountered in offering specialized English courses for various departments of both pure and applied sciences in their university.

Além do fato de possuir um programa de Linguística Aplicada de excelência, a PUC-SP já dispunha um programa de ESP e um nível de expertise reconhecido na elaboração de materiais para esta modalidade de ensino. Dessa forma, esta universidade foi escolhida como o centro para o Projeto, e teve como diretora a coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Maria Antonieta Alba Celani, e o apoio do professor visitante do Conselho Britânico, Maurice Broughton (CELANI et al. 1988; CELANI, 2005).

O Projeto contou com importante suporte financeiro do MEC. A verba disponibilizada viabilizou o início dos trabalhos com a participação de 20 universidades de diferentes regiões do país, como pode ser visto no quadro a seguir:

Quadro 03 – Universidades participantes do *Brazilian National ESP Project*.

UNIVERSIDADE DAS REGIÕES NORTE E NORDESTE	
Universidade Federal de Alagoas	Maceió
Universidade de Amazonas	Manaus
Universidade Federal da Paraíba – Campus I	João Pessoa
Universidade Federal da Paraíba – Campus II	Campina Grande
Universidade Federal de Pernambuco	Recife
Universidade Federal do Piauí	Teresina
Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Natal
Universidade Federal da Bahia	Salvador
UNIVERSIDADES DA REGIÃO CENTRO OESTE	
Universidade Federal de Brasília	Brasília
Universidade Federal do Espírito Santo	Vitória
Universidade Federal de Goiás	Goiânia
Universidade Federal de Mato Grosso	Cuiabá
Universidade Federal de Minas Gerais	Belo Horizonte
Universidade Federal de Uberlândia	Uberlândia
Universidade Federal de Viçosa	Viçosa
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	São Paulo
UNIVERSIDADES DA REGIÃO SUL	
Universidade Estadual de Londrina	Londrina
Universidade Federal do Paraná	Curitiba
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Porto Alegre
Universidade Federal de Santa Catarina	Florianópolis

Universidade Federal de Santa Maria	Santa Maria
-------------------------------------	-------------

Fonte: Celani *et al.* (1988).

No ano de 1986, algumas escolas técnicas e alguns Institutos Federais também ingressaram no *Brazilian ESP Project*.

Além do apoio institucional recebido por parte do governo brasileiro, o Projeto contou com a ajuda do Conselho Britânico, que disponibilizou a participação de mais três professores visitantes, Tony Deyes, John Holmes e Mike Scott, que assumiram “três vagas para o Ensino de Língua Inglesa Fundamental (KELT), duas na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e uma na Universidade Federal de Santa Catarina” (CELANI, 2005, p. 15)⁴¹.

Assim, no final do ano de 1980, o Projeto teve início com a chegada dos outros três colaboradores britânicos, conhecidos como os “três KELTS”.

2.2.2. Ações e objetivos do *Brazilian National ESP Project*

Destacamos nesta subseção, ações tomadas que foram essenciais para o estabelecimento dos objetivos do Projeto, assim como as ações realizadas para atingi-los.

Em um primeiro momento, na fase de estabelecimento do projeto, foram realizadas visitas às universidades participantes, com a intenção de investigar a real necessidade de cada uma. Assim, pesquisou-se sobre o perfil de cada instituição, os cursos oferecidos, os recursos disponíveis, entre outros fatores. Percebeu-se, por exemplo, que havia professores que ensinavam inglês para as mais diversas áreas de especialidades como artes, ciências biológicas, engenharia, física, matemática, ciências sociais, entre outras (CELANI *et al.* 1988).

Nessas visitas, foram realizadas reuniões com os mais diferentes tipos de pessoas da comunidade acadêmica, como reitores, professores e acadêmicos, com a intenção principal de coletar a maior quantidade de informações que pudessem corroborar a importância que a implantação do Projeto teria naqueles contextos.

As visitas confirmaram a necessidade pelo Projeto e, além disso, “indicaram que os objetivos mais adequados para o projeto seriam: o desenvolvimento do

⁴¹ Three Key English Language Teaching (KELT) posts, two at the Catholic University of São Paulo and one at the Federal University of Santa Catarina.

professor, a produção de materiais, e o estabelecimento de um centro nacional de pesquisa” (CELANI et al., 1988, p. 5)⁴². Estes se configuraram como três importantes pontos a serem alcançados.

Para atingir esses três objetivos específicos, foi realizado um seminário nacional com a participação dos coordenadores nacionais e coordenadores representantes de cada região. O objetivo principal desse seminário foi a elaboração de um plano de trabalho.

Para atender ao primeiro objetivo específico, o desenvolvimento do professor, foram realizados “seminários regionais e visitas locais suplementadas por bolsas de estudos em universidades do Reino Unido quando possível” (CELANI, 2005, p. 15)⁴³.

De acordo com a autora, uma das características mais importantes do *Brazilian ESP Project* foi a integração do desenvolvimento dos professores à produção de materiais – o segundo objetivo específico. Em vez de utilizar livros didáticos no Projeto, a ideia foi proporcionar aos professores a possibilidade de produzir e usar seus próprios materiais, o que naturalmente seria uma forma de desenvolvimento profissional.

Esta foi uma decisão acertada, não só por causa das diferenças no nível de desenvolvimento de professores em diferentes partes do país, mas também por causa da variedade de diferentes disciplinas acadêmicas a serem atendidas para diferentes níveis acadêmicos [...] O uso obrigatório de um “livro didático do Projeto” significaria a imposição de um conjunto de regras a serem obedecidas pelos envolvidos no Projeto (CELANI et al. 2005, p. 15-16)⁴⁴.

O terceiro objetivo específico do Projeto, estabelecer um centro nacional de pesquisa, foi alcançado com a criação do *Centro de Pesquisa, Recursos e Informação em Linguagem* (CEPRIL), na PUC-SP. O objetivo principal do CEPRIL foi “atender às necessidades de um grande número de instituições com diferentes níveis de especialização e diferentes necessidades, e separadas por imensas distâncias

⁴² Indicated that the most suitable aims for the project might be: teacher development, materials production, and the setting up of a national resource centre.

⁴³ Regional seminars and local visits supplemented by scholarships to the UK universities whenever possible.

⁴⁴ This was a wise decision, not only because of the differences in the level of teacher development in different parts of the country, but also because of the variety of different academic disciplines to be catered for for different academic levels [...] The compulsory use of a “Project textbook” would mean the imposition of a set of rules to be obeyed by those involved in the Project.

geográficas” (CELANI et al. 2005, p. 16-17)⁴⁵. A autora destaca que o Centro não foi criado para ser um simples repositório de livros de ESP ou materiais produzidos pelos professores, mas, sim, um Centro com “uma função mais 'ativa', de modo que os materiais sejam armazenados de forma a ajudar e sugerir como reutilizá-los” (HOLMES, 2005, p. 316)⁴⁶. Dessa maneira, haveria uma troca de experiências por meio de *feedbacks* sobre os próprios materiais e sobre os materiais de colegas, fazendo com que o Centro se tornasse um canal de comunicação entre professores de uma mesma instituição e de outras (HOLMES, 2005). Os materiais elaborados pelos professores participantes do Projeto estão disponíveis no Centro de Pesquisa, Recursos e Informação em Linguagem (CEPRIL), com o objetivo de ilustrar os princípios que o *Brazilian National ESP Project* estava buscando estabelecer (CELANI et al. 2005).

O CEPRIL foi fundado em 1983 para ser a sede do Projeto e, atualmente, é ligado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) da PUC, da cidade de São Paulo. O imenso acervo bibliográfico especializado em Linguística Aplicada, o banco de dados de linguagem autêntica de diversos contextos, assim como ferramentas computacionais para análise de dados disponíveis no CEPRIL atende a grande comunidade nacional de pesquisadores e professores de diversas áreas da Linguística Aplicada⁴⁷.

Os três objetivos específicos tratados aqui, tinham como norteadores o objetivo central do Projeto que, de acordo com Deyes (2005), era desenvolver a leitura eficiente de textos. O autor cita como exemplo disso os objetivos dos seminários regionais realizados em Fortaleza, Florianópolis e Ouro Preto no ano de 1981: “desenvolver um sistema para a análise de textos; propor um critério para a seleção de textos; sugerir maneiras de ordenar textos em um curso” (DEYES, 2005, p. 204)⁴⁸. Por meio das reuniões e pesquisas que buscaram avaliar as necessidades mais imediatas dos participantes, percebeu-se que era urgente “melhorar o uso do inglês

⁴⁵ Catering the needs of a large number of institutions with different levels of expertise and different needs and separated by immense geographical distances.

⁴⁶ A more “active” role, so that materials are stored in ways which help and suggest how to re-use them.

⁴⁷ O acervo do CEPRIL está disponível na em <https://www.pucsp.br/lael/cepril/cepril-info.php>.

⁴⁸ To develop a system for analysing texts; propose a criteria for selecting texts; suggest ways of ordering texts in a course.

dos pesquisadores, professores de ciências e técnicos, especialmente no que se refere à leitura de publicações especializadas e técnicas” (CELANI, 2005, p. 394)⁴⁹.

Nessa perspectiva, no Brasil, devido a esse objetivo central, em que o foco do Projeto recaiu sobre a habilidade de leitura, criou-se a ideia de que ESP, por um lado, é sinônimo do estudo de leitura em inglês, por outro lado, qualquer curso para o desenvolvimento de leitura em língua inglesa, é visto como ESP (RAMOS, 2008). Entretanto, segundo essa autora, esses são apenas mitos que se criaram a partir da abordagem brasileira do ESP, sendo necessário que cada situação específica seja analisada atentamente.

2.2.2.1 Uma abordagem brasileira

O *Brazilian National ESP Project* teve duração entre os anos de 1979 e 1989, contando o seu tempo de elaboração e execução. Durante esse período de dez anos de trabalhos, algumas características importantes, próprias do Projeto brasileiro, foram fundamentais para que ele fosse concluído de forma satisfatória. Não é em vão que Celani (2005) se refere à abordagem desenvolvida e utilizada no Projeto como “*Brazilian Approach to ESP*”. A autora destaca alguns pontos que foram únicos no Projeto brasileiro, e que contribuíram para que o resultado fosse, de certa forma, peculiar em relação a outros projetos pelo mundo.

Em primeiro lugar, deve-se destacar a filosofia *participatória* do Projeto. Sabia-se de início, que muitos dos professores participantes não viam o ESP com “bons olhos”. Na verdade, eles viam essa categoria de ensino como inferior. No entanto, durante o Projeto, nenhuma ação prescritiva foi adotada, mas, sim, procurou-se ouvir, compreender e delinear a abordagem de trabalho de acordo com a realidade e as necessidades dos participantes. Segundo Celani (2005), a intenção era dar espaço para que os professores usassem os seus conhecimentos locais e participassem na reflexão sobre a natureza do contexto em que estavam inseridos, assim como na forma como o trabalho seria conduzido. Trabalhando dessa maneira, no decorrer do Projeto, os professores deixaram de lado o sentimento de recusa e passaram a ter uma atitude positiva em relação ao ESP. Como lembra a autora, com o tempo eles

⁴⁹ To improve the use of English of Brazilian researchers, science teachers and technicians especially with regard to reading specialist and technical publications.

perceberam que “eles pertenciam a uma comunidade de prática, como professores de ESP, e isso, conseqüentemente, aumentou sua autoestima” (CELANI, 2005, p. 17)⁵⁰. Ao ouvir os participantes e torná-los também responsáveis pelo seu próprio desenvolvimento, criou-se um ambiente colaborativo que pode ser considerado um legado positivo deixado sobre o papel de professores e alunos, inclusive no ensino e aprendizagem de língua de forma geral (RAMOS, 2008).

Em segundo lugar, Celani (2005) e Ramos (2008) destacam o importante papel dado à língua materna dos participantes, o português brasileiro. Nesse sentido, Celani (2005) diz que não se trata apenas do uso da língua materna no reconhecimento de cognatos, uma vez que o desenvolvimento de estratégias de leitura era o foco central do Projeto, mas, sim, como o meio de instrução e interação durante os trabalhos. De acordo com a autora, apesar da resistência de alguns professores, devido aos princípios pelos quais foram educados, logo eles perceberam os motivos por trás dessa escolha. Celani explica que “uma metodologia para o Projeto estava sendo criada localmente, não porque outras metodologias ‘importadas’ deviam ser desprezadas e rejeitadas, mas porque elas não atendiam inteiramente às necessidades do Projeto Brasileiro” (CELANI, 2005, p. 17)⁵¹. Como lembra Ramos (2008), a princípio, a ideia de usar a língua materna como meio de instrução nas aulas de ESP pareceu inconcebível, mas, a partir do Projeto, tornou-se algo normal tanto em aulas de ESP quanto em aulas de língua estrangeira de forma geral.

Em terceiro lugar, Celani (2005) diz que o papel exercido pelos três KELTS, John Holmes, Anthony Deyes e Mike Scott; como especialistas da área, foi única em um projeto de âmbito nacional como o *Brazilian National ESP Project*. A autora lembra que “eles acreditavam em dar conselhos em vez de assumir o controle, permitindo aos participantes liberdade informada de escolha sobre como proceder em seu trabalho, em vez de ditar regras; agindo como ‘colegas mais capazes’” (CELANI, 2005, p. 18)⁵².

Além dessas características apresentadas, Ramos (2008) cita, ainda, como legado do Projeto, a criação de uma metodologia local para o ensino e aprendizagem

⁵⁰ They belonged to a community of practice, as ESP teachers, and this consequently raised their self-esteem.

⁵¹ A methodology for the Project was being created locally, not because other ‘imported’ methodologies were to be despised and rejected, but because they did not entirely suit the needs of the Brazilian Project.

⁵² They believed in giving advice rather than taking control, allowing participants informed freedom of choice as to how to proceed in their work rather than dictating rules; acting as “more capable peers.

de leitura, com a ênfase em textos autênticos, estratégias de leitura e a consciência sobre os processos que envolvem o ato de ler. E, finalmente, o Projeto propiciou aos participantes a oportunidade de elaboração de seus próprios materiais. Essa ação foi contra a tradição de uso de um livro didático pronto, com ênfase em vocabulário específico, que geralmente era apresentado de forma descontextualizada e/ou por meio de textos não autênticos.

Assim, tratamos nesta subseção sobre o ESP no Brasil, descrevendo o *Brazilian National ESP Project*, que foi pioneiro nessa área em nosso país.

Na sequência, apresentamos alguns aspectos fundamentais da organização de um curso de ESP.

2.3. ORGANIZAÇÃO DE UM CURSO DE ESP

Trabalhar com ESP exige que todos os envolvidos no processo, como professores, alunos, elaboradores de currículos e materiais, levem em consideração as peculiaridades dessa abordagem de ensino. Assim, direcionamos nossa atenção aos pontos que consideramos fundamentais para a organização de um curso de ESP, a análise de necessidades, o papel do professor, o papel dos alunos e dos materiais.

2.3.1 Análise de necessidades

A abordagem de ESP é baseada nas necessidades dos aprendizes e, assim sendo, busca determinar a distância entre o que eles sabem e o que precisam aprender de uma determinada língua de especialidade (BELCHER, 2009). No entanto, necessidade é algo inerente a qualquer aprendiz, seja ele de língua geral ou ESP, independente do aprendiz reconhecê-la ou não. Assim, “o que distingue ESP do inglês geral não é a existência de uma necessidade como tal, mas sim a consciência da necessidade” (HUTCHINSON; WATERS, 1987, p. 53)⁵³. Sempre há uma necessidade inerente em qualquer campo de estudos, o que muda é a percepção de sua existência e a forma de avaliá-la.

⁵³ What distinguishes ESP from General English is not the existence of a need as such but rather an awareness of the need.

Enquanto em cursos de língua geral, por exemplo, as necessidades dos alunos são medidas por meio de testes de proficiência para determinar níveis – básico, intermediário, avançado – e por meio de informações sobre o histórico de estudos de cada indivíduo; em ESP a análise busca especificar as necessidades alvo dos aprendizes. Nessa perspectiva,

Longe de presumir que já sabem o que seus alunos em um determinado nível de proficiência precisam, os especialistas de ESP aceitam a responsabilidade de descobrir o que seus alunos provavelmente precisarão (e desejarão) para serem capazes de ler, escrever, falar e compreender como ouvintes para alcançar seus objetivos (BELCHER, 2009, p. 3)⁵⁴.

Para Hutchinson e Waters (1987) a análise de necessidades é um “mínimo irreduzível” na estruturação de um curso de ESP. Dudley-Evans e St. John (2005) afirmam que a análise de necessidades é a “pedra basilar” do ESP e, conseqüentemente, resulta em um curso corretamente estruturado. Nessa mesma perspectiva, Belcher (2009) afirma que a análise de necessidades deve ser o primeiro passo a ser dado no desenho de um curso de ESP.

Do ponto de vista de Hutchinson e Waters (1987), há uma distinção importante entre “necessidades da situação alvo” e “necessidades de aprendizagem”, e essa diferença deve ser sempre considerada. As primeiras se referem ao que os aprendizes precisam fazer na situação alvo, enquanto as segundas se referem ao que eles precisam fazer para aprender. Além disso, os autores consideram uma subdivisão no significado de “necessidades da situação alvo”, como pode ser visto no Quadro a seguir:

Quadro 04 – Noções pertencentes à Análise da Situação Alvo.

Necessidades	O que é determinado pelas demandas da situação alvo, isto é, o que a pessoa precisa fazer para atuar no contexto desejado.
Carências	O que ele ainda não sabe da língua de especialidade. Para avaliar as carências do aprendiz, é necessário avaliar o que ele já sabe da língua.
Vontades	Mostram a visão que os aprendizes têm sobre suas

⁵⁴ Far from assuming that they already know what their students at a certain proficiency level need, ESP specialists accept responsibility for finding out what their learners will likely need (and want) to be able to read, write, speak, and comprehend as listeners to achieve their goals.

	necessidades, visão essa que muitas vezes pode diferir daquela dos profissionais envolvidos no processo.
--	--

Fonte: Adaptado de Hutchinson e Waters (1987).

De acordo com as informações do Quadro 04, as “necessidades” apresentam o conhecimento geral necessário, ou seja, o que é compartilhado por qualquer indivíduo que queira atuar em determinada área do conhecimento. As “carências”, por sua vez, são individuais, pois se observa o nível de conhecimento que cada aluno já tem da língua que vai estudar e, assim, avalia as carências que possui. E, finalmente, as “vontades” levam em consideração a percepção que o próprio aprendiz tem sobre si, e dá espaço para que ele expresse o que considera como prioridade no seu aprendizado.

Dessa forma, Hutchinson e Waters (1987) apresentam uma série de perguntas essenciais para a coleta de informações para a realização da análise de necessidades tanto da situação alvo quanto de aprendizagem. Observemos no Quadro 05 as perguntas propostas pelos autores:

Quadro 05 – Perguntas para coleta de informações sobre necessidades.

Necessidades da situação alvo	Necessidades de aprendizagem
Por que a língua é necessária?	Por que os alunos estão fazendo o curso de ESP?
Como a língua será usada?	Como os alunos aprendem?
Qual a área de conhecimento?	Quais os recursos disponíveis
Com quem o aluno vai usar a língua?	Quem são os alunos?
Onde a língua será usada?	Onde o curso de ESP vai acontecer?
Quando a língua será usada?	Quando o curso de ESP vai acontecer?

Fonte: Adaptado e traduzido de Hutchinson e Waters (1987).

Percebemos por meio do Quadro 05 que as perguntas sobre as “necessidades da situação alvo” são de caráter objetivo, enquanto as perguntas sobre as “necessidades de aprendizagem” possuem um caráter muito mais subjetivo. Dessa forma, o professor pode obter informações fundamentais para compreender as necessidades mais gerais, assim como ficar ciente de fatos particulares e individuais dos alunos que podem ser importantes para o processo de ensino e aprendizagem.

Dudley-Evans e St John (2005), por sua vez, dizem que a noção de “necessidades” é bastante ampla. Dessa forma, os autores apresentam o seu conceito de “necessidade” considerando as diferentes perspectivas em que esse termo foi visto desde a sua introdução na década de 1960.

Por um lado, as necessidades podem ser “objetivas” e “percebidas”. Nesse sentido, elas correspondem ao ponto de vista dos “outsiders”, isto é, professores e elaboradores de materiais, por exemplo. Por outro lado, as necessidades podem ser vistas como “subjetivas” e “sentidas”, correspondendo, assim, a fatores cognitivos e afetivos dos “insiders”, ou seja, os alunos (DUDLEY-EVANS; ST JOHN, 2005). Os autores esclarecem ainda que da observação da “situação alvo” deriva uma visão de “necessidade orientada pelo produto”, enquanto da análise da “situação de aprendizagem” deriva a visão de “necessidade orientada pelo processo”. Trata-se, portanto, de duas perspectivas diferentes, chamadas pelos autores de “análise da situação alvo” – *target situation analysis* (TSA), e “análise da situação de aprendizagem – *learning situation analysis* (LSA) (DUDLEY-EVANS; ST JOHN, 2005). Além disso, os autores complementam que,

Uma terceira peça do quebra-cabeças é o que os alunos já sabem, a análise da situação presente (PSA), por meio da qual nós podemos deduzir as suas carências. Assim, uma TSA inclui necessidades objetivas, percebidas e orientadas pelo produto; uma LSA inclui necessidades subjetivas, sentidas e orientadas pelo processo; uma PSA estima forças e fraquezas na língua, habilidades, experiências de aprendizagem (DUDLEY-EVANS; ST JOHN, 2005, p. 123-124)⁵⁵.

Do ponto de vista de Flowerdew (2016), enquanto a “análise da situação alvo” se preocupa com as “necessidades”, a “análise da situação presente” busca contemplar as “carências” e as “vontades” dos aprendizes.

De forma geral, é correto afirmar que a análise de necessidades vai muito além de observar características linguísticas de ordem gramatical e lexical de uma determinada área do conhecimento. Também, vai além de observar que tipos de funções os aprendizes terão que desempenhar por meio da língua que buscam aprender. É essencial que os envolvidos no processo de ensino tenham a percepção

⁵⁵ A third piece of the jigsaw is what learners already know, a present situation analysis (PSA), from which we can deduce their lacks. Thus, a TSA includes objective, perceived and product-oriented needs; an LSA includes subjective, felt and process-oriented needs; a PSA estimates strengths and weaknesses in language, skills, learning experiences.

de outros aspectos, como a atitude dos alunos em relação à língua estrangeira que estudam, por exemplo.

A coleta de informações sobre necessidades pode ser realizada por diversos meios, tais como questionários, entrevistas, observação, textos, conversas informais, entre outros (HUTCHINSON; WATERS, 1987). No entanto, é importante destacar que a análise de necessidades não deve ser uma atividade realizada apenas na fase inicial de um curso, mas, sim, ocorrer de forma permanente durante todo o processo de ensino e aprendizagem (BELCHER, 2009).

Na sequência, discutimos alguns aspectos e características do professor em contextos de ESP.

2.3.2 O papel do professor de ESP

Nesta subseção, tratamos da atuação do professor em uma turma de ESP. Entretanto, vale a pena lembrarmos que, de forma geral, o professor já desempenhou diferentes papéis ao longo da história da Educação. Por exemplo, ele já foi visto tanto como o “detentor/transmissor” do conhecimento, assim como alguém que apenas “acompanha” e “auxilia” os alunos em seu processo de aprendizagem (SAVIANI, 2005).

No entanto, quando tratamos do Ensino de Língua para Fins Específicos, existe um fato de extrema importância que dá ao professor uma característica que o difere dos profissionais de outras áreas. Trata-se de um fato que, conseqüentemente, afeta todo o seu *modus operandi*: o professor de ESP dá aulas sobre linguagem de uma área que ele possivelmente não domina.

Por esse motivo, os “professores de ESP são muitas vezes residentes relutantes em uma terra estranha e desconhecida” (HUTCHINSON; WATERS, 1987, p. 158)⁵⁶. Mais do que isso, em um contexto de ESP, “os alunos podem, em muitos casos, certamente quando o curso é especificamente orientado para o conteúdo da disciplina ou trabalho que os alunos estão envolvidos, saber mais sobre o conteúdo que o professor” (DUDLEY-EVANS; ST JOHN, 2005, p. 13)⁵⁷.

⁵⁶ ESP teachers are all too often reluctant dwellers in a strange and uncharted land.

⁵⁷ The students may in many cases, certainly where the course is specifically oriented towards the subject content or work that the students are engaged in, know more about the content that the teacher.

Parece óbvio dizer que um professor precisa saber o conteúdo do material que irá utilizar em sala de aula e, no caso do professor de ESP, é da mesma forma. Hutchinson e Waters (1987) argumentam que não há a necessidade da utilização de textos altamente especializados, pois “o conhecimento linguístico necessário para compreender o texto especializado é pouco diferente daquele necessário para compreender o texto geral” (HUTCHINSON; WATERS, 1987, p. 161)⁵⁸. Nessa perspectiva, os autores argumentam, em consonância com Hüllen (1981), que não é o uso de termos que distingue a língua de especialidade da língua geral, mas, sim, o conhecimento necessário para compreendê-los no discurso.

Assim, o ponto de vista defendido pelos autores é que a seleção de textos/materiais leve em consideração o processo de ensino e aprendizagem como um todo. Isso porque, a escolha de textos altamente técnicos, apesar de poderem ser mais atrativos aos alunos, podem ter um efeito contrário se os professores apresentarem dificuldades durante o seu uso, trazendo, assim, resultados negativos ao processo como um todo (HUTCHINSON; WATERS, 1987). No entanto, acreditamos que a utilização de textos especializados, da área de interesse dos alunos, tem maior potencial de engajá-los do que outros tipos de textos, apesar de exigir mais do professor.

Hutchinson e Waters (1987) afirmam que, nessa área, não há uma ortodoxia e, assim, não há um guia pronto a ser seguido pelos professores.

Os professores de ESP não podem recorrer à linguística e à psicologia na esperança de encontrar respostas prontas e diretas para os problemas que encontrarão. Em vez disso, eles precisam destilar e sintetizar, a partir da gama de opções disponíveis, aquelas que melhor se adaptam às circunstâncias particulares (HUTCHINSON; WATERS, 1987, p. 160)⁵⁹.

No entanto, segundo os autores, para assim proceder, o professor precisa ter mente aberta, dispor de curiosidade e um certo grau de ceticismo. Dessa maneira, ao adentrar em um território de uma área específica do conhecimento, que pode ser

⁵⁸ The linguistic knowledge needed to comprehend the specialist text is little different from that required to comprehend the general text.

⁵⁹ ESP teachers cannot turn to linguistics and psychology in the hope of finding ready-made, straightforward answers to the problems that they will meet. Rather, they need to distil and synthesise, from the range of options available, those which best suit the particular circumstances.

desconhecido ou não, o professor precisa se abastecer do maior nível de conhecimento possível dessa determinada área.

De forma geral, concordamos com Dudley-Evans e St John (2005) quando afirmam que em uma aula de ESP, o professor é alguém que possui conhecimentos sobre práticas comunicativas na língua estudada, mas precisa negociar com os alunos como essas práticas podem ser exploradas de forma mais efetiva para se obter os objetivos propostos. Além disso,

O que pode ser mais crucial para o sucesso de qualquer praticante de ESP é a vontade de aprender com seus próprios alunos [...] Colaborar com os alunos em investigações do discurso disciplinar ou do local de trabalho e até mesmo na avaliação do desempenho do aluno, reconhecendo a expertise do aluno na área de conhecimento, enquanto atua como especialista em linguagem, não apenas sustenta a curva de aprendizado de conhecimento especializado para o instrutor, mas também dá ao aluno um aumento na confiança valiosa sobre o seu papel a desempenhar (BELCHER, 2009, p. 13)⁶⁰.

Em outras palavras, o que Belcher (2009) deixa a entender no excerto anterior é que o professor deve postar-se em nível de igualdade com o aluno. Isso porque, em certos momentos, o aprendiz pode contribuir com conhecimentos que ele pode não ter, pois ele, o professor, é um especialista em linguagem, e não da área em que está lecionando. Em decorrência disso, o próprio aluno passa a sentir a sua importância no processo de ensino e aprendizagem.

Nessa perspectiva, o aluno, sem dúvidas, desempenha um papel de extrema importância em um contexto de ESP. Na sequência, descrevemos as características gerais compartilhadas por alunos em cursos de ESP.

2.3.3 O papel do aluno de ESP

Como visto até aqui, e com base em toda a gama de pesquisadores anteriormente citados, o ESP é uma abordagem de ensino de língua em que todas as decisões, sejam elas relacionadas ao conteúdo, metodologia, materiais etc., são

⁶⁰ What may be most crucial to the success of any ESP practitioner is willingness to learn from and with one's own students [...]. Collaborating with students on investigations of disciplinary or workplace discourse and even on assessment of learner performance, acknowledging the students' content area expertise while serving as the language specialist, not only scaffolds the specialist-knowledge learning curve for the instructor, but also gives the student a valuable confidence-boosting role to play.

tomadas levando-se em consideração as razões pelas quais os alunos buscam aprender o idioma. Dessa maneira, torna-se essencial compreender as características mais gerais de um aluno de ESP.

Antes, porém, vale a pena ressaltar que, assim como o papel do professor em sala de aula foi mudando no decorrer do tempo, o aluno também teve mudanças significativas na forma como é visto e, automaticamente, na sua postura em sala de aula.

Em meados do século XX, por exemplo, quando o Método Audiolingual se tornou predominante, “os alunos são vistos como organismos que podem ser dirigidos por técnicas de treinamento qualificadas para produzir respostas corretas” (RICHARDS; RODGERS, 2001, p. 62)⁶¹. Tendo como base a teoria behaviorista, naquele período, os alunos desempenhavam um papel reativo a estímulos e, assim, não tinham papel ativo no seu processo de aprendizagem.

Durante as décadas de 1960, 1970 e 1980, período da predominância da Abordagem Comunicativa, mesmo momento em que a Abordagem do ESP se desenvolveu e se estruturou, o aluno deixou de ser um ser passivo em sala de aula. Richards e Rodgers (2001), citando Breen e Candlin (1980) dizem que:

O papel de negociador - entre o eu, o processo de aprendizagem e o objeto de aprendizagem - emerge e interage com o papel de negociador conjunto dentro do grupo e nos procedimentos e atividades da sala de aula que o grupo realiza. A implicação para o aluno é que ele deve contribuir tanto quanto ganha e, assim, aprender de forma interdependente (BREEN; CANDLIN, 1980, p. 110 apud RICHARDS; RODGERS, 2001, p. 166)⁶².

Apesar de o excerto anterior se referir ao papel do aluno de forma geral, essa característica descrita, a de negociador, faz-se presente também no aluno de ESP. Isso porque, como mencionado anteriormente, ele é, em muitos casos, mais conhecedor da área de especialidade estudada do que o professor. Assim, os alunos tendem a ter uma atitude mais participativa em sala de aula, usando seu conhecimento

⁶¹ Learners are viewed as organisms that can be directed by skilled training techniques to produce correct responses.

⁶² The role as negotiator – between the self, the learning process, and the object of learning – emerges from and interacts with the role of joint negotiator within the group and within the classroom procedures and activities which the group undertakes. The implication for the learner is that he should contribute as much as he gains, and thereby learn in an interdependent way.

e experiência para contribuir de forma positiva com o grupo de colegas e com o professor.

Ao teorizar a respeito do aluno de ESP, Schleppegrell e Bowman (1986), argumentam que ele tem em seu perfil três aspectos que o diferenciam de estudantes de línguas em geral.

Em primeiro lugar, ele tem propósito e foco para a aprendizagem. Segundo as autoras,

Os alunos bem-sucedidos prestam atenção ao significado da língua que ouvem ou leem e não se concentram principalmente na entrada linguística ou nas estruturas de linguagem isoladas. O aluno de ESP é particularmente bem disposto a se concentrar no significado da área tratada (SCHLEPPEGRELL; BOWMAN, 1986, p. 4)⁶³.

Por isso a importância de se trabalhar com materiais que os alunos achem interessantes e relevantes para os seus objetivos.

Em segundo lugar, Schleppegrell e Bowman (1986) destacam o fato de o aluno de ESP ser um conhecedor da área de especialidade em que o ensino de língua acontece. Assim, esse conhecimento “permite que os alunos identifiquem um contexto real para o vocabulário e as estruturas estudadas na sala de aula ESP” (SCHLEPPEGRELL; BOWMAN, 1986, p. 5)⁶⁴. Nessa perspectiva, o aluno de ESP tira proveito do conhecimento específico que possui sobre a sua área de especialidade para aprender o inglês.

Em terceiro lugar, as autoras destacam o fato de que os alunos de ESP são adultos e, dessa forma, possuem suas estratégias próprias de aprendizagem desenvolvidas ao longo da vida. Dessa forma, “as habilidades que eles já desenvolveram na leitura e escrita em seus idiomas nativos tornarão o aprendizado do inglês mais fácil” (SCHLEPPEGRELL; BOWMAN, 1986, p. 5)⁶⁵. Além do mais, mesmo em língua materna, é característico dos adultos colocar em prática suas estratégias de aprendizado para, por exemplo, expandir seu vocabulário ou se portar em contextos comunicativos diferentes aos que estão habituados. Da mesma

⁶³ Successful learners pay attention to the meaning of the language they hear or read and do not focus primarily on the linguistic input or isolated language structures. The ESP student is particularly well disposed to focus on meaning in the subject-matter field.

⁶⁴ Enables the students to identify a real context for the vocabulary and structures of the ESP classroom.

⁶⁵ The skills they have already developed in reading and writing their native languages will make learning English easier.

maneira, o aluno de ESP tem as suas estratégias de aprendizagem como outro ponto a seu favor no processo de aprendizagem da língua estrangeira.

Considerando os fatos apresentados em relação ao professor, que na maioria das vezes ingressa em uma área em que os alunos têm maior propriedade, concordamos com Belcher (2009) quando afirma que “os alunos são, de fato, provavelmente as fontes mais facilmente disponíveis de conhecimento especializado em qualquer sala de aula de ESP” (BELCHER, 2009, p. 13)⁶⁶. Assim, um fator de grande importância no ambiente de ensino e aprendizagem de ESP é o trabalho colaborativo e de troca de experiências entre alunos de professores.

2.3.4 Os materiais em cursos de ESP

Logo após a realização da análise de necessidades e a elaboração do desenho do curso, é necessário fazer a escolha do material a ser utilizado. Para esse propósito, há três possibilidades: 1) fazer a avaliação de materiais já existentes; 2) elaborar materiais próprios; 3) adaptar materiais já existentes (HUTCHINSON; WATERS, 1987, p. 96). Por materiais podem ser considerados os mais diferentes recursos, como textos e atividades impressas, áudios, vídeos, projeções, internet, entre outros.

Dudley-Evans e St John (2005) descrevem quatro características importantes do papel dos materiais em sala de aula. Primeiro, o material é utilizado como uma “fonte de linguagem”. Segundo os autores, em contextos em que o inglês é uma língua estrangeira, não uma segunda língua, a sala de aula de ESP pode ser o único contato do aluno com a língua estudada. Por isso, “os materiais, então, desempenham um papel crucial ao expor os alunos à linguagem, o que implica que os materiais precisam apresentar uma linguagem real, conforme ela é usada, e toda a gama que os alunos exigem” (DUDLEY-EVANS, 2005, p. 171)⁶⁷. Segundo, o material é tido como “suporte para a aprendizagem”. Para tanto, ele deve fazer o aprendiz refletir sobre o funcionamento e os usos da linguagem. Assim, os autores advertem que os materiais devem estimular os processos cognitivos ante os processos mecânicos, propiciando aos alunos um senso de progressão no aprendizado. Terceiro, o material como uma

⁶⁶ The students are, in fact, probably the most readily available sources of specialist knowledge in any ESP classroom.

⁶⁷ Materials then play a crucial role in exposing learners to the language, which implies that the materials need to present real language, as it is used, and the full range that learners require.

fonte de “estímulo e motivação”. Nesse sentido, Dudley-Evans e St John (2005) argumentam que os materiais precisam ser desafiantes aos alunos, mas, ao mesmo tempo, esses desafios devem ser percebidos como possíveis de serem alcançados. Dessa forma, os materiais precisam “apresentar novas ideias e informações ao mesmo tempo que se baseia nas experiências e conhecimentos dos alunos” (DUDLEY-EVANS, 2005, p. 172)⁶⁸. Quarto, o material é usado como “referência”. De acordo com os autores, devido ao pouco contato que os alunos têm com os conteúdos em sala de aula, devido ao curto tempo disponível, eles necessitam de material de referência para consulta em casa. Assim, “para fins de autoestudo ou referência, os materiais precisam ser completos, bem organizados e autoexplicativos” (DUDLEY-EVANS; ST JOHN, 2005, p. 172)⁶⁹. Além disso, é necessário que os materiais contemplem os diferentes estilos de aprendizagem que os alunos possam apresentar.

Schleppegrell e Bowman (1986) dizem que a seleção de materiais deve levar em consideração a complexidade do conteúdo. Para tanto, deve-se observar: 1) a extensão – textos curtos são, em geral, mais fáceis do que os longos; 2) a complexidade interna – a leitura de textos com períodos simples é mais fácil; 3) a densidade de novas informações – textos que apresentem conteúdos que os alunos são familiarizados facilitam a aprendizagem; 4) a presença de suporte gráfico – textos com figuras, gráficos e outros tipos de suporte gráfico tornam a leitura mais fácil; 5) padrão organizacional – textos que apresentam uma progressão cronológica ou lógica é mais fácil de ser compreendido; 6) grau de abstração – textos que apresentam discussões concretas são mais simples do que aqueles com análises abstratas.

O uso de materiais didáticos são uma forma de suporte fundamental em sala de aula. Há, entretanto, segundo Richards e Rodgers (2001), três tipos principais de materiais: 1) materiais baseados em textos, aos quais são característicos do ensino tradicional, tendo muitas vezes o texto apenas como base para a realização de tarefas como o preenchimento de lacunas, por exemplo; 2) materiais baseados em tarefas, como jogos, simulações situacionais e *role-plays*; 3) materiais autênticos, os quais apresentam conteúdos da vida real, que podem ser conteúdos de revistas, propagandas, mapas, figuras e imagens, entre outros. De acordo com Moreira (2011), “a utilização de materiais diversificados, e cuidadosamente selecionados, ao invés da

⁶⁸ To offer new ideas and information whilst being grounded in the learners' experience and knowledge.

⁶⁹ For self-study or reference purposes, materials need to be complete, well laid out and self-explanatory.

‘centralização’ em livros de texto é também um princípio facilitador da aprendizagem significativa crítica” (MOREIRA, 2011, p. 229).

Em contextos de ESP, o uso de materiais autênticos, da área de interesse dos alunos, é algo imprescindível para que haja engajamento e para que os alunos tenham a possibilidade de interagir e compartilhar os conhecimentos que têm do assunto.

Além da seleção minuciosa de materiais para cada grupo específico de alunos, há também casos em que existe a necessidade de se elaborar um material próprio. Michael Scott, um dos três KELTS do *Brazilian ESP Project*, afirma que

Os professores são geralmente insatisfeitos com os livros didáticos disponíveis a eles. A metodologia é inadequada de uma forma ou outra, a abordagem não leva a sua realidade particular em consideração, os exercícios estão em um nível errado etc. (SCOTT, 1984, p. 3)⁷⁰.

No entanto, Scott retrata a realidade vivida na década de 1980 e, notadamente, nas últimas décadas, houve avanços significativos na elaboração de materiais didáticos.

Dessa forma, a melhor saída para o professor é elaborar um material que atenda às necessidades específicas de seus alunos. Esse material será constituído, preferencialmente, de fontes autênticas e da área de conhecimento de interesse dos alunos.

Assim, essas são algumas considerações importantes em relação à seleção e elaboração de materiais em contextos de ESP.

Neste capítulo tratamos sobre o ESP, partindo de uma apresentação de um ponto de vista histórico até chegar ao período que corresponde à segunda metade do século XX, quando a abordagem de ESP se desenvolveu e se estruturou. Além disso, discorreremos sobre o pioneirismo e a importância do *Brazilian National ESP Project*, tanto para o fortalecimento do ESP no país, assim como o legado deixado para a área do ensino de língua estrangeira de forma geral. Finalmente, apresentamos alguns pontos importantes para a organização de um curso de ESP, destacando a análise de necessidades, o papel do professor, o papel dos alunos e dos materiais de ensino.

⁷⁰ Teachers are generally dissatisfied with the textbooks available to them. The methodology is inadequate in one way or another, the approach does not take their particular ‘realidade’ into account, the exercises are at the wrong level, etc.

3 O ESTUDO DO VOCABULÁRIO ACADÊMICO E SUA APLICAÇÃO NO ENSINO

Começamos este capítulo trazendo definições a respeito do léxico geral das línguas naturais e apresentamos a distinção entre as noções de léxico e vocabulário. Assim, podemos discorrer sobre diferentes tipos de vocabulários que compõem o léxico, a saber: fundamental, ou de alta frequência; de média e baixa frequência. Discorreremos sobre a questão do léxico especializado, discutindo a respeito das características e funções das linguagens de especialidade.

Na sequência, tratamos da Terminologia, o campo do conhecimento que tem o termo como unidade básica de investigação. Iniciamos com um panorama geral sobre o seu surgimento, com destaque ao papel do austríaco Eugen Wüster, com sua Teoria Geral da Terminologia (TGT). Depois disso, refletimos sobre as mudanças de paradigmas ocorridas a partir da década de 1990, que culminaram no estabelecimento de uma nova perspectiva geral de observação sobre os termos, a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), de Maria Teresa Cabré⁷¹. Então, fazemos algumas considerações relacionadas ao ensino de linguagem especializada, com o foco no léxico, em contextos de ESP.

Na última subseção, discorreremos a respeito do papel da Linguística de Corpus para as pesquisas de cunho terminológico. Começamos com uma descrição sobre os primeiros estudos dessa área e sobre as características básicas de um *corpus*. Destacamos a importância das ferramentas computacionais para a coleta e organização de *corpora* para a realização de pesquisas linguísticas. E, finalmente, destacamos alguns estudos que foram conduzidos com o auxílio da metodologia da Linguística de Corpus e que hoje têm grande importância no cenário dos estudos lexicais como, por exemplo, a pesquisa sobre vocabulário acadêmico realizada por Coxhead (2000), em que ela criou a Lista de Palavras Acadêmicas em língua inglesa (*Academic Word List – AWL*).

⁷¹ É importante destacar que existem outras teorias da Terminologia, como a Socioterminologia, a Terminologia Computacional, o Paradigma independente de Riggs (CABRÉ, 2019) etc. Nesta tese, tratamos da TGT por apresentar as bases iniciais da Terminologia, e da TCT por ser a que melhor retrata a maneira como entendemos que a linguagem especializada se manifesta e deve ser observada.

3.1 O LÉXICO GERAL

O léxico representa todo o acervo vocabular de uma língua natural, e está diretamente relacionado à cognição da realidade e ao processo de nomeação da mesma (BIDERMAN, 2001b). O ato de nomear as coisas do mundo, o qual é efetivado por meio de um símbolo ou por um signo verbal, origina os itens constituintes do acervo lexical de cada língua. Em outras palavras, é possível dizer que “a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras e os termos” (BIDERMAN, 2001, p. 157). Ou ainda, pode-se dizer que

O léxico é, numa perspectiva cognitivo-representativa, a codificação da realidade extralinguística interiorizada no saber de uma dada comunidade linguística. Ou, numa perspectiva comunicativa, é o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma comunidade linguística comunicam entre si. Tanto na perspectiva da cognição-representação como a perspectiva comunicativa, trata-se sempre da codificação de um saber partilhado (VILELA, 1997, p. 31).

Além disso, Biderman (2001b) destaca que o léxico pode ser considerado um patrimônio vocabular que se constitui e se desenvolve ao longo da história de uma dada comunidade de fala. Nessa perspectiva, ainda segundo a autora, o conhecimento vocabular de uma comunidade é passado de geração a geração como uma herança abstrata herdada de seus ancestrais, e que retrata o conhecimento acumulado ao longo dos anos, décadas e séculos.

Portanto, o léxico das línguas naturais está relacionado ao conhecimento e à percepção e cognição da realidade, e tem a particularidade de ser o único sistema da língua que é aberto. Por consequência, ele é frequentemente expandido, para poder abarcar os novos conhecimentos derivados da criação humana, como ocorreu, especialmente, nos principais períodos de desenvolvimento técnico e científico da história, como durante a Revolução Industrial e, posteriormente, na Segunda Guerra Mundial, por exemplo. De fato, estes foram momentos marcantes para o crescimento do léxico das línguas naturais de forma geral. Mas, vale-se ressaltar que o crescimento do léxico não se limita a momentos históricos específicos, este é um processo constante e natural. Voltamos a esse assunto na próxima subseção.

Ao tratarmos de léxico, há que se fazer uma distinção importante, que consiste na diferenciação entre léxico e vocabulário. Enquanto o primeiro se refere ao conjunto geral das palavras da língua – ao sistema –, o segundo está relacionado ao conjunto efetivamente utilizado por cada grupo social, por uma comunidade de fala ou em um contexto especializado.

Parece-nos importante, antes de qualquer outra consideração, lembrar o modelo de Charles Müller (1968), a respeito da unidade lexical nos diferentes níveis de atualização da língua: o lexema, ao nível de sistema, caracteriza-se por um perfil semântico-sintático amplo; o vocábulo, no nível das normas discursivas, configura uma restrição semântico-sintática, no âmbito de determinado universo de discurso; em nível de falar concreto, a palavra-ocorrência sofre uma restrição ainda maior (BARBOSA, 1997, p. 22).

Exemplos disso podem ser observados ao analisar-se o vocabulário em uso em diferentes regiões geográficas em um país continental como o Brasil. As palavras *mandioca*, *macaxeira* e *aipim*, por exemplo, são itens lexicais pertencentes ao léxico geral da língua portuguesa, e que se referem ao mesmo referente extralinguístico. No entanto, elas não são utilizadas igualmente no território nacional, porque

O português do Brasil insere-se em uma ampla variação relacionada à dimensão territorial e processos migratórios que marcaram a história da nação. Elementos da linguagem que escapam à norma-padrão são classificados como regionalismos [...] fatos linguísticos que não apenas divergem da norma padrão, mas também são peculiares a cada estado/região do país (SOUSA; LIMA, 2019, p. 66).

Em uma pesquisa sobre a diversidade da fala do Brasil, conduzida pelo Departamento de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Lavras (DEL/UFLA), e que faz parte do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), que conta com a participação de diversas universidades brasileiras, os pesquisadores investigaram o uso desses três itens lexicais. Vejamos no excerto seguinte, uma parte dos resultados encontrados na referida pesquisa:

No caso da variação vocabular da mandioca, resultados preliminares já apontaram, por exemplo, que o termo *aipim* volta a ser usado no litoral sul de São Paulo, litoral do Paraná, parte de Santa Catarina e se espalha no Rio Grande do Sul. Encontramos o uso da palavra

aipim, principalmente, no feixe leste do território nacional. Mandioca é falado mais em Minas Gerais, São Paulo, no norte do Paraná, regiões Norte e Centro-oeste [...]. No Nordeste sobressai o uso da expressão macaxeira (DIAS, 2020, n.p.).

O repertório vocabular em uso pode variar de acordo com a região geográfica, faixa etária dos falantes, classe social, nível de formalidade ou informalidade, entre outros.

Este entendimento é crucial para os contextos de ensino de línguas, tanto em língua materna quanto em língua estrangeira, especialmente ao que se refere ao ensino do léxico. Isso porque a percepção em relação ao tipo de vocabulário presente em cada situação, ou que é o objetivo de aprendizagem dos alunos, é fundamental tanto no momento de estruturação dos currículos quanto na seleção dos materiais didáticos a serem utilizados.

Além disso, outro aspecto relevante relacionado ao ensino do léxico é apontado por Biderman (1996) quando fala sobre pesquisas de cunho estatístico realizadas a partir dos anos 1960. Segundo a autora, os resultados desses trabalhos mostraram a existência de um núcleo lexical que seria comum a todos os falantes de uma determinada língua. De acordo com ela,

Os dicionários de frequência das línguas românicas [...] mostraram que, nas cinco línguas (espanhol, português, francês, italiano e romeno), cerca de 80% de qualquer texto são constituídos pelas 500 palavras mais frequentes da língua, incluindo-se aí um conjunto de palavras de valor semântico muito geral e a totalidade das palavras gramaticais dessas línguas (BIDERMAN, 1996, p. 28).

Em língua inglesa, na qual estima-se que um falante nativo saiba aproximadamente 22 mil palavras, Michel West publicou, em 1953, uma lista contendo as 2.000 palavras mais frequentes desse idioma. A chamada Lista de Serviço Geral (*General Service List* – GSL) foi resultante de uma pesquisa de mais de vinte anos, realizada em um período pré-computador, e foi baseada em um *corpus* de aproximadamente cinco milhões de palavras.

O GSL evidenciou que as 2.000 palavras mais frequentes do inglês cobriam aproximadamente 84% das palavras dos textos naquela língua. Porém, apesar de ter sido usada como referência de vocabulário básico por décadas, a GSL passou a receber muitas críticas devido ao caráter limitado do *corpus* utilizado, por ser uma referência vocabular que não é atual e, também, por não definir claramente o que

considera uma “palavra” (LAUGHRAN, 2018). Assim, com o intuito de resolver os problemas apontados,

Foi criada uma Nova Lista de Serviços Gerais (NGSL) que é baseada em uma subseção cuidadosamente selecionada de 273 milhões de palavras do Corpus do Inglês de Cambridge (CEC) de 1,6 bilhão de palavras, anteriormente conhecido como Corpus Internacional de Cambridge (LAUGHRAN, 2018, n.p.)⁷².

Trata-se, portanto, de uma lista de palavras elaborada a partir de um *corpus* consideravelmente maior e muito mais atualizado, que apresenta um total de 2.368 palavras e dá a cobertura de 90.34% das palavras de um texto em inglês (LAUGHRAN, 2018).

No entanto, Hoffmann (2015) adverte que, apesar de ser comprovado que exista um núcleo lexical comum nas línguas, há diferenças qualitativas e quantitativas visíveis nos usos individuais desse núcleo; e afirma ainda que as diferenças são maiores que as igualdades.

De acordo com Nation (2013), em estudos baseados em frequência, é possível destacar três tipos de vocabulário. O primeiro é composto pelas palavras de alta frequência, como as apresentadas nos dicionários de frequência das línguas românicas citadas anteriormente. Em inglês, como vimos, a referência principal de vocabulário fundamental são as 2.000 palavras do GSL de West (1953). Nesta lista são encontradas as palavras gramaticais, como artigos e conjunções, verbos, advérbios e as palavras mais comuns da língua como, por exemplo: *in, the, of, forest* e *government*.

O segundo tipo de vocabulário é composto pelas palavras de frequência média. Nation (2013) diz que existem entre seis e sete mil palavras nesta categoria, e elas estão entre as 3.000 e 9.000 palavras mais frequentes do inglês. São exemplos de palavras de frequência média *zoned, pioneering, aired* e *pastoral*. O autor explica que:

As palavras de frequência média são diferenciadas das palavras de baixa frequência porque, juntas com as palavras de alta frequência, elas representam a quantidade de vocabulário necessária para lidar

⁷² There was a creation of a New General Service List (NGSL) that is based on a carefully selected 273-million-word subsection of the 1.6-billion-word Cambridge English Corpus (CEC) formerly known as the Cambridge International Corpus.

com o inglês sem a necessidade de suporte externo (NATION, 2013, p. 18)⁷³.

O terceiro tipo de vocabulário é formado pelas palavras de baixa frequência. De acordo com Nation (2013), elas estão além das 9.000 palavras mais frequentes da língua inglesa, e representam cerca de 1% das palavras de um texto. O autor cita como exemplo *perpetuity*, *overgraze* e *podocarp*. Esta categoria é formada por palavras que são raramente utilizadas na língua e termos de diversas áreas, que formam os vocabulários especializados, assunto da próxima subseção.

3.2 O LÉXICO ESPECIALIZADO

Com o grande crescimento técnico e científico, especialmente a partir da década de 1940 com o final da segunda grande guerra, novas subdivisões das áreas do conhecimento já existentes e outras completamente novas fizeram com que as linguagens especializadas tivessem um grande impulso. Dessa forma,

[...] ocorreu nas linguagens técnicas uma forte expansão do vocabulário no sentido terminológico [...]. Em virtude da Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945) e posterior reconstrução e recomeço, ocorreram na vida das pessoas, especialmente no âmbito profissional, profundas transformações, cujos traços se refletem na linguagem, sobretudo nas linguagens especializadas” (HOFFMANN, 2015, p. 23-24).

Pensemos, por exemplo, na comunicação nos contextos da aviação, das telecomunicações, das diversas engenharias, da biomedicina, entre muitas outras áreas de especialidades que tem se desenvolvido e se consolidado desde o século passado.

Hoffmann (2015) reflete a respeito dessas transformações citando palavras-chave da Ciência, Cultura e Ensino, palavras essas que por si próprias já demonstram a expansão linguística de ordem lexical do período:

Citemos aqui apenas as palavras-chave: energia nuclear, astronáutica, cálculo, pesquisa genética, telecomunicações e meio ambiente ou, em contextos mais específicos: semicondutor,

⁷³ The mid-frequency words are distinguished from the low-frequency words because together with the high-frequency words, they represent the amount of vocabulary needed to deal with English without the need for outside support.

microprocessador, laser, fibra de vidro, polimerização, tau e neutrino, buraco na camada de ozônio, CD-ROM e o surgimento de novas disciplinas científicas, tais como cibernética, informática e sinérgica. No âmbito da cultura, num sentido mais restrito, ganharam influência o filme colorido, o rock, a arte performática; no sentido mais amplo, turismo, parque de diversões e supermercados (HOFFMANN, 2015, p. 25).

Assim, torna-se evidente que o aumento das áreas de especialidades resultou no crescimento do vocabulário especializado, que passou a ter um papel essencial na comunicação intra e interespecialidade, assim como na comunicação extraespecialidade (HOFFMANN, 2015).

A linguagem pode ser considerada como um mecanismo da língua, pois os falantes a utilizam de acordo com as mais variadas situações e com fins e intenções específicas em cada contexto. Sendo assim, ela “passa a ser encarada como forma de ação, ação sobre o mundo dotada de intencionalidade, veiculadora de ideologia, caracterizando-se, portanto, pela argumentatividade” (KOCH, 1996, p. 17).

Em certas instâncias, ela pode ser um artifício inclusive de demarcação de poder, e com as linguagens de especialidades não é diferente. Neste sentido, “o emprego de linguagens especializadas (e também o uso de termos especializados) fora da especialidade, ou seja, para com leigos, é feita para criar autoridade, prestígio social ou também dominância social” (FINATTO; ZILIO, 2015, p. 80).

Isso pode acontecer em um contexto em que a linguagem de especialidade é natural, mas em que seus limites são extrapolados. Um exemplo disso pode ser observado na linguagem do contexto jurídico, em que os excessos de formalidades de advogados podem resultar na incompreensão clara dos textos dos autos, tanto pelas partes envolvidas nos processos, pelos serventuários da justiça, ou até mesmo pelo advogado da parte contrária (CAETANO *et al*, 2015).

É evidente que este é um contexto de uso da linguagem em que o poder de argumentação e persuasão é fundamental. No entanto, os autores dizem que existem certos ruídos na comunicação, seja na forma escrita ou oral, que não permitem aos cidadãos o direito constitucional de acesso à justiça.

É importante destacar que a Constituição Federal defere ao cidadão direitos que se mostram ineficazes porque o instrumento que deve promovê-los não o faz. É o que acontece quando a comunicação é falha e o cidadão encontra dificuldades para exercer a cidadania (CAETANO *et al*, 2015, p. 98).

Assim, Caetano *et al* (2015) lembram que o estilo da linguagem em contextos jurídicos deve servir como auxiliador para a compreensão da lei, com o intuito final de facilitar o processo, e não o contrário. E, o que nos interessa observar aqui, é que no centro de tudo estão as escolhas lexicais feitas pelos advogados. Quanto mais especializados os itens lexicais utilizados, mais se limita o público capaz de compreendê-los.

Hoffmann (2015) busca esclarecer as diferenças básicas entre linguagem comum e linguagem especializada. Segundo ele, na primeira estão aqueles meios linguísticos que são disponíveis a todos os membros de uma comunidade, e que permitem a comunicação e compreensão mútua. Por outro lado,

As linguagens especializadas são observadas a partir de uma visão sociolinguística da comunicação entre grupos de pessoas mais ou menos fechados (ou elitistas), e marca uma competência linguística especial. Dessa comparação unilateral e simplificada, surge a relação entre comum e especializado juntamente com a denominação linguagens especializadas (HOFFMANN, 2015, p. 89, grifos do autor).

Assim, o autor destaca que as linguagens de especialidades podem ser observadas

[...] no nível do léxico, ou seja, no vocabulário especializado ou terminologia, e na utilização de determinadas classes gramaticais, construções sintáticas e estruturas textuais; existem certas especificidades acerca das palavras, sua grafia e sua pronúncia, assim como no que diz respeito aos símbolos gráficos (HOFFMANN, 2015, p. 91).

Nesta perspectiva, é possível perceber que “a distinção das linguagens especializadas não se dá apenas pelo léxico [...]. O que distingue as linguagens especializadas é o conjunto de meios linguísticos utilizados” (FINATTO; ZILIO, 2015, p. 86).

Também, elas são inúmeras, tornando-se impossível apontar com exatidão o número de linguagens desse tipo, pois elas são tão vastas quanto as áreas de especialidades existentes no mundo.

No que concerne aos textos, a princípio, é possível considerar todas as palavras presentes em um texto de uma área específica do conhecimento como “vocabulário especializado”, pois todas elas contribuem de uma forma ou outra para a

comunicação no contexto daquele campo do conhecimento particular. Mas, em uma perspectiva mais restrita, podemos considerar vocabulário especializado como um subsistema do léxico geral da língua, que pode até mesmo conter palavras do léxico comum, mas com traços semânticos específicos do contexto em que está empregado (FINATTO; ZILIO, 2015).

Para Hoffmann (2015), se utilizarmos uma delimitação bem restrita, podemos considerar vocabulário e terminologia como sinônimos. Entretanto, dentro de um vocabulário especializado é possível de se identificar diferentes tipos de palavras e expressões, termos, semitermos e jargões.

Somente são reconhecidas como termos as palavras cujo conteúdo é determinado por definições e que, como elementos de um sistema de termos, representam linguisticamente os elementos de um sistema de conceitos especializados. Além dos termos, existem semitermos não definidos, que representam significante e significado suficientemente bem definidos, e jargões, que não tem nenhuma intenção de serem precisos (HOFFMANN, 2015, p. 95)

Em contextos de ensino, especialmente no Ensino Superior, o léxico especializado desempenha um papel determinante para o êxito dos estudantes. Para otimizar o aprendizado vocabular, Nation (2013) diz que “pode haver atalhos que os alunos podem tomar, concentrando-se no vocabulário que é particularmente importante nesses textos” (NATION, 2013, p. 19)⁷⁴.

De acordo com este autor, na literatura o vocabulário desse contexto é conhecido por diversas formas, entre elas “vocabulário geral útil da ciência”, “vocabulário subtécnico”, “vocabulário semitécnico”, “léxico especializado não técnico” e, o adotado por ele e, também, por nós, “vocabulário acadêmico”.

De forma geral, o vocabulário presente em textos acadêmicos é subdividido em três níveis. O primeiro, é composto por palavras do vocabulário fundamental da língua. O segundo, é formado por um vocabulário acadêmico, onde estão palavras que são relativamente comuns em textos acadêmicos, mas não tão comuns na linguagem comum. Em outras palavras, pode-se dizer que se trata de “itens lexicais que ocorrem com frequência e uniformemente em uma ampla variedade de material acadêmico” (COXHEAD, 2000, p. 218). São exemplos dessa categoria *policy*, *phase*, *adjusted*,

⁷⁴ There may be shortcuts that learners can take by focusing on the vocabulary which is particularly important in such texts.

sustained, accumulate, compound e proportion e, geralmente, elas cobrem cerca de nove por cento do total de palavras de um texto (NATION, 2013).

O terceiro nível, o qual é o nosso objeto de estudo, é composto por palavras técnicas da área de especialidade em questão, ou de outras áreas (NATION, 2013).

O vocabulário técnico consiste em palavras intimamente relacionadas ao conteúdo de uma disciplina específica. Normalmente, essa relação íntima de significado resulta em palavras frequentes nessa disciplina ou exclusivas dessa disciplina. Palavras que também ocorrem em outras disciplinas não precisam ter um significado técnico restrito em uma disciplina específica, mas frequentemente têm (NATION, 2013, p. 303-304)⁷⁵.

Apesar de a divisão apresentada ser amplamente aceita entre os pesquisadores da área, Nation (2013) reconhece que na composição dos textos acadêmicos também existe a presença de palavras de média e baixa frequência, como pode ser visto no excerto a seguir:

O vocabulário técnico pode vir de qualquer um dos três níveis de vocabulário. Algumas palavras de alta frequência podem ser vocabulário técnico em certas disciplinas. Por exemplo, *braço, perna e pescoço* são palavras técnicas no campo da anatomia. *Linguagem, palavra e compreender* são palavras técnicas em linguística aplicada (NATION, 2013, p. 304)⁷⁶.

Assim, evidencia-se que tanto o vocabulário acadêmico quanto o técnico fazem parte da linguagem acadêmica de forma geral, e que esta também é considerada como uma linguagem especializada, pois ela “precisa ser capaz de transmitir o abstrato, o técnico, ideias e fenômenos diferenciados que não são normalmente examinados em ambientes caracterizados por conversa social e/ou casual” (NAGY; TOWNSEND, 2012, p. 92)⁷⁷.

Entretanto, Snow (2010) lembra que definir o que pertence a um determinado tipo de linguagem, acadêmica ou comum, às vezes pode ser uma tarefa difícil, pois,

⁷⁵ Technical vocabulary consists of words that are closely related to the content of a particular discipline. Typically this close meaning relationship results in the words being frequent within that discipline or being unique to that discipline. Words which also occur in other disciplines need not have a narrow technical meaning in a particular discipline but frequently they do.

⁷⁶ Technical vocabulary can come from any of the three vocabulary levels. Some high-frequency words can be technical vocabulary in certain disciplines. For example, *arm, leg* and *neck* are technical words in the field of anatomy. *Language, word* and *comprehend* are technical words in applied linguistics.

⁷⁷ It needs to be able to convey abstract, technical, and nuanced ideas and phenomena that are not typically examined in settings that are characterized by social and/or casual conversation.

Não há um limite exato ao definir a linguagem acadêmica; ela cai em direção a uma extremidade de um continuum (definido por formalidade de tom, complexidade de conteúdo e grau de impessoalidade de postura), com a linguagem informal, casual e coloquial no outro extremo (SNOW, 2010, p. 450).

Gablasova (2014) diz que a aprendizagem de vocabulário especializado em contextos acadêmicos têm um forte impacto no desenvolvimento dos estudantes, pois “estudar uma matéria acadêmica é um processo no qual o conhecimento dos alunos de um determinado campo é ampliado ou aprofundado enquanto eles adquirem simultaneamente palavras para os novos conceitos que aprendem” (GABLASOVA, 2014, p. 976)⁷⁸.

Como a questão do vocabulário acadêmico é central para esta pesquisa, tratamos de tema de forma mais aprofundada na seção 3.3, em que discutimos a respeito de algumas pesquisas baseadas em corpora realizadas nas últimas décadas e que são tidas como referências quando se fala em vocabulário acadêmico.

Assim, nesta subseção, discorreremos a respeito do léxico geral, trazendo algumas considerações sobre a noção de vocabulário geral e vocabulário fundamental. Também, discutimos sobre o léxico especializado e a sua importância para a comunicação em contextos específicos e no ensino de línguas. Na sequência, nossa atenção recai sobre a Terminologia e o Ensino.

3.3 TERMINOLOGIA E ENSINO

Nesta subseção, discorreremos sobre os primeiros passos da Terminologia como o campo de estudos que tem o termo como unidade de investigação, destacando suas principais características. Para tanto, discorreremos sobre duas das principais abordagens adotadas desde o seu surgimento, representadas pela TGT e pela TCT. Na sequência, refletimos a respeito do ensino de linguagens especializadas, tendo como foco principal o ensino do léxico.

⁷⁸ Studying an academic subject is a process in which the students' knowledge of a certain field is broadened or deepened while they simultaneously acquire words for the new concepts they learn.

3.3.1 Principais pressupostos teóricos da Terminologia

A Terminologia é um dos três principais ramos das ciências do léxico, e é a responsável pelo estudo do léxico especializado. Por consequência, ela não trata da linguagem utilizada em situações cotidianas de fala, mas, sim, da linguagem de áreas específicas, “seus termos, relações entre eles, bem como os respectivos conceitos” (ZANETTE, 2010, p. 65). Ela pode ser descrita sob duas perspectivas principais:

a) o conjunto dos signos especializados que utiliza uma área do conhecimento (por exemplo, terminologia da química, da botânica, da psicanálise, da linguística) ou da atividade humana conhecedora de certa classe de trabalho (por exemplo, terminologia da agricultura, da confecção de vestuário, do manuseio de uma serraria) e b) o estudo linguístico (científico) desses signos especializados (LARA, 2007, p. 341).

Ao observar o histórico da Terminologia, podemos perceber que a utilização de glossários de palavras de um campo específico do conhecimento não é algo recente, mas remonta ao período antes de Cristo, quando ainda não era batizada de Terminologia. Desde então, ela tem se desenvolvido como uma forma de organizar, apresentar e, sobretudo, estudar termos de áreas específicas do conhecimento.

Com o passar dos séculos, as listas de palavras, que *a priori* eram elaboradas sem muitas preocupações teórico-metodológicas passaram a ser consideradas insuficientes pela falta de cientificidade apresentada. Percebeu-se, então, que “era necessário refletir sobre o modo como elas eram elaboradas, sobre seu conteúdo, sobre como exprimiam os termos e os conceitos dos mais variados campos do conhecimento, nas mais variadas línguas” (ZANETTE, 2010, p. 65).

O interesse inicial pela Terminologia se deu entre os séculos XVIII e XIX, por meio de uma perspectiva prática, uma vez que se buscava resolver os ruídos da comunicação que proliferaram a partir do surgimento de diversas novas áreas e subáreas do conhecimento (CABRÉ, 1993).

O século XVIII, especialmente, foi o período em que se deu o estabelecimento das nomenclaturas técnico-científicas que, de forma geral, eram criadas a partir de componentes latinos e gregos. Foi o momento em que foram cunhados os “termos científicos, desenvolvidos particularmente no campo das ciências taxionômicas a exemplo da Botânica, da Zoologia, da Química entre outras” (KRIEGER; FINATTO,

2020, p. 25). De acordo com essas autoras, além do surgimento dessas linguagens, naquela época, estavam no centro das atenções as propriedades e as particularidades dos termos cunhados para cada área do conhecimento. Isso se deu devido à internacionalização das ciências que aconteceu naquele período e que demandava certa univocidade na comunicação técnico-científica (KRIEGER; FINATTO, 2020). Assim, “começa a manifestar-se de forma sistemática a necessidade dos cientistas de dispor de regras de formação de termos para cada disciplina” (CABRÉ, 2003, n.p.)⁷⁹.

No entanto, foi no período de grande expansão e desenvolvimento técnico e científico dos meados do século XX que se deu sistematização e reconhecimento da Terminologia como uma ciência (CABRÉ, 2005). Na medida em que as terminologias dos diferentes campos já se apresentavam de forma relativamente organizadas, as questões teóricas, tais como a natureza dos termos, passaram a ser também consideradas e a fazer parte das preocupações dos estudiosos da área (CABRÉ, 1993).

Assim, como destaca Cabré, “pode-se dizer que a teoria terminológica nasce e se desenvolve, ainda hoje, ligada à prática, a uma prática que por sua vez está vinculada à resolução de problemas linguísticos de comunicação” (CABRÉ, 1993, n.p.)⁸⁰.

O grande responsável pelo reconhecimento da Terminologia enquanto ciência foi o austríaco Eugen Wüster. Ele é considerado o fundador da Terminologia moderna e o principal representante da chamada Escola de Viena. Foi ele quem advogou a favor da elaboração de dicionários especializados que pudessem auxiliar na comunicação unívoca entre os profissionais de diferentes países em um período de forte expansão da técnica e da tecnologia.

Wüster defendia que o trabalho deveria ser realizado sob uma perspectiva onomasiológica, isto é, quando o ponto de partida são os conceitos. Para tanto, ele propôs que especialistas das áreas específicas realizassem o trabalho, pois estes tinham conhecimento necessário para determinar quais seriam os termos mais adequados para cada contexto.

⁷⁹ Empieza a manifestarse de forma sistemática la necesidad de los científicos de disponer de reglas de formación de términos para cada disciplina.

⁸⁰ Puede decirse que la teoría terminológica nace y se desarrolla, todavía hoy, ligada a la práctica, a una práctica que a su vez está vinculada a la resolución de problemas lingüísticos de comunicación.

Se o trabalho terminológico deveria partir da estruturação de conceitos e atribuir a cada conceito uma denominação de referência, este trabalho só poderia ser realizado por especialistas das respectivas matérias, porque só eles tinham este conhecimento (CABRÉ, 1993, n.p.)⁸¹.

Assim, o autor buscava a compilação de formas normalizadas para cada conceito e, por consequência, os procedimentos por ele adotados serviram de base para a sua teoria, a Teoria Geral da Terminologia (TGT).

O desenvolvimento teórico, caracterizado pela sistematicidade e coerência decorrentes das pesquisas de Wüster fizeram com que a Terminologia assumisse um papel central no estudo da linguagem especializada. Ele considerava a língua científica e técnica como a “língua em uso” oposta à “língua literária”. Com o objetivo de eliminar a ambiguidade da linguagem técnica e transformá-la em um instrumento eficaz, ele propôs um método que acabou tornando-se imprescindível na tecnologia: a normalização (ALMEIDA, 2003, p. 214).

Naquele momento, de modo geral e em primeiro plano, os precursores da Terminologia, entre os quais está Wüster,

[...] preocupavam-se em estabelecer orientações metodológicas para o tratamento das unidades terminológicas com base no princípio de que os termos são denominações de conceitos. Consequentemente, os elementos essenciais da comunicação profissional são os conceitos e os signos associados a esses conceitos, cuja precisão deve ser assegurada por meio de léxicos padronizados (KRIEGER; FINATTO, 2020, p. 31.)

No entanto, a partir da década de 1990, a TGT, como estabelecida por Eugen Wüster, começou a ser questionada como base teórica-metodológica para pesquisas e elaboração de trabalhos terminológicos (ALMEIDA, 2006). Um dos argumentos dos críticos da TGT é que, por possuir um caráter prescritivo, ela levaria ao apagamento dos aspectos comunicativos e pragmáticos dos termos (KRIEGER; FINATTO, 2020).

É nesse contexto que emerge a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), que passa a tratar o termo sobre uma perspectiva descritiva, considerando-o como um componente da linguagem e, assim, admitindo que ele pode apresentar nuances

⁸¹ Si el trabajo terminológico debía partir de una estructuración de conceptos y atribuir a cada uno de ellos una denominación de referencia, este trabajo solo podían realizarlo los especialistas de las respectivas materias, porque sólo ellos poseían este conocimiento.

de sentidos, ser polissêmico e/ou apresentar outras características típicas de outros itens lexicais que formam o léxico geral das línguas naturais.

Na perspectiva da TCT, os termos não são vistos como unidades isoladas que fazem parte de um sistema próprio e particular. Ao contrário, eles são vistos como itens lexicais que são incorporados ao léxico geral de um falante na medida em que ele adquire conhecimento especializado em sua área de atuação (CABRÉ, 2005b).

Trata-se de fundamentos epistemológicos distintos, uma vez que a TGT possuía propósitos normalizadores e a TCT busca a compreensão dos aspectos comunicativos das linguagens especializadas. Sob essa ótica, as unidades lexicais podem ser consideradas termos ou não, a depender do contexto e da situação em que são usadas (KRIEGER; FINATTO, 2020).

Assim sendo, um projeto terminológico vinculado à TCT deve apresentar os seguintes pressupostos gerais:

- a) o objeto central da Terminologia são as unidades terminológicas e não os conceitos. Eleger as unidades como objeto central significa reforçar uma perspectiva linguística e uma abordagem semasiológica;
- b) não há uma diferença a priori entre termo e palavra, o que há são signos linguísticos que podem realizar-se no discurso como termo ou palavra dependendo da situação comunicativa;
- c) os níveis lexical, morfológico, sintático e textual podem veicular conhecimento especializado;
- d) os termos devem ser observados no seu ambiente natural de ocorrência, ou seja, nos discursos especializados;
- e) a variação conceitual e denominativa deve ser considerada;
- f) do ponto de vista cognitivo, as unidades terminológicas: i) estão subordinadas a um contexto temático; ii) ocupam um lugar preciso num mapa conceitual; iii) o seu significado específico é determinado pelo lugar que ocupam nesse mapa (ALMEIDA, 2006, p. 86).

É inegável que a TGT é uma teoria válida aos estudos da comunicação estandardizada, no entanto, a TCT trouxe avanços consideráveis para os estudos terminológicos devido a sua flexibilização teórica e prática. Essa característica é de suma importância na descrição da linguagem especializada, pois, em consonância com Almeida, acreditamos

[...] ser impossível controlar o falante e a sua linguagem, mesmo em situações especializadas, postulamos que somente flexibilizando a teoria e a prática terminológicas poderemos dar conta de descrever a realidade das terminologias especializadas tais como elas se

apresentam, ou seja, com toda a diversidade inerente a qualquer registro de linguagem, incluso as comunicações especializadas (ALMEIDA, 2003, p. 218).

Ao considerarmos que o termo é um item lexical constituinte da língua, e não um item de um subconjunto à parte, consideramos que ele possui as mesmas características dos outros itens lexicais que compõem a língua, podendo, por exemplo, apresentar variação e polissemia.

Portanto, sob a perspectiva da TCT, os termos são descritos a partir de todo o seu dinamismo e complexidade, reconhecendo, inclusive, a polissemia que existe nos discursos técnicos e científicos (KRIEGER; FINATTO, 2020).

Na sequência, destacamos pontos importantes relacionados ao ensino de linguagens de especialidades em contextos de ESP.

3.3.2. O ensino da linguagem acadêmica

Para ensinar uma linguagem de especialidade para grupos de Ensino de Inglês para Fins Acadêmicos (EAP), ou mesmo de língua materna, é necessário ter clareza sobre o seu real significado e suas características.

Apresentamos anteriormente alguns de seus aspectos principais, que podem ser resumidos pela seguinte definição: “linguagem especializada – é a totalidade dos meios linguísticos que são utilizados em uma área da comunicação, delimitável por sua especialidade, para que se garanta compreensão entre os indivíduos ativos nesta área” (HOFFMANN, 1987, p. 53).

Assim, é necessário que um professor conheça quais são esses meios linguísticos e como eles se manifestam na comunicação da área de especialidade em questão e, como ressalta Belcher (2009), é preciso que haja um comprometimento com as necessidades específicas dos estudantes.

Considerando as linguagens de especialidade como partes integrantes da língua geral, podemos dizer que elas

[...] contêm três componentes principais: (1) um componente pragmático (organized part of the real world; Science subfield); (2) um componente semântico (lexical and semantic restrictions); e (3) um componente sintático (restricted grammar), sendo que o primeiro determina os outros dois. O termo *scientific subfield* destaca a área da comunicação que fica no centro de interesse da pesquisa de

linguagens especializadas (FINATTO; ZILIO, 2015, p. 79, grifos dos autores).

Em outras palavras, os autores destacam que por essência, as linguagens de especialidades: (1) estão inseridas em uma área ou subárea do conhecimento com usos linguísticos determinados; (2) apresentam itens lexicais que possuem significados específicos daquela área; (3) possuem estruturas linguísticas típicas daqueles contextos.

A linguagem científica, por exemplo, é caracterizada por ser objetiva, clara e sem ambiguidades. É geralmente formada por frases impessoais e descreve um pensamento lógico. De forma geral, não se observa o uso de metáforas, humor ou outros tipos de conotações.

O inglês para Ciência(s) envolve um vocabulário especial, que muitas vezes significa um grande conjunto de palavras de origem latina ou grega, mas o desenvolvimento das ciências e novas descobertas impõem a renovação ou enriquecimento contínuo desse vocabulário científico. Há também uma gramática "específica para a ciência": isso significa que a linguagem da ciência prefere expressões muito precisas e inequívocas, o que leva a uma maior taxa de expressões repetitivas, ao uso frequente de pronomes relativos (*qual, quais, os quais*) ou adverbiais. Ligar palavras que expressam contradição, explicação e conclusão são inevitáveis. Tais palavras de ligação são as conjunções (*e, apesar, embora, desde, enquanto*), preposições (*apesar, durante*) ou advérbios (*normalmente, entretanto, em primeiro lugar, em segundo lugar*) (NAGY, 2014, p. 265)⁸².

Assim, parece bastante claro que o domínio da linguagem acadêmica é um requisito essencial para o sucesso na realização das atividades corriqueiras do contexto do Ensino Superior, como a leitura de livros didáticos e artigos acadêmicos, por exemplo. Dessa maneira, é plausível afirmar que "a falta de compreensão da linguagem acadêmica desses textos pode ser um sério obstáculo no seu acesso às

⁸² English for Science(s) involves a special vocabulary, which often means a large set of words of Latin or Greek origin, but the development of sciences and new discoveries impose the continuous renewal or enrichment of this scientific vocabulary. There is also a "science-specific" grammar: this means that the language of science prefers very accurate and unambiguous expressions, which leads to a higher rate of repetitive expressions, to the frequent use of relative pronouns (which, that, of which) or adverbials. Linking words that express contradiction, explanation, and conclusion are unavoidable. Such linking words are the conjunctions (and, although, though, since, as), prepositions (despite, during) or adverbs (usually, meanwhile, firstly, secondly).

informações” (SNOW; UCCELLI, 2009, p. 112)⁸³, e conseqüentemente no sucesso acadêmico.

Em consonância com Halliday (1993), Snow e Uccelli (2009) lembram que, assim como o que acontece com o inglês britânico, e podemos dizer com todas as outras línguas, não há uma única linguagem acadêmica, mas, sim, uma grande quantidade de variedades que apresentam características semelhantes. Além disso, “a linguagem acadêmica está continuamente evoluindo à medida que as próprias ciências, disciplinas e subdisciplinas evoluem” (SNOW; UCCELLI, 2009, p. 114)⁸⁴, seguindo o processo natural de crescimento lexical das línguas.

Hayland e Tse (2007) lembram que, apesar do vocabulário técnico ser fundamental para estudantes de áreas específicas do conhecimento, o vocabulário acadêmico desempenha um papel fundamental de suporte naquele contexto de ensino e, trata-se de palavras que geralmente o professor não explica.

Assim, em consonância com Nation (2013), concordamos que o estudo do vocabulário acadêmico é uma boa estratégia para que estudantes universitários consigam desenvolver sua capacidade de leitura de artigos acadêmicos em língua inglesa e, conseqüentemente, ter acesso ao conhecimento produzido em suas áreas de estudos.

Na próxima seção, discorreremos a respeito da importância da Linguística de Corpus para as pesquisas terminológicas.

3.4 AS CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA DE CORPUS NA INVESTIGAÇÃO SOBRE VOCABULÁRIOS ESPECIALIZADOS

Nesta subseção, voltamos nossa atenção para o importante papel que a Linguística de Corpus tem, especialmente com suas ferramentas computacionais de análise léxica, nas pesquisas de ordem lexical. Iniciamos apresentando suas principais características e, na sequência, discorreremos a respeito da AWL (COXHEAD, 2000).

⁸³ Failure to understand the academic language of those texts can be a serious obstacle in their accessing information.

⁸⁴ the academic language is continually evolving as sciences, disciplines, and subdisciplines themselves evolve.

3.4.1 Linguística de Corpus: algumas características

Com o surgimento da Lexicologia, as investigações sobre o componente lexical das línguas ganharam novos métodos e outras abordagens, que fizeram com que esse tipo de estudos tivesse grande desenvolvimento, principalmente a partir da metade do século passado. A Linguística de Corpus é uma das áreas que têm contribuído consideravelmente neste sentido, pois ela

Ocupa-se da coleta e exploração de corpora, ou conjuntos de dados linguísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem através de evidências empíricas, extraídas por meio de computador. (BERBER SARDINHA, 2000a, p. 325).

A partir da década de 1960, com a invenção e popularização do computador, as pesquisas linguísticas baseadas em *corpora* passaram a ter ainda mais destaque no cenário das pesquisas linguísticas de ordem lexical. Isso porque o auxílio da máquina passou a possibilitar a compilação e análise de *corpora* compostos por dezenas de milhões de palavras e, conseqüentemente, possibilitou o trabalho com tarefas muito mais complexas, contando com uma precisão que a observação humana não dispunha anteriormente.

Antes da popularização dos computadores e dos recursos informáticos, o trabalho terminográfico era todo realizado manualmente, desde a identificação dos termos, feita a partir de sua marcação em fotocópias dos textos que serviam de fonte, até as fichas terminológicas, corrigidas e complementadas à mão (BEVILACQUA, 2013, p. 16).

Uma das principais críticas que existia em relação à metodologia empregada pela Linguística de Corpus pré-computador era exatamente sobre uma possível, e provável, falta de precisão, devido ao fato de se trabalhar manualmente com um número muito grande de dados.

Ao citar Almeida, Aloísio e Oliveira (2007), Bevilacqua (2013) acrescenta ainda outros problemas como a questão do dispêndio de tempo; e o fato de que, devido ao trabalho ser realizado manualmente, inviabilizava-se o critério da frequência para a seleção de termos que se tornariam verbetes de dicionários, optando-se, assim, pelo

critério semântico. Além disso, apesar da importância do acesso aos contextos de uso para a elaboração de definições, era impossível armazenar contextos relevantes sobre cada termo selecionado.

No entanto, mesmo sem a existência dos computadores alguns pesquisadores se aventuravam em trabalhos que demandavam grandes esforços e dedicação. Em 1921, por exemplo, buscando identificar as palavras mais frequentes da língua inglesa, Thomdike organizou um *corpus* com cerca de 4,5 milhões de palavras (BERBER SARDINHA, 2000), um trabalho impressionante, mas suscetível a críticas devido a naturais falhas humanas ao lidar manualmente com um número muito grande de palavras.

A popularização dos computadores e das ferramentas tecnológicas para o trabalho com o léxico não se deu apenas por serem um meio que possibilitava a resolução dos problemas citados. Eles se estabeleceram e se tornaram ferramentas essenciais na metodologia da Linguística de Corpus, e amplamente utilizados em pesquisas terminológicas e terminográficas, a partir de mudanças de ordem teórica.

De acordo com Bevilacqua (2013), a mudança de paradigmas teóricos da Terminologia fez com que os termos passassem a ser analisados sob os aspectos linguísticos, comunicativos e cognitivos, ao contrário do que preconizava a TGT, onde o enfoque era normativo. De acordo com a autora,

O surgimento dessas novas perspectivas implica não só a proposição de novos princípios teóricos, mas também de novos procedimentos metodológicos terminográficos. Uma das primeiras mudanças que se observa é que, a partir do pressuposto de que é preciso identificar os termos *in vivo*, não se pode mais seguir o método onomasiológico, ou seja, não se pode ir mais do conceito (significado) ao termo (significante), conforme propunha a TGT. Parte-se da premissa de que o termo é um signo linguístico, e que, portanto, não é possível separar significante e significado. Contudo, ao partir dos textos, começa-se a identificação dos termos pelo significante e, após a investigação de seu uso em contexto, se estabelece o seu significado ou, mais ainda, seu valor especializado. Começa a predominar, então, o método semasiológico (BEVILACQUA, 2013, p. 13).

É nesta perspectiva que a Metodologia da Linguística de Corpus se popularizou. De fato, atualmente, a utilização de textos digitalizados é uma prática recorrente em pesquisas terminológicas.

As características de uma linguagem de especialidade são conferidas por meio da observação de acervos textuais informatizados, pois “o exame detalhado, assistido

pelo computador, de textos selecionados de uma área de especialidade parece ser garantia de segurança e confiabilidade científicas” (MACIEL, 2013, p. 29).

Isso porque, na perspectiva da Linguística de Corpus, um *corpus* é visto como um objeto representativo de uma determinada língua, ou de uma variedade dessa língua (BERBER SARDINHA, 2000b). Ele é organizado a partir da compilação de textos autênticos, com o objetivo específico de serem utilizados como base de pesquisa sobre a língua em questão. Assim, um *corpus* pode ser definido como:

Um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise. (SANCHES, 2005 apud BERBER SARDINHA, 2000b, p. 338).

Essa definição apresenta vários pontos característicos considerados importantes na natureza de um *corpus*, tais como a origem – que se refere à autenticidade dos dados; o propósito – pois o *corpus* deve ser utilizado em estudos linguísticos; a composição – considerando textos criteriosamente escolhidos; a formatação – em formatos legíveis por ferramentas computacionais; a representatividade – de uma língua ou uma variedade da língua; e a extensão – o *corpus* deve ser vasto para ser representativo (BERBER SARDINHA, 2000b).

Ao refletir sobre os *corpora*, Berber Sardinha (2000b) diz que a questão da representatividade pode ser controversa e a mais complicada, pois deve-se ter claro o que um determinado *corpus* busca representar. Então, para realmente considerar um *corpus* como representativo de uma língua, de uma variedade da língua, ou de uma língua de especialidade, deve-se levar em consideração que tipo de textos foram selecionados e qual a sua extensão, pois “para ter representatividade o corpus deve ser o maior possível” (BERBER SARDINHA, 2000b, p. 5). Além disso, em consonância com Sanches (2005), o autor destaca a importância de conhecer a procedência dos textos selecionado para fazerem parte de um *corpus*.

Quanto à tipologia, os *corpora* podem variar consideravelmente, uma vez que os propósitos de trabalho são, na mesma proporção, variados. Assim, eles podem ser considerados a partir de diversos pontos de vista, como de modo, de tempo, de conteúdo, pela finalidade, de autoria, e assim por diante.

O conteúdo pode ser composto por textos especializados, que são tipos específicos, pertencentes a determinados gêneros. Podem ser de caráter regional ou dialetal, nos quais são utilizados textos de variedades sociolinguísticas específicas. E, ainda, acrescenta Berber Sardinha (2000b), podem ser formados a partir da inclusão de diferentes idiomas.

O *corpus* de análise da presente pesquisa, por exemplo, é formado apenas por artigos acadêmicos da área de Turismo. Acreditamos que cerca de 500 artigos em língua inglesa publicados em revistas acadêmicas especializadas podem ser referência da linguagem acadêmica desse setor.

No próximo capítulo discorreremos sobre o *corpus* da pesquisa de forma mais detalhada.

Na sequência, tratamos de algumas pesquisas baseadas em corpora, destacando a sua importância no cenário tanto dos estudos terminológicos quanto para os contextos de ensino e aprendizagem de línguas.

3.4.2 A *Academic Word List* (AWL)

A linguagem acadêmica é por essência voltada para o discurso científico e, naturalmente, possui um nível de complexidade maior do que a linguagem comum (DELLAI, 2016). O vocabulário acadêmico, por sua vez, é uma das esferas que compõem essa linguagem, e é um dos aspectos mais desafiadores no contexto do Ensino Superior. Ele é “usado para se referir a itens que são razoavelmente frequentes em uma grande gama de gêneros acadêmicos, mas são relativamente incomuns em outros tipos de textos” (HYLAND; TSE, 2007, p. 235)⁸⁵.

Um dos motivos para tal complexidade é que palavras acadêmicas, como *substitute*, *underlie*, *establish* e *inherent*, por exemplo, “não são altamente salientes em textos acadêmicos, uma vez que apoiam, mas não são centrais” (COXHEAD, 2000, p. 214)⁸⁶.

Quatro importantes estudos que tinham como objetivo principal a elaboração de listas de palavras acadêmicas foram elaborados a partir da década de 1970. Todos

⁸⁵ Used to refer to items which are reasonably frequent in a wide range of academic genres but are relatively uncommon in other kinds of texts.

⁸⁶ Are not highly salient in academic texts, as they are supportive of but not central to the topics of the texts in which they occur.

eles se basearam em *corpora* e buscavam identificar as palavras mais usuais do contexto acadêmico. No entanto, essas quatro pesquisas foram conduzidas sem a ajuda de computadores (COXHEAD, 2000).

Já na década de 1980, Xue e Nation (1984) elaboraram uma *University Word List* (UWL) a partir das listas feitas na década anterior. Porém,

Como um amálgama dos quatro estudos diferentes, carecia de princípios de seleção consistentes e tinha muitos dos pontos fracos de o trabalho anterior. Os corpora nos quais os estudos foram baseados eram pequenos e não continham uma gama ampla e equilibrada de tópicos (COXHEAD, 2000, 214)⁸⁷.

Foi neste contexto que Averil Coxhead, professora de Linguística Aplicada da *Victoria University* de Wellington, na Nova Zelândia, elaborou a pesquisa que deu origem à lista de palavras acadêmicas que se tornaria referência da área, a AWL. A autora guiou sua pesquisa a partir de duas perguntas centrais (1 e 2) e quatro periféricas (3, 4, 5 e 6), a saber:

1. Quais itens lexicais ocorrem com frequência e uniformemente em uma ampla variedade de material acadêmico, mas não estão entre as primeiras 2.000 palavras de inglês conforme fornecido no GSL (West, 1953)?
2. Os itens lexicais ocorrem com frequências diferentes em artes, comércio, direito e textos científicos?
3. Qual a porcentagem de palavras do Corpus Acadêmico que o AWL cobre?
4. Os itens lexicais identificados ocorrem com frequência de forma independente em uma coleção de textos acadêmicos?
5. Com que frequência as palavras no AWL ocorrem em textos não acadêmicos?
6. Como o AWL se compara ao UWL (COXHEAD, 2000).

Coxhead compilou um corpus de 3,5 milhões de palavras de textos acadêmicos de “28 disciplinas, organizadas em 7 grandes áreas em quatro campos do conhecimento: artes, comércio, direito e ciências” (COXHEAD, 2000, p. 216)⁸⁸, como pode ser visto na figura 02 abaixo:

⁸⁷ As an amalgam of the four different studies, it lacked consistent selection principles and had many of the weaknesses of the prior work. The corpora on which the studies were based were small and did not contain a wide and balanced range of topics.

⁸⁸ 28 subject areas organised into 7 general areas within each of four disciplines: arts, commerce, law, and science.

Para a condução dos trabalhos, a autora adotou os seguintes critérios metodológicos: 1) considerou apenas as palavras que não estivessem entre as primeiras 2.000 palavras mais recorrentes em língua inglesa descritas por West (1953) no GSL, pois essas são palavras de alta frequência e, dessa forma, são palavras já dominadas por estudantes universitários; 2) organizou as unidades lexicais em “famílias de palavras”, que consiste no agrupamento de “uma palavra-chave, suas formas flexionadas e suas formas derivadas intimamente relacionadas” (NATION, 2013, p. 8)⁸⁹.

Além de flexões como as de plural e gerúndio, por exemplo, são agrupadas na mesma família, todas as palavras resultantes do uso de afixos. Nessa perspectiva, a família da palavra *analyse* é composta por: *analysed*, *analyser*, *analysers*, *analyses*, *analysing*, *analysis*, *analytical*, entre outras; 3) para uma palavra ser incluída em uma família de palavra, ela deveria “ocorrer pelo menos 10 vezes em cada uma das quatro seções principais do corpus e em 15 ou mais das 28 disciplinas” (COXHEAD, 2000, p. 221)⁹⁰.

Figura 02 – Composição do AWL.

	Discipline				Total
	Arts	Commerce	Law	Science	
Running words	883,214	879,547	874,723	875,846	351,333
Texts	122	107	72	113	414
Subject areas	Education	Accounting	Constitutional	Biology	
	History	Economics	Criminal	Chemistry	
	Linguistics	Finance	Family and	Computer science	
	Philosophy	Industrial	medicolegal	Geography	
	Politics	relations	International	Geology	
	Psychology	Management	Pure commercial	Mathematics	
	Sociology	Marketing	Quasi-commercial	Physics	
		Public policy	Rights and remedies		

Fonte: Coxhead (2000, p. 220).

Dessa maneira, Coxhead pode avaliar a abrangência de cada palavra nas áreas e disciplinas que compuseram o seu *corpus* de análise. Além disso, a autora

⁸⁹ [...] a headword, its inflected forms, and its closely related derived forms.

⁹⁰ [...] to occur at least 10 times in each of the four main sections of the corpus and in 15 or more of the 28 subject areas.

considerou a frequência de ocorrência, selecionando apenas as palavras que apareceram pelo menos 100 vezes no *corpus* acadêmico (COXHEAD, 2000).

Seguindo essa metodologia, Coxhead chegou a 573 famílias de palavras que, de forma geral, dão a cobertura de 10% dos *tokens* de um texto acadêmico, enquanto ao ser comparado com um *corpus* formado por textos literários de ficção da mesma extensão, o AWL apresentou cobertura de apenas 1,4%. Além disso, a autora ressalta que “consideradas juntas, as primeiras 2.000 palavras do GSL de West (1953) e as famílias de palavras da AWL, dão conta de aproximadamente 86% do Corpus Acadêmico” (COXHEAD, 2000, p. 222)⁹¹.

Figura 03 – Cobertura do *corpus* acadêmico pela AWL e GSL.

Word list	Coverage of Academic Corpus (%)	No. of word families	
		Total	In Academic Corpus
Academic Word List	10.0	570	570
General Service List			
First 1,000 words	71.4	1,001	1,000
Second 1,000 words	4.7	979	968
Total	86.1	2,550	2,538

Fonte: Coxhead (2000, p. 223).

Apesar do reconhecimento da importância do trabalho realizado por Coxhead, alguns estudiosos criticaram a AWL por considerá-la “muito geral porque cada disciplina usa palavras da lista de palavras acadêmicas com frequências relativas diferentes e com sentidos e colocações específicas para aquela disciplina” (NATION, 2013, p. 293). Hayland e Tse (2007), por exemplo, argumentam que:

Se é útil para os alunos possuir um vocabulário acadêmico geral é mais controverso porque pode envolver um esforço considerável com pouco retorno. Não é de forma alguma certo que exista um único aprendizado que os estudantes universitários precisem adquirir para participar em ambientes acadêmicos, e acreditamos que uma perspectiva que busca identificar e ensinar tal vocabulário falha em se engajar com as concepções atuais de ensino e EAP, e ignora diferenças importantes no comportamento colocacional e semântico das palavras e não corresponde à maneira como a linguagem é

⁹¹ Taken together, the first 2,000 words in West’s (1953) GSL and the word families in the AWL account for approximately 86% of the Academic Corpus.

realmente usada na escrita acadêmica (HAYLAND; TSE, 2007, p. 236-237)⁹².

Portanto, Hayland e Tse (2007) questionam a hipótese de existência de um vocabulário acadêmico que seja comum às diferentes disciplinas do contexto do Ensino Superior. Os autores exploram essa “hipótese, examinando a frequência, intervalo, significados e formas preferenciais e os padrões de colocação dos itens no AWL” (HAYLAND, TSE, 2007, p. 238)⁹³.

Observemos alguns dos resultados das análises dos autores. Segundo Coxhead, a AWL e o GSL dão a cobertura de 86,1% das palavras de um texto acadêmico. Entretanto, Hayland e Tse (2007) perceberam que essa cobertura não é uniformemente distribuída. Ao analisar apenas um *corpus* de Ciências, eles perceberam que a cobertura foi de 78%, o que resulta em uma palavra desconhecida a cada cinco em um texto.

Também, para a análise da abrangência das palavras acadêmicas, Coxhead utilizou um limite de ocorrências muito baixo, tomando como base o tamanho do *corpus* analisado por ela. Então, eles utilizaram “um padrão mais rigoroso e sistemático, identificando itens como frequentes se ocorressem acima da média para todos os itens de AWL no corpus” (HAYLAND; TSE, 2007, p. 240)⁹⁴. Assim, foram identificadas apenas 192 famílias de palavras, aproximadamente um terço das encontradas por Coxhead. Além disso, os autores perceberam que apenas 82 dessas 192 famílias de palavras foram frequentes nos três *subcorpora* selecionados por eles. Também, as palavras mais frequentes em cada uma não foram as mesmas, demonstrando, assim, diferenças na manifestação das palavras a depender da área de especialidade em questão. De forma geral, “27% de todas as famílias da AWL têm ocorrência muito baixa em pelo menos um subcorpus e então tem uma chance

⁹² Whether it is useful for learners to possess a general academic vocabulary is more contentious because it may involve considerable effort with little return. It is by no means certain that there is a single literacy which university students need to acquire to participate in academic environments, and we believe that a perspective which seeks to identify and teach such a vocabulary fails to engage with current conceptions of literacy and EAP, ignores important differences in the collocational and semantic behavior of words, and does not correspond with the way language is actually used in academic writing.

⁹³ [...] hypothesis by examining the frequency, range, preferred meanings and forms, and the collocational patterns of the items in the AWL.

⁹⁴ A more rigorous and systematic standard, identifying items as frequent if they occurred above the mean for all AWL items in the corpus.

extremamente baixa de ser encontrada pelos estudantes” (HAYLAND, TSE, 2007, p. 242)⁹⁵.

Outra crítica ao AWL foi a organização dos itens lexicais em família de palavras, pois os seus significados e colocações podem diferir ao considerar-se cada uma de suas inflexões e derivações, resultando, também, em diferenças de uso nas diferentes disciplinas. Os autores exemplificam:

Analyse parece ser usado de forma diferente em todos os campos. Nas ciências sociais, tende a ocorrer com mais regularidade como substantivo, enquanto na engenharia, os alunos têm seis vezes mais chances de se depararem com a forma *analytical*. Também existem diferenças semânticas. A palavra *analysis*, por exemplo, é frequentemente associada a determinados tipos de abordagem, de modo que aparece em substantivos compostos por disciplina, como *genre analysis* ou *neutron activation analysis*. A forma verbal também tem significados específicos de campo. Na engenharia, tende a se referir a métodos de determinação das partes constituintes ou composição de uma substância [...], e nas ciências sociais tende a significar simplesmente considerar algo com cuidado (HAYLAND; TSE, 2007, p. 244)⁹⁶.

Apesar de concordar com os questionamentos levantados por Hyland e Tse (2007), Nation (2013) aponta os pontos positivos de uma lista geral de vocabulário acadêmico, entre eles estão: 1) proporciona o foco mais eficiente para a aprendizagem depois que alguém aprende as 2.000 palavras do vocabulário fundamental; 2) aprender o significado básico, ou o sentido, de uma palavra no contexto acadêmico é um excelente passo para lidar com uma disciplina acadêmica; 3) por se tratar de palavras de um nível formal, elas favorecem à leitura de textos formais não acadêmicos, como jornais, por exemplo; 4) o vocabulário acadêmico é útil para realizar diversos tipos de tarefas acadêmicas, como resumir, interpretar, descrever, avaliar, pesquisar, entre outras.

⁹⁵ 27% of all the AWL families have a very low occurrence in at least one subcorpora and so have an extremely low chance of being encountered by students.

⁹⁶ *Analyse* appears to be used differently across fields. In the social sciences, it tends to occur more regularly as a noun, while in engineering, students are six times more likely to come across the form *analytical*. There are also semantic differences. The word *analysis*, for instance, is often associated with particular types of approach, so that it appears in discipline-compound nouns such as *genre analysis* or *neutron activation analysis*. The verb form also has field-specific meanings. In engineering, it tends to refer to methods of determining the constituent parts or composition of a substance [...], and in the social sciences it tends to mean simply considering something carefully.

Ao fazerem essas críticas que explicitam que a existência de um vocabulário geral acadêmico pode ser bastante questionável, devido aos pontos apresentados por meio de sua pesquisa, Hayland e Tse (2007) mostram a necessidade da realização de pesquisas linguísticas de áreas específicas do conhecimento, como a que propomos neste estudo.

Assim, neste capítulo, discorreremos a respeito do léxico geral e do léxico especializado. Discorreremos, também, sobre as principais perspectivas teóricas da Terminologia e, por fim, tratamos da importância da Linguística de Corpus nos estudos lexicais, especialmente nas pesquisas terminológicas.

No próximo capítulo, tratamos dos pressupostos metodológicos da pesquisa.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, apresentamos a metodologia empregada na pesquisa. De acordo com Gil (2002), é nesta parte que se descrevem os procedimentos que foram seguidos na realização do estudo. O autor esclarece que a “organização varia de acordo com as peculiaridades de cada pesquisa [e que] requer-se, no entanto, a apresentação de informações acerca de alguns aspectos” (GIL, 2002, p. 162). Entre as informações essenciais citadas pelo autor estão: informações sobre o universo do estudo, perspectiva teórica, tipo de pesquisa, técnicas de coleta de dados, entre outras.

Iniciamos descrevendo os passos iniciais da pesquisa, as motivações para a escolha do tema, uma vez que se trata de um estudo de Linguística Aplicada em que a temática está relacionada com outra área, o Turismo. Discorreremos também sobre a delimitação deste tema e a escolha dos textos que foram utilizados no *corpus* de análise, assim como da estrutura do material didático e do aplicativo criado.

4.1 OS PASSOS INICIAIS DA PESQUISA

O início de tudo se deu pela motivação da escolha do tema para a elaboração do pré-projeto apresentado no processo seletivo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para a turma 2019-2023.

Para descrever essa motivação, no entanto, é necessário abordar o nosso contexto de convivência e trabalho, a cidade de Foz do Iguaçu e a UNIOESTE. Foz do Iguaçu está entre os principais destinos turísticos brasileiros e possui uma das sete maravilhas mundiais da natureza, as Cataratas do Iguaçu. O Turismo é uma atividade vital para o município e até o ano de 2019 viveu um período de crescimento constante, note-se a seguinte notícia veiculada pelo portal do Governo do Paraná:

O Parque Nacional do Iguaçu, em Foz do Iguaçu, maior atrativo turístico do Paraná, recebeu 2.020.358 turistas em 2019. É o recorde de visitas na unidade de conservação e a primeira vez da história em que as catracas giraram mais de dois milhões de vezes. O aumento de turistas brasileiros e estrangeiros foi de cerca de 6,6% em

relação a 2018, quando o parque atingiu a marca de 1.895.501 pessoas (PARANÁ, 2020, s/p)⁹⁷.

Este crescimento foi freado pela pandemia de Covid-19 iniciada no Brasil em 2020, mas o município está entre os destinos preferidos tanto de turistas nacionais como internacionais. Com o controle da pandemia, o fluxo de turistas na cidade tem sido retomado gradativamente.

Outro aspecto da motivação para a realização de uma pesquisa que tratasse do tema Turismo veio da atuação como professor colaborador da UNIOESTE. O período de ingresso neste Programa de Pós-Graduação coincidiu com o momento do exercício da função de professor regente das disciplinas Língua Estrangeira II (inglês), no curso de Graduação em Turismo; e Inglês Técnico I e II, no curso de Graduação em Hotelaria.

Durante a atuação como docente nestes cursos, foi possível perceber que os estudantes frequentemente buscavam textos acadêmicos de suas respectivas áreas, no entanto, muitas vezes, deparavam-se com textos disponíveis apenas em língua inglesa. Foi considerando este contexto e a importância do setor turístico para o município que surgiu a ideia de desenvolver uma pesquisa que pudesse ser relevante e que contribuísse com o desenvolvimento e formação de acadêmicos da área de Turismo não apenas da cidade de Foz do Iguaçu, mas de todo o território brasileiro.

A partir de então, iniciamos uma busca por estudos já realizados sobre o uso de vocabulários de áreas específicas em contextos acadêmicos. Entre as pesquisas encontradas, duas foram importantes para o direcionamento e delineamento do tema do presente estudo. A primeira foi a pesquisa desenvolvida por Averil Coxhead em sua Dissertação de Mestrado na Escola de Linguística e Estudos de Línguas Aplicadas da Universidade Victoria, de Wellington, Nova Zelândia. Coxhead (2000) delimitou uma lista de 570 famílias de palavras – palavras derivadas de uma mesma palavra primitiva, ou de um mesmo radical – do âmbito acadêmico, denominada *Academic Word List* (AWL). Um dos pontos importantes adotados como critério, foi que, para serem consideradas como acadêmicas, as palavras não poderiam fazer parte do vocabulário fundamental da língua. Então, a autora excluiu todas as unidades

⁹⁷ Parque Nacional do Iguaçu bate recorde de visitantes em 2019. Disponível em: <http://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=105231&tit=Parque-Nacional-do-Iguacu-bate-recorde-de-visitantes-em-2019#:~:text=O%20Parque%20Nacional%20do%20Igua%C3%A7u,de%20dois%20milh%C3%B5es%20de%20vezes.> Acesso em: 22 ago. 2020.

lexicais que constavam na *General Service List* (GSL) - lista das 2.000 palavras mais recorrentes da língua inglesa, as quais foram descritas pelos estudos de West (1953), e que se tornou referência em pesquisas que abordam o vocabulário fundamental do inglês.

A apreciação do estudo de Coxhead (2000) levantou um questionamento importante para nossa tomada de decisão. Percebemos que no *corpus* de análise da autora havia a presença de 28 disciplinas de áreas diversas, entre as quais estão: Educação, História, Economia, Finanças, Marketing, Direito Constitucional, Biologia, Física, Ciências da Computação, entre outras. No entanto, não havia a presença de textos acadêmicos da área do Turismo. Então, indagamo-nos: o vocabulário acadêmico de Turismo é igual ao vocabulário acadêmico de outras áreas do conhecimento?

Continuamos a nossa busca por pesquisas que tratassem desse tema, e encontramos um estudo realizado por Eduardo Batista da Silva, na Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP). Em sua Tese de Doutorado, Silva (2015) realizou uma pesquisa similar à de Coxhead (2000). Ele investigou o vocabulário acadêmico em diversas áreas do conhecimento, entre elas Ciências Exatas e da Terra, Ciências Biológicas, Engenharias, Ciências da Saúde, Ciências Agrárias, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas e Linguística, Letras e Artes. Assim como Coxhead (2000), percebemos que o autor utilizou um *corpus* bastante amplo de áreas acadêmicas, o que consideramos ser de grande pertinência para os estudos do gênero. Contudo, notamos que ainda havia uma lacuna em relação a estudos que tivessem como objeto central o vocabulário acadêmico do Turismo, e essa percepção corroborou com a pertinência da nossa escolha.

Na medida em que realizamos leituras mais aprofundadas sobre o assunto, percebemos os diferentes níveis de palavras que compõem o vocabulário acadêmico. De acordo com Nation (2013), ele é dividido em três níveis: 1) palavras do vocabulário fundamental, como “*about*”, “*business*” e “*everything*”; 2) palavras acadêmicas, como “*approach*”, “*concept*” e “*framework*”; 3) termos da área a que o texto pertence, assim como de outras áreas. Alguns exemplos do Turismo são “*accommodation*”, “*booking*” e “*outbound flight*”. A partir das leituras e de discussões na elaboração deste trabalho, acordamos em fazer um novo recorte, no qual tomaríamos como objeto de nossa investigação os termos do Turismo presentes em artigos acadêmicos da área.

Com a delimitação do tema definida, partimos para a seleção do *corpus* de análise. Considerando que nosso foco estava em investigar textos científicos, resolvemos pesquisar quais eram os principais periódicos da área veiculados em língua inglesa, pois, acreditávamos que por meio deles teríamos acesso às publicações das principais pesquisas acadêmicas do setor do Turismo. Discorreremos sobre o *corpus* mais detalhadamente na subseção 4.5.

Na sequência, descrevemos outros procedimentos adotados na pesquisa. Iniciamos pela perspectiva teórica.

4.2 PERSPECTIVA TEÓRICA

As teorias podem ser utilizadas sob diversas perspectivas em uma determinada pesquisa. Segundo Creswell (2007), elas são uma forma de dar explicações amplas para certos comportamentos e atitudes adotados, sendo, ainda, passíveis de serem complementadas com variáveis, construções e hipóteses advindas de áreas correlatas ao campo pesquisado. O autor exemplifica essa asserção mostrando que etnógrafos se utilizam de temas relacionados à cultura para fundamentar seus estudos em projetos qualitativos:

Alternativamente, os pesquisadores qualitativos usam cada vez mais *lentes* ou *perspectivas teóricas* para guiar seu estudo e levantar questões de gênero, classe e raça (ou uma combinação entre elas) que gostariam de abordar. É fácil constatar que a pesquisa qualitativa dos anos 80 passou por uma transformação, ampliando seu escopo de investigação para incluir essas lentes teóricas (CRESWELL, 2007, p. 141, grifos do autor).

As *lentes* utilizadas, ou seja, as perspectivas teóricas, guiam os pesquisadores em relação às questões, sujeitos e temas que devem ou não ser estudados. Além disso, a perspectiva teórica mostra como o pesquisador deve se posicionar em um estudo qualitativo, se ele deve se isentar ou se deixar influenciar pelos contextos em que está inserido (CRESWELL, 2007).

Nessa perspectiva, “todo projeto de pesquisa deve conter as premissas ou pressupostos teóricos sobre os quais o pesquisador [...] fundamentará sua interpretação” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 224).

Concordamos com Severino (2000) quando argumenta que “o quadro teórico constitui um universo de princípios, categorias e conceitos, formando sistematicamente um conjunto logicamente coerente, dentro do qual o trabalho do pesquisador se fundamenta e se desenvolve” (SEVERINO, 2000, p. 162). Sendo assim, as escolhas teóricas devem ser compatíveis com o tratamento do problema em estudo e com o raciocínio desenvolvido, resultando em uma pesquisa dotada de logicidade.

Desta forma, a presente pesquisa se insere dentro de duas perspectivas teóricas. A primeira compreende os princípios teóricos da Terminologia, que como lembra Krieger (2000),

Se a menção à terminologia evoca o componente lexical característico das comunicações especializadas, a mesma denominação recobre conceitualmente o campo de estudos teóricos e metodológicos que tem por objeto precípua o sistema denominativo das ciências e das técnicas (KRIEGER, 2000, p. 210).

O que o excerto explicita é que a palavra “terminologia” não se refere apenas aos conjuntos de termos de áreas específicas do conhecimento. Ela remete, também, a um conjunto de pressupostos teóricos que orientam e dão diretrizes a investigações sobre tais conjuntos terminológicos.

A segunda perspectiva teórica que guiou esta pesquisa foi a do ESP. Trata-se de um ramo dos estudos das Línguas Estrangeiras Modernas que tem ligação direta com a terminologia, uma vez que seu campo de abrangência compreende o ensino e aprendizagem do inglês em âmbitos específicos. Um exemplo disso pode ser visto na própria gênese do ESP em nosso país que, de acordo com Guimarães (2014), surgiu influenciado pelo pressuposto de atender a necessidades específicas. Na ocasião, os “alunos das 26 universidades brasileiras que participaram do Projeto [Projeto Nacional do Ensino de Inglês Instrumental em Universidades Brasileiras] tinham como objetivo a leitura de textos e literatura especializada” (GUIMARÃES, 2014, s/p). Portanto, tratava-se de estudantes de áreas específicas do conhecimento que necessitavam adquirir proficiência em leitura de textos em que vocabulários especializados eram empregados.

Considerando as características da presente pesquisa e a estreita relação que ambas as perspectivas teóricas apresentam, acreditamos que elas são arcabouço teórico suficiente para alcançarmos os objetivos propostos.

4.3 TIPO DE PESQUISA

A presente pesquisa é classificada do tipo qualitativa. Considerada uma alternativa ao Positivismo quantitativista, que por muito tempo dominou as pesquisas em educação, a pesquisa qualitativa se preocupa com o estudo, compreensão e explicações de problemas encontrados no âmbito das relações sociais. Trata-se de uma perspectiva considerada um avanço no mundo das ideias que facilitou o confronto “frente à atitude tradicional positivista de aplicar ao estudo das ciências humanas os mesmos princípios e métodos das ciências naturais” (TRIVIÑOS, 1987, p. 116). Nessa nova perspectiva, no campo das pesquisas em educação, por exemplo, começou-se a estudar o processo educativo e a se propor alternativas metodológicas para os problemas investigados (TRIVIÑOS, 1987). Nesse mesmo sentido, Gerhardt e Silveira (2009) dizem que:

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32).

Nessa perspectiva, é correto afirmar que os procedimentos da pesquisa qualitativa apresentam grandes contrastes com os métodos quantitativos. Aqueles apresentam procedimentos não uniformes e estratégias diversas de investigação, enquanto estes têm como características, por exemplo, análises de conjuntos de variáveis e dados objetivos, que resultam em observações e medidas empíricas (CRESWELL, 2007).

Ao observar determinadas etapas pelas quais o presente estudo passou, podemos ver alguns dos traços característicos da pesquisa qualitativa. Vejamos, por exemplo, os três seguintes passos da pesquisa: i) a problematização a respeito da importância da leitura de textos acadêmicos em língua inglesa para estudantes de Graduação em Turismo e a lacuna existente em relação a pesquisas sobre o vocabulário acadêmico da área; ii) a investigação e delimitação dos termos do Turismo em artigos científicos do setor; iii) a elaboração de atividades que possam ser usadas como objetos pedagógicos para o estudo desses termos. Esses passos mostram a preocupação em observar como o objeto de estudo se apresenta, o intuito de

interpretá-lo e, por fim, o objetivo de propor alternativas pedagógicas que representem benefícios para os sujeitos interessados, neste caso, estudantes de Turismo em nível superior.

4.4 PERSPECTIVA METODOLÓGICA

Traçar um modelo conceitual e operativo da pesquisa é uma ação necessária para analisar os fatos do ponto de vista empírico, assim como para confrontar a teoria com os dados da realidade. Gil (2002) se refere a esse modelo como *delineamento* e, segundo ele:

O delineamento refere-se ao planejamento da pesquisa em sua dimensão mais ampla, que envolve tanto a diagramação quanto a previsão de análise e interpretação de coleta de dados. Entre outros aspectos, o delineamento considera o ambiente que são coletados os dados (GIL, 2002, p. 43).

O autor considera o procedimento adotado para a coleta de dados o elemento mais importante para a identificação de um delineamento. Sobre essa questão, ele diz que “podem ser definidos dois grandes grupos de delineamentos: aqueles que se valem das chamadas fontes de ‘papel’ e aqueles cujos dados são fornecidos por pessoas” (GIL, 2002, p. 43). A pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental são exemplos do primeiro grupo, ao passo que no segundo estão a pesquisa experimental, o estudo de caso, entre outras. Nossa pesquisa se enquadra no primeiro grupo, pois utilizamos fontes bibliográficas e documentais. Na próxima subseção, discorreremos a respeito de ambas.

4.4.1 Pesquisa bibliográfica e documental

As pesquisas bibliográficas e documentais, por terem bastantes características em comum, acabam por serem tidas como sinônimas. No entanto, apoiados em pesquisadores como Gil (2002) e Lakatos e Marconi (2003), destacamos agora determinados aspectos que são típicos de cada uma delas.

Iniciamos com a definição de pesquisa bibliográfica, que para Lakatos e Marconi (2003),

[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos etc., até meios de comunicações orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 183).

Segundo Gil (2002), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44). O autor ressalta que em quase todos os estudos é exigido algum tipo de pesquisa bibliográfica, mas, também, é possível desenvolver estudos com a utilização exclusiva de investigações dessa natureza.

A pesquisa documental, por sua vez, “vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (GIL, 2002, p. 45). Esse tipo de pesquisa se assemelha bastante à pesquisa bibliográfica, sendo que os passos no desenvolvimento de ambas são os mesmos. A diferença consiste no fato de que “enquanto na pesquisa bibliográfica as fontes são constituídas sobretudo por material impresso localizado nas bibliotecas, na pesquisa documental, as fontes são muito mais diversificadas e dispersas” (GIL, 2002, p. 46).

De acordo com Lakatos e Marconi (2003), “a característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 174). Entre os documentos escritos primários, aqueles compilados na ocasião pelo autor, as autoras citam como exemplos: documentos de arquivos públicos, publicações parlamentares e administrativas, estatísticas (censos), diários, relatos de viagens, entre outros. Os documentos escritos secundários, são aqueles transcritos de fontes primárias, como estudo histórico recorrendo aos documentos originais, pesquisa estatística baseada em dados do recenseamento, relatórios de pesquisa baseados em trabalho de campo de auxiliares, entre outros (LAKATOS; MARCONI, 2003).

De acordo com as definições apresentadas, é adequado dizer que a perspectiva metodológica da presente pesquisa se caracteriza como bibliográfica, pois grande parte das fontes de investigação utilizadas é formada por livros e artigos – impressos e digitais – além de teses, dissertações, matérias de jornais e outros. Pode dizer, também, que é documental, pois foi bastante frequente o uso de documentos

institucionais provenientes do MTUR, MEC, EMBRATUR e outros órgãos, além de Leis Federais como referenciais no desenvolvimento da pesquisa, especialmente em sua fase inicial.

Além dessas duas perspectivas metodológicas, utilizamos a metodologia da Linguística de Corpus (LC), a qual pode ser mais bem compreendida na descrição do *corpus* e dos procedimentos de coleta de dados da pesquisa. Na sequência, tratamos da LC como uma perspectiva metodológica.

4.4.2 A LC como perspectiva metodológica

O estatuto da LC tem sido objeto de debate entre os estudiosos da área por muito tempo. O impasse principal consiste em definir se a LC é um ramo da linguística ou apenas uma metodologia. Shepherd (2009), ao comentar a opinião de McEnery e Wilson (1996) em um dos primeiros volumes dedicados à LC, diz que a resposta dos autores à pergunta “a LC é um ramo da linguística?” é tanto sim como não. Shepherd diz que:

Os autores alegam que a LC não tem o mesmo estatuto da Semântica, Sintaxe ou Sociolinguística visto que estas disciplinas têm um objeto de investigação definido. Ao mesmo tempo, os autores alegam que o termo *corpus* pode ser atrelado a cada uma das áreas da Linguística, gerando, portanto, a ‘Semântica de corpus’, a ‘Sintaxe de corpus’, por exemplo, em oposto à Semântica ou Sintaxe não baseadas em *corpora* (SHEPHERD, 2009, p. 152).

Scott e Tribble (2006), por sua vez, argumentam em outro sentido. Os autores lembram que o uso de *corpora* não é uma atividade recente e citam a compilação do *Oxford English Dictionary*, no final do século XIV. O dicionário foi elaborado a partir de um *corpus* composto de um grande número de pequenos fragmentos de exemplos autênticos de linguagem. Segundo Scott e Tribble (2006), séculos antes disso, *corpora* compostos de textos completos, considerados de alto nível, eram reunidos e preservados em livrarias para servirem de modelos de retórica, estilo, gramática etc. Na opinião dos autores, a diferença é que, nas últimas décadas, a tecnologia possibilitou o acesso a formas muito mais ágeis e eficazes de coletar e trabalhar com *corpora* muito grandes.

De acordo com os autores, “aqui, assumimos a posição de que os métodos baseados em corpus são meramente um conjunto de ferramentas e estruturas⁹⁸” (SCOTT; TRIBBLE, 2006, p. 4). Eles prosseguem apresentando seu ponto de vista fazendo um paralelo com a medicina:

Não faz mais sentido afirmar que a Linguística de Corpus é um novo campo de conhecimento assim como afirmar que a videolaparoscopia é um novo ramo da medicina. O objetivo da medicina é, presumivelmente, compreender, aliviar ou curar doenças; com o advento de novas técnicas e instrumentos, como lasers, a medicina assume novos métodos, mas o objetivo fundamental continua o mesmo. Algumas pessoas envolvidas em medicina podem querer se especializar em videolaparoscopia, mas há bons médicos que não (SCOTT; TRIBBLE, 2006, p. 4)⁹⁹.

Por meio dessas colocações, evidencia-se que Scott e Tribble (2006) tendem a entender a LC como um conjunto de ações metodológicas e não como um novo campo teórico.

À parte desse debate, vemos a LC como um modelo teórico-metodológico que tem tido papel de grande importância em pesquisas lexicais e terminológicas das últimas décadas, pois ela:

Ocupa-se da coleta e exploração de corpora, ou conjuntos de dados linguísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem através de evidências empíricas, extraídas por meio de computador. (SARDINHA, 2000, p. 325).

O uso de programas computacionais para a realização de trabalhos lexicais, lexicográficos e terminológicos, têm tido cada vez mais adeptos no Brasil e no mundo, uma vez que por meio deles os pesquisadores passaram a obter maior precisão no trato e análise de dados cada vez mais extensos.

Exemplo disso pode ser visto ao observarmos a evolução do uso de *corpora* eletrônicos. O primeiro *corpus* linguístico eletrônico da história, o *Corpus Brown*,

⁹⁸ Here we take the position that corpus-based methods are merely a set of tools and frameworks.

⁹⁹ It makes no more sense to claim that Corpus Linguistics is a new branch of knowledge than to claim that keyhole surgery is a new branch of medicine. The aim of medicine is presumably to understand and alleviate or cure illness; with the advent of new techniques and instruments such as lasers, medicine takes on new methods but the fundamental aims remain the same. Some of those involved in medicine may wish to specialize in keyhole surgery, but there are good doctors who do not.

lançado em 1964, continha um milhão de palavras. Pouco mais de três décadas depois, em 1997, o *corpus Bank of English* foi lançado com 320 milhões de palavras. Talvez, se não fosse por meio de programas de computador e por *corpora* eletrônicos, o trabalho com um número tão grande de dados seria inviável ou até mesmo impossível.

A abordagem baseada em *corpus* trouxe, sem dúvidas, muitas facilidades e contribuições para as pesquisas linguísticas, especialmente as que tratam de questões lexicais. Desse modo,

A grande contribuição para a LC dada pela abordagem dirigida pelo corpus foi a verificação empírica de que ao vasculharmos qualquer corpus eletrônico com programa apropriado, podemos extrair agrupamentos com mais de um item lexical [...] que tendem a aparecer com regularidade em determinados corpora (SHEPERD, 2009, p. 158).

Dessa forma, em pesquisas de ordem terminológica ou, como a nossa, que busca a delimitação dos termos do Turismo utilizados em artigos científicos, a observação da regularidade em que certos itens lexicais se apresentam no *corpus* é essencial para a sua seleção e futura análise.

Portanto, de acordo com o exposto neste subitem, é possível afirmar que, no âmbito desse estudo, não utilizamos a LC como uma abordagem teórica, mas, sim, como uma perspectiva metodológica.

4.5 O CORPUS DA PESQUISA

Um dos aspectos centrais à LC atual “é a existência de uma coletânea de dados linguísticos naturais, legíveis por computador” (SARDINHA, 2000, p. 335). Argumentando que nem todo o conjunto de dados pode ser considerado um *corpus*, Sardinha (2000) analisa algumas definições do termo elaboradas por pesquisadores conceituados na área, como Sinclair (1991), Percy et al. (1996), Leech (1997) e Biber (1998). No entanto, é na definição apresentada por Sanchez (1995) que Sardinha vê a descrição que, na sua opinião, melhor define o que é um “*corpus*”:

Um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de

maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguísticos ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise (SANCHEZ, 1995, p. 8-9 apud SARDINHA, 2000, p. 338).

Sardinha destaca a definição de Sanchez (1995) pois, segundo ele, esta é a que contempla vários pontos importantes e fundamentais que um *corpus* precisa ter. Entre as características destacadas estão: a origem, o propósito, a composição, a formatação, a representatividade e a extensão do corpus.

Tomamos as características observadas por Sardinha (2000) como referência para a seleção de textos e organização do *corpus* de análise da presente pesquisa.

Como propomos a delimitação dos termos do Turismo presentes em artigos acadêmicos, inicialmente selecionamos textos publicados nos principais periódicos da área do Turismo, de acordo com o *ranking* apresentado no *Scimago Journal & Country Rank* (SJR) (2020)¹⁰⁰, a saber:

- *Tourism Management.*
- *Annals of Tourism Research.*
- *International Journal of Hospitality Management.*
- *Journal of Travel Research.*

Por razões legais, selecionamos apenas os artigos caracterizados como *open access*, isto é, textos que podem ser acessados e baixados gratuitamente na internet. E, além disso, para que pudéssemos ter um retrato mais fidedigno da língua em uso, fizemos um recorte temporal considerando apenas os textos publicados a partir do ano de 2010. As línguas são mutáveis e vão se adaptando de acordo com os usos de seus falantes. Sendo assim, o recorte temporal se fez necessário para que não corrêssemos o risco de listar termos que já pudessem estar em desuso.

Procedendo dessa maneira, conseguimos reunir um total de 269 artigos acadêmicos da área do Turismo desses quatro principais periódicos internacionais. Consideramos, porém, que o número de textos selecionados não seria o bastante para que tivéssemos um *corpus* representativo da linguagem acadêmica do Turismo. Dessa forma, fizemos uma busca por outros periódicos de Turismo em língua inglesa

¹⁰⁰ SCIMAGO. SJR – SCIMAGO JOURNAL & COUNTRY RANK. Disponível em: <https://www.scimagojr.com/journalrank.php?category=1409>. Acesso em: 12 ago. 2020.

que disponibilizassem um número maior de textos de forma gratuita, e selecionamos mais três revistas:

- *Journal of Tourism and Hospitality* – Espanha.
- *Tourism Management Perspectives* – Estados Unidos.
- *Tourism and Hospitality* – Suíça.

Destes três periódicos, baixamos mais 273 artigos, chegando, assim, ao número final de artigos acadêmicos de Turismo que fazem parte do *corpus* de análise da presente pesquisa, 542.

Consideramos que o *corpus* selecionado está de acordo com as características de um *corpus* apontadas por Sardinha (2000) como fundamentais. Segundo o autor: a) os dados devem ser autênticos (a origem): o *corpus* aqui selecionado é composto por artigos acadêmicos publicados em importantes periódicos da área, não sendo, assim, textos elaborados especificamente para esta pesquisa, mas, sim, para toda a comunidade acadêmica da área e para qualquer pessoa interessada no assunto; b) o *corpus* deve ter a finalidade de ser um objeto de estudo linguístico (o propósito): o *corpus* selecionado é a base das análises da presente pesquisa linguística, a qual tem por objetivo investigar a língua em contexto acadêmico da área do Turismo; c) o conteúdo do *corpus* deve ser criteriosamente escolhido (a composição): para a escolha do *corpus* da pesquisa, buscamos por periódicos de destaque da área em foco, seguindo, inclusive um *ranking* oficial de periódicos a nível global para selecionarmos os que ali se apresentavam; d) os dados do *corpus* devem ser legíveis por computador (a formatação): os artigos que formam o *corpus* foram salvos em formatos *txt*. para que pudessem ser lidos pela ferramenta de análise léxica que utilizamos;¹⁰¹ e) o *corpus* deve ser representativo de uma língua ou variedade (a representatividade): para garantir a representatividade da área acadêmica do Turismo, buscamos artigos publicados por pesquisadores e acadêmicos da área; f) o *corpus* deve ser vasto para ser representativo (a extensão): para atender a esse requisito, selecionamos um total de 542 artigos acadêmicos publicados nos sete periódicos mencionados.

¹⁰¹ Descrevemos esse processo na próxima subseção.

4.5.1 A organização dos artigos do corpus em *txt*.

A compilação dos 542 artigos acadêmicos de Turismo foi apenas o primeiro passo da organização do *corpus* de análise da presente pesquisa. A etapa seguinte consistiu em reunir todos estes textos em um único arquivo em formato *pdf*. Para tanto, buscamos por uma ferramenta *on-line* que realizasse essa tarefa. Encontramos o site *I love pdf*¹⁰² (figura 04), no qual é possível realizar diferentes tipos de trabalhos com textos neste formato, como juntar, mesclar, dividir, comprimir e converter para outros formatos.

Percebemos logo no início que utilizando a versão gratuita havia um limite no número de textos que poderiam ser processados a cada vez, um total de 25 artigos. Então, tivemos que prosseguir organizando os textos dentro do limite permitido por aquela versão.

Figura 04 – Layout do *I love pdf*.

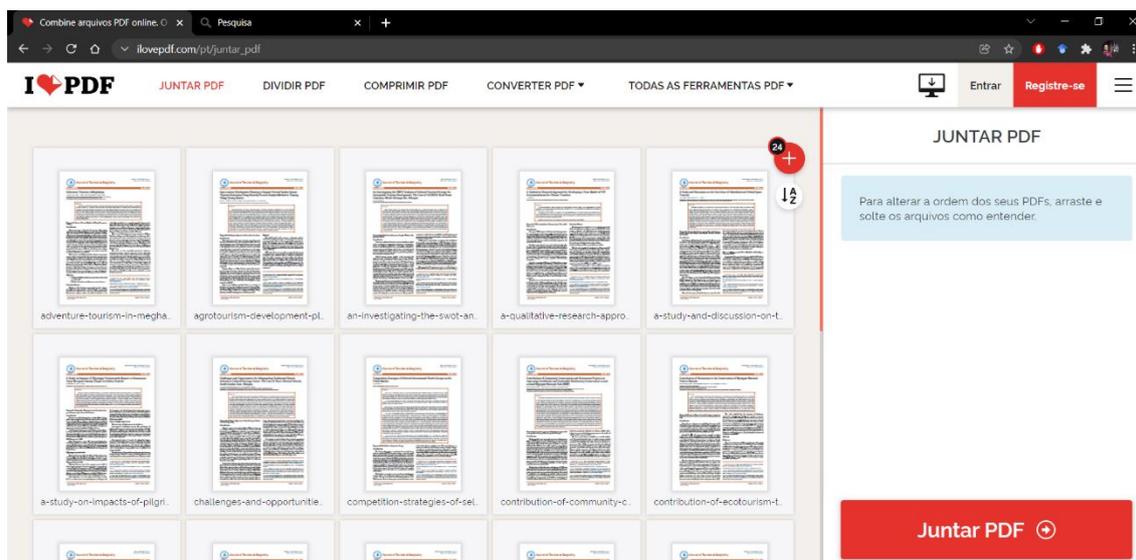


Fonte: <https://www.ilovepdf.com/pt>.

A utilização do programa é bastante simples. Basta selecionar os artigos que deseja mesclar e clicar em “juntar pdf”. Na sequência, é preciso aguardar poucos segundos enquanto o programa processa os textos e, finalmente, é possível baixar um único arquivo *pdf* contendo todos os que foram selecionados na etapa anterior.

¹⁰² Disponível em: <https://www.ilovepdf.com/pt>, acesso em: 12 de out. 2021.

Figura 05 – Processo de mescla de textos.



Fonte: <https://www.ilovepdf.com/pt>.

Além do trabalho com no máximo 25 textos por tarefa, em certo momento ocorreu que o arquivo ultrapassou o tamanho de 100MB, que é outro limite imposto pela versão gratuita do programa. Mesmo que utilizássemos a opção de comprimir o arquivo, percebemos que logo chegaria um momento em que ele ultrapassaria os 100MB. Então, notamos que, para poder finalizar essa parte do trabalho, teríamos que assinar a versão *Premium*, na qual poderíamos processar até 4MB por tarefa. Finalmente, após fazer o *upgrade*, concluímos essa etapa com um único arquivo *pdf* totalizando 6.673 páginas.

O próximo e último passo consistiu em transformar o arquivo *pdf* em *txt*, uma vez que este é o formato necessário para o trabalho com o *WordSmith Tools 7.0*, o programa de análise de dados lexicais utilizado no âmbito desta pesquisa. Neste momento, no entanto, esbarramos no mesmo problema ocorrido anteriormente, o tamanho do documento. Foi necessário usar o *I love pdf* novamente para comprimir o arquivo, pois ele atingia 658MB, ultrapassando os 500MB que era o tamanho máximo suportado pelo programa. Após a compressão, obtivemos um documento com 182MB.

Quando fomos finalmente fazer a conversão de formato, percebemos que a ferramenta que estávamos utilizando não dispunha da opção para transformar o documento *pdf* em *txt*. Dessa maneira, precisamos recorrer a outro programa *online*, o *Corvertio*¹⁰³, que é similar ao *I love pdf*, e que dispõe da opção de converter

¹⁰³ Disponível em: <https://convertio.co/files>, acesso em: 18 de out. 2021.

documentos de diferentes formatos para *txt*. Foi assim que finalmente chegamos ao tipo de arquivo que precisávamos para o trabalho com o *corpus* com o programa mencionado.

Na próxima subseção tratamos as técnicas e procedimentos de coleta de dados. Iniciamos discorrendo a respeito das principais ferramentas do programa *WordSmith Tools 7.0* e, na sequência, demonstramos como as utilizamos nesta pesquisa.

4.6 TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Como mencionado, em nossa pesquisa, não utilizamos a LC como abordagem teórica, mas, sim, como uma perspectiva metodológica, pois consideramos que seria a forma mais adequada para o desenvolvimento do estudo baseado em *corpus* que nos propomos a desenvolver.

No final da primeira década dos anos 2000, Sardinha já chamava a atenção para o importante papel que a LC e as ferramentas computacionais desempenhavam nas pesquisas de ordem linguística, que tinham como base grandes conjuntos de textos, os *corpora*.

A Linguística de Corpus vem mudando a maneira como se investiga a linguagem, nos seus mais diversos níveis, colocando à disposição do analista quantidades de dados antes inacessíveis. Um dos grandes agentes dessa mudança é a informática; sem ela, a Linguística de Corpus contemporânea não poderia existir. Assim, o linguista de corpus depende de programas de computador para lidar com corpora (SARDINHA, 2009, p. 7).

Nessa perspectiva, as pesquisas linguísticas baseadas em *corpora* tiveram um crescimento considerável a partir do surgimento e aprimoramento das ferramentas computacionais, pois o computador colocou à disposição dos pesquisadores uma série de benefícios frente ao trabalho manual. Freitas (2016) diz que, “dentre as vantagens de adoção de *corpora* para a pesquisa linguística estão as possibilidades de explicar as diferenças nos usos das palavras e de formas linguísticas, dentre outros traços, com base na probabilidade de ocorrência em determinados contextos” (FREITAS, 2016, p. 98).

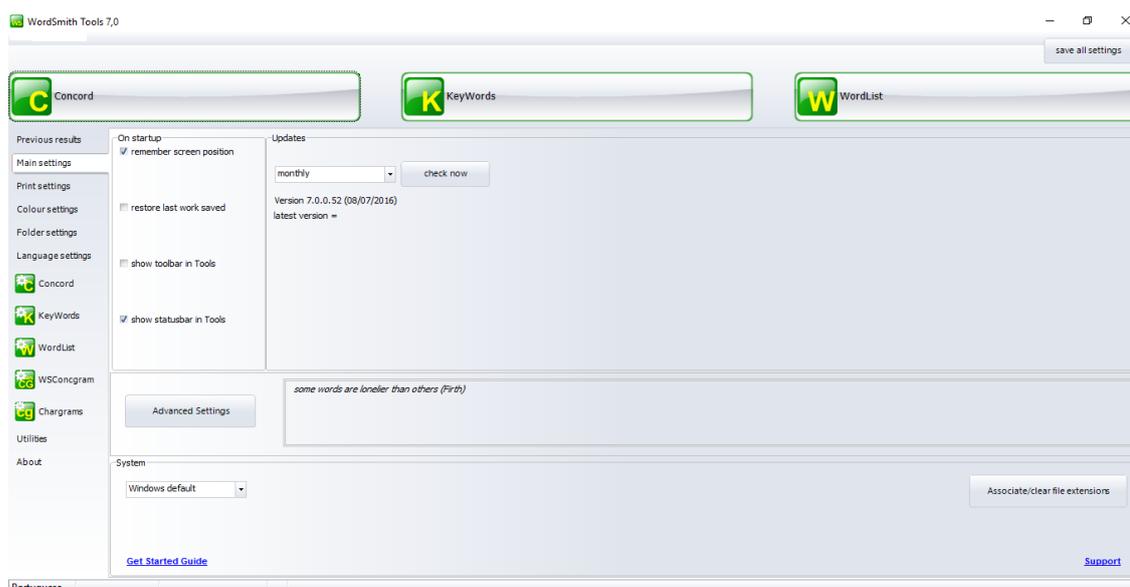
Com o objetivo de observar a frequência de uso de termos da área do Turismo presentes no *corpus* selecionado, adotamos uma das ferramentas de coleta de dados mais populares da LC, o *WordSmith Tools 7.0*. O programa foi desenvolvido em 1996 por Mike Scott, na Universidade de Liverpool, lançado pela *Oxford University Press*, e tem sido usado cada vez com mais frequência entre estudiosos da LC em pesquisas de cunho linguístico, nas quais se utilizam computadores para trabalhar com análise de *corpora*. Para Sardinha,

O programa WordSmith Tools é um conjunto de programas integrados ('suite') destinado à análise linguística. Mais especificamente esse software permite fazer análises baseadas na frequência e na co-ocorrência das palavras em *corpora*. Além disso, ele permite pré-processar os arquivos do *corpus* (retirar partes indesejadas de cada texto, organizar o conjunto de arquivos, inserir e remover etiquetas etc.), antes da análise propriamente dita. (SARDINHA, 2009, p. 8).

Desde que foi criado, ele já teve diversas atualizações, sendo que a última é a versão 8.0. Nesta pesquisa fazemos o uso da versão 7.0.

Na figura 06, apresentamos o *layout* do programa *WordSmith Tools 7.0*, na qual podemos visualizar os atalhos para a utilização de suas principais ferramentas e funções.

Figura 06 – Programa *WordSmith Tools*.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Como podemos observar na imagem inicial do programa, ele possui três ferramentas principais, a saber: *WordList*, *Concord* e *KeyWords*. A primeira, como descreve Berber Sardinha,

Produz listas de palavras contendo todas as palavras do arquivo ou arquivos selecionados, elencando em conjunto com suas frequências absolutas e percentuais. Também compara listas, criando listas de consistência, onde é informado em quantas listas cada palavra aparece. (SARDINHA, 2009, p. 9).

As listas podem ser geradas de duas formas diferentes, uma com palavras individuais e outra com agrupamentos de palavras, conhecidos como *clusters*, que “são formados por sequências de palavras conforme apareceram no texto” (SARDINHA, 2009, p. 145), seja considerando a totalidade dos itens lexicais do *corpus* ou por palavras-chave. É possível configurar para que o *cluster* seja apresentado por no mínimo duas e no máximo oito palavras¹⁰⁴.

A segunda, a ferramenta *Concord*, “realiza concordâncias, ou listagem de uma palavra específica (o ‘nódulo’, *node word* ou *search word*) juntamente com a parte do texto onde ocorreu. Oferece também listas de colocados, isto é, palavras que ocorreram perto do nódulo” (SARDINHA, 2009, p. 9). Segundo Freitas (2016),

As concordâncias possibilitam a análise de um grande número de dados a partir dos quais é possível calcular as frequências de co-ocorrência de palavras. A visibilidade é uma característica importante das concordâncias e é consequência da disposição das ocorrências com a palavra-chave centralizada. Esse tipo de disposição e a possibilidade de reordenar alfabeticamente a listagem facilitam a observação das palavras que ocorrem antes e depois do nódulo. Dessa forma, é possível revelar padrões que se repetem e que não seriam observáveis com um número pequeno de dados a olho nu. (FREITAS, 2016, p. 106-107).

Por meio do *Concord*, portanto, é possível verificar os contextos em que as palavras ocorrem com mais agilidade e precisão.

A terceira ferramenta, chamada *KeyWords*, tem a função de extrair “palavras de uma lista cujas frequências são estatisticamente diferentes (maiores ou menores) do que as frequências das mesmas palavras num outro *corpus*” (SARDINHA, 2009, p. 8).

¹⁰⁴ Na próxima subseção, apresentamos exemplo de listas de palavras individuais e *clusters*.

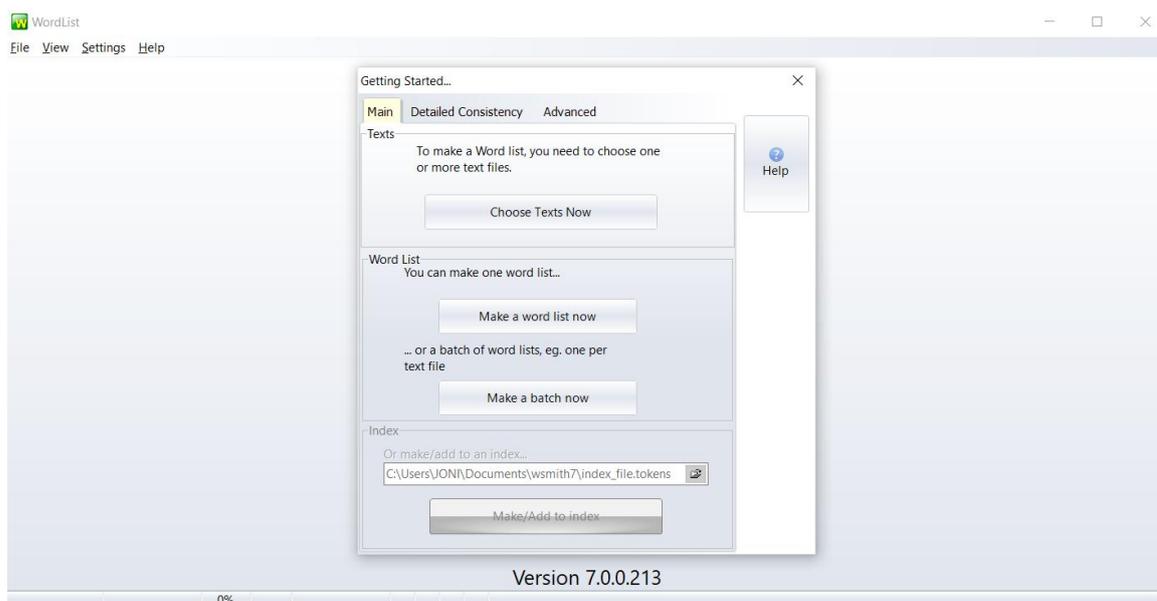
O uso do *WordSmith Tools* para a realização de pesquisas linguísticas baseadas em *corpus* possibilita agilidade e exatidão considerável no trabalho com o léxico. Ele fornece, de forma praticamente instantânea, dados quantitativos que demandariam um longo tempo se fossem tratados manualmente, além de serem muito mais suscetíveis a erro. Nesse sentido, a utilização desse programa da LC é de fundamental importância para a realização da coleta dos dados, assim como para as análises. Vejamos na sequência, como o usamos nesta pesquisa.

4.6.1 O uso do *WordSmith Tools* 7.0

Após a seleção de todos os textos que compuseram o *corpus* de análise, a realização da tarefa de organizá-los em um arquivo único e convertê-lo para o formato *txt*, iniciamos a seleção dos termos do Turismo.

O primeiro passo foi gerar uma lista individual contendo todas as palavras presentes no *corpus*. Abrimos o programa e selecionamos a opção *WordList* (figura 4), selecionamos o texto a ser usado – o arquivo *txt* contendo todos os 542 artigos acadêmicos – e clicamos em “*make a word list now*” – criar uma lista de palavras agora.

Figura 07 – *Layout* da ferramenta *WordList*.



Fonte: elaborado pelo autor.

Devido ao tamanho do arquivo, o programa demorou entre um e dois minutos para processar e mostrar o resultado. A lista gerada apresentou a totalidade dos itens lexicais presentes no *corpus*, organizados pela ordem de frequência de uso.

Figura 08 – Lista individual de palavras do *corpus*.

N	Word	Freq.	%	Texts	%	Dispersion	Lemmas	Set
1	THE	200.515	4,88	1	100,00	0,97		
2	OF	145.773	3,55	1	100,00	0,97		
3	AND	132.157	3,22	1	100,00	0,98		
4	IN	80.901	1,97	1	100,00	0,98		
5	TO	79.388	1,93	1	100,00	0,98		
6	A	64.663	1,58	1	100,00	0,94		
7	TOURISM	42.966	1,05	1	100,00	0,92		
8	IS	33.835	0,82	1	100,00	0,94		
9	FOR	31.224	0,76	1	100,00	0,99		
10	THAT	29.434	0,72	1	100,00	0,98		
11	AS	27.509	0,67	1	100,00	0,96		
12	ON	26.136	0,64	1	100,00	0,97		
13	WITH	21.017	0,51	1	100,00	0,98		
14	ARE	19.671	0,48	1	100,00	0,96		
15	THIS	19.185	0,47	1	100,00	0,98		
16	BY	17.501	0,43	1	100,00	0,97		
17	RESEARCH	14.911	0,36	1	100,00	0,88		
18	FROM	14.441	0,35	1	100,00	0,98		
19	BE	13.969	0,34	1	100,00	0,98		
20	AN	13.526	0,33	1	100,00	0,96		
21	AL	12.775	0,31	1	100,00	0,82		
22	ET	12.650	0,31	1	100,00	0,82		
23	1	12.227	0,30	1	100,00	0,95		
24	IT	11.829	0,29	1	100,00	0,95		
25	THEIR	11.666	0,28	1	100,00	0,96		
26	OR	11.600	0,28	1	100,00	0,95		
27	WAS	10.419	0,25	1	100,00	0,95		
28	MANAGEMENT	10.249	0,25	1	100,00	0,92		
29	HAVE	9.835	0,24	1	100,00	0,98		

Fonte: elaborado pelo autor.

As palavras aparecem na coluna 'Word', seguidas da sua frequência, na coluna 'Freq.' e da porcentagem que essa frequência representa frente ao total de palavras existentes no(s) arquivo(s) selecionado(s) (isto é, no *corpus*), na coluna '%' (SARDINHA, 2009, p. 143).

A palavra "*tourism*", a primeira não gramatical, por exemplo, ocorre 42.966 vezes, e corresponde a 1,05% das palavras que compõem o *corpus*. Naturalmente, as palavras gramaticais são a maioria entre as mais frequentes em qualquer *corpus*, uma vez que elas são fundamentais para a veiculação dos discursos. Na figura 08 podemos observar que entre as 29 unidades lexicais que aparecem na imagem, apenas *tourism*, *research* e *management* não são palavras gramaticais.

A lista individual apresentou 115,526 itens. No entanto, ao alterarmos a forma de apresentação, mudando da ordem de frequência para a ordem alfabética, percebemos que grande parte desses dados eram numerais ou outros símbolos, que

nos artigos que compõem o *corpus*, são utilizados em gráficos e tabelas, por exemplo. Como esses numerais e símbolos aparecem anteriormente às palavras na lista, mantivemos a ordem alfabética e os deletamos, chegando a uma lista final com um total de 81.059 itens lexicais.

O segundo passo consistiu em excluir todas as palavras gramaticais, para então chegar a uma nova lista. Na sequência, selecionamos os termos do Turismo. Para tanto, utilizamos como referência o *Dicionário de Termos Técnicos do Meio Turístico: Conceito, Definições, Siglas & Tipologias* (FALCÃO, 2016).

A tarefa seguiu os seguintes passos: 1) selecionar o item lexical na lista de palavras; 2) verificar se o item é uma entrada no dicionário de Falcão (2016), sendo assim considerado um termo da área; 3) analisar o contexto de uso e as palavras que concordam com o determinado termo; 4) verificar a ocorrência de palavras ausentes no dicionário de Falcão, mas que possam ter significado essencial para a área estudada, como possíveis neologismos, por exemplo.

Na realização do terceiro passo, a análise do contexto, utilizamos a ferramenta *Concord*, do *WordSmith Tools 7.0*. Vejamos um exemplo com o termo “*attraction*”:

Figura 09 – Concordâncias do termo “*attraction*”.

The screenshot shows the WordSmith Tools 7.0 interface with the Concordance window open. The window title is "Concordance" and it displays a list of text excerpts where the word "attraction" is highlighted in red. The excerpts are numbered from 403 to 430. The interface includes a menu bar (File, Edit, View, Compute, Settings, Windows, Help) and a toolbar at the bottom with buttons for concordance, collocates, plot, patterns, clusters, timeline, filenames, source text, and notes.

N	Concordance
403	printing or electronics media due to lack of is tourism attraction and which is not. Due to this fact some of
404	printing or electronics media due to lack of is tourism attraction and which is not. Due to this fact some of
405	product is an important tangible cultural tourism attraction ; as it represents local tradition, and
406	S.; Altafi, M. Agricultural heritage as a creative tourism attraction . <i>Asia Pac. J. Tour. Res.</i> 2019, 24, 541â€
407	well as the vicinity, the lack is also one of the tourism attraction , but now a day the water quantity of the lack
408	well as the vicinity, the lack is also one of the tourism attraction , but now a day the water quantity of the lack
409	should be congruent with the exhibited tourism attraction . Consequently, there is insufficient data to
410	[86]. It contends that people do not develop tourism attraction . Festival/ event tourism is one of the
411	Perspectives 19 (2016) 32â€³9 Another tourism attraction in Jakarta is outdoor sport activity. such as
412	at various The case study is a unique food tourism attraction . It was specially levels. This partially
413	houses. Like as one of the wonderful cultural tourism attraction of the village they do the cloths, the DorzÃ©
414	. Lake Hayq Lake Hayq is another natural tourism attraction of the monastery. It is one of the fresh
415	. Lake Hayq Lake Hayq is another natural tourism attraction of the monastery. It is one of the fresh
416]. The situation of Romaniaâ€™s international tourism attraction point both regionally and competitively at a
417	impact. Keywords: Mass tourism; Alternative tourism ; Attraction resource base; Community participation
418	It is important to note that this type of food tourism attraction routes , and food and drink trails. With more
419	area to another. It can with other tourists at tourism attraction sites . Moreover, most of also involve shifts
420	82 (2020) 102936 Richards, G. (2002). Tourism attraction systems :: Exploring cultural behavior.
421	online traditional cuisine could improve the tourism attraction , which is [58], and community-based
422	for crops. The nearest and the exclusive tourism attraction Year Tourists amount (million) is Zhao
423	and reality they received from a visit at a tourist attraction [10]. â€ Good tourist attraction, clean and
424	cultural events rather through a heritage tourist attraction [27]; visiting places which have
425	estiÃ- oriented to tourism Creation of new tourist attraction 3.78 9.7 9.7 16.5 21.8 42.4 mations. Given
426	against old traditions. Dungguza is criteria: tourist attraction , accessibility and infrastructure, and also a
427	businesses relate to the due to the means of tourist attraction . Added to that increase in the facilitation of
428	and can provide job opportunities for the tourist attraction and be able to be best tourism destination.
429	. However, in the Somali Regional State, major tourist attraction and historical attractions [10]. Some unique
430	because the feeling of reality feels like a tourist attraction and it will increase the interest in visiting

Fonte: elaborado pelo autor.

Na figura anterior, é possível ver algumas das 640 ocorrências do termo escolhido – *attraction* – apresentados na cor azul. Destacados em vermelho e verde aparecem todas as palavras que concordam com esse termo. Ao clicar em “*collocates*”, pudemos observar com mais precisão quais eram as colocações mais frequentes para o determinado termo (figura 10).

Figura 10 – Colocações mais frequentes para o termo “*attraction*”.

The screenshot shows a software window titled 'Collocate List (unsaved)'. The window has a menu bar with 'File', 'Edit', 'View', 'Compute', 'Settings', 'Windows', and 'Help'. Below the menu bar is a table with the following columns: N, Word, Set, Texts, Total, Total Left, Total Right, L5, L4, and L. The table lists 28 collocates for the word 'attraction'. The first row is highlighted in yellow. The 'Total' column shows the frequency of each collocate, and the 'Total Left' and 'Total Right' columns show the frequency of the collocate appearing to the left and right of the target word, respectively. The 'L5', 'L4', and 'L' columns show the frequency of the collocate appearing in the 5th, 4th, and 1st positions relative to the target word.

N	Word	Set	Texts	Total	Total Left	Total Right	L5	L4	L
1	ATTRACTION		1	650	5	5	2	1	
2	TOURIST		1	175	162	13	3	5	
3	TOURISM		1	78	54	24	10	5	
4	SITES		1	70	0	70			
5	SITE		1	47	13	34	8		
6	RESOURCES		1	42	7	35	5	2	
7	NATURAL		1	40	40	0	5	2	
8	VISITOR		1	38	34	4	2		
9	POTENTIAL		1	36	36	0		1	
10	DESTINATION		1	36	24	12	1	2	
11	THAT		1	35	18	17	7	3	
12	TOURISTS		1	30	14	16		2	
13	WITH		1	29	18	11	3	7	
14	CULTURAL		1	28	23	5	2	6	
15	WHICH		1	23	5	18	2	2	
16	MANAGEMENT		1	22	5	17	2	3	
17	AREA		1	21	2	19	1	1	
18	OTHER		1	20	18	2	1	1	
19	MORE		1	20	11	9	2	7	
20	TOWN		1	19	6	13	3	3	
21	DIFFERENT		1	18	12	6	3	1	
22	MAIN		1	18	18	0		1	
23	TYPES		1	16	4	12	1		
24	STUDY		1	16	3	13	2		
25	JIMMA		1	15	3	12	3		
26	VISITORS		1	15	9	6		3	
27	EXPERIENCE		1	14	8	6	2	5	
28	HOTEL		1	14	9	5	2	3	

At the bottom of the window, there is a toolbar with buttons for 'concordance', 'collocates', 'plot', 'patterns', 'clusters', 'timeline', 'filenames', 'source text', and 'notes'. The 'collocates' button is currently selected.

Fonte: elaborado pelo autor.

A lista da figura 10 demonstra que a colocação mais frequente para o termo *attraction* foi “*tourist attraction*”. Houve um total de 175 ocorrências de “*tourist*”, 162 colocadas à esquerda do termo e apenas 13 à direita. Além disso, ao clicar duas vezes sobre uma ocorrência, é possível ler o texto fonte onde tal termo ocorreu, sendo assim possível melhor avaliar o contexto de uso de cada termo. Vejamos um exemplo na figura 11.

Seguindo esses passos metodológicos, selecionamos um total de 270 termos, entre os quais estão: *check-in*, *inbound tourism*, *souvenir shop*, *tourist spot*, *agrotourism* e *backpacker*.

Figura 11 – Verificação do texto fonte de uma ocorrência.

Filename List (unsaved)

File Edit View Compute Settings Windows Help

DISCUSSION

We expected that direct and indirect exposure to the memorial would impact both crime change predictions as well as the accuracy of such predictions. The results were mixed. Direct exposure actually served a predictor of an accurate prophet, while the indirect exposure variables were more complicated, upending hypotheses three and four. Specifically, lack of direct exposure in the form of living outside the memorial city had an effect on the belief that both property and violent crimes had decreased, making the respondents who essentially lived further from the memorial more accurate prophets of crime change. Indirect exposure, on the other hand, had a more nuanced relationship with perception. For instance, respondents with exposure to local news or more stories about the memorial were more likely to believe in a decrease than no change, making them accurate prophets. However, while an increase in media stories was related to belief in a decrease in violent crimes, it was also significantly associated with the belief that violent crimes had increased since the opening (both in comparison to no change), making those respondents inaccurate pessimists. In addition, exposure to local news was inversely related to belief in an increase. When it comes to accuracy, direct exposure through residency is the only consistent predictor, whereby those who live outside the city are more likely to accurately perceive the decrease in crimes. In addition, exposure to multiple news stories also leads to an accurate prophet of property crimes. The finding that being a memorial city resident was related to no perceived change in property and violent crime indicates that the further removed one is from the location in question, the more likely they are to accurately predict changes. This is possibly due to non-residents being more objective and less invested in the memorial's overall effect on the community. It is possible that being distant from Montgomery meant that respondents had little knowledge about the scope and scale of the memorial and would therefore not necessarily predict significant changes in crime. On the other hand, living locally creates the possibility of direct

concordance collocates plot patterns clusters timeline filenames source text notes

Fonte: elaborado pelo autor.

Na sequência, dividimos os 270 termos em sete diferentes subáreas. Para esse propósito, utilizamos como referência as subáreas do Turismo presentes no *Thesaurus on Leisure and Tourism activities* (UNWTO, 2001)¹⁰⁵, como pode ser visto na próxima subseção deste capítulo.

O passo seguinte foi apresentar todos os termos de acordo com as subáreas por nós estipuladas para, depois, seguir para as análises. Esta etapa consistiu em verificar se se tratava de palavras que, além de serem termos do Turismo, também fazem parte do vocabulário fundamental da língua inglesa. Para esse fim, utilizamos como referência comparativa a *General Service List* (West 1953). Além disso, analisamos se as palavras tidas como termos fazem parte ou não do AWL de Coxhead (2000). A partir dessas comparações, pudemos ter uma visão mais ampla no que se

¹⁰⁵ As subáreas por nós organizadas são apresentadas no próximo capítulo da presente Tese.

refere ao nível de dificuldade dos termos, assim como o tipo de palavras são predominantes.

Na próxima subseção, tratamos da estrutura do material didático elaborado como produto da pesquisa.

4.7 SUBÁREAS DO MATERIAL DIDÁTICO

Os termos são unidades lexicais que favorecem a univocidade da comunicação das áreas de especialidades (KRIEGER; FINATTO, 2020). No entanto, o desenvolvimento das pesquisas no campo da Terminologia fez com que o olhar sobre os termos ganhasse uma perspectiva mais ampla em relação àquela derivada da TGT.

O âmbito original de aplicação da TGT era a técnica em geral, e a mecânica e a engenharia em particular. Ao tentar estender esse modelo de representação da realidade a outras disciplinas (como as ciências aplicadas, sociais e humanas), ou mesmo a outros domínios especializados por critérios pragmáticos (como as profissões, por exemplo), a TGT encontra uma redução considerável da capacidade de descrição do modelo, que não consegue dar conta de realidades tão distintas (ALMEIDA, 2003, p. 215-216).

Devido a esses problemas, a TCT expandiu os horizontes dos estudos terminológicos, e um dos seus pressupostos centrais, essencial no âmbito desta pesquisa, é a consideração de que não há uma distinção entre palavra e termo, “o que há são signos linguísticos que podem realizar-se no discurso como termo ou palavra dependendo da situação comunicativa” (ALMEIDA, 2006, p. 85). Esta autora segue o mesmo entendimento de Cabré (2003), a qual afirma que toda unidade lexical tem o potencial para ser um termo, uma vez que a situação pragmática do discurso a ative como tal.

Em outras palavras, no âmbito da comunicação especializada, é necessário que os sujeitos envolvidos no ato comunicativo compartilhem do conhecimento sobre os traços conceituais que fazem com que determinado item lexical seja reconhecido como um termo. As linguagens de especialidades podem ser consideradas como linguagens de grupos específicos envolvidos em atividades em que a comunicação só se efetiva quando seus membros dominam um vocabulário particular da área de interesse daquele grupo (HOFFMANN, 2015).

Outrossim, as terminologias constituem conjuntos lexicais que “se interseccionam com subconjuntos de léxico geral, caracterizados por uma temática, pelos usuários e pelas situações de comunicação” (BIDERMAN, 2001, p. 159). Segundo a autora, isso explica a coocorrência de um mesmo termo, com traços conceituais distintos, em diferentes áreas de especialidades. Similarmente, lembra a autora, isso esclarece a incidência de unidades lexicais pertencentes a conjuntos terminológicos distintos, assim como o uso de palavras do léxico geral que assumem o *status* de termo em determinados contextos.

Conseqüentemente, para que um item lexical possa ser considerado um termo, ele precisa representar um conceito específico daquela determinada área do conhecimento, independentemente de outros significados que possa ter no conjunto geral do léxico.

Exemplifica toda essa visão o item lexical *folha*, cujo uso pode atualizar o sentido de folha de árvore ou página de livro entre tantas outras possibilidades significativas que a comunicação ordinária permite. Já no domínio das especializações, como é o caso da Botânica, *folha* é o objeto de conceituação, tal como expressa o seguinte enunciado: ‘órgão, geralmente, laminar e verde, das plantas floríferas ou fanerógamas e principal estrutura assimiladora do vegetal’ (KRIEGER; FINATTO, 2020, p. 77, grifo das autoras).

Foi seguindo tais pressupostos que conduzimos nossa investigação. Considerando o aspecto conceitual das unidades lexicais no âmbito do Turismo, selecionamos um total de 270 termos. Inicialmente, adotamos os seguintes critérios:

- Observar apenas termos simples, como *room* e *terminal*.
- Considerar apenas os substantivos;
- Desconsiderar as flexões desses substantivos, como em *facilities*, observar *facility*; e em *dishes*, observar *dish*;
- Verificar se as palavras faziam parte do *Dicionário de Termos Técnicos do meio Turístico* (FALCÃO, 2016) e/ou do *Thesaurus on Leisure and Tourism activities* (UNWTO, 2001);
- Verificar se, mesmo ausente nas obras referidas, a palavra é significativa no contexto analisado;
- Verificar a ocorrência de termos complexos.

Como passo seguinte, agrupamos os termos identificados em campos lexicais, os quais relacionamos com uma ou duas subáreas do referido *Thesaurus*, mostrados no quadro a seguir:

Quadro 06 – Subáreas do Turismo.

1. <i>Sports</i>	Esportes
2. <i>Tourism Legislation</i>	Legislação Turística
3. <i>Ecology of Tourism</i>	Ecologia do Turismo
4. <i>Economy of Tourism</i>	Economia do Turismo
5. <i>Tourism Facilities</i>	Instalações Turísticas
6. <i>Visitor Flows</i>	Fluxos Turísticos
7. <i>Training and Employment</i>	Treinamento e Emprego
8. <i>Accommodation</i>	Acomodação
9. <i>Leisure Activities</i>	Atividades de Lazer
10. <i>Tourism Events</i>	Eventos Turísticos
11. <i>Tourism Heritage</i>	Patrimônio Turístico
12. <i>Tourism Policy</i>	Política de Turismo
13. <i>Tourism Services</i>	Serviços Turísticos
14. <i>Tourism Professionals</i>	Profissionais de Turismo
15. <i>Tourism Promotion</i>	Promoção Turística
16. <i>Science and Information</i>	Ciência e Informação
17. <i>Sociology of Leisure</i>	Sociologia do Lazer
18. <i>Tourism Sectors</i>	Setores do Turismo
19. <i>Transport</i>	Transporte
20. <i>Countries and Country Groupings</i>	Países a Agrupamento de Países

Fonte: Organização Mundial do Turismo (2001, n.p.).

Algumas destas subáreas deram origem aos títulos de cada uma das unidades do material didático apresentado neste trabalho. Por exemplo, o capítulo um, *Terms with Tourism*, corresponde à subárea *Tourism Sectors* do *Thesaurus on leisure and tourism activities* (2001); o capítulo dois, *Food and Beverage*, corresponde à subárea *Tourism and Services*; e assim sucessivamente, como pode ser observado no quadro seguinte:

Quadro 07 – Capítulos do material e subáreas relacionadas.

CHAPTERS OF THE MATERIAL	TOURISM SUBFIELDS
1. <i>Terms with Tourism</i>	<i>Tourism Sectors</i>
2. <i>Food and Beverage</i>	<i>Tourism Services</i>
3. <i>Money and Finance</i>	<i>Economy of Tourism</i>
4. <i>Places and Facilities</i>	<i>Tourism Facilities / Tourism Heritage</i>
5. <i>Hotels and Accommodation</i>	<i>Services / Tourism Facilities</i>
6. <i>Transportation</i>	<i>Transport</i>
7. <i>People on Tourism</i>	<i>Tourism Professionals / Visitor Flow</i>
8. <i>Grammar Resource</i>	<i>Grammar Reference</i>

Fonte: elaborado pelo autor.

O material é constituído de oito capítulos, sete com o foco no ensino-aprendizagem dos termos, e um capítulo com o foco em questões gramaticais pertinentes para o estudo do conjunto terminológico estudado. Consideramos o oitavo capítulo essencial no material, uma vez que servirá de referência para os estudantes sobre conteúdos de gramática necessários para a realização das atividades.

Após a seleção dos substantivos candidatos a termos e a sua respectiva organização nos campos lexicais descritos, percebemos a necessidade de expandir o nosso olhar para as palavras que apresentavam grande incidência de ocorrência anterior ou posteriormente aos termos no discurso. Nesta perspectiva, com o uso da ferramenta *Concord* do *WordSmith Tools 7.0*, verificamos os verbos e os adjetivos mais frequentes que acompanhavam os itens lexicais então selecionados. Faz-se necessário ressaltar que os verbos e adjetivos em questão não são partes constituintes dos termos, mas, esse olhar mais amplo nos possibilitou observar algumas questões gramaticais pertinentes para o contexto de uso da terminologia em foco, como as colocações e o uso de prefixos e sufixos.

Um segundo olhar sobre o *corpus* mostrou a necessidade de observarmos, também, os termos complexos. Nessa perspectiva, na subseção seguinte, apresentamos os termos selecionados, classificando-os como “termos simples” e “termos complexos”; e, em língua inglesa, “*simple terms*” e “*compound terms*”.

Em relação às noções de “simples”, “complexo” e “composto”, na língua portuguesa, tomamos como referência as definições de Biderman (1999). A autora explica que em contexto de estudos lexicológicos o termo “lexia” é bastante útil para não correremos o risco de gerar ambiguidades com o uso dos termos “palavra” e “vocábulo”. E esclarece ainda que:

As lexias se repartem em duas categorias: as *lexias simples*, graficamente constituídas de uma sequência gráfica separada por dois brancos (cesta, guarda, dona, mãe) e *lexias complexas*, formadas por várias unidades separadas por brancos e não ligadas por hífen (cesta básica, dona de casa). E chamaremos de *lexias compostas* aquelas que são ligadas por hífen (guarda-roupa, mãe-de-santo) (BIDERMAN, 1999, p. 89).

Pelo fato de a presente pesquisa estar situada no âmbito da Terminologia, utilizaremos “termos simples” e “termos complexos”, em vez de “lexias simples” e “lexias complexas”.

Em línguas inglesa, entretanto, as normas são ligeiramente diferentes. Observemos o que diz o manual de regras de escrita para impressão do governo dos Estados Unidos a respeito das *compound words* (palavras compostas).

Uma palavra composta é uma união de duas ou mais palavras, seja com ou sem hífen. Ele transmite uma ideia de unidade que não é tão clara ou rapidamente transmitida pelas palavras componentes em sucessão desconexa. O hífen é um sinal de pontuação que não só une, mas também separa as palavras componentes; facilita a compreensão, ajuda a legibilidade e garante a pronúncia correta (THE UNITED STATES, 2016, p. 97)¹⁰⁶.

Tomando como base o ponto de vista defendido por Biderman (1999), em língua portuguesa existe a distinção entre lexias complexas e compostas. Em língua inglesa, entretanto, utiliza-se apenas o termo *compound words*, e são estes últimos os conceitos utilizados, já que esta pesquisa tem como foco a língua inglesa.

Tendo essas noções como referência, apresentamos, no capítulo cinco, uma lista com os itens lexicais presentes em cada uma das unidades didáticas por nós

¹⁰⁶ A compound word is a union of two or more words, either with or without a hyphen. It conveys a unit idea that is not as clearly or quickly conveyed by the component words in unconnected succession. The hyphen is a mark of punctuation that not only unites but also separates the component words; it facilitates understanding, aids readability, and ensures correct pronunciation.

elaboradas, seguindo a seguinte ordem: termos simples, termos complexos, adjetivos e verbos.

Estas são algumas das características gerais do material didático elaborado. Os tipos de exercícios serão apresentados no capítulo 6.

No próximo capítulo, apresentamos os termos selecionados do *corpus*. Iniciamos discorrendo sobre a natureza do vocabulário presente em textos acadêmicos e, na sequência, trazemos as análises.

5 TERMOS DO TURISMO EM ARTIGOS ACADÊMICOS

Neste capítulo, apresentamos os Termos do Turismo coletados do *corpus* composto por artigos acadêmicos – publicados em periódicos de língua inglesa. Iniciamos tratando dos tipos de vocabulários que compõem os textos acadêmicos de áreas de especialidade. Na sequência, apresentamos os termos selecionados e fazemos uma análise comparativa com a GSL (WEST, 1953), e a AWL (COXHEAD, 2000). O objetivo principal desta etapa é verificar se as palavras selecionadas possuem uma natureza mais acadêmica ou tendem a ser mais próximas ao vocabulário fundamental da língua inglesa. Os resultados de tais investigações são fundamentais para um diagnóstico na questão do grau de especialidade, e conseqüentemente, de dificuldade de tal vocabulário, possibilitando, assim, o direcionamento do público-alvo para o produto da pesquisa, o material didático. Na sequência, fazemos as considerações necessárias para justificar nossas escolhas em relação às tomadas de decisão no momento da elaboração dos exercícios que formam o material proposto para a aprendizagem dos termos do Turismo.

5.1 A NATUREZA DO VOCABULÁRIO DOS TEXTOS ACADÊMICOS

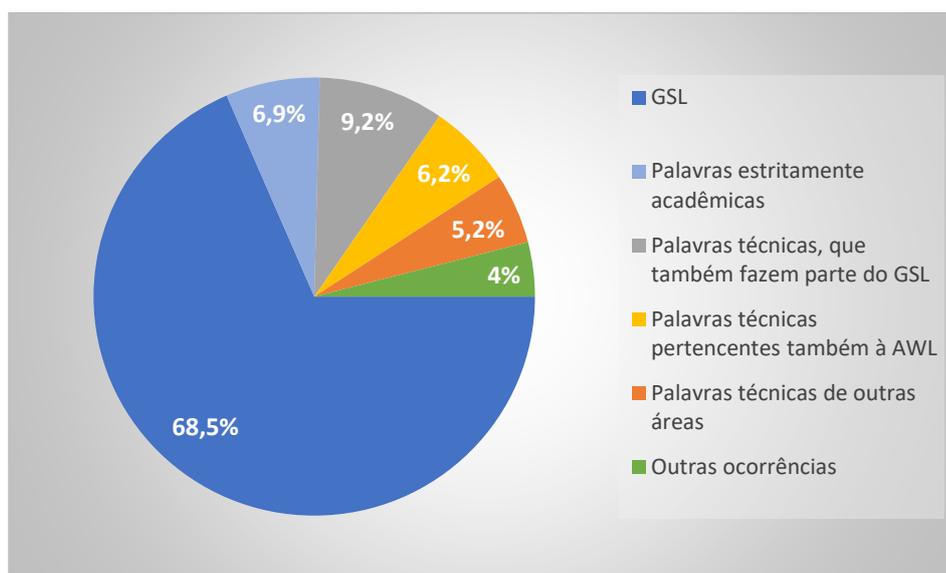
De acordo com Nation (2013), os termos, por ele denominados palavras técnicas, são unidades lexicais que estão intimamente relacionados ao campo do conhecimento ou disciplina a que o texto pertence. O autor argumenta que “essas palavras são razoavelmente comuns nesta área, mas não são tão comuns em outros lugares” (NATION, 2013, p. 19)¹⁰⁷. Mais do que isso, essa categoria do léxico pode somar entre 20% e 30% das palavras corridas de um texto desta norma, uma vez que os itens lexicais que o compõem podem estar presentes tanto entre as 2.000 palavras mais frequentes da língua inglesa, aqui representadas tanto pela GSL (WEST, 1953), quanto pela AWL (COXHEAD, 2000), que é tida como referência de vocabulário acadêmico.

Para melhor explicar essa relação, trazemos o resultado de uma investigação conduzida e apresentada por Nation (2013) em que o autor analisa o vocabulário de um texto acadêmico de Linguística Aplicada. Ao fim desse estudo, foi observado que

¹⁰⁷ These words are reasonably common in this topic area but are not so common elsewhere.

68,5% das palavras faziam parte das primeiras 2.000 palavras mais frequentes da língua inglesa, o vocabulário fundamental; as palavras que pertenciam à AWL contabilizavam 6,9% do total; as palavras técnicas, por sua vez, somavam 20,6%; e havia 4,0% de ocorrências de outros itens lexicais que não puderam ser classificados em nenhuma das três categorias anteriores, como mostra a figura a seguir.

Figura 12 – Diferentes tipos de vocabulários em um texto acadêmico de Linguística Aplicada.



Fonte: adaptado de Nation (2013).

É importante destacar que o vocabulário técnico do texto analisado é composto por 9,2% de itens do vocabulário fundamental. Dessa maneira, aos 68,5% correspondentes ao vocabulário fundamental mostrado na figura, deve ser acrescido os 9,2% de palavras que são consideradas técnicas, totalizando 77,7%, fazendo com que o vocabulário utilizado no texto de Linguística Aplicada fique mais próximo do vocabulário fundamental. Além disso, 6,2% de itens que formam o vocabulário técnico, também fazem parte da AWL e 5,2% são palavras técnicas de outras áreas do conhecimento que ocorreram no texto em questão. Por fim, 4% são itens lexicais que não se encaixam em nenhuma das categorias anteriores.

De forma geral, é possível perceber que o vocabulário técnico em si possui diferentes tipos de palavras. Na figura 12, as cores cinza, amarelo e laranja correspondem ao vocabulário técnico. Na parte cinza estão palavras técnicas que também fazem parte do GSL; na parte amarela estão palavras técnicas que também

pertencem ao AWL; e na parte laranja estão palavras técnicas de áreas distintas àquela a que o texto analisado pertence.

Certamente, os dados apresentados nesta análise não representam quantitativos fixos que possam descrever textos acadêmicos das diversas áreas do conhecimento, considerando que cada uma possui suas especificidades. No entanto, dão-nos um indicativo da heterogeneidade do vocabulário presente em textos dessa natureza.

É devido a esse caráter híbrido da tipologia vocabular dos textos acadêmicos que iniciamos nossas investigações lançando um olhar comparativo sobre os Termos do Turismo selecionados em relação a GSL (Lista de Palavras de Uso Geral), que representa o vocabulário fundamental da língua inglesa – e a AWL – (Lista do Vocabulário Acadêmico em língua inglesa).

5.2 VOCABULÁRIO ACADÊMICO DO TURISMO

Nesta subseção, apresentamos os termos do Turismo selecionados do *corpus*, divididos nas subáreas mencionadas no capítulo anterior.

5.2.1 *Terms with Tourism*

Na primeira parte, foram alocados os itens lexicais que formam termos derivados da unidade *tourism*. Esse subconjunto de termos está relacionado à subárea *Tourism Sectors*, tal qual descrita pelo *Thesaurus on Tourism and Leisure Activities* (2001).

Quadro 08 – Termos simples com “Turismo”.

1. <i>tourism</i>	2. <i>tourismophobia</i>	3. <i>tourist</i>
4. <i>touristification</i>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Como o quadro anterior mostra, identificamos apenas quatro termos simples, mas que merecem atenção especial por dois motivos. Em primeiro lugar porque os termos *tourism* e *tourist* darão origem a uma vasta gama de outros termos significativos no setor. Em segundo lugar porque *touristification* e *tourismophobia* são

termos relativamente novos que possuem grande potencial para discussões, especialmente no âmbito acadêmico.

A turistificação pode ser definida como um processo, e o estado resultante em um espaço definido, de forma relativamente espontânea, do desenvolvimento massivo não planejado do turismo, o que leva à transformação deste espaço em uma mercadoria turística em si (RENAU, 2018, p. 1)¹⁰⁸.

Enquanto Renau (2018) define turistificação como sendo um desenvolvimento “não planejado”, outros autores a descrevem sob outra perspectiva. Segundo eles, trata-se de uma

[...] completa conversão do espaço urbano em espaços destinados à competitiva atividade de atrair visitantes [em que] os espaços são formatados em produtos turísticos que se materializam sob a forma de paisagens, territórios e lugares para os turistas (FILHO; BRITTO, 2020, p. 67).

Quanto ao termo *tourismophobia*, ao citar Flores e Vargas (2019), Simas, Oliveira e Cano-Hila (2021) afirmam que, por se tratar de um tema relativamente recente, ainda não há uma definição exata, mas “nós podemos defini-lo como a rejeição de tudo relacionado ao setor do turismo pela população local” (SIMAS; OLIVEIRA; CANO-HILA, 2021, p. 120).

Apesar de estes dois termos, *touritification* e *tourismophobia*, não terem um número de ocorrências muito alto, consideramos que são temas pertinentes no contexto do Turismo atualmente.

Quanto aos termos complexos, percebemos que os itens lexicais *tourism* e *tourist* são bastante produtivos na criação de novos termos, merecendo uma unidade didática inteira dedicada a eles. No quadro 09, podemos observar os termos complexos formados com o substantivo *tourism*.

¹⁰⁸ Touristification could be defined as a process, and the resulting state in a definite space, of relatively spontaneous, unplanned massive development of tourism, which leads to the transformation of this space into a tourism commodity itself.

Quadro 09 – Termos complexos com “Turismo”.

1. <i>agricultural tourism</i>	2. <i>creative tourism</i>	3. <i>cross-border tourism</i>
4. <i>cultural tourism</i>	5. <i>dark tourism</i>	6. <i>domestic tourism</i>
7. <i>eco-tourism</i>	8. <i>educational tourism</i>	9. <i>gastronomy tourism</i>
10. <i>global tourism</i>	11. <i>heritage tourism</i>	12. <i>historical tourism</i>
13. <i>hunting tourism</i>	14. <i>inbound tourism</i>	15. <i>inclusive tourism</i>
16. <i>indigenous tourism</i>	17. <i>international tourism</i>	18. <i>leisure tourism</i>
19. <i>local tourism</i>	20. <i>national tourism</i>	21. <i>outbound tourism</i>
22. <i>regional tourism</i>	23. <i>religious tourism</i>	24. <i>responsible tourism</i>
25. <i>rural tourism</i>	26. <i>shopping tourism</i>	27. <i>social tourism</i>
28. <i>sports tourism</i>	29. <i>sustainable tourism</i>	30. <i>tourism demand</i>
31. <i>tourism destination</i>	32. <i>tourism development</i>	33. <i>tourism impact</i>
34. <i>tourism industry</i>	35. <i>tourism management</i>	36. <i>tourism potential</i>
37. <i>tourism research</i>	38. <i>tourism service</i>	39. <i>tourism stakeholder</i>
40. <i>urban tourism</i>	41. <i>volunteer tourism</i>	42. <i>well-being tourism</i>
43. <i>wildlife tourism</i>	44. <i>wine tourism</i>	45. <i>winter tourism</i>

Fonte: elaborado pelo autor.

No quadro a seguir estão os termos complexos formados a partir do adjetivo *tourist*, como pode ser visto no exemplo do termo *tourist spot*. Vejamos o excerto a seguir: “Jovens pioneiros são necessários para o desenvolvimento e apoio da comunidade e para motivar a comunidade em torno do ambiente do **ponto turístico**” (ALIUDIN *et al.*, 2018, p. 4, grifo nosso)¹⁰⁹.

Quadro 10 – Termos complexos com “turista”.

1. <i>domestic tourist</i>	2. <i>inbound tourist</i>	3. <i>international tourist</i>
4. <i>tourist accommodation</i>	5. <i>tourist attraction</i>	6. <i>tourist flow</i>
7. <i>tourist guide</i>	8. <i>tourist hotspot</i>	9. <i>tourist inflow</i>
10. <i>tourist information</i>	11. <i>tourist infrastructure</i>	12. <i>tourist Market</i>
13. <i>tourist practice</i>	14. <i>tourist region</i>	15. <i>tourist route</i>
16. <i>tourist setting</i>	17. <i>tourist spot</i>	18. <i>tourist support</i>
19. <i>tourist trend</i>	20. <i>tourist well-being</i>	

Fonte: elaborado pelo autor.

¹⁰⁹ Pioneer youth are needed for community development and support and to motivate the community around the tourist spot environment.

Como pode ser visto nos quadros três e quatro de termos complexos apresentadas, os adjetivos possuem papel fundamental na constituição das unidades. Dessa maneira, selecionamos os 21 adjetivos mais frequentes que acompanham o termo *tourism*.

Quadro 11 – Adjetivos usados com “Turismo”.

1. <i>agrocultural</i>	2. <i>creative</i>	3. <i>cultural</i>
4. <i>dark</i>	5. <i>domestic</i>	6. <i>ecological</i>
7. <i>educational</i>	8. <i>global</i>	9. <i>historical</i>
10. <i>inclusive</i>	11. <i>indigenous</i>	12. <i>international</i>
13. <i>local</i>	14. <i>national</i>	15. <i>regional</i>
16. <i>religious</i>	17. <i>responsible</i>	18. <i>rural</i>
19. <i>social</i>	20. <i>sustainable</i>	21. <i>urban</i>

Fonte: elaborado pelo autor.

Na sequência, trazemos os vinte verbos mais frequentes que acompanham o termo *tourism* no *corpus* analisado. São exemplos “*has boosted tourism*” (impulsionou o turismo) e “*promote tourism development*” (promovem o desenvolvimento do turismo), como mostram os excertos seguintes: “[...] o aumento das redes sociais **impulsionou o turismo**” (SASTRY; SUSHIL, 2018, p. 6, grifo nosso)¹¹⁰ e “[...] é esse poder simbólico que é mobilizado para enquadrar e naturalizar crenças e práticas que **promovem o desenvolvimento do turismo**”¹¹¹ (FITCHETT; LINDBERG; MARTIN; 2021, p. 03, grifo nosso). Observemos o quadro a seguir:

Quadro 12 – Verbos usados com “Turismo”.

1. <i>achieve</i>	2. <i>address</i>	3. <i>advocate</i>
4. <i>affect</i>	5. <i>allow</i>	6. <i>analyse</i>
7. <i>balance</i>	8. <i>boom</i>	9. <i>boost</i>
10. <i>create</i>	11. <i>encourage</i>	12. <i>enhance</i>
13. <i>evaluate</i>	14. <i>explore</i>	15. <i>forecast</i>

¹¹⁰ The rise in social media has boosted tourism.

¹¹¹ It is this symbolic power that is mobilized to frame and naturalise beliefs and practices that promote tourism development.

16. <i>identify</i>	17. <i>improve</i>	18. <i>increase</i>
19. <i>promote</i>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Nesta unidade, tivemos um total de 69 termos, quatro simples, 45 complexos formados com *tourism*, e 20 complexos formados com *tourist*. Além disso, apresentamos 21 adjetivos e 20 verbos recorrentes na veiculação dos referidos termos. Na sequência, apresentamos os termos que dizem respeito ao setor de Alimentos e Bebidas.

5.2.2 Food and Beverage

Relacionada à subárea *Tourism Services* do mencionado *Thesaurus*, o setor de Alimentos e Bebidas é de grande importância para o meio turístico, especialmente para a área da hotelaria, na qual cerca de 40% da receita bruta advém de seus bares, restaurantes e serviço de quarto (CÂMARA, 2021, p. 17). Destaque-se que a relevância dos Alimentos e Bebidas não se restringem apenas ao âmbito dos hotéis. A título de exemplo, podemos citar o Turismo Gastronômico e o Turismo de Vinhos, também conhecido como Enoturismo, que são atividades que têm atraído cada vez mais adeptos no Brasil e no exterior. A Gastronomia “ganhou reconhecimento e valorização como expressão cultural, dali sendo alçada, inclusive, à condição de patrimônio imaterial” (GASTAL, 2020, p. 8). No caso do Enoturismo, percebeu-se que “diante do crescimento do cultivo da uva e do processo numa região, pode desenvolver-se um fenômeno de turismo que envolve o visitante na cultura e nos detalhes da bebida” (COSTA; DIÓGENES, 2020, p. 211).

Mesmo não se tratando de uma atividade turística específica sobre gastronomia, bebida, ou sobre o âmbito da hospedagem, a alimentação é uma área sempre relevante em qualquer contexto que envolve o Turismo, pois trata-se de um aspecto intrínseco para a sobrevivência humana (FELIX; MARTINS, 2013). Por esse motivo, a segunda parte desta análise trata desta temática. Observemos os termos simples no quadro a seguir:

Quadro 13 – Termos simples sobre Alimentos e Bebidas.

1. <i>beverage</i>	2. <i>breakfast</i>	3. <i>delivery</i>
4. <i>dinner</i>	5. <i>dish</i>	6. <i>drink</i>
7. <i>entry</i>	8. <i>gastronomy</i>	9. <i>lunch</i>
10. <i>meal</i>	11. <i>snack</i>	12. <i>wastage</i>
13. <i>wine</i>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Os termos presentes no quadro anterior descrevem as principais refeições diárias (*meal*), como o café-da-manhã (*breakfast*), o almoço (*lunch*), o jantar (*dinner*), assim como os lanches esporádicos (*snack*). Da mesma maneira, as bebidas (*beverage*) mais recorrentes foram água (*drink*) e vinho (*wine*). O termo *gastronomy* surge como um dos mais frequentes pois a gastronomia local é um aspecto que atrai a atenção dos turistas. Além disso, é importante destacar o termo *wastage* (desperdício), uma vez que este é um assunto bastante recorrente quando se trata de alimentos em contextos acadêmicos do turismo.

No Quadro 14, apresentamos os termos complexos. Os três termos mais recorrentes são *food waste*, *food safety* e *food quality*, o que nos dá indicações a respeito dos temas em foco tratados nos artigos do *corpus*, neste caso, duas questões relevantes relacionadas à alimentação, o desperdício de comida, como mencionado anteriormente, e a segurança alimentar.

Quadro 14 – Termos complexos com Alimentos e Bebidas.

1. <i>catering service</i>	2. <i>celebratory drink</i>	3. <i>drink industry</i>
4. <i>drink sector</i>	5. <i>fast-food</i>	6. <i>fast-food restaurant</i>
7. <i>food consumption</i>	8. <i>food industry</i>	9. <i>food quality</i>
10. <i>food safety</i>	11. <i>food waste</i>	12. <i>full board</i>
13. <i>functional drink</i>	14. <i>half board</i>	15. <i>healthy food</i>
16. <i>international food</i>	17. <i>leftover</i>	18. <i>local drink</i>
19. <i>local food</i>	20. <i>main course</i>	21. <i>main dish</i>
22. <i>organic food</i>	23. <i>seafood</i>	24. <i>special drink</i>
25. <i>special food</i>	26. <i>takeaway</i>	27. <i>traditional food</i>

Fonte: elaborado pelo autor.

No Quadro 15 estão os adjetivos usados para descrever Alimentos e Bebidas. Percebemos que alguns deles são utilizados para descrever a boa qualidade de alimentos, como *organic*, *healthy* e *good*; outros estão relacionados a procedência, como *local* e *international*; alguns representam situações importantes, como *special* e *celebratory*. Vejamos a lista completa no quadro a seguir:

Quadro 15 – Adjetivos usados com Alimentos e Bebidas.

1. <i>alcoholic</i>	2. <i>celebratory</i>	3. <i>functional</i>
4. <i>good</i>	5. <i>healthy</i>	6. <i>international</i>
7. <i>local</i>	8. <i>main</i>	9. <i>organic</i>
10. <i>raw</i>	11. <i>special</i>	12. <i>traditional</i>

Fonte: elaborado pelo autor.

O Quadro 16 apresenta os verbos mais recorrentes para tratar de Alimentos e Bebidas. A maior frequência dos verbos *waste* e *reduce* dão novos indícios de que a questão do desperdício é um assunto que tem estado no centro dos debates quando se trata de alimentação no contexto do Turismo. Observemos um excerto com *waste food* (desperdício de alimentos): “Argumenta-se que esta pesquisa deve visar: (1) abranger subsetores específicos de serviços de alimentação que ainda não foram estudados até o momento, mas são propensos ao **desperdício de alimentos**”¹¹² (FILIMONAU et al., 2021, p. 1, grifo nosso).

Quadro 16 – Verbos usados com Alimentos e Bebidas.

1. <i>buy</i>	2. <i>consume</i>	3. <i>cook</i>
4. <i>drink</i>	5. <i>eat</i>	6. <i>have</i>
7. <i>offer</i>	8. <i>order</i>	9. <i>prepare</i>
10. <i>produce</i>	11. <i>provide</i>	12. <i>purchase</i>
13. <i>reduce</i>	14. <i>reduce</i>	15. <i>serve</i>
16. <i>take away</i>	17. <i>taste</i>	18. <i>waste</i>

Fonte: elaborado pelo autor.

¹¹² It is argued that this research should aim at: (1) covering specific sub-sector of foodservice that have not yet been studied to-date but are prone to waste food.

Nesta subseção, apresentamos um total de 40 termos, sendo 13 simples e 27 compostos, além de 12 adjetivos e 18 verbos. A seguir tratamos dos termos relacionados a Dinheiro e Finanças, outro setor essencial em qualquer prática turística.

5.2.3 Money and Finance

O subconjunto terminológico que apresenta os termos que tratam de Dinheiro e Finanças está relacionado à subárea *Economy of Tourism* do *Thesaurus on Leisure and Tourism Activities* (UNWTO, 2001).

A questão econômica é um dos pontos cruciais no planejamento tanto de administradores, públicos ou privados, assim como de turistas de forma geral. Nesta perspectiva, muitas pesquisas acadêmicas são conduzidas sobre o tema, resultando na publicação de diversos artigos científicos, nos quais termos específicos do âmbito econômico e financeiro são frequentemente utilizados. Vejamos no Quadro 17 os termos simples mais recorrentes:

Quadro 17 – Termos simples sobre Dinheiro e Finanças.

1. <i>price</i>	2. <i>cost</i>	3. <i>budget</i>
4. <i>tax</i>	5. <i>payment</i>	6. <i>currency</i>
7. <i>cash</i>	8. <i>fee</i>	9. <i>fare</i>

Fonte: elaborado pelo autor.

Os termos simples apresentados no quadro anterior formam uma vasta gama de termos complexos – listados do Quadro 18 – que são frequentes em negociações, acordos e contratos no meio turístico. Como exemplo, observemos o termo *payment service* (serviço de pagamento): “no geral, os entrevistados sentiram que o airbnb e os proprietários anfitriões eram confiáveis, expressaram total confiança no **serviço de pagamento** (Alipay) utilizado, na marca Airbnb, nas avaliações online e nas experiências de comunicação direta”¹¹³ (WENJING; 2018, p. 6, grifo nosso).

¹¹³ Overall, interviewees felt Airbnb and host landlords were trustworthy, expressed full confidence in the payment service (Alipay) utilized, Airbnb brand, online evaluations, and direct communication experiences.

Quadro 18 – Termos complexos sobre Dinheiro e Finanças.

1. <i>additional payment</i>	2. <i>average price</i>	3. <i>budget seeker</i>
4. <i>cash driven</i>	5. <i>cash flow</i>	6. <i>cash holding</i>
7. <i>commission fee</i>	8. <i>cost analysis</i>	9. <i>cost benefit</i>
10. <i>cost reduction</i>	11. <i>currency exchange</i>	12. <i>currency transaction</i>
13. <i>delivery fee</i>	14. <i>domestic currency</i>	15. <i>fare reduction</i>
16. <i>fee system</i>	17. <i>foreign currency</i>	18. <i>local currency</i>
19. <i>low fare</i>	20. <i>mobile payment</i>	21. <i>nominal payment</i>
22. <i>payment card</i>	23. <i>payment method</i>	24. <i>payment service</i>
25. <i>payment system</i>	26. <i>price benefit</i>	27. <i>price information</i>
28. <i>price quality</i>	29. <i>reference price</i>	30. <i>tax benefit</i>
31. <i>tax contribution</i>	32. <i>tax policy</i>	33. <i>tax rate</i>
34. <i>tax reduction</i>	35. <i>tour fee</i>	36. <i>travel cost</i>

Fonte: elaborado pelo autor.

No Quadro 19, estão listados adjetivos recorrentes com os termos apresentados. Entre as palavras apresentadas, destacam-se adjetivos usados para expressar contentamento e/ou descontentamento com valores financeiros, como *low*, *high* e *fair*. Vejamos um exemplo com o adjetivo *reasonable*:

[...] essa descoberta também foi confirmada por um estudo realizado com participantes coreanos em restaurantes casuais de fast food na Coreia. Ryu et al. relataram que o valor utilitário (ou seja, conveniência, acessibilidade e **preço justo**) afetou significativamente a satisfação do cliente e a intenção de revisitar, em comparação com o serviço da equipe, simpatia e sabor dos alimentos (CHOI; 2017, p. 3, grifo nosso)¹¹⁴.

Quadro 19 – Adjetivos usados com Dinheiro e Finanças.

1. <i>additional</i>	2. <i>average</i>	3. <i>domestic</i>
4. <i>fair</i>	5. <i>high</i>	6. <i>local</i>
7. <i>low</i>	8. <i>nominal</i>	9. <i>reasonable</i>

Fonte: elaborado pelo autor.

¹¹⁴ [...] this finding was also confirmed by a study conducted with Korean participants at casual fast food restaurants in Korea. Ryu et al. reported that utilitarian value (i.e., convenience, accessibility, and reasonable price) significantly affected customer satisfaction and intention to revisit, compared with staff service, friendliness, and taste of food.

O quadro a seguir apresenta verbos recorrentes para tratar de assuntos relacionados a Dinheiro e Finanças, como pode ser visto com *plummeted* (despencaram) no exemplo a seguir: “de acordo com a IATA (2019), as tarifas aéreas globais de 2018 **caíram** 60% em comparação com 1998” (GÖSSLING; HIGHAM, 2020, p. 1170, grifo nosso)¹¹⁵.

Quadro 20 – Verbos usados com Dinheiro e Finanças.

1. <i>buy</i>	2. <i>conceal</i>	3. <i>describe</i>
4. <i>display</i>	5. <i>estimate</i>	6. <i>exchange</i>
7. <i>hide</i>	8. <i>increase</i>	9. <i>perceive</i>
10. <i>plummet</i>	11. <i>receive</i>	12. <i>reduce</i>
13. <i>require</i>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Nesta subseção, apresentamos 45 termos, nove simples e 36 complexos, além de nove adjetivos e 13 verbos. Na sequência, tratamos dos termos que descrevem Lugares e Instalações turísticas.

5.2.4 *Places and facilities*

Os termos presentes em *Places and Facilities* estão relacionadas às subáreas *Tourism heritage* e *Tourism facilities*, ou seja, termos que tratam dos lugares que podem ser visitados, como ilha (*island*) e parque (*park*); e termos que tratam de lugares que formam a estrutura das cidades turísticas, como aeroporto (*airport*) e acidentes geográficos artificiais, como *pub*, *church* e *shop*, assim como acidentes geográficos naturais, *river*, *mountain* e *island*, por exemplo. Por outro lado, em *facilities*, foram adicionadas as palavras que remetem a instalações turísticas, como *station*, *airport* e *terminal*. Vejamos o quadro a seguir:

¹¹⁵ According to IATA (2019), 2018 global air fares plummeted by 60% compared with 1998.

Quadro 21 – Termos simples sobre Lugares e Instalações.

1. <i>airport</i>	2. <i>bay</i>	3. <i>bridge</i>
4. <i>casino</i>	5. <i>church</i>	6. <i>island.</i>
7. <i>monument</i>	8. <i>mountain</i>	9. <i>museum</i>
10. <i>park</i>	11. <i>port</i>	12. <i>pub</i>
13. <i>railway</i>	14. <i>river</i>	15. <i>sanctuary</i>
16. <i>shop</i>	17. <i>station</i>	18. <i>store</i>
19. <i>temple</i>	20. <i>terminal</i>	21. <i>venue</i>
22. <i>zoo</i>		

Fonte: elaborado pelo autor.

No quadro a seguir, que apresenta os termos complexos sobre lugares e instalações turísticas, estão os diferentes tipos de estações – *metro station*, *bus station*, *train station* -, lojas – *book shop*, *crafts shop*, *souvenir shop* -, entre outros. Vale destacar que alguns termos complexos poderiam ser adicionados em outras unidades didáticas. Exemplo disso é *wine shop*, que está relacionado neste quadro, e não no quadro 14, dos termos complexos sobre Alimentos e Bebidas. Decidimos adicionar este termo nesta parte por considerar que ele descreve mais um lugar do que uma bebida.

Quadro 22 – Termos complexos relacionados a Lugares e Instalações.

1. <i>airport terminal</i>	2. <i>book shop</i>	3. <i>bus station</i>
4. <i>coffee shop</i>	5. <i>conservation park</i>	6. <i>crafts shop</i>
7. <i>ferry terminal</i>	8. <i>gas station</i>	9. <i>grocery shop</i>
10. <i>international airport</i>	11. <i>marine park</i>	12. <i>metro station</i>
13. <i>mountain resort</i>	14. <i>train station</i>	15. <i>wine shop</i>

Fonte: elaborado pelo autor.

No Quadro 23, são listados adjetivos recorrentes usados para descrever Lugares e Instalações turísticas. Vejamos um exemplo com *international* no exemplo seguinte: “boa relação custo / benefício, hospitalidade tailandesa, atrações de lazer e **locais de**

padrão internacional são os principais fatores resilientes da Tailândia” (RITTICHAINUWAT *et al.*, 2020, p. 1, grifos nossos)¹¹⁶.

Quadro 23 – Adjetivos usados com Lugares e Instalações.

1. <i>available</i>	2. <i>average</i>	3. <i>continental</i>
4. <i>convenient</i>	5. <i>international</i>	6. <i>large</i>
7. <i>new</i>	8. <i>regional</i>	9. <i>small</i>
10. <i>standard</i>	11. <i>sustainable</i>	

Fonte: elaborado pelo autor.

Os adjetivos observados no quadro anterior destacam características importantes relacionadas à categoria das instalações, como *standard* e *international*; às dimensões, como *large* e *small*; assim como mostram características específicas, como *convenient* e *sustainable*.

No quadro a seguir, estão verbos usados para tratar de Lugares e Instalações turísticas, como em *visit* no seguinte exemplo: [...] compreender por que é que os chineses do continente **visitam** os casinos em Macau” (CHOI; FONG, 2017, p. 11, grifo nosso)¹¹⁷.

Quadro 24 – Verbos usados com Lugares e Instalações.

1. <i>arrive</i>	2. <i>be</i>	3. <i>book</i>
4. <i>cancel</i>	5. <i>get to</i>	6. <i>go</i>
7. <i>leave</i>	8. <i>stay</i>	9. <i>visit</i>

Fonte: elaborado pelo autor.

Entre os verbos recorrentes com lugares e instalações, destacam-se os que estão relacionados a agendamentos, como *book* e *cancel*; os que descrevem a visita, como *visit*, *arrive*, *get to*, *be*; e a partida, *go* e *leave*.

Nesta subseção, apresentamos um total de 37 termos relacionados a Lugares e Instalações, 22 simples e 15 compostos. Além disso, trouxemos 11 adjetivos e nove

¹¹⁶ Good value for money, Thai hospitality, leisure attractions, and international standard venues are key resilient Thainess factors.

¹¹⁷ Understanding why mainland Chinese visit casinos in Macau.

verbos recorrentes com os referidos termos. Na sequência, apresentamos os termos relacionados a hotéis e a tipos de acomodações.

5.2.5 *Hotels and Accommodation*

Nesta subsecção, trazemos os termos relacionados a Hotéis e Acomodações, que estão diretamente ligados às subáreas de *Services* e *Tourism Facilities*, do *Thesaurus on Leisure and Tourism Activities* (UNWTO, 2001).

A acomodação é um aspecto inerente à atividade turística, e tem se tornado cada vez mais importante neste contexto.

Profundamente associada à ideia de turismo, a hospedagem assumiu e permanece assumindo um lugar central no sistema de apoio aos diversos tipos e roteiros e, não raras vezes, o lugar do próprio produto, como no caso dos resorts e de empreendimentos com diferenciais tais que inauguram novas fontes de interesse e valoração do turista pelo local, para além daqueles que eventualmente motivaram a viagem (PERAZZOLO; SANTOS; PEREIRA, 2010, n.p.).

Vejamos no quadro 25 os termos simples mais recorrentes no *corpus* investigado. Destaque-se aqui o termo *Airbnb*, que não se refere especificamente a um meio de hospedagem, mas a “um *site* e aplicativo que administra uma comunidade na qual os clientes podem reservar hospedagens não tradicionais pela *internet*” (NOGUEIRA; KUHNNEN; FIATES, 2016, p. 11, grifos dos autores). Em outras palavras, trata-se de uma forma de hospedagem que tem atraído novos adeptos, tanto na oferta como na procura. No Airbnb, proprietários podem alugar cômodos de seus imóveis, ou podem alugá-los por completo, por tempo e valores a combinar com os turistas interessados. Neste contexto, geralmente, os serviços de limpeza e alimentação ficam completamente por conta do locatário, no caso, os turistas, diferentemente do que acontece nas formas tradicionais de hospedagens, como hotéis e pousadas, por exemplo.

Quadro 25 – Termos simples sobre Hotéis e Acomodações.

1. <i>Airbnb</i>	2. <i>hostel</i>	3. <i>hotel</i>
4. <i>inn</i>	5. <i>resort</i>	

Fonte: elaborado pelo autor.

No quadro anterior, observamos termos que descrevem diferentes tipos de acomodações, *hotel*, *resort*, *Inn*, *hostel* e *Airbnb*.

Vejamos no quadro a seguir os termos complexos relacionados a Hotéis e Acomodações. Destacam-se neste contexto as palavras que categorizam os diferentes tipos de hotéis e resorts, como *budget hotel*, *all-inclusive resort*, *seaside resort*, entre outros.

Quadro 26 – Termos complexos sobre Hotéis e Acomodações.

1. <i>all-inclusive hotel</i>	2. <i>all-inclusive resort</i>	3. <i>bed and breakfast</i>
4. <i>budget hotel</i>	5. <i>business hotel</i>	6. <i>casino resort</i>
7. <i>check-in</i>	8. <i>check-out</i>	9. <i>five-star hotel</i>
10. <i>hotel facility</i>	11. <i>hotel room</i>	12. <i>hotel service</i>
13. <i>luxury hotel</i>	14. <i>resort hotel</i>	15. <i>seaside resort</i>
16. <i>standard hotel</i>	17. <i>sustainable hotel</i>	18. <i>sustainable resort</i>
19. <i>winter resort</i>	20. <i>youth hostel</i>	

Fonte: elaborado pelo autor.

Os adjetivos têm por essência a função de classificar e/ou qualificar os substantivos que acompanham. Nesta perspectiva, alguns, como *affordable*, *cheap* e *expensive*, revelam as noções de valor e, dessa forma qualificam um determinado local. Da mesma maneira, outros como *luxury* e *standard* classificam os locais em diferentes categorias. Vejamos no quadro a seguir os adjetivos mais recorrentes no *corpus* relacionados a Hotéis e Acomodações.

Quadro 27 – Adjetivos usados com Hotéis e Acomodações.

1. <i>affordable</i>	2. <i>cheap</i>	3. <i>clean</i>
4. <i>conveniente</i>	5. <i>expensive</i>	6. <i>international</i>
7. <i>local</i>	8. <i>luxury</i>	9. <i>reasonable</i>
10. <i>standard</i>	11. <i>sustainable</i>	

Fonte: elaborado pelo autor.

Entre os verbos utilizados em contextos de Hotéis e Acomodações, destacam-se *book* e *cancel* – reservar e cancelar – e *check in* e *check out*, que têm o significado

de “dar entrada” e “dar saída”, mas as formas em inglês são geralmente as adotadas em hotéis e outros tipos de acomodações no Brasil.

Quadro 28 – Verbos usados com Hotéis e Acomodações.

1. <i>book</i>	2. <i>cancel</i>	3. <i>check in</i>
4. <i>check out</i>	5. <i>look for</i>	6. <i>recommend</i>
7. <i>stay</i>		

Fonte: elaborado pelo autor.

É importante destacar que em língua inglesa as expressões *check in* e *check out*, sem o uso do hífen, são verbos, ao passo que *check-in* e *check-out*, tornam-se substantivos, com os significados mencionados anteriormente.

Nesta subseção, apresentamos um total de 25 termos relacionado a Hotéis e Acomodações, cinco simples e 20 complexos. Além disso, destacamos 11 adjetivos e sete verbos frequentemente utilizados nestes contextos. Na sequência, destacamos os termos que correspondem ao setor de Transportes.

5.2.6 *Transportation*

O *Thesaurus on Leisure and Tourism Activities* (UNWTO, 2001) possui uma subárea também intitulada *Transportation*. O setor dos transportes é vital para a atividade turística, pois “qualquer um que já tenha saído em viagem, de férias ou a negócios, sabe que, para alcanças seu destino, precisa utilizar um meio de transporte” (PALHARES, 2005, p. 642). Nesta perspectiva, concordamos com o autor quando afirma que o turismo não existe sem o transporte. Observemos o quadro a seguir.

Quadro 29 – Termos simples sobre Transportes.

1. <i>airplane</i>	2. <i>boat</i>	3. <i>bus</i>
4. <i>ferry</i>	5. <i>metro</i>	6. <i>plane</i>
7. <i>taxi</i>	8. <i>train</i>	9. <i>Uber</i>

Fonte: elaborado pelo autor.

O quadro 29 apresenta termos que se referem a diferentes tipos de meios de transporte: terrestres – *train*, *bus*; aéreos – *airplane*, *plane*; e aquáticos – *ferry*, *boat*. Destaque-se neste contexto o termo *Uber*, serviço de transporte que “funciona como

uma plataforma para que motoristas se cadastrem e possam prestar o serviço de transporte de passageiros com seu próprio veículo” (CARVALHO; MARTINS; VIOLIN; 2017, p. 870).

Quanto aos termos complexos, podemos identificar mais serviços de transporte – *boat service, shuttle bus*; estações – *metro station, bus stop*; tipos de companhias – *airplane company, bus company*, entre outros. Observemos o quadro a seguir:

Quadro 30 – Termos complexos sobre Transportes.

1. <i>airplane company</i>	2. <i>airplane ticket</i>	3. <i>boat service</i>
4. <i>boat tour</i>	5. <i>boat trip</i>	6. <i>bus company</i>
7. <i>bus line</i>	8. <i>bus route</i>	9. <i>bus service</i>
10. <i>bus stop</i>	11. <i>bus tour</i>	12. <i>commercial airplane</i>
13. <i>metro station</i>	14. <i>shuttle bus</i>	

Fonte: elaborado pelo autor.

Com relação aos adjetivos mais comuns utilizados com meios de transportes destacam os tipos de serviços que eles oferecem – *commercial, conventional*; questões de valores – *expensive, cheap, reasonable*; assim como para descrever situações momentâneas – *late, overcrowded*. Observemos um exemplo com o adjetivo *overcrowded* (superlotado): “[...] eles preferem alugar pequenos chalés e ‘Airbnb’ ao invés de estar em grandes resorts ou hotéis de grande porte nas ilhas onde há um grande acúmulo de visitantes e que só são acessíveis por **barcos superlotados**” (BAKOIANNIS *et al.*, 2021, p. 262, grifos nossos)¹¹⁸.

Quadro 31 – Adjetivos usados com Transportes.

1. <i>cheap</i>	2. <i>commercial</i>	3. <i>conventional</i>
4. <i>electric</i>	5. <i>expensive</i>	6. <i>late</i>
7. <i>overcrowded</i>	8. <i>particular</i>	9. <i>reasonable</i>
10. <i>small</i>		

Fonte: elaborado pelo autor.

¹¹⁸ They prefer to rent small cottages and “Airbnb” rather than to be in large resorts or large-scale hotels on the islands in which there is a large accumulation of visitors and that are only accessible by overcrowded boats.

O quadro a seguir apresenta seis verbos bastante frequentes para tratar de meios de transporte. Vejamos um exemplo com *get off* (sair): “[...] eu fico perto da porta para poder **sair** imediatamente. Eu constantemente verifico a rua através das janelas. Em um ônibus, eu ficaria perto da porta” (GUTTMANN et al., 2021, p. 7, grifo nosso)^{119, 120}.

Quadro 32 – Verbos usados com “transportes”.

1. <i>arrive</i>	2. <i>call</i>	3. <i>get off</i>
4. <i>leave</i>	5. <i>take</i>	6. <i>travel</i>

Fonte: elaborado pelo autor.

Nesta subseção, apresentamos 23 termos relacionados a transporte, nove simples de 14 complexos, além de 10 adjetivos e 6 verbos utilizados com tais termos. Na próxima subseção, tratamos de pessoas envolvidas com o Turismo.

5.2.7 *People on Tourism*

A atividade turística envolve diferentes tipos de pessoas, o turista propriamente dito, que pode ser descrito de diferentes maneiras a depender da situação em que se encontra – *visitor, traveler, passenger etc*; os prestadores de serviços – *guide, porter, server, agente etc*; assim como os próprios indivíduos que recebem os visitantes – *guest, resident*. Vejamos um com o termo *resident* (residente): “[...] os impactos socioeconômicos da automação inteligente na indústria do turismo e nos **moradores** locais, bem como na economia em um nível mais amplo, têm a ver com mudanças na produtividade” (TUSSYADIAH; 2020, p. 10, grifo nosso)¹²¹.

Quadro 33 – Termos simples sobre Pessoas no Turismo.

1. <i>agent</i>	2. <i>consumer</i>	3. <i>customer</i>
4. <i>driver</i>	5. <i>guest</i>	6. <i>guide</i>

¹¹⁹ I'll stay close to the door to be able to get off immediately. I will constantly check the street through the windows. In a bus, I would stay close to the door.

¹²⁰ A tradução foi mantida no tempo presente porque no texto original “will” tem a função de um verbo modal que, de acordo com Richards e Sandy (2008), pode ser usado para expressar hábitos pessoais ou comportamentos característicos no presente.

¹²¹ The socioeconomic impacts of intelligent automation on the tourism industry and local residents, as well as the economy on a broader level, have to do with changes in productivity.

7. <i>host</i>	8. <i>manager</i>	9. <i>passenger</i>
10. <i>porter</i>	11. <i>resident</i>	12. <i>server</i>
13. <i>traveler</i>	14. <i>visitor</i>	15. <i>waiter</i>

Fonte: elaborado pelo autor.

Vejamos no quadro a seguir os termos complexos sobre Pessoas no Turismo. Destacam-se neste setor os diversos prestadores de serviços, como *restaurant host*, *taxi driver*, *tourism agent*, entre outros.

Quadro 34 – Termos complexos sobre Pessoas no Turismo.

1. <i>backpacker</i>	2. <i>corporate customer</i>	3. <i>hotel guest</i>
4. <i>hotel manager</i>	5. <i>international customer</i>	6. <i>International passenger</i>
7. <i>local consumer</i>	8. <i>local resident</i>	9. <i>manager assistant</i>
10. <i>restaurant host</i>	11. <i>restaurant manager</i>	12. <i>stakeholder</i>
13. <i>taxi driver</i>	14. <i>tourism agent</i>	15. <i>tourist guide</i>
16. <i>Uber driver</i>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Os adjetivos mais frequentes para tratar de pessoas no Turismo são usados para destacar as qualidades dos prestadores de serviços – *helpful, skilled, positive, honest*; assim como para descrever o sentimento dos turistas em relação ao Turismo, o qual demonstra o grau de satisfação/insatisfação – *delighted, satisfied, eager etc.*, entre outros.

Quadro 35 – Adjetivos usados com Pessoas no Turismo.

1. <i>adventurous</i>	2. <i>delighted</i>	3. <i>demanding</i>
4. <i>eager</i>	5. <i>helpful</i>	6. <i>honest</i>
7. <i>positive</i>	8. <i>satisfied</i>	9. <i>skilled</i>
10. <i>willing</i>		

Fonte: elaborado pelo autor.

O quadro a seguir apresenta 10 verbos frequentemente utilizados para falar de pessoas envolvidas com o Turismo, como pode ser visto com *assist* (auxiliar) no

exemplo seguinte: “Além disso, pode **auxiliar os turistas** na identificação de autênticas experiências gastronômicas locais” (WILLIAMSON; HASSANLI, 2020, p. 6, grifo nosso)¹²².

Quadro 36 – Verbos usados com Pessoas no Turismo.

1. <i>access</i>	2. <i>affect</i>	3. <i>assist</i>
4. <i>call</i>	5. <i>demand</i>	6. <i>evaluate</i>
7. <i>guide</i>	8. <i>serve</i>	9. <i>take</i>
10. <i>work</i>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Nesta subseção, apresentamos um total de 31 termos referentes a Pessoas no Turismo, 15 simples e 16 complexos, além de 10 adjetivos e 10 verbos frequentemente utilizados neste contexto.

Observemos o quadro a seguir para ter uma visão geral do total de termos da área do Turismo que identificamos no *corpus* formado por artigos acadêmicos e o quantitativo de termos simples e compostos de cada subdivisão que fizemos.

Quadro 37 – Termos do Turismo em artigos acadêmicos.

SETOR	TERMOS SIMPLES	TERMOS COMPLEXOS
<i>Terms with Tourism</i>	4	65
<i>Food and Beverage</i>	13	27
<i>Money and Finance</i>	9	36
<i>Places and Facilities</i>	22	15
<i>Hotels and Accommodation</i>	5	20
<i>Transportation</i>	9	14
<i>People on Tourism</i>	15	16
SUBTOTAL	77	193
TOTAL	270 TERMOS	

Fonte: elaborado pelo autor.

O total geral de termos foi de 270, sendo que 77 são termos simples e 193 são termos complexos. Pudemos perceber que a primeira parte – *Terms with Tourism* –

¹²² In addition, it can assist tourists in identifying authentic local food experiences.

teve um número de itens muito superior do que os outros, como *Food and Beverage* e *Transportation*, por exemplo. No entanto, isso se deve ao fato de os termos complexos serem formados a partir das palavras *tourism* e *tourist*, objeto geral desta pesquisa. A unidade didática *Money and Finance*, por sua vez, foi a segunda em número de termos, indicando que assuntos financeiros são frequentes em discussões acadêmicas da área.

Também, a partir da análise realizada, pudemos perceber uma tendência de nominalização, uma vez que a frequência de ocorrência de substantivos é maior do que a de verbos e adjetivos, reforçando as características do texto científico.

Na sequência, fazemos uma análise comparativa destes termos com o vocabulário fundamental da língua inglesa, representado pela GSL (WEST, 1953).

5.3 OS TERMOS DO TURISMO E A GSL

A GSL (ANEXO A) – Lista de Uso Geral – foi desenvolvida por Michael West, em 1953, com o intuito de apresentar as 2.000 palavras mais frequentes do inglês, e é considerada uma referência de vocabulário fundamental desta língua desde então. A lista final apresenta a palavra-chave (*headword*) de uma família de palavras de aproximadamente 2300 itens lexicais– seguidos de suas flexões e palavras derivadas, como em *you, your, yours* e *yourself*, por exemplo.

Um dos objetivos específicos da presente pesquisa era realizar uma análise comparativa entre os termos do Turismo presentes em artigos acadêmicos da área e a GSL, para verificar até que ponto o conjunto terminológico desse setor se aproxima ou não do vocabulário fundamental da língua inglesa.

Para fazermos a referida comparação, consideraremos apenas os termos, tanto simples quanto complexos, selecionados na seção anterior. Dessa maneira, não analisamos os verbos apresentados, nem tampouco os adjetivos, se estes não fizerem parte dos termos complexos. A título de exemplo, observemos os seguintes termos: 1) *hotel service* – ambas as palavras fazem parte do GSL; 2) *budget hotel* – apenas *hotel* faz parte do GSL; 3) *sustainable resort* – nenhuma das palavras fazem parte do GSL. Consequentemente, consideraremos como termo presente no GSL apenas *hotel service*.

É essencial destacar que determinadas unidades lexicais possuem um significado na língua geral e ao mesmo tempo pertencem à linguagem especializada de uma área específica apresentando um significado mais restrito.

A apresentação conta com dados quantitativos relativos a números de termos e porcentagens que tais números representam tanto para a parte/setor analisado – *Termos with Tourism, Food and Beverage, Money and Finance etc.* –, quanto para a área do Turismo de forma geral. Além disso, apresentamos exemplos extraídos do corpus com um termo presente no GSL e um termo ausente. Vejamos as análises de cada parte/setor individualmente.

Dos 69 termos identificados na primeira parte – *Terms with Tourism* – 40 estão presente entre as palavras que compõem a GSL, enquanto 29 estão ausentes. Em dados percentuais, 57,9% dos termos formados a partir de *tourism* e *tourism* também fazem parte do vocabulário fundamental da língua inglesa, enquanto 42,1% não configuram entre as 2.000 palavras mais comuns do inglês (GSL).

- *Tourism industry*: “Harmoniosa com vários aspectos da vida humana, a iluminação deve ser considerada uma prioridade nas políticas formuladas para melhorar a **indústria do turismo**” (GHARIBSHAH; MAHDAVINEJAD, 2018, p. 01, grifo nosso)¹²³.
- *Sustainable tourism*: “No distrito de Jaffna, as partes interessadas, incluindo a comunidade anfitriã e os investidores, têm uma grande expectativa e insistem em criar um órgão institucional para construir um **turismo sustentável**” (SIVESAN, 2020, p. 04, grifo nosso)¹²⁴.

Nos exemplos anteriores, o termo indústria do turismo (*tourism industry*) está presente no vocabulário fundamental do inglês, diferentemente de turismo sustentável (*sustainable tourism*) que não está.

Na segunda parte de descrição dos termos – *Food and Beverage* – tivemos um total de 13 termos simples e 27 compostos, totalizando 40 termos. Destes, 27 fazem parte do vocabulário fundamental do inglês, o que corresponde a 67,5% dos termos com presença no GSL, enquanto 13 termos, ou 32,5%, são ausentes.

¹²³ *Harmonious with various aspects of human life, lighting should be deemed a priority in policies formulated to ameliorate **tourism industry**.*

¹²⁴ *In Jaffna district, stakeholders including host community and investors, are having a high expectation and insist to create an institutional body to build **sustainable tourism**.*

- *Main dish*: “[...] até quatro opções de entrada (incluindo sopa), até quatro opções de **prato principal**, até três opções de prato base, até duas opções de acompanhamento, até duas opções de sobremesa (sobremesa doce e frutas) e opções de artificial, natural e refrigerantes” (SILVA et al., 2021, p. 07, grifo nosso)¹²⁵.
- *Organic food*: “Isso incluiu alterações nos menus com informações sobre alérgenos, **alimentos orgânicos** e procedência local e alterações nos produtos alimentícios oferecidos e suas especificações” (PAGE et al., 2017, p. 474)¹²⁶.

As unidades lexicais que compõem o termo do primeiro exemplo (*main dish*) também fazem parte do GSL, enquanto no segundo (*organic food*), o item *organic* não configura entre as palavras do vocabulário fundamental da língua inglesa.

Na terceira parte foram apresentados os termos relacionados a Dinheiro e Finanças – *Money and Finance*. Houve um total de 45 termos, sendo que nove são simples e 36 complexos. Verificamos que apenas 18 termos também fazem parte do vocabulário fundamental da língua inglesa, o que corresponde a 40% do total. Dessa forma, os 27 termos restantes, correspondentes a 60% dos termos, não foram observados como parte da GSL. Esses dados demonstram que o setor financeiro, mesmo se tratando da área acadêmica do Turismo, tende a apresentar um grau de especialidade maior em seu conjunto terminológico. Vejamos os exemplos a seguir:

- *Average price*: “Os dados de preços consistem nos dados de preços de concorrentes individuais e também no **preço médio** de todos os concorrentes em um grupo estratégico” (BAHAR et al., 2021, p. 16, grifo nosso)¹²⁷.
- *Fee system*: “Em 1997, o Governo da Dominica implementou um **sistema de taxas** de utilização para os principais locais de ecoturismo da ilha” (COLMORE, 2021, p. 85, grifo nosso)¹²⁸.

¹²⁵ [...] up to four starter options (including soup), up to four **main dish** options, up to three base dish options, up to two side dish options, up to two dessert options (sweet dessert and fruit), and choices of artificial, natural, and soft drinks.

¹²⁶ This included changes to menus with information about allergens, **organic food** and local provenance and changes to the food products offered and their specification.

¹²⁷ Pricing data consists of the pricing data of individual competitors and also the **average price** of all competitors in a strategic group.

¹²⁸ In 1997, Dominica’s Government implemented a user **fee system** for the island’s major ecotourism sites.

No primeiro exemplo (*average price*), ambos os itens lexicais fazem parte do GSL. Em *fee system*, por sua vez, apesar de *system* ser integrante do vocabulário fundamental da língua inglesa, o termo não é considerado pertencente, pois a unidade lexical *fee* não tem a mesma característica.

A quarta parte, onde foram apresentados os termos relacionados a lugares e instalações – *Places and Facilities* – apresentou 22 termos simples e 17 complexos, somando um total de 37. Neste setor houve uma divisão bastante equilibrada de termos presentes e ausentes no vocabulário fundamental do inglês. Foram 17 (45,9%) observados e 20 (54,1%) não observados no GSL, demonstrando um grau de especialidade moderado. Observemos os exemplos:

- *Temple*: “O **templo** centenário do local é famoso entre os habitantes locais, e estátuas de divindades estão localizadas ao longo do caminho para o **templo**” (ZAKARIA; NUMATA; HIHARA, 2021, p. 279, grifos nossos)¹²⁹.
- *Monument*: “A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) o reconheceram como o primeiro patrimônio do país e declarou o **monumento** Patrimônio da Humanidade em 2003” (RYBINA; LEE, 2020, p. 05, grifo nosso)¹³⁰

Na quinta parte, apresentamos os termos relacionados a Hotéis e Acomodações – *Hotel and Accommodation*. Neste setor, identificamos cinco termos simples e 20 compostos, somando 25, dos quais apenas 10 (40%) estão presentes no GSL, contra 15 (60%) ausentes. Neste setor, observamos também um grau de especialidade maior, uma vez que a maioria dos termos não fazem parte do vocabulário fundamental da língua inglesa.

¹²⁹ The site’s hundred-year-old **temple** is famous among locals, and statues of deities are located along the route to the **temple**.

¹³⁰ United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO) recognized it as the country’s first site of patrimony and declared the **monument** a World Heritage Site in 2003.

- *Standard hotel*: [...] “um hotel sustentável tem uma percepção comum entre os consumidores a ser comparativamente mais caro do que um **hotel padrão**” (SINDHURI et al, 2017, p. 01, grifo nosso)¹³¹.
- *All-inclusive hotel*: “Quase todos os chefs apoiam a ideia da mudança de **hotéis com tudo incluso** após o surto de COVID-19” (BUCAK; YIGIT, 2021, p. 05, grifo nosso)¹³².

Na sexta parte, apresentamos os termos relacionados a Transportes – *Transportation*. Foram nove termos simples e 14 compostos, somando 23 no total. Destes 14 (60,9%) fazem parte do GSL, enquanto nove (39,1%) não estão presentes no GSL. Pudemos observar que, neste setor, a maior parte dos termos estão entre as 2.000 palavras mais recorrentes da língua inglesa, demonstrando que o conjunto terminológico relacionado aos transportes pode ser considerado mais próximo da língua geral do que outros observados até o momento.

- *Boat tours*: “Os contextos incluem pequenos **passeios de barco** [...], acampamentos de elefantes na Tailândia [...] e parques de macacos” (WINTER, 2020, p. 15, grifo nosso)¹³³.
- *Shuttle buses*: “A vila de Yuanjia ainda possui e opera seus próprios **ônibus** que operam da Estação Ferroviária de Xi’an para a Vila” (GAO; WU, 2017, p. 230, grifo nosso)¹³⁴.

Na sétima e última parte, apresentamos os termos relacionados às Pessoas no Turismo – *People on Tourism*. De um total de 31 termos, 15 simples e 16 compostos, 20 fazem parte do vocabulário fundamental (64,5%), enquanto 11 (35,5%), não estão presentes no GSL, demonstrando que este setor é mais próximo à língua geral do que especializada.

¹³¹ [...] a sustainable hotel has a common perception amongst consumers to be comparatively costlier than a **standard hotel**.

¹³² Almost all chefs support the idea that changing of **all-inclusive hotels** after the COVID-19 outbreak.

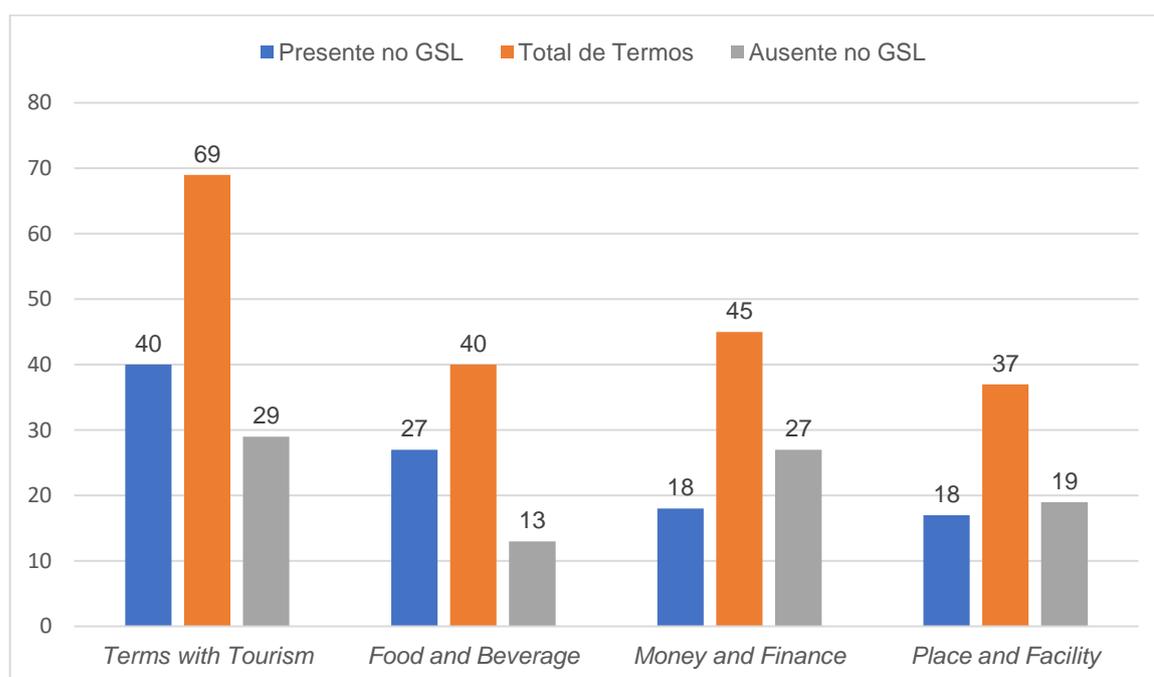
¹³³ The contexts include small **boat tours** [...], elephant camps in Thailand [...] and monkey parks.

¹³⁴ Yuanjia Village even owns and operates its own **shuttle buses** operating from Xi’an Train Station to the village.

- *Customers*: “No contexto do turismo e da hospitalidade, os robôs de serviço, dizem Wirtz et al., são ‘interfaces adaptáveis que interagem, comunicam e prestam serviços aos **clientes** de uma organização” (FUSTÉ-FORNÉ; JAMAL, 2021, p. 45, grifo nosso)¹³⁵
- *Backpackers*: [...] estudaram padrões turísticos entre **mochileiros** coreanos em férias na Europa usando o blog NAVER (LINNES et al., 2021, p. 335, grifo nosso)¹³⁶.

Os próximos dois gráficos nos dão uma visão geral do número de termos do Turismo que estão presentes ou ausentes no vocabulário fundamental da língua inglesa (GSL).

Figura 13 – Comparativo dos termos no GSL.



Fonte: elaborado pelo autor.

Na figura 13, por exemplo, observamos que os conjuntos terminológicos *Terms with Tourism* e *Food and Beverage* apresentam a maioria de seus itens lexicais como pertencentes ao GSL. Em *Money and Finance*, por sua vez, ocorre o oposto. Já em

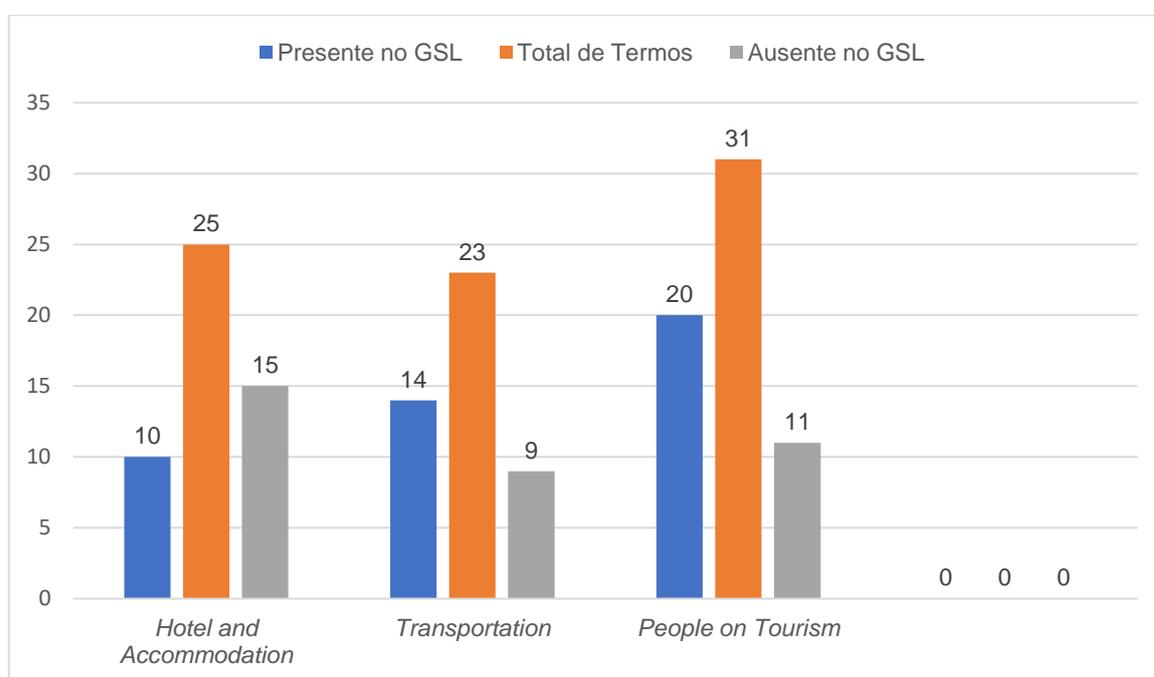
¹³⁵ In the context of tourism and hospitality, service robots, say Wirtz et al., are “adaptable interfaces that interact, communicate and deliver service to an organization’s **customers**”.

¹³⁶ [...] studied tourist patterns among Korean **backpackers** vacationing in Europe while using the blog NAVER.

Place and Facility, podemos ver um equilíbrio entre os termos presentes e ausentes no GSL.

Na figura 14, percebemos diferentes resultados ao observarmos cada conjunto individualmente. Em *Hotel and Accommodation* há maior recorrência de palavras ausentes no GSL, indicando um nível maior de especialidade do setor, enquanto em *Transportation* ocorre o oposto, nas mesmas proporções, demonstrando que, neste caso, a maioria dos termos coincidem com o vocabulário fundamental da língua inglesa. Em *People on Tourism*, por sua vez, os termos presentes e os ausentes no GSL são praticamente equivalentes.

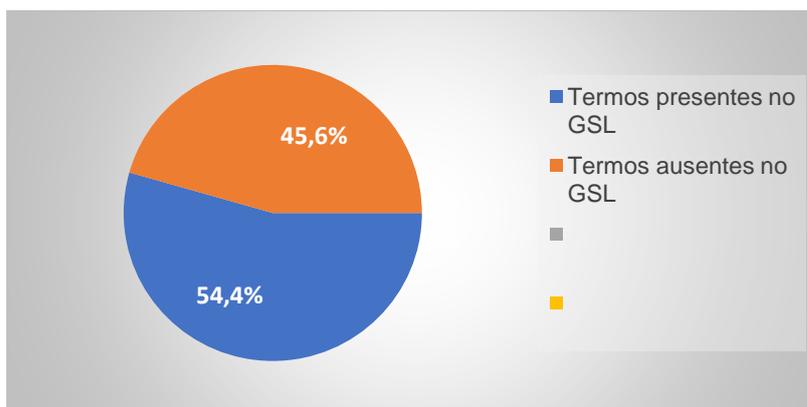
Figura 14 – Comparativo dos termos no GSL (continuação).



Fonte: elaborado pelo autor.

Ao olharmos para o total dos dados temos os seguintes resultados: foram analisados 270 termos da área do Turismo coletados de artigos acadêmicos publicados em periódicos de língua inglesa. Desse total, 147 termos são itens lexicais listados entre as 2.000 palavras mais recorrentes da língua inglesa, aqui representadas pela GSL, enquanto 123 não aparecem nesta categoria. Na figura 15 temos uma visão geral dos termos do Turismo em comparação com o vocabulário fundamental do inglês.

Figura 15 – Termos do Turismo presentes e ausentes no GSL.



Fonte: elaborado pelo autor.

Na sequência, nosso olhar recai sobre os 123 termos que não fazem parte do GSL, sendo assim consideradas palavras de um grau maior de especialidade, pois estão além das 2.000 palavras mais frequentes da língua inglesa. Para este propósito, tomamos como referência a AWL (COXHEAD, 2000), (ANEXO B).

5.4 OS TERMOS DO TURISMO E A AWL

A AWL (ANEXO B) foi elaborada e publicada por Averil Coxhead, no ano 2000, com o intuito de descrever o vocabulário acadêmico comum aos mais diversos campos do conhecimento. Foi por esse motivo que a autora compilou um *corpus* de aproximadamente 3,5 milhões de palavras, formado por textos de diversos gêneros de 28 disciplinas, entre as quais estão Linguística, Filosofia, Economia, Contabilidade, Direito Constitucional, Direito Criminal, Biologia, Ciências da Computação, entre outras, entre as quais não está o Turismo¹³⁷. O resultado da pesquisa da autora foi uma lista com 570 palavras-chave, cada uma representando uma família de palavras, que dão conta de aproximadamente 10% do total das palavras de qualquer texto acadêmico em língua inglesa (COXHEAD, 2000, p. 213).

Por termos como objeto de investigação a observação dos Termos do Turismo em artigos acadêmicos, outro objetivo central desta pesquisa é comparar a que ponto os termos coletados no *corpus* se aproximam ou se distanciam da AWL de Coxhead (2000).

¹³⁷ Para a lista completa das disciplinas contempladas no *corpus* de Coxhead (2000), vide a subseção 3.4.2 da presente Tese.

Um dos critérios principais adotados pela autora, e que é de suma importância em nossa investigação, foi a de considerar apenas as palavras que estivessem fora das 2.000 palavras mais frequentes da língua inglesa, tal qual descrito pela GSL (WEST, 1953). Dessa maneira, é possível afirmar que, no vocabulário acadêmico descrito pela AWL, não há nenhuma ocorrência de palavra do vocabulário fundamental da língua inglesa.

Nessa perspectiva, da mesma maneira que realizamos a análise comparativa do Termos do Turismo com a GSL (WEST, 1953), agora fazemos para investigar os 123 termos que não identificamos na análise precedente. Realizamos a observação de cada setor individualmente e, ao final da subseção, olhamos para o todo.

Dos 69 termos formados com o item lexical Turismo – *Terms with Tourism* – tivemos 29 ausentes do GSL. Ao buscarmos estes itens na AWL encontramos 16, ao passo que 13 não fazem parte da lista de palavras acadêmicas de Coxhead (2000). Em números percentuais, vimos que 44,8% das palavras ausentes na GSL também não estão presentes na AWL.

O total de 13 termos que não foram encontrados nem na GSL e nem na AWL, por sua vez, corresponde a 18,8% dos 69 termos identificado nesta parte. Sendo assim, percebemos que quase dois em cada dez termos formados com o item lexical *tourism* são altamente especializados e não foram contemplados na Lista de Palavras Acadêmicas de Coxhead (2000). Vejamos o seguinte exemplo:

- *Heritage tourism*: “Isto é particularmente verdadeiro para o turismo de interesse especial, por exemplo, **turismo patrimonial**, onde as relações eudemônicas com os atrativos patrimoniais se revelaram relevantes” (CONTI; LEXHAGEN, 2020, p. 09, grifo nosso)¹³⁸.

O exemplo anterior demonstra uma das formas em que os 13 referidos termos podem se manifestar. Neste caso, apesar do item *tourism* ser derivado de *tour*, o qual faz parte da GSL, a unidade *heritage* não consta nem no vocabulário fundamental do inglês e nem mesmo entre a lista de palavras acadêmicas de Coxhead (2000).

Na parte sobre *Food and Beverage* tivemos um total de 40 termos, dos quais 13 não fazem parte do GSL. Destes, nove estão ausentes também da AWL, contra

¹³⁸ This is particularly true for special interest tourism, e.g., **heritage tourism**, where eudemonic relations to heritage attractions have proved to be relevant.

apenas quatro presentes, uma maioria que corresponde a 69,2%. Os nove termos que não fazem parte de nenhuma das duas listas usadas como referência correspondem a 22,5% de todos os termos relacionados a *Food and Beverage*. Vejamos um exemplo como o termo *catering service*:

- *Catering services*: “Frequentemente, os clientes não consumiam o café da manhã, mas o hotel era obrigado a fornecer **serviços de catering** para os números reservados” (CHAWLA; LUGOSI; HAWKINS, 2021, p. 311, grifo nosso)¹³⁹.

De acordo com Borges (2013), o serviço de *catering* se refere a oferta de alimentos e bebidas de forma planejada para um público determinado. Esse é um serviço bastante comum no contexto do turismo, especialmente na rede hoteleira, e além de ser um termo específico desta área, ele é usado em língua portuguesa como um empréstimo linguístico.

Os termos relacionados a Dinheiro e Finanças – Money and Finance – totalizaram 45, dos quais 27 não eram palavras pertencentes ao vocabulário fundamental do inglês. 18 destes termos foram encontrados na AWL, enquanto 9 (50%) foram ausentes na lista de palavras acadêmicas de Coxhead (2000). Os 9 termos ausentes tanto no vocabulário fundamental do inglês, quanto no acadêmico representam 20% do total de termos identificados nesta parte da pesquisa. Observemos um exemplo com um termo relacionado a *Money and Finance* que não foi encontrado em nenhuma das listas.

- *Foreign currency transactions*: “A percepção pública negativa da indústria de cassinos foi agravada devido ao envolvimento da indústria com evasão fiscal, corrupção política, **transações ilegais em moeda estrangeira**”¹⁴⁰

No exemplo anterior, o item *transaction*, apesar de ser bastante comum em contextos de movimentações financeiras, não faz parte nem do GSL e nem do AWL, dando origem a um termo específico desse setor (*currency transaction*) que ocorre com frequência no meio do Turismo.

¹³⁹ Patrons often did not consume breakfast, but the hotel was obliged to provide **catering services** for the numbers booked.

¹⁴⁰ The negative public perception of the casino industry has been worsened due to the industry’s involvement with tax evasion, political corruption, illegal **foreign currency transactions**.

Em *Places and Facilities* tivemos 37 termos, dos quais 19 não foram encontrados no GSL. Ao buscarmos estes itens na AWL, encontramos apenas um. Isso quer dizer que 94,7% das palavras não encontradas no vocabulário fundamental (GSL) também não foram observadas no vocabulário acadêmico (AWL), demonstrando que essa subárea do Turismo possui um vocabulário mais especializado do que próximo da língua geral. Vejamos o exemplo a seguir:

- *Marine parks*: Pequenas comunidades regionais no extremo norte de Queensland dependem de turistas que compram e consomem bens e serviços locais (por exemplo, acomodação, restaurantes e viagens para atrações locais, incluindo **parques** nacionais e **marinhos**)¹⁴¹

Os 18 termos sobre *Places and Facilities* ausentes tanto na GSL quanto na AWL representam a 48,6% dos termos do setor identificados no *corpus*.

A parte a respeito de Hotéis e Acomodações – *Hotel and Accommodation* – teve um total de 25 termos, dos quais 15 não foram encontrados na GSL. Ao observarmos a AWL, observamos a presença de apenas dois destes termos. Os 13 itens ausentes na AWL correspondem a 86,6% do total de termos deste setor não encontrados no vocabulário fundamental da língua inglesa.

- *Luxury hotel*: As descobertas deste artigo são baseadas em dados primários coletados de um pequeno número de **hotéis de luxo** governados por corporações (CHAWLA; LUGOSI; HOWKINS, 2021, p. 302, grifo nosso)¹⁴².

Os 13 termos ausentes em ambas as listas de palavras usadas como referência nesta pesquisa correspondem a 52% dos termos relacionados a Hotéis e Acomodações, demonstrando que em média um em cada dois termos utilizados em artigos acadêmicos são específicos do setor.

Na parte sobre Transportes – *Transportation* – identificamos 23 termos, dos quais nove não foram encontrados no GSL. Desses, oito não estavam presentes

¹⁴¹ Small, regional communities in Far North Queensland are reliant on tourists who buy and consume local goods and services (e.g., accommodation, restaurants and trips to local attraction including national and **marine parks**).

¹⁴² The findings of this paper are based on primary data collected from a small number of corporately governed **luxury hotels**.

também no vocabulário acadêmico, o que corresponde a 88,9% dos termos ausentes na GSL. Observemos um exemplo:

- *Metro*: A construção de espaços cênicos de fácil conexão, próximos a estações, acessos ao **metrô** e com conexões para aeroportos, nas dimensões cultural, comercial, de lazer e turismo, transformou as cidades em espaços de lazer¹⁴³

Os oito termos sobre Transportes não encontrados no vocabulário fundamental do inglês e nem no acadêmico representam 34,8% do total deste setor. Dessa maneira, percebemos que o vocabulário do setor de transporte é mais próximo da língua geral do que especializado.

Na última parte, apresentamos os termos relacionados a Pessoas no Turismo – *People on Tourism*, com 31 no total, dos quais 11 não foram encontrados no GSL. Destes 11, cinco não fazem parte também da AWL, o que corresponde a 45,5% das palavras desta parte não encontradas no vocabulário fundamental da língua inglesa.

- *Stakeholders*: Os destinos anfitriões enfrentam a complexidade e escala de organização, as camadas de **partes interessas** internas e externas, considerações financeiras, socioeconômicas e políticas, explicam que o foco pode estar fortemente inclinado para os interesses do organizador do evento, que traz expertise em gestão de megaeventos e não para os interesses do destino¹⁴⁴.

Os cinco termos ausentes em ambas as listas de referência representam 15,6% do total deste setor, demonstrando que o vocabulário utilizado é muito mais próximo à língua geral da língua inglesa do que especializado, ao contrário do que foi percebido em outras áreas do turismo analisadas anteriormente.

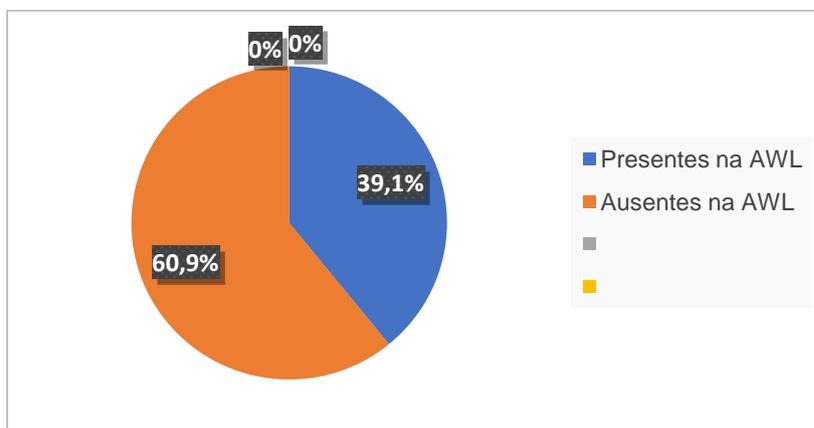
Dos 123 termos do Turismo que não encontramos no vocabulário fundamental da língua inglesa, 48 (39,1%) fazem parte da lista de vocabulário acadêmico de Coxhead (2000). Dessa maneira, 75 termos (60,9%) que estão além das 2.000

¹⁴³ The construction of easily connected, close to stations, **metro** access and with airport links, scenic spaces including cultural, commercial, leisure and tourism dimensions has turned cities into leisure spaces.

¹⁴⁴ Host destinations face the complexity and scale of organization, the layers of internal and external **stakeholders**, financial, socio-economic and political considerations, explain that the focus might be strongly inclined towards the interests of the event organizer, who brings expertise in mega-event management rather than towards the interests of the destination.

palavras mais recorrentes do inglês, pois não estão na GSL, não foram contempladas também na AWL. Vejamos a representação no gráfico a seguir:

Figura 16 – Total de termos ausentes no GSL.



Fonte: elaborado pelo autor.

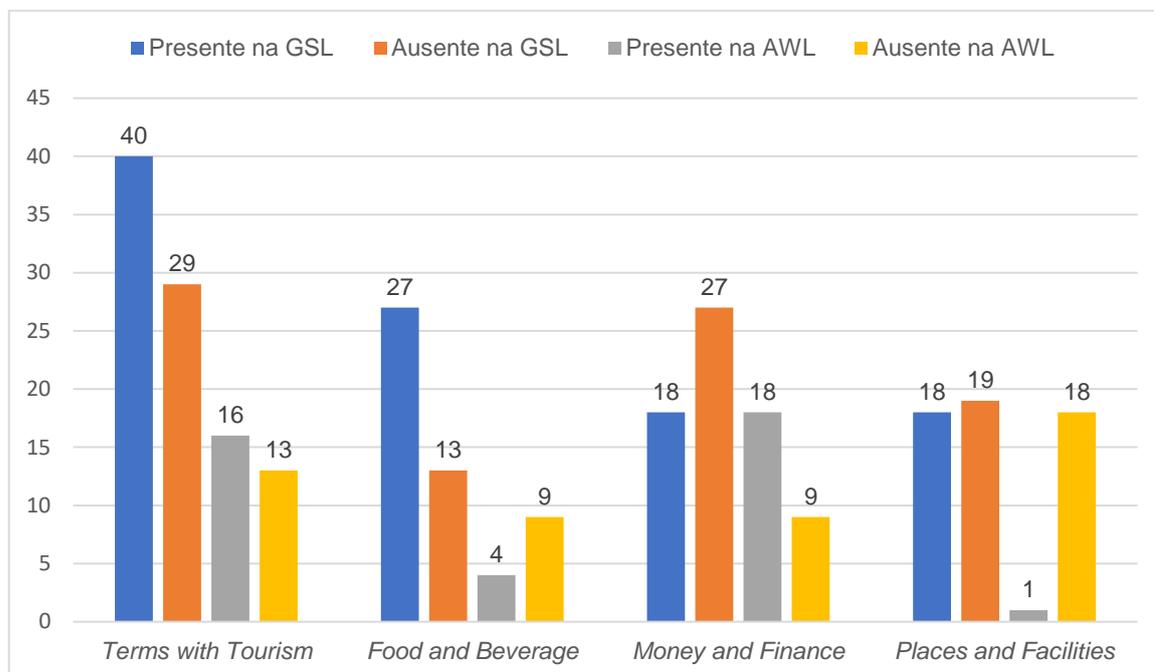
Vejamos a seguir a representação gráfica-quantitativa dos termos presentes e ausentes na GSL e na AWL, organizados de acordo com as partes/setores que os dividimos.

A título de exemplo, explicamos que a soma das duas primeiras barras do gráfico – azul e laranja, resulta no total de termos da parte/setor. Em *Terms with Tourism*, por exemplo, os 40 termos presentes na GSL devem ser acrescentados aos 29 ausentes na lista, resultando na soma total de 69 termos da primeira parte. Já a soma das outras duas barras – cinza e amarela, resulta no total de termos que não foram identificados no vocabulário fundamental da língua inglesa. Seguindo em *Terms with Tourism*, os 16 termos presentes na AWL devem ser acrescentados de 13 que não constavam nesta lista, somando os 29 termos da primeira parte que não foram encontrados na GSL.

O gráfico seguinte ressalta alguns dados constatados anteriormente. Em *Terms with Tourism* e em *Food and Beverage* há uma incidência bem maior de termos que coincidem com palavras da língua geral (barra azul) do que não pertencentes (barra laranja). Em *Money and Finance* percebemos o contrário, a ocorrência de termos que configuram entre as palavras mais comuns da língua inglesa é menor. Em *Places and Facilities*, por sua vez, há uma divisão mais equilibrada. Por outro lado, ao observarmos os termos que não foram encontrados na GSL, é possível ver que em *Terms with Tourism* e *Money and Finance* os termos encontrados na AWL apresentam uma pequena vantagem em relação aos termos ausentes. Entretanto, nos setores de

Food and Beverage e *Places and Facilities*, a maioria dos termos buscados não foram encontrados.

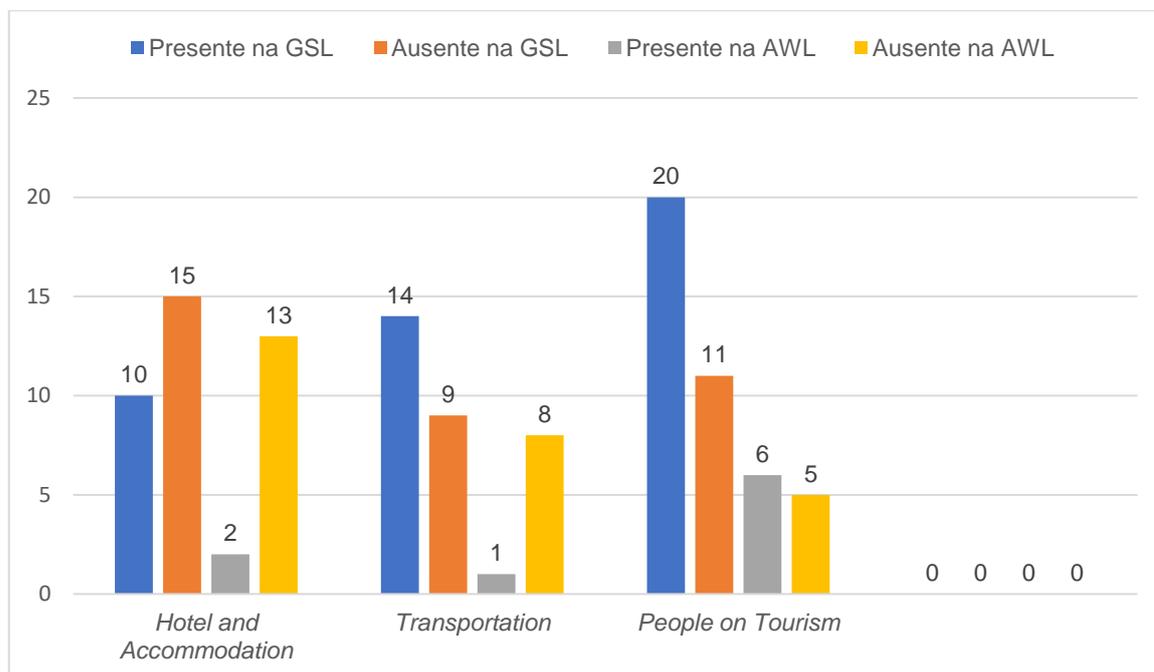
Figura 17 – Termos presentes e ausentes na GSL e na AWL.



Fonte: elaborado pelo autor

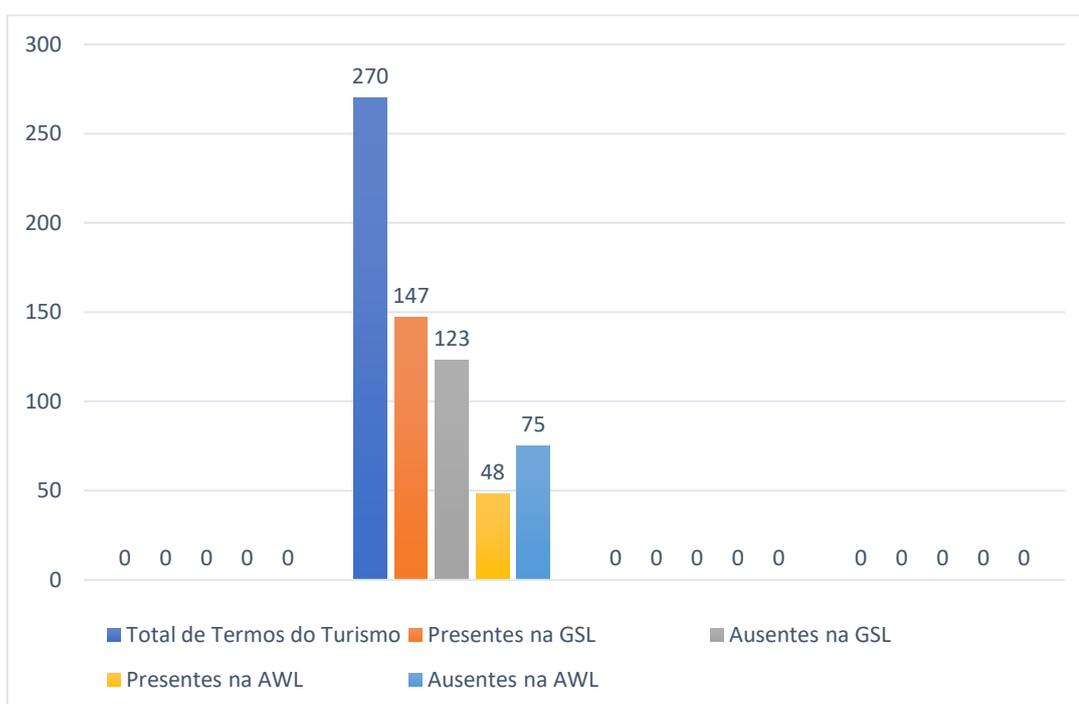
Observemos na figura 18 os dados relacionados aos setores de *Hotel and Accommodation*, *Transportation* e *People on Tourism*:

Percebemos, também, que em *Transportation* e *People on Tourism* há uma maioria de termos que fazem parte do vocabulário fundamental da língua inglesa, enquanto em *Hotel and Accommodation* o número de termos que não fazem parte deste vocabulário é maior. Quanto à análise dos termos não encontrados na GSL, enquanto em *People on Tourism* houve um equilíbrio no número de termos presentes e ausentes na AWL, em *Hotel and Accommodation* e *Transportation* o número de termos ausentes na Lista de Vocabulário Acadêmico foi expressivamente maior.

Figura 18 – Termos presentes e ausentes na GSL e na AWL (continuação).

Fonte: elaborado pelo autor.

Vejamos no gráfico seguinte o resultado geral do total de termos e dos termos presentes e ausentes, tanto na GSL quando na AWL:

Figura 19 – Resultado geral dos termos na GSL e na AWL.

Fonte: elaborado pelo autor.

A análise comparativa geral dos Termos do Turismo identificados em a acadêmicos da área revelou os seguintes dados. Dos 270 termos encontrados, 147 fazem parte da GSL, podendo ser considerados termos que possuem um grau de dificuldade menor, o que pode direcionar a uma compreensão mais facilitada dos conceitos, embora no Turismo o conceito pode ser desconhecido dos da língua geral. Dos 123 termos não encontrados na GSL, sendo, assim, palavras que possuem maior grau de especialização, 48 fazem parte da AWL. Há, no entanto, 75 termos que não foram encontrados em nenhuma das listas de referência e que requerem investigações mais detalhadas em futuras pesquisas terminológicas¹⁴⁵.

. Com base na análise dos termos do Turismo encontrados no corpus e das ocorrências mais frequentes com alguns verbos e adjetivos, no próximo capítulo, discutiremos sobre a organização e elaboração do material didático produto desta investigação. Iniciamos descrevendo os tipos de exercícios nele contidos e os objetivos pretendidos com cada um. Na sequência, apresentamos o material completo, assim como o *layout* da versão do aplicativo para celular também criado.

¹⁴⁵ A lista com os 75 termos não encontrados no material de referência encontra-se no Apêndice A.

6. A APRENDIZAGEM DE TERMOS DO TURISMO

Neste capítulo, fazemos a apresentação do material didático elaborado como resultado desta pesquisa. Por meio da compilação de um total de 542 artigos acadêmicos da área do Turismo, fizemos a seleção dos termos do setor e os organizamos em sete diferentes áreas, tomando como base os traços de significação compartilhados entre eles, e as subáreas do Turismo, tais quais organizadas pela UNWTO, na obra *Thesaurus on leisure and tourism activities* (2001).

Iniciamos discorrendo sobre a estrutura do material, apresentando o número de unidades, os tipos e os objetivos de cada exercício nele presentes.

6.1 A ESTRUTURA DO MATERIAL

O material didático elaborado possui sete capítulos dedicados à aprendizagem de termos do setor recorrentes em artigos acadêmicos, e um capítulo de referência gramatical. O oitavo capítulo tem o foco em conhecimentos de gramática da língua inglesa que os usuários precisam dominar a fim de realizar os exercícios apresentados, a saber: o uso de afixos (formação de palavras), ordem de palavras em inglês (adjetivo + substantivo) e colocações.

Os capítulos foram assim intitulados: 1) *Terms of Tourism*; 2) *Food and Beverage*; 3) *Money and Finance*; 4) *Places and Facilities*; 5) *Hotels and Accommodation*; 6) *Transportation*; 7) *People on Tourism*; 8) *Grammar Resource*.

Vejamos no quadro a seguir alguns exemplos de termos presentes em cada um dos capítulos:

Quadro 38 – Capítulos e exemplos

CHAPTERS OF THE MATERIAL	EXAMPLES
1. <i>Terms with Tourism</i>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>tourism setting</i> • <i>tourism inflow</i> • <i>tourism hotspot</i>
2. <i>Food and Beverage</i>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>gastronomy</i> • <i>food waste</i> • <i>catering service</i>

3. <i>Money and Finance</i>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>currency</i> • <i>fee system</i> • <i>tax rate</i>
4. <i>Places and Facilities</i>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>souvenir shop</i> • <i>railway</i> • <i>crafts shop</i>
5. <i>Hotels and Accommodation</i>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>check-in</i> • <i>budget hotel</i> • <i>all-inclusive resort</i>
6. <i>Transportation</i>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>airplane</i> • <i>metro station</i> • <i>shuttle bus</i>
7. <i>People on Tourism</i>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>tourist guide</i> • <i>backpacker</i> • <i>stakeholder</i>
8. <i>Grammar Resource</i>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Affixes</i> • <i>Adjectives</i> • <i>Verbs</i> • <i>Nouns</i> • <i>Collocations</i>

Fonte: elaborado pelo autor.

Nos exemplos do capítulo oito, temos o termo “*food waste*” em que a palavra “*food*” cumpre o papel de adjetivo e, dessa forma, qualifica o tipo de desperdício a que a palavra “*waste*” se refere. Por outro lado, no segundo exemplo, a palavra “*food*” ocupa a posição de substantivo, enquanto “*healthy*” é o adjetivo e, por isso, coloca-se anteriormente a “*food*”. Esses são exemplos de colocação de palavras. Os exemplos seguintes são palavras formadas a partir do uso de sufixos, “*reduction*”, derivada do verbo “*reduce*”; e “*traditional*”, derivada do substantivo “*tradition*”. Quanto às colocações, o exemplo “*make a reservation*” apresenta a forma correta de uso verbal, pois, falantes de língua portuguesa tendem a dizer “*do a reservation*” uma vez que ambos os verbos, *make* e *do*, significam fazer em português.

Cada unidade está organizada da seguinte maneira: na primeira página, apresentamos um texto introdutório, que descreve e contextualiza o tema de cada uma das unidades. Vejamos o exemplo de *Food and Beverage*:

Quadro 39 – Texto introdutório da unidade didática.

FOOD AND BEVERAGE
<p>“Food and Beverage” is a sector that can be regarded as indispensable to every sort of trip, be it for a brief period, two, three or four days; be it longer, two weeks or one month long; be it for work or any kind of tourism. However, despite being survival items, eating and drinking are also seen as a way of pleasure and motivate people to travel and try foods and drinks from other cultures. Known by the acronym F&B, it is a sector that accounts for about 50% of the jobs in Tourism and is an essential subject in undergraduate courses of this field. Therefore, academic articles of Tourism present a vast range of terms related to this sector.</p>

Fonte: elaborado pelo autor.

No texto anterior, destacamos a importância do setor de comidas e bebidas no âmbito do Turismo, pelo fato de a alimentação ser um item que não pode ser dispensado em nenhuma ocasião, e devido ao grande número de vagas de emprego disponíveis em restaurantes, bares, hotéis etc. Também, mencionamos que, devido a tal importância, a temática de comida e bebida é recorrente nos cursos de Graduação em Turismo e, conseqüentemente, houve uma grande ocorrência de termos desse setor nos artigos acadêmicos selecionados para o *corpus* da presente pesquisa. E, para corroborar o que foi descrito no referido texto introdutório, na sequência, mostramos um exemplo extraído do *corpus* que contém alguns dos termos em foco na unidade.

Quadro 40 – Exemplo extraído do *corpus*.

<p>Although takeaway and home delivery fared well, they cannot compensate for the adverse effects on the other two business</p>

segments e.g., **dine-in** and **catering**” (BURHAN et al., 2021, p. 10).

Fonte: Burhan (2021, p. 10).

Ao final da primeira página, apresentamos três listas de palavras: 1) Termos (substantivos); 2) Adjetivos recorrentes com tais termos; 3) Verbos recorrentes com os termos apresentados.

Quadro 41 – Termos, adjetivos e verbos recorrentes.

RECURRING TERMS, ADJECTIVES, AND VERBS	
TERMS	beverage; breakfast; catering service; celebratory drink; delivery; dinner; dish; drink; drink industry; drink sector; entry; fast-food; fast-food restaurant; food consumption; food industry; food quality; food safety; food waste; full board; functional drink; gastronomy; half board; healthy food; international food; leftover; local drink; local food; lunch; main course; main dish; meal; organic food; seafood; snack; special drink; special food; takeaway; traditional food; wastage; wine.
ADJECTIVES	alcoholic; global; good; healthy; international; local; main; organic; raw; special; traditional.
VERBS	buy; deliver; drink; eat; have; order; prepare; promote; provide; reduce; sell; serve; taste; waste.

Fonte: elaborado pelo autor.

Nas páginas seguintes, são apresentadas as atividades. Há um total de seis tipos de exercícios diferentes.

No exercício número 1, os aprendizes visualizarão uma lista de entre 10 e 20 termos e terão que relacioná-los com determinadas categorias. Vejamos no exemplo a seguir:

Quadro 42 – Exercício 1: *Food and beverage*.

<p>1) READ THE TERMS BELOW AND CHECK IF THEY ARE RELATED TO “FOOD,” “BEVERAGE” OR “BOTH.” WRITE THEM INTO THE CORRESPONDING COLUMN.</p>	
<p>celebratory drink delivery dessert gastronomy main dish seafood snack spirit takeaway wine</p>	
FOOD	
BEVERAGE	
BOTH	

Fonte: elaborado pelo autor.

No exemplo acima, os termos devem ser relacionados com as categorias *food* (comida), *beverage* (bebidas) ou *both* (ambos). Notemos que *gastronomy* (gastronomia) não é uma comida propriamente dita, mas é um termo que abrange todo o ramo da culinária, bebidas, materiais utilizados na alimentação, entre outros aspectos. Sendo assim, os aprendizes devem relacionar esse termo à opção *both* e, da mesma maneira, irão proceder em outros casos semelhantes que encontrarão no decorrer do estudo do material.

No exercício 2, os aprendizes deverão completar os termos complexos com os termos *food* e *restaurant*, pois estas são palavras de alta frequência no *corpus* investigado. Para a realização desta atividade, os estudantes deverão se atentar para questão das colocações.

Para tanto, terão explicações sobre o assunto na unidade 8 do referido material, o qual será uma fonte de referência gramatical. *Dine-in* compõe uma colocação com a palavra *restaurant* e não com *food*. Além disso, *restaurant* deve ser posicionada à direita de *dine-in*, formando o termo complexo *dine-in restaurant*. A palavra *consumption*, por outro lado, compõe uma colocação com *food*, posicionada na posição de adjetivo, isto é, à esquerda: *food consumption*.

Quadro 43 – Exercício 2: *Food and beverage*.

2) TERMS WITH “FOOD” AND “RESTAURANT”: PLACE THE WORDS “FOOD” OR “RESTAURANT” ON THE RIGHT OR ON THE LEFT OF THE GIVEN WORDS TO FORM COMPOUND TERMS. YOU MUST USE EACH WORD 4 TIMES.

e.g., _____ fast _____

Possible answers:

fast-food ✓

food-fast ✗

_____	dine-in	_____
_____	consumption	_____
_____	management	_____
_____	healthy	_____
_____	seafood	_____
_____	waste	_____
_____	chain	_____
_____	organic	_____

O exercício 3 é de múltipla escolha e com foco na colocação de palavras. Vejamos o exemplo a seguir:

Quadro 44 – Exercício 3: *Food and Beverage*.

- 3) CHOOSE THE VERB THAT BETTER COLLOCATES WITH THE WORDS IN ITALICS IN THE FOLLOWING SENTENCES.
1. You should not miss the occasion to WASTE/TASTE/PROVIDE the *local food*, which can be easily found in the old city neighborhood.
 2. The group of tourists wants to SERVE/DRINK/HAVE *dinner* at the floating market.
 3. Is it unethical to WASTE/HAVE/DELIVER *food*?
 4. These villagers are simply understood as a place to DELIVER/PREPARE/PROVIDE *food and accommodation* for tourists because of their low level of culture and weak sense of innovation and development.

Fonte: elaborado pelo autor.

Neste exercício, são dados três verbos para que o estudante escolha o que melhor combina com os termos em itálico apresentados na sequência, de acordo com o sentido empregado no texto. No número 1, por exemplo, entre os três verbos (*waste; taste; provide*), o verbo que melhor completa o sentido do texto é *taste*: “*You should not miss the occasion to TASTE the local food [...]*”.

No exercício 4, são apresentadas duas colunas para serem relacionadas. A primeira contém termos recorrentes do setor a que a unidade se refere e, na segunda coluna, estão as definições de tais termos. Vejamos o exemplo a seguir:

Quadro 45 – Exercício 4: *Food and beverage*.

4) MATCH THE DIFFERENT KINDS OF RESTAURANTS WITH THEIR DEFINITIONS	
(1) takeaway restaurant	() It is a restaurant that specializes in dishes based on fish, shrimp, squid, shellfish, and others.
(2) seafood restaurant	() It is a restaurant that offers food that can be eaten in the restaurant where it is ordered rather than being taken away.
(3) dine-in restaurant	() It is a restaurant that sells food to be eaten elsewhere.

(4) delivery restaurant	() It is a restaurant where you get things for yourself rather than being served by another person.
(5) self-service restaurant	() It is a restaurant that delivers food at the customer's home.

Fonte: elaborado pelo autor.

Neste exemplo, a primeira coluna traz diferentes tipos de restaurantes para serem relacionados com os respectivos significados na segunda coluna. “*Takeaway restaurant*”, por exemplo, é “*a restaurant which sells food to be eaten elsewhere*”.

O exercício 5 tem o foco na formação de palavras a partir do uso de afixos. Observemos o exemplo a seguir:

Quadro 46 – Exercício 5: *Food and beverage*.

5) TURN THE NOUNS IN PARENTHESES INTO ADJECTIVES AND THE VERBS INTO NOUNS BY ADDING PREFIXES OR SUFFIXES.

1. _____ (TRADITION) food must be homemade or made by artisans and must be transmitted from one generation to another.

2. This study provides proof of principle that a simple and cost-effective intervention can lead to a substantial _____ (REDUCE) in plate waste in hotels.

3. The EU and its Member States should enhance the coherence of _____ (NATION) food security governance and support the rapid reform of the Committee on World Food Security.

4. Many states require certification before employees or students are legally allowed to serve or prepare _____ (ALCOHOL) beverages in a restaurant, bar, hotel, or even academic setting.

Fonte: elaborado pelo autor.

Neste exemplo, os aprendizes deverão observar as palavras entre parênteses e transformar substantivos em adjetivos e verbos em substantivos. No número 1, o substantivo *tradition* será transformado em adjetivo a partir do acréscimo do sufixo “-al” = *traditional*. No número 2, o verbo *reduce* é transformado em substantivo a partir

do uso do sufixo “-tion” = *reduction*. Na unidade 8 haverá uma lista dos afixos e exemplos para serem consultados quando necessário.

O exercício 6, por sua vez, tem o foco na leitura. Para tanto, um texto – extraído do corpus – com algumas lacunas será apresentado e os estudantes deverão completar essas lacunas a partir de uma lista de palavras dadas como opções.

Nos excertos seguintes, utilizados no exercício 6, Burhan (2021) fala da importância do setor de restaurantes no Paquistão e do impacto que a pandemia de Covid-19 teve sobre os serviços, como a impossibilidade de atendimento preferencial.

Quadro 47 – Exercício 6: *Food and beverage*.

6) READ THE FOLLOWING EXTRACT OF AN ACADEMIC ARTICLE AND FILL THE BLANKS WITH THE WORDS FROM THE BOX. THERE ARE THREE EXTRA WORDS.

consumption	delivery	dine-in	food production
food-related	food-tourism	fast-food	local
producers	food production		

- a) [...] Due to social distancing and partial lockdowns during COVID-19, restaurants were forced to close down for _____ but open for takeout and home _____. In a developing country like Pakistan with consumer base of roughly 200 million, the _____ is the second largest that also accommodates around 16% of the total employment among SMEs. Pakistan is also the eighth largest market in the world for _____ and food-related entities (Memon, 2016). Recognizing the acute importance of restaurants and food-related outlets in Pakistan, the sector has attracted little attention regarding crisis management.

Source: Burhan et al. (2021).

- b) Food tourism is fast-growing and the significance of _____ food _____ in tourism has been widely acknowledged (Ellis, Park, Kim, & Yeoman, 2018; Everett, 2019; Henderson, 2009). Whilst there is no consensus on its definition due to its inherently multidisciplinary nature (Ellis et al., 2018), _____ is commonly understood as “visitation to primary and secondary food _____, food festivals, restaurants and specific locations for which food tasting and/or experiencing the attributes of specialist _____ regions are the primary motivating factor for travel” (Hall & Sharples, 2003, p.10).

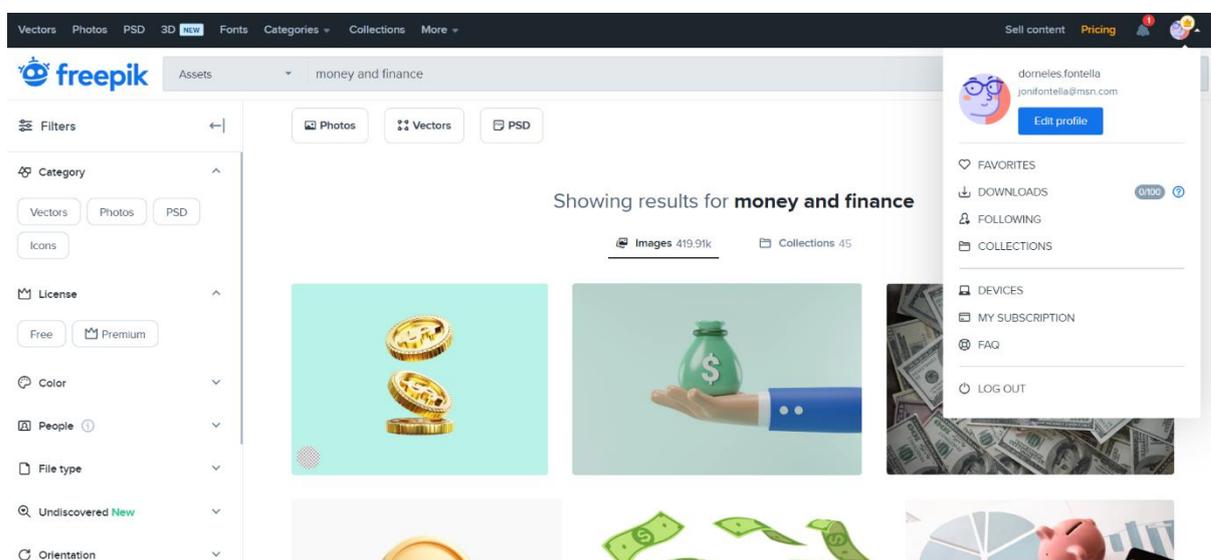
Source: Kim; Xu (2020).

Fonte: elaborado pelo autor.

Na elaboração dos exercícios, caminhamos da apresentação dos termos, passando pela formação, colocação, até chegar ao momento de colocá-los em um contexto de uso.

Na elaboração do material didático, o aspecto visual também foi levado em consideração. Para não deixarmos apenas os textos e os exercícios, adicionamos algumas imagens. Para tanto, realizamos a assinatura de uma plataforma *on-line* – Freepik – para que pudéssemos ter acesso a imagens de forma legal. Com a assinatura *Premium*, o usuário tem a possibilidade de baixar e utilizar fotos de forma legal. A figura 20 mostra o *layout* inicial da plataforma e a aba do perfil pessoal.

Figura 20 – Freepik – banco de imagens *on-line*.



Fonte: Freepik (2022).

O público-alvo do material são estudantes de Graduação em Turismo e de áreas correlatas, como Hotelaria e Gestão em Turismo, que já tenham conhecimento em língua inglesa em um nível B1 (ou superior), de acordo com o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (CEFR). Isso porque o objetivo do material é que o estudante agregue os termos em inglês ao conhecimento que já tem sobre o idioma, ampliando, assim, a sua proficiência em leitura de textos acadêmicos de sua área de interesse escritos nessa língua estrangeira.

Neste primeiro subitem do sexto capítulo da presente Tese, apresentamos a estrutura e um exemplo de cada uma das atividades que compõem cada uma das

unidades do material didático elaborado a partir da pesquisa realizada, o qual será disponibilizado também em aplicativo. Na sequência, trazemos o material completo.

6.2 O MATERIAL DIDÁTICO ELABORADO

Neste subitem, apresentamos o material em sua completude, inclusive com fonte e *layout* diferenciados, assim como o uso de imagens que retratam o tema que cada uma das unidades aborda.

TERMS OF TOURISM



This material aims at serving as a source, especially for those who are students of undergraduate courses of tourism, or any other correlated field, and wish to broaden their knowledge about the terms that are recurrent in academic articles. Resulting from a PhD research, this book brings a broad range of terms of Tourism that are shown divided into seven subfields and one grammar resource unit. There is not a specific order for the completion of the units, which means the users may start by the subfield that is more appealing to them.

TERMS WITH
TOURISM

FOOD AND
BEVERAGE

MONEY AND
FINANCE

PLACES AND
FACILITIES

HOTELS AND
ACCOMMODATION

TRANSPORTATION

PEOPLE ON
TOURISM

GRAMMAR
RESOURCE

UNIT 1

TERMS WITH TOURISM

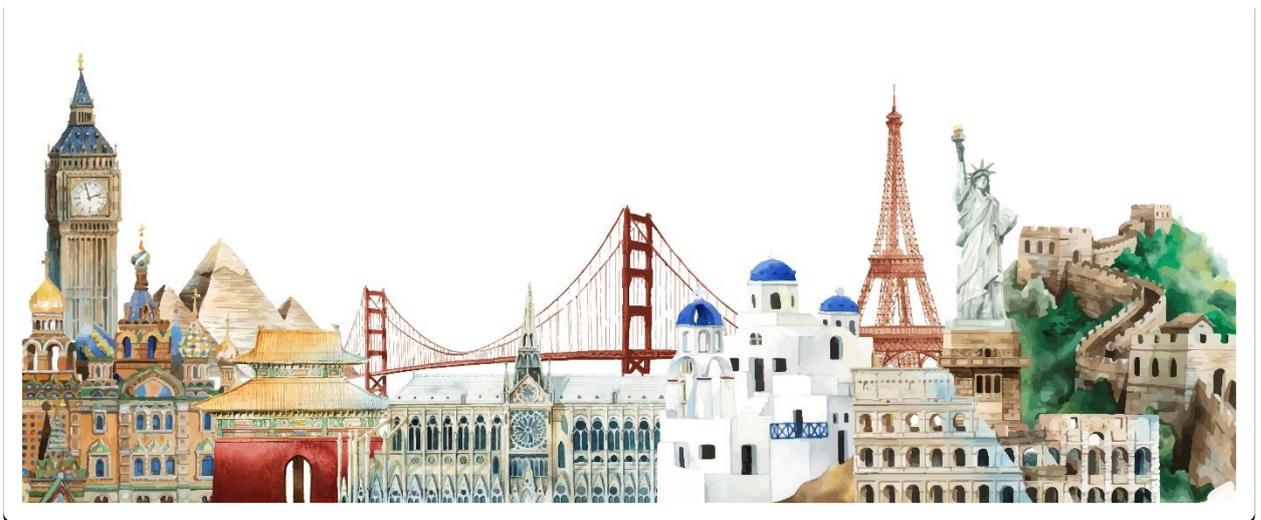


Tourism has been one of the pillars of Brazil's economy for the last few decades, covering a network of subfields of significant importance in the generation of jobs spots and income. Thus, at the same time it generates jobs, it boosts the country economically, becoming an essential mean of subsistence in different contexts. Due to such features, people have been seeking technical, practical, and academic formation on this field, and a vast number of undergraduate courses are offered in the country. According to the Higher Education Census (2020), there is a total of 393 on-site and 79 distance learning courses. Not surprisingly, the publication and access to articles in the field, especially in English, is paramount for the development and formation of tourism undergraduate students.

A) Look at the following excerpts from academic articles of Tourism and see some terms formed with the words "tourism" and "tourist" in boldface in their context of use:

"**Sustainable responsible tourism** is therefore seen to involve a consideration of the conceptual impacts of sustainability along with the responsible implementation enablers, namely sustainability ethics, stakeholder cooperation/satisfaction, and visitor satisfaction" (SKINNER, 2021, p. 179).

"The call to investigate the complexity of emotions in the context of **tourism** becomes especially meaningful when we compare the differences between engaging in routine life at home and enjoying a holiday at a **tourist spot**." (WANG; HOU; CHEN, 2021, p. 1086).



B) This table brings a list of terms formed with the words “tourism” and “tourist”, some adjectives and verbs that collocate with these terms and therefore, usually come with them:



TERMS	agricultural tourism; creative tourism; cross-border tourism; cultural tourism; dark tourism; domestic tourism; domestic tourist; eco-tourism; educational tourism; gastronomy tourism; global tourism; heritage tourism; historical tourism; hunting tourism; inbound tourism; inbound tourist; inclusive tourism; indigenous tourism; wine tourism; international tourism; international tourist; leisure tourism; local tourism; national tourism; outbound tourism; regional tourism; religious tourism; responsible tourism; rural tourism; shopping tourism; social tourism; sports tourism; sustainable tourism; tourism; tourism demand; tourism destination; tourism development; tourism impact; tourism industry; tourism management; tourism potential; tourism research; tourism service; tourism stakeholder; tourismophobia; tourist; tourist agency; tourist accommodation; tourist arrival; tourist flow; tourist guide; tourist hotspot; tourist inflow; tourist information; tourist infrastructure; tourist market; tourist region; tourist route; tourist setting; tourist spot; tourist support; tourist trend; tourist well-being; touristification; urban tourism; volunteer tourism; well-being tourism; wildlife tourism; winter tourism.
ADJECTIVES	agrocultural; creative; cultural; dark; domestic; ecological; educational; global; historical; inclusive; indigenous; international; local; national; regional; religious; responsible; rural; social; sustainable; urban.
VERBS	achieve; address; advocate; affect; allow; analyse; balance; boom; boost; create; encourage; enhance; evaluate; explore; forecast; identify; improve; increase; promote.

EXERCISES

1) READ THE TERMS BELOW AND CHECK IF THEY ARE "KINDS OF TOURISM", "PLACES", OR "SERVICES". WRITE THEM INTO THE CORRESPONDING COLUMN.

heritage tourism	shopping tourism	sustainable tourism
tourist agency	tourist guide	tourist information
tourist route	tourist support	wildlife tourism
		tourist spot

KINDS OF TOURISM	
PLACES	
SERVICES	

2) WRITE THE WORDS "TOURISM" OR "TOURIST" ON THE RIGHT OR ON THE LEFT OF THE GIVEN WORDS TO FORM COMPOUND TERMS. SOME WORDS ACCEPT BOTH OPTIONS.

e.g., _____ *gastronomy* _____: Answer: *gastronomy tourism*

_____	demand	_____
_____	guide	_____
_____	outbound	_____
_____	leisure	_____
_____	route	_____
_____	inbound	_____
_____	arrival	_____
_____	inflow	_____

3) UNDERLINE THE VERB THAT BETTER COLLOCATES WITH THE WORDS IN ITALICS IN THE FOLLOWING SENTENCES.



1. We can ADVOCATE/ENHANCE/IDENTIFY people's *tourist experiences* through personalization of services.

2. One needs at least three days to ACHIEVE/BOOST/EXPLORE the main *tourist spots* in Rome.

3. The *tourist inflow* has INCREASED/BALANCE/ALLOW in Brazil in comparison to last year.

4. Governors must come up with well-thought-of strategies to ADDRESS/PROMOTE/BOOST *rural tourism* in a sustainable and responsible way.

What should we try this year?

Wildlife, winter, or rural

4) MATCH THE DIFFERENT KINDS OF TOURISM WITH THEIR DEFINITIONS:

(1) cross-border tourism	() A kind of tourism in which travelers experience the places, activities, and artifacts that authentically represent the stories and people from different times.
(2) heritage tourism	() A kind of tourism which takes full account of its current and future economic, social, and environmental impacts, considering the needs of visitors, the industry, the environment, and host communities
(3) volunteer tourism	() A kind of tourism in which travelers go outside their usual environment with the purpose of relaxation, entertainment, holiday, among other reasons.
(4) leisure tourism	() A kind of tourism in which travelers go across the limits of their usual environment for some time.
(5) sustainable tourism	() A kind of tourism in which travelers participate in voluntary work, usually for a charity.

5) TURN THE NOUNS IN PARENTHESES INTO ADJECTIVES AND THE VERBS INTO NOUNS BY ADDING PREFIXES AND/OR SUFFIXES.

1. The _____(BOOM) in the tourism sector in the last few months is a prove that the economy is getting over the Covid-19 pandemic.
2. Acquisition of authentic crafts and participation in cooking seminars, are some examples of activities that can be offered in _____(CREATE) tourism.
3. _____(SUSTAIN) fails to conserve tourist resources, and/or does not support the lives and culture of local people.
4. The tourism _____(PROMOTE) is an Embratur's duty, which aims to attract about 6 million visitors every year to the country.

6) READ THE FOLLOWING EXTRACTS OF TWO ACADEMIC ARTICLES AND FILL THE BLANKS WITH THE TERMS FROM THE BOX.

domestic tourists	inbound tourists	international tourists
tourism destinations	tourism stakeholders	tourist demand
tourist flow	tourist flows	tourist market
		tourists

a) [...] in this regard, _____ refers to the movement of _____ from an origin place, through transit regions, to a destination and the stay of tourists in these regions. According to Bowden (2003), tourist movement encompasses three basic elements: intensity, direction and pattern. Generally, the intensity is analyzed under the fields of " _____ " or "tourism forecasting" since it is related to the volume and frequency of _____. Direction and pattern, which reflect the static and the dynamic elements of tourist flows among regions, respectively, are usually discussed under the term "tourist flow". The dynamic element mainly centres on the flows between origin and destination regions. In contrast, the static element is composed of several factors, such as _____, overnight stays, accommodation types, and the gateways between origin and destination regions.

Source: Shao (2020).

b) [...] Further, there has predominantly been a focus on _____ within studies examining local food. Given the inherent differences between domestic and international markets, specifically _____' social-cultural familiarity with a country's local food and their accessibility to food production regions, this gap in the literature has consequences for _____. The importance of understanding the domestic _____ is further highlighted following the COVID-19 pandemic with countries closing their borders to _____, resulting in an increased focus on domestic travel.

Source: Williamson; Hassanli (2020).

UNIT 2

FOOD AND BEVERAGE



Food and Beverage is a sector that can be regarded as indispensable to every sort of trip, be it for a brief period, two, three or four days; be it longer, two weeks or one month long; be it for work or any kind of tourism. However, despite being survival items, eating and drinking are also seen as a way of pleasure and motivate people to travel and try foods and drinks from other cultures. Known by the acronym F&B, it is a sector that accounts for about 50% of the jobs in Tourism and is an essential subject in undergraduate courses of this field. Therefore, academic articles of Tourism present a vast range of terms related to this sector.

A) Look at the following excerpts from academic articles of Tourism and see some terms related to Food and Beverage in boldface in their context of use:

"The two **menus** also contain **dishes** that are not particularly suitable for **buffet-style meals**. Roasted and grilled beef, for example, should be served directly out of the oven or from the grill." (DOLNICAR; JUVAN; GRÜN, 2020, p. 5).

Although **takeaway** and home **delivery** fared well, they cannot compensate for the adverse effects on the other two business segments e.g., **dine-in** and **catering**" (BURHAN et al., 2021, p. 10).

B) This table brings a list of terms related to Food and Beverage and some adjectives and verbs that collocate with these terms and therefore, usually come with them:

TERMS	beverage; breakfast; catering service; celebratory drink; delivery; dinner; dish; drink; drink industry; drink sector; entry; fast-food; fast-food restaurant; food consumption; food industry; food quality; food safety; food waste; full board; functional drink; gastronomy; half board; healthy food; international food; leftover; local drink; local food; lunch; main course; main dish; meal; organic food; seafood; snack; special drink; special food; takeaway; traditional food; wastage; wine.
ADJECTIVES	alcoholic; global; good; healthy; international; local; main; organic; raw; special; traditional.
VERBS	buy; deliver; drink; eat; have; order; prepare; promote; provide; reduce; sell; serve; taste; waste.

EXERCISES

1) READ THE TERMS BELOW AND CHECK IF THEY ARE RELATED TO "FOOD", "BEVERAGE" OR "BOTH." WRITE THEM INTO THE CORRESPONDING COLUMN.

celebratory drink	delivery	dessert	gastronomy
main dish	seafood	snack	spirit
		takeaway	wine

FOOD	
BEVERAGE	
BOTH	

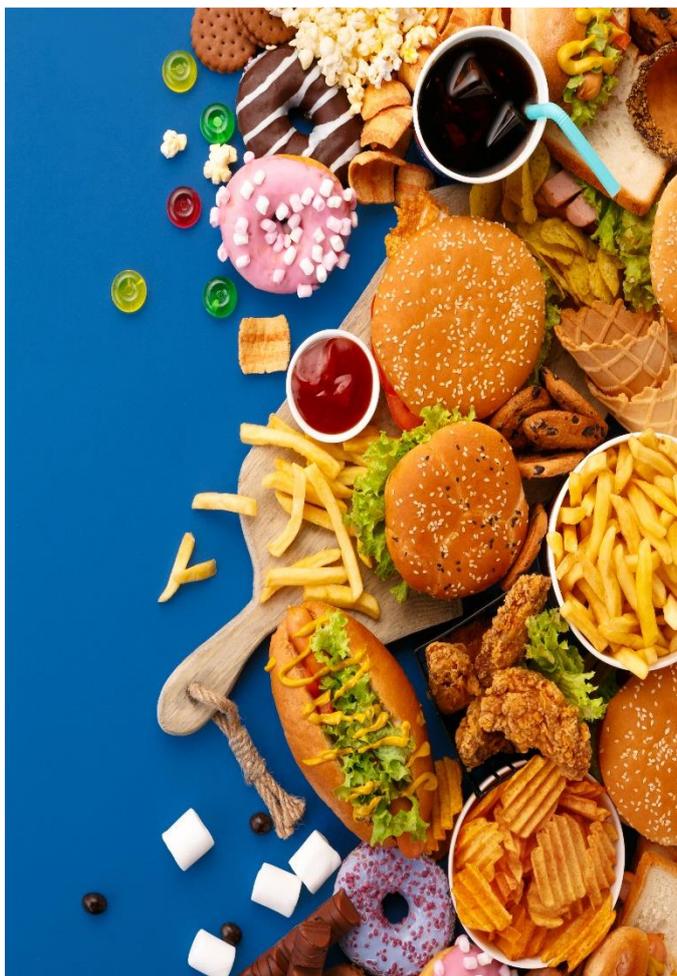
2) TERMS WITH "FOOD" AND "RESTAURANT": WRITE THE WORDS "FOOD" OR "RESTAURANT" ON THE RIGHT OR ON THE LEFT OF THE GIVEN WORDS TO FORM COMPOUND TERMS. YOU MUST USE EACH WORD 4 TIMES.

e.g., _____ fast _____ : *Answer: fast-food*

_____	dine-in	_____
_____	consumption	_____
_____	management	_____
_____	healthy	_____
_____	seafood	_____
_____	waste	_____
_____	chain	_____
_____	organic	_____

3) UNDERLINE THE VERB THAT BETTER COLLOCATES WITH THE WORDS IN ITALICS IN THE FOLLOWING SENTENCES.

1. You should not miss the occasion to *WASTE/TASTE/PROVIDE* the local food, which can be easily found in the old city neighborhood.
2. The group of tourists wants to *SERVE/DRINK/HAVE* dinner at the floating market.
3. Is it unethical to *WASTE/HAVE/DELIVER* food?
4. These villagers are simply understood as a place to *DELIVER/PREPARE/PROVIDE* food and accommodation for tourists because of their low level of culture and weak sense of innovation and development.



What should we order?

Local food
Special drink
Dessert

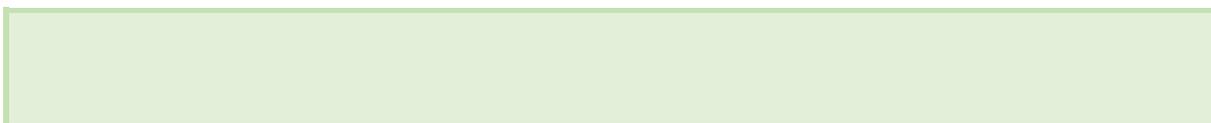


4) MATCH THE DIFFERENT KINDS OF RESTAURANTS WITH THEIR DEFINITIONS:

(1) takeaway restaurant	() A restaurant that specializes in dishes based on fish, shrimp, squid, shellfish, and others.
(2) seafood restaurant	() A restaurant that offers food that can be eaten in the restaurant where it is ordered rather than being taken away.
(3) dine-in restaurant	() A restaurant that sells food to be eaten elsewhere.
(4) delivery restaurant	() A restaurant where you get things for yourself rather than being served by another person.
(5) self-service restaurant	() A restaurant that delivers food at the customer's home.

5) TURN THE NOUNS IN PARENTHESES INTO ADJECTIVES AND THE VERBS INTO NOUNS BY ADDING PREFIXES OR SUFFIXES.

1. _____ (TRADITION) food must be homemade or made by artisans and must be transmitted from one generation to another.
2. This study provides proof of principle that a simple and cost-effective intervention can lead to a substantial _____ (REDUCE) in plate waste in hotels.
3. The EU and its Member States should enhance the coherence of _____ (NATION) food security governance and support the rapid reform of the Committee on World Food Security.
4. Many states require certification before employees or students are legally allowed to serve or prepare _____ (ALCOHOL) beverages in a restaurant, bar, hotel, or even academic setting.



6) READ THE FOLLOWING EXTRACT OF AN ACADEMIC ARTICLE AND FILL THE BLANKS WITH THE WORDS FROM THE BOX.

consumption	delivery	dine-in	food production	food-related
food-tourism	fast-food	local	producers	food production

a) [...] Due to social distancing and partial lockdowns during COVID-19, restaurants were forced to close down for _____ but open for takeout and home_____. In a developing country like Pakistan with consumer base of roughly 200 million, the_____is the second largest that also accommodates around 16% of the total employment among SMEs. Pakistan is also the eighth largest market in the world for _____and food-related entities (Memon, 2016). Recognizing the acute importance of restaurants and _____ outlets in Pakistan, the sector has attracted little attention regarding crisis management.

Source: Burhan et al. (2021).

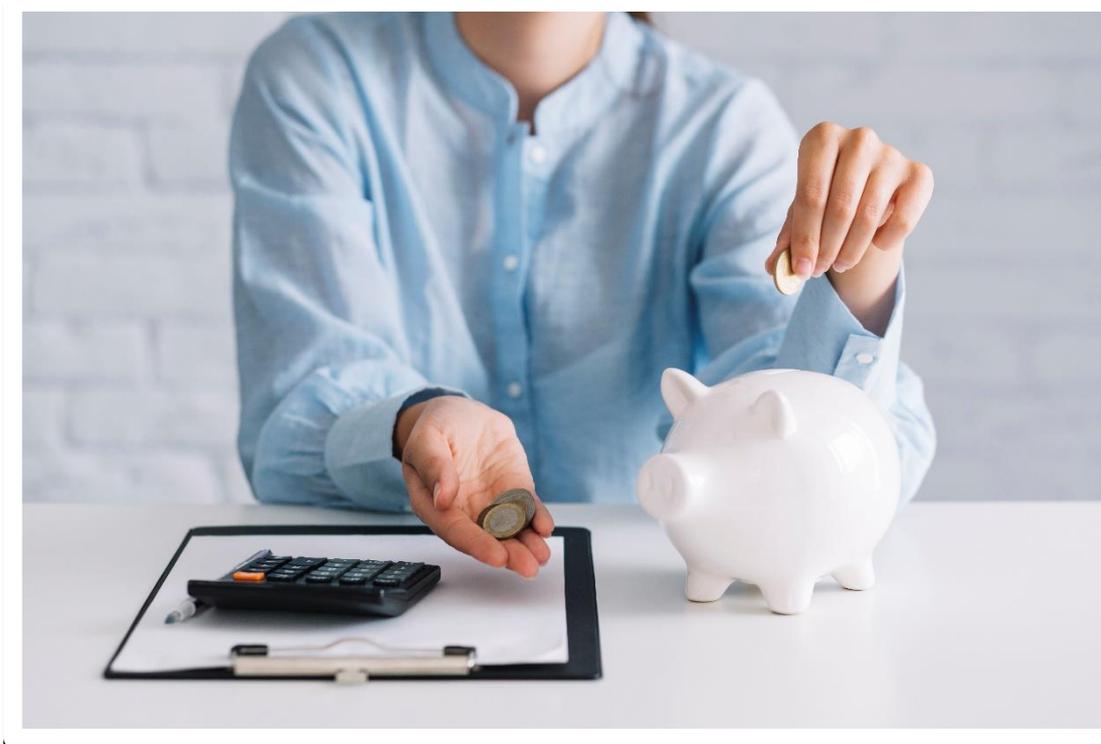
b) Food tourism is fast-growing and the significance of _____ food _____ in tourism has been widely acknowledged (Ellis, Park, Kim, & Yeoman, 2018; Everett, 2019; Henderson, 2009). Whilst there is no consensus on its definition due to its inherently multidisciplinary nature (Ellis et al., 2018), _____ is commonly understood as “visitation to primary and secondary food _____, food festivals, restaurants and specific locations for which food tasting and/or experiencing the attributes of specialist _____ regions are the primary motivating factor for travel” (Hall & Sharples, 2003, p.10).

Source: Kim; Xu (2020).



UNIT 3

MONEY AND FINANCE



One of the most defining aspects for a trip success is finance organization. Considering the amount of money that is required in every step of the way is crucial for having a great time and, thus, avoiding unexpected drawbacks. Tourism undergraduate courses usually have disciplines covering management, planning, and administration indispensable knowledge. Moreover, financial issues are frequently addressed in academic articles published in well-regarded international journals and, therefore, a myriad of specific terms can be detected in this essential subfield of tourism.

A) Look at the following excerpt from an academic article of Tourism and see some terms related to Money and Finance in boldface in their context of use:

“More recently, a wide range of smartphone-based **payment systems** has come into existence, while cyber **currencies** have been discussed as options to reduce the **cost** of transactions” (GÖSSLING; HIGHAM, 2021. p. 1175).

B) This table brings a list of terms related to Money and Finance and some adjectives and verbs that collocate with these terms and therefore, usually come with them:

TERMS	additional payment; average price; budget; budget seeker; cash; cash driven; cash flow; cash holding; commission fee; cost; cost analysis; cost benefit; cost reduction; currency; currency exchange; currency transaction; delivery fee; domestic currency; fare; fare reduction; fee; fee system; foreign currency; local currency; low fare; mobile payment; nominal payment; payment; payment card; payment method; payment service; payment system; price; price benefit; price information; price quality; reference price; tax; tax benefit; tax contribution; tax policy; tax rate; tax reduction; tour fee; travel cost.
ADJECTIVES	additional; average; domestic; fair; high; local; low; nominal; reasonable.
VERBS	buy, conceal; describe; display; estimate; exchange; hide; increase; perceive; plummet; receive; reduce; require.

EXERCISES

1) READ THE TERMS BELOW AND CHECK IF THEY ARE RELATED TO "SAVING MONEY", "EXPENSES" OR "FISCAL POLICY". WRITE THEM INTO THE CORRESPONDING COLUMN.

budget seeker	cost reduction	delivery fee	fare reduction	fee system
low fare	tax contribution	tax rate	tour fee	travel cost

SAVING MONEY	
EXPENSES	
FISCAL POLICY	

2) WRITE THE WORDS "TAX" OR "PAYMENT" ON THE RIGHT OR ON THE LEFT OF THE GIVEN WORDS TO FORM COMPOUND TERMS. YOU MUST USE EACH WORD 4 TIMES.

e.g., _____ *policy* _____ : *Answer: tax policy*

_____	additional	_____
_____	reduction	_____
_____	nominal	_____
_____	card	_____
_____	benefit	_____
_____	method	_____
_____	system	_____
_____	contribution	_____

3) UNDERLINE THE VERB THAT BETTER COLLOCATES WITH THE WORDS IN ITALICS IN THE FOLLOWING SENTENCES.

1. A great vacation trip
EQUIRES/ESTIMATED/INCREASES
a *cost analysis* in advance.

2. When you get to the country,
you will need to DISPLAY/EX-
CHANGE/CONCEAL your dollars
to the *local currency*.

3. Given that the tourist flow was
strongly affected by the pan-
demic, the *tax contribution* has
HIDDEN/PLUMMETED/RECEIVED
considerably.

4. Some tourism advertisements
and contracts sometimes IN-
CREASE/PERCEIVE/CONCEAL high
tax rates.



What's the best
offer?

Which one has
the best cost
benefit?



4) MATCH THE DIFFERENT KINDS OF RESTAURANTS WITH THEIR DEFINITIONS:

(1) average price	() A currency that is in use in any other country than in one's own.
(2) foreign currency	() Businesses that allow customers to swap one currency for another.
(3) local currency	() The way in which people use to pay for things and merchants receive payments from their customers.
(4) currency exchange	() A representative measure of a range of prices calculated by taking the sum of the values and dividing it by the number of prices being examined.
(5) payment method	() The currency that is used in a particular country.

5) TURN THE NOUNS IN PARENTHESES INTO ADJECTIVES AND THE VERBS INTO NOUNS BY ADDING PREFIXES OR SUFFIXES.

1. This offer allows you to enjoy your stay without any _____(ADD) payment requirement.
2. Besides being a famous tourist destination, the city has many shops with considerably _____(REASON) prices. It is amazing!
3. Being famous is not a _____ (REQUIRE) for a tourist spot to be good or not. What matters is the quality of the offered services.
4. The _____(REDUCE) of tourists' inflow may affect the country's economy and many temporary workers will probably not be hired.

6) READ THE FOLLOWING EXTRACT OF AN ACADEMIC ARTICLE AND FILL THE BLANKS WITH THE WORDS FROM THE BOX.

credit card financial foreign exchange improvement increase
 local currency payment price purchase purchaser

a) The findings show that the price of _____ decreases by 0.01% and the price of the bundle of tourism goods and services increases by 0.004% resulting in an _____ in the terms of trade. Moreover, the results show that the _____ of imports denominated in _____ decreases faster (0.009%) than that of exports (0.007%), meaning an _____ in the terms of trade. Overall, these findings are in line with findings reported by Pratt (2015) and Mahadevan et al. (2017).

Source: Eric et al. (2020).

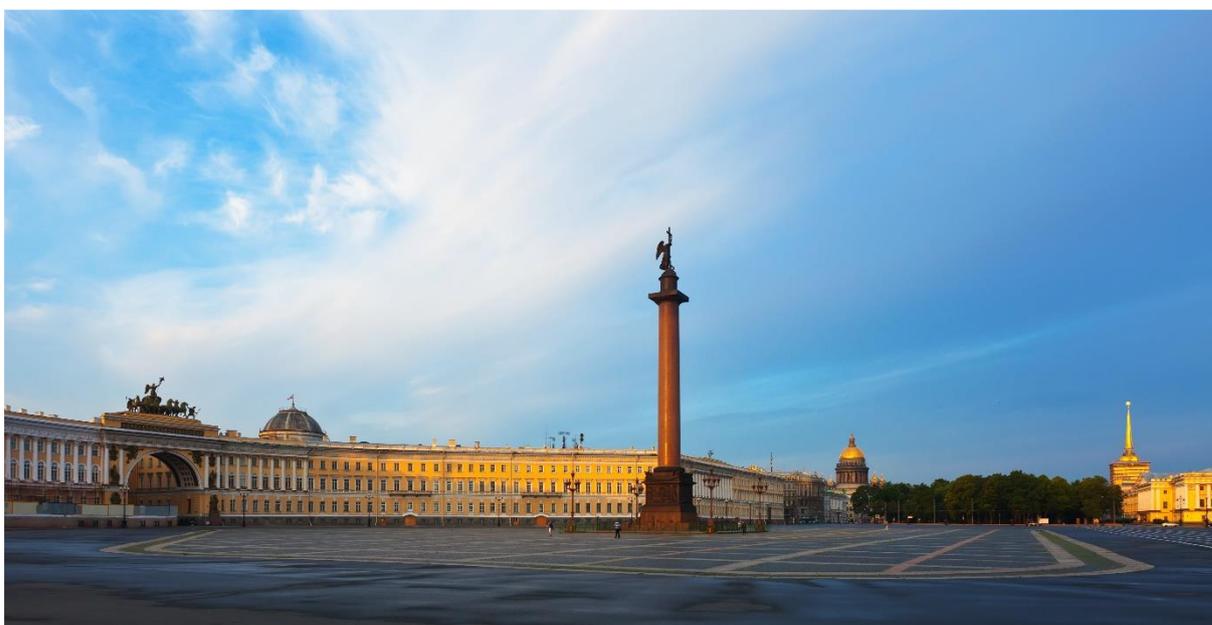
b) This finding is consistent with Prelec and Simester (2000) finding that the effect on willingness-to-pay can increase up to 100% when the customers are instructed to pay with _____ rather than cash; moreover, it is unlikely that this arises solely from liquidity constraints. A credit card delays the effect of the _____ to a later time, and also separates the _____ from the immediate _____ impact of the _____.

Source: Nguyen (2016).



UNIT 4

PLACES AND FACILITIES



Every well-regarded tourist destination must provide tourists a structured net of facilities to make the visitors' trips as much agreeable as possible. The most famous and most visited tourist cities around the world usually have a good bus line system, easy access to airports, transport stations, and shops, for instance. Besides that, the tourist spots, here called "places", namely museums, parks, and churches etc.; play an important role in attracting visitors to certain tourist cities. Not only do the facilities make the travelers' experience to be painless by smoothing the access to everywhere and to the offered services, but it also works in favor for the visitor's satisfaction and pleasure.

A) Look at the following excerpt from academic articles of Tourism and see some terms related to Places and Facilities in boldface in their context of use:

“While some sectors of the gambling industry – particularly online gambling, **casinos**, betting **shops** and lotteries – benefitted and increased their turnover, the arcade sector has experienced sustained decline as a result of reformed gambling legislation” (CHAPMAN; LIGHT, 2016, p. 260).

B) This table brings a list of terms related to Places and Facilities and some adjectives and verbs that collocate with these terms and therefore, usually come with them:

TERMS	airport; airport terminal; bay; book shop; bridge; bus station; casino; church; coffee shop; conservation park; crafts shop; ferry terminal; gas station; grocery shop; international airport; island; marine park; metro station; monument; mountain; mountain resort; museum; park; port; pub; railway; river; sanctuary; shop; souvenir shop; station; store; temple; terminal; theme park; train station; venue; wine shop; zoo.
ADJECTIVES	available; average; continental; convenient; international; large; new; regional; small; standard; sustainable.
VERBS	arrive; be; book; cancel; get to; go; leave; stay; visit.

EXERCISES

1) READ THE TERMS BELOW AND CHECK IF THEY ARE "FACILITIES", "ARTIFICIAL LANDFORMS", OR "NATURAL LANDFORMS". WRITE THEM INTO THE CORRESPONDING COLUMN.

bay	conservation park	ferry terminal	grocery store	marine park
metro station	monument	railway	temple	theme park

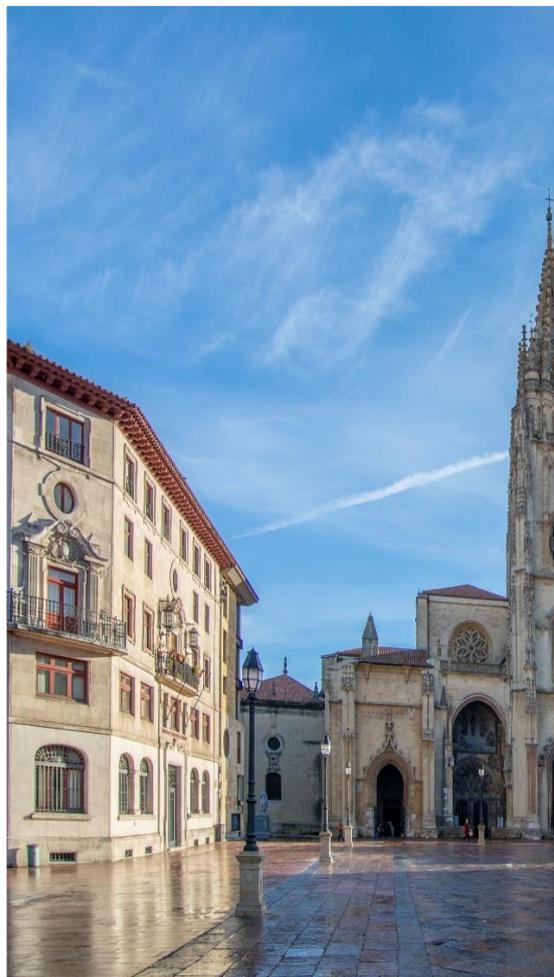
FACILITIES	
ARTIFICIAL LANDFORMS	
NATURAL LANDFORMS	

2) WRITE THE WORDS "SHOP", "STATION", OR "TERMINAL" ON THE RIGHT OR ON THE LEFT OF THE GIVEN WORDS TO FORM COMPOUND TERMS.

e.g., _____ *coffee* _____ : *Answer: coffee shop*

_____	crafts	_____
_____	bus	_____
_____	souvenir	_____
_____	ferry	_____
_____	wine	_____
_____	airport	_____
_____	train	_____
_____	gas	_____

3) UNDERLINE THE VERB THAT BETTER COLLOCATES WITH THE WORDS IN ITALICS IN THE FOLLOWING SENTENCES.



1. We have LEFT/VISITED/GONE such interesting *monuments* while we were in Peru.
2. Be sure you get all your belongings before of GET TO/BOOK/LEAVE the *terminal*.
3. What is the easiest way to STAY/GET TO/CANCEL the *international airport*, by bus or metro?
4. You are supposed to ARRIVE/BE/BOOK in advance if you don't want to stay a long time in line for a *marine park ticket*.

What should we
visit first?

Crafts shop
Sanctuary
Zoo

4) MATCH THE FOLLOWING TERMS WITH THEIR DEFINITIONS:

(1) conservation park	() A place which sells decorative objects made by hand or the materials and tools used for making such objects.
(2) souvenir shop	() A place which has a large permanent area for public entertainment, with entertaining activities and big machines to ride on.
(3) theme park	() A place which aims for at conserving the natural environment, and the lands generally remain in a natural state in perpetuity.
(4) ferry terminal	() A place which offers transport for passengers across a body of water, such as rivers or lakes.
(5) crafts shop	() A place which sells things that are meant to be a reminder of a place one visits.

5) TURN THE NOUNS IN PARENTHESES INTO ADJECTIVES AND THE VERBS INTO NOUNS BY ADDING PREFIXES OR SUFFIXES.

- The location of the bus terminal is _____(CONVENIENCE) for tourists since it is near to the main hotels of the city.
- _____ (SUSTAIN) is the key action for maintaining a reasonable balance between the tourist practice and protection of rivers.
- Having easy and fast access to an _____(NATION) airport is not just important, but it is essential to every tourist spot.
- The total amount of tourists _____ (ARRIVE) have plummeted considerably in 2020 in comparison with the previous years as a consequence of the Covid-19 pandemic.



6) READ THE FOLLOWING EXTRACT OF AN ACADEMIC ARTICLE AND FILL THE BLANKS WITH THE WORDS FROM THE BOX.

airports attractions attractiveness location metro station
museums parks valued attractions venues websites

a) Our study is also inspired by research on guest satisfaction with hotel _____. Yang et al. (2018) proposed a gravity-type index to measure the _____ of hotel location, based on TripAdvisor data. The authors showed that guest satisfaction is significantly affected by distance to the closest _____, to highly _____, and to _____ and universities [...].

b) Tourists value the proximity to sightseeing _____ and points of interest (Yang et al., 2018). When people are planning a leisure trip, they rely heavily on online sources (Pan & Fesenmaier, 2006). Among the most important _____

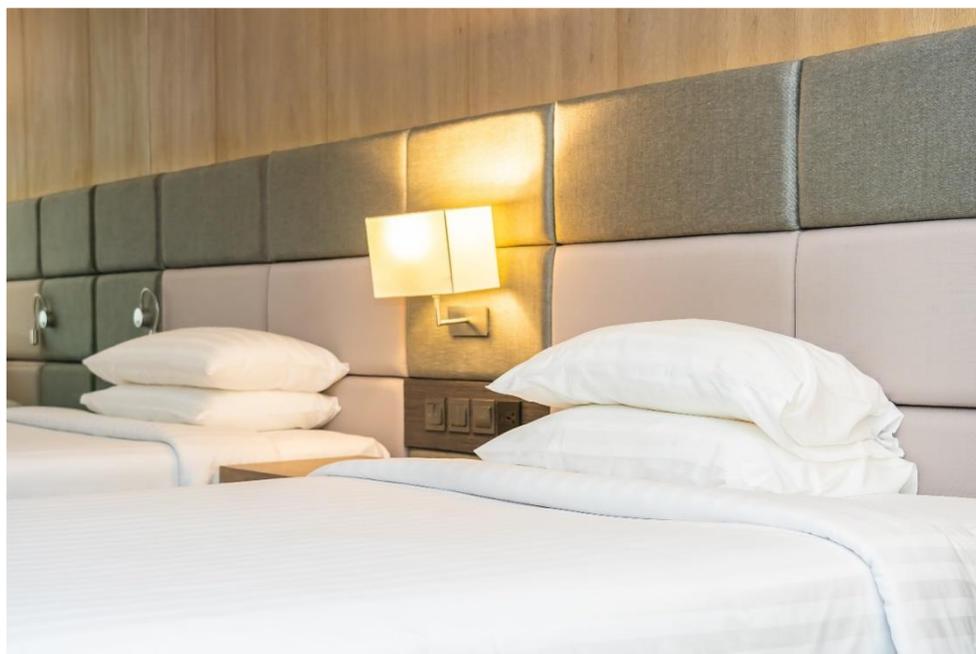


for tourists is TripAdvisor, with around 460 million monthly visitors (TripAdvisor, 2020). The platform aggregates information on all kinds of attractions (e.g., sights, _____, and _____) and allows visitors to rate them. Therefore, TripAdvisor provides insight into not just the location and the number of relevant visitor _____, but their popularity.

Source: Gyódi; Nawaro (2021).

UNIT 5

HOTELS AND ACCOMMODATION



Accommodation can be described as a core element of the Tourism industry, given that all tourists want after a long day walking around and sightseeing is to rest comfortably and cozily. For this reason, tourist cities must have a substantial variety of options of accommodation to shelter every kind of visitors, from resorts to business hotels, from bed and breakfast to hostels. In the last few years, resorts and hotels chains have been also sharing space with new sorts of accommodations, such as Airbnb, which intend to be affordable choices for people who desire to travel having a positive cost benefit. Thus, countless studies the academic sphere have been considering some current issues that have been arising from this current reality, bringing to the table a multiple number of terms that should be learned by an undergraduate student of Tourism.

A) Look at the following excerpts from academic articles of Tourism and see some terms related to Hotels and Accommodation in boldface in their context of use:

“Specifically, the typology and category of establishments have been grouped into (i) 4- and **5-star hotels** (high level of services), (ii) 1-, 2- and **3-star hotels** (medium level of services), and (iii) **hostels (budget accommodation)**” (HIDALGO et al. 2020).

“In addition, because in high season the occupancy rate at registered accommodation establishments is greater, ‘**Airbnb**’ might be preferred” (SALUVEER et al., 2020).

B) This table brings a list of terms related to Hotels and Accommodation and some adjectives and verbs that collocate with these terms and therefore, usually come with them:

TERMS	Airbnb; all-inclusive hotel; all-inclusive resort; bed and breakfast; budget hotel; business hotel; casino resort; check-in; check-out; five-star hotel; hostel; hotel; hotel facility; hotel room; hotel service; inn; luxury hotel; resort; resort hotel; seaside resort; standard hotel; sustainable hotel; sustainable resort; winter resort; youth hostel.
ADJECTIVES	affordable; cheap; clean; convenient; expensive; international; local; luxury; reasonable; standard; sustainable.
VERBS	book; cancel; check in; check out; look for; recommend; stay.

EXERCISES

1) READ THE TERMS BELOW AND CHECK IF THEY ARE RELATED TO "AFFORDABLE ACCOMMODATION", "HIGH PRICE ACCOMMODATION" OR "OTHER TERMS." WRITE THEM INTO THE CORRESPONDING COLUMN.

all-inclusive hotel	bed and breakfast	Airbnb	casino resort
check-in	check-out	hotel facility	luxury hotel
	seaside resort	youth hostel	

AFFORDABLE ACCOMMODATION	
HIGH PRICE ACCOMMODATION	
OTHER TERMS	

2) WRITE THE WORD "HOTEL" ON THE RIGHT OR ON THE LEFT OF THE GIVEN WORDS TO FORM COMPOUND TERMS.

e.g., _____ *resort* _____ : *Answer: resort hotel.*

_____	room	_____
_____	budget	_____
_____	five-star	_____
_____	service	_____
_____	sustainable	_____
_____	facility	_____
_____	standard	_____
_____	business	_____

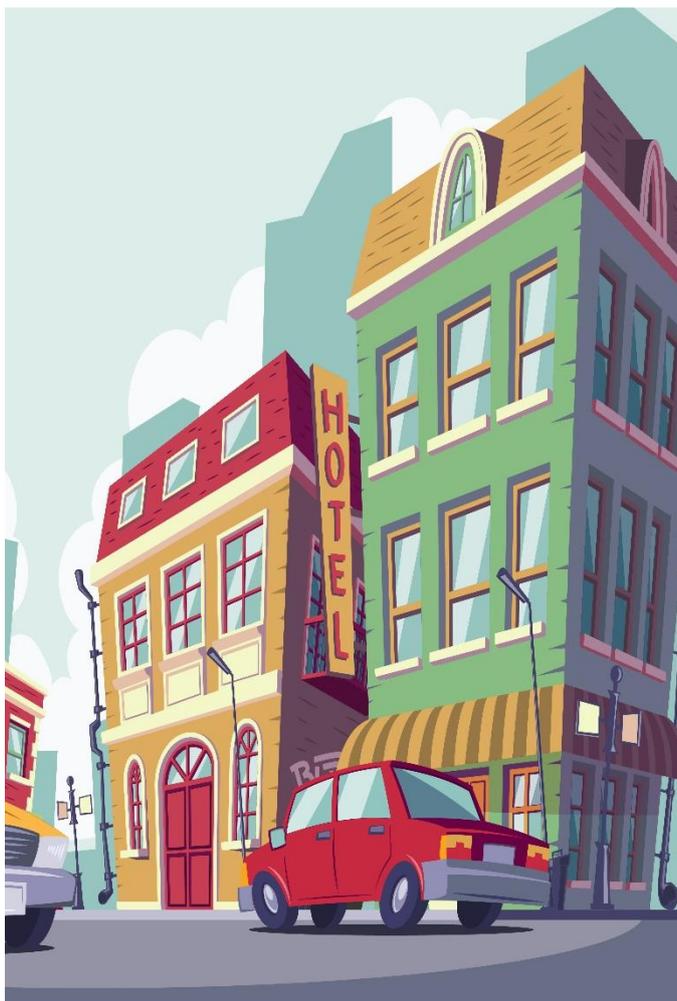
3) UNDERLINE THE VERB THAT BETTER COLLOCATES WITH THE WORDS IN ITALICS IN THE FOLLOWING SENTENCES.

1. You'd better have all your documents in hand to CHECK-OUT/CHECK-IN/CANCEL faster at the *hotel*.

2. People may BOOK/LOOKFOR/STAY for the new season at the *seaside resort* in two weeks' time.

3. If you have any unexpected trouble, you may RECOMMEND/STAY/CANCEL your *reservation* any time.

4. The *hotel guests* must CHECK IN/BOOK/CHECK OUT until 2:00pm, otherwise they will be charged for another night stay.



Which one has a better cost-benefit?

Airbnb
Youth hostel
Budget hotel

4) MATCH THE DIFFERENT KINDS OF ACCOMMODATION WITH THEIR DEFINITIONS:

(1) all-inclusive resort	() Accommodation that provides minimum amenities and services, meeting the basic needs of a guest, for a lower price.
(2) standard hotel	() Accommodation that is usually cheap, where especially young people can stay for short periods when they are travelling.
(3) budget hotel	() Accommodation that is first-class, but not deluxe, with typical operation, construction, and maintenance.
(4) youth hostel	() Accommodation in a guest house or small hotel in which people can sleep and have a morning meal.
(5) bed and breakfast	() Accommodation that includes the stay, unlimited food, drinks, and entertainment for a single booking price.

5) TURN THE NOUNS IN PARENTHESES INTO ADJECTIVES AND THE VERBS INTO NOUNS BY ADDING PREFIXES OR SUFFIXES.

- Besides being near to most of the city's facilities, the hotel's _____ (afford) and very clean.
- The shopping mall just across the street makes their accommodation to be much more _____ (convenience) than ours.
- Standard hotels will always have more _____ (reason) prices when compared to five-stars or luxury hotels.
- The hotel's policy says that people will be charged a 10 percent fee in case of _____ (cancel) 24 hours prior to their check-in time.



6) READ THE FOLLOWING EXTRACT OF AN ACADEMIC ARTICLE AND FILL THE BLANKS WITH THE WORDS FROM THE BOX. THERE ARE THREE EXTRA WORDS.

Airbnb	all-inclusive resorts	destinations	hotel	intention
outcomes	relevance	tourist-focused	tourists	travel

a) This finding supports studies that indicate distrust predominantly creates negative consumer _____ by increasing consumer engagement in negative electronic word of mouth and lowering repeat purchase _____ (Ahmad & Sun, 2018). Such negative experiences of trust suggest serious ramifications for Airbnb and a competitive advantage for _____ that have standardized procedures for dealing with such issues. In today's conversations of booking for holiday _____, individuals often ask one another: 'Did you book a room via _____?' However, distrust in Airbnb may alter that question to: 'At which hotel did you stay during your holiday?'

Source: Sthapit; Björk (2019, p. 251).

b) Many Mediterranean coastal _____ are being transformed into _____ "strips" of large hotels (often transformed into _____), bars, and restaurants that have no real _____ to the authenticity and heritage of the place in which they are located, and/or may be serving groups of _____ who behave irresponsibly, indulging in illegal and or risky behaviors such as excessive drinking, sexual activity, or drug-taking.



Source: Skinner (2021, p. 180).

UNIT 6

TRANSPORTATION



Transportation is another vital and imperative subarea of Tourism. During a trip, a tourist will need one or more means of transportation to get to his or her destine: airplane or ship to travel overseas; bus or train for land trips; ferry or boat for water trips can be stated as some of the most popular examples. Also, good transportation in the tourist cities is a matter of providing guests a satisfying experience. Thus, these destines must have well-structured bus lines and taxis – in small and middle size towns – while big cities should also count with train and/or metro lines. With the latest communicational and technological developments, new forms of transportation have become popular among tourists and the population in general. For instance, Uber is available in the majority of the tourist cities in the world, being a more affordable option to taxis.

A) Look at the following excerpts from academic articles of Tourism and see some terms related to Transportation in boldface in their context of use:

“Yet all types of vehicle transport involved in urban tourism will be affected by the potential transition to automation. This ranges from airport **shuttles** and transfers, through city **taxis**, car hire and vehicle-based guided urban sight-seeing” (COHEN; HOPKINS, 2019, p. 37).

“The 55% of the respondents confirmed that available transport system (**Train, bus, Airplane, ship**) to reach tourist destination is insufficient while 40% of the participants agree that **transportation systems** to visit the destination are good” (KUMAR, 2018, n.p.)

B) This table brings a list of terms related to Transportation and some adjectives and verbs that collocate with these terms and therefore, usually come with them:

TERMS	airplane; airplane company; airplane ticket; boat; boat service; boat tour; boat trip; bus; bus company; bus line; bus route; bus service; bus stop; bus tour; commercial airplane; ferry; metro; metro station; plane; shuttle bus; taxi; train; Uber.
ADJECTIVES	cheap; commercial; conventional; electric; expensive; late; overcrowded; particular; reasonable; small.
VERBS	arrive; call; get off; leave; take; travel.

EXERCISES

1) READ THE TERMS RELATED TO TRANSPORTATION IN THE BOX AND CHECK IF THEY ARE "SERVICES", "FACILITIES" OR "OTHER TERMS." WRITE THEM INTO THE CORRESPONDING COLUMN.

airplane company	airplane ticket	boat tour	boat trip
bus line	bus route	bus stop	commercial airplane
	metro station	shuttle bus	

SERVICES	
FACILITY	
OTHER TERMS	

2) WRITE THE WORDS "BUS" (3 TIMES), "AIRPLANE" (3 TIMES), OR "BOAT" (2 TIMES) ON THE RIGHT OR ON THE LEFT OF THE GIVEN WORDS TO FORM COMPOUND TERMS.

e.g., _____ *tour* _____ : *Answer: boat tour*

_____	line	_____
_____	shuttle	_____
_____	service	_____
_____	company	_____
_____	trip	_____
_____	commercial	_____
_____	stop	_____
_____	ticket	_____

3) UNDERLINE THE VERB THAT BETTER COLLOCATES WITH THE WORDS IN ITALICS IN THE FOLLOWING SENTENCES.

1. The decrease on ticket prices made it easier for people to ARRIVE/TRAVEL/TAKE by *plane*.

2. There is a shuttle bus that LEAVES/TAKES/GETS OFF the *terminal* every ten minutes.

3. You must GET OFF/ARRIVE/CALL the *bus* at the sixth bus stop and cross the street. Then, you will get to the right building.

4. The next *boat* is TAKING/CALLING/ARRIVING in about twenty minutes.



How can we get to the museum?

Should I take the metro, a bus, or a taxi?



4) MATCH THE FOLLOWING TERMS RELATED TO TRANSPORTATION WITH THEIR DEFINITIONS:

(1) shuttle bus	() A regularly scheduled water transportation which takes people in trips in rivers, lakes, bays, etc.
(2) metro station	() A terminal for an underground electric railway system where people can take a tube transportation.
(3) bus route	() A mean of transportation usually used for short-haul routes in places such as airports and university campuses.
(4) boat service	() A printed or virtual document showing that the holder is entitled to take a flight.
(5) airplane ticket	() A specific path that a vehicle passes through in a regular basis.

5) TURN THE NOUNS IN PARENTHESES INTO ADJECTIVES AND THE VERBS INTO NOUNS BY ADDING PREFIXES OR SUFFIXES.

1. The Coco-taxi from Cuba and the Party Bike from the Netherlands are two great examples of _____ (convention) means of transportation people may take in some tourist cities.
2. The city is usually _____(crowd) in December. There are too many people around. That's way there are extra bus lines available.
3. All _____ (commerce) flights must follow their schedule. Being this way, passengers should not expect that they may leave later to wait for someone who has not boarded the plane.
4. Airplane tickets have become cheaper and cheaper over the time. Looking back to ten years ago, the prices were about twenty percent more _____(expense) than today.

6) READ THE FOLLOWING EXTRACT OF AN ACADEMIC ARTICLE AND FILL THE BLANKS WITH THE WORDS FROM THE BOX.

airplanes	industry	private vehicles	professionals
shuttles	train station	transfers	transport
	transportation system	urban tourism	

a) Yet all types of vehicle _____ involved in _____ will be affected by the potential transition to automation. This ranges from airport _____ and _____, through city taxis, car hire and vehicle-based guided urban sightseeing. CAVs are anticipated to provide 'last-mile solutions' that may facilitate multi-modality (Krueger et al., 2016), and thus may play an important role in moving urban tourists between, for instance, a _____ and their accommodation.

Source: Cohen; Hopkins (2019).

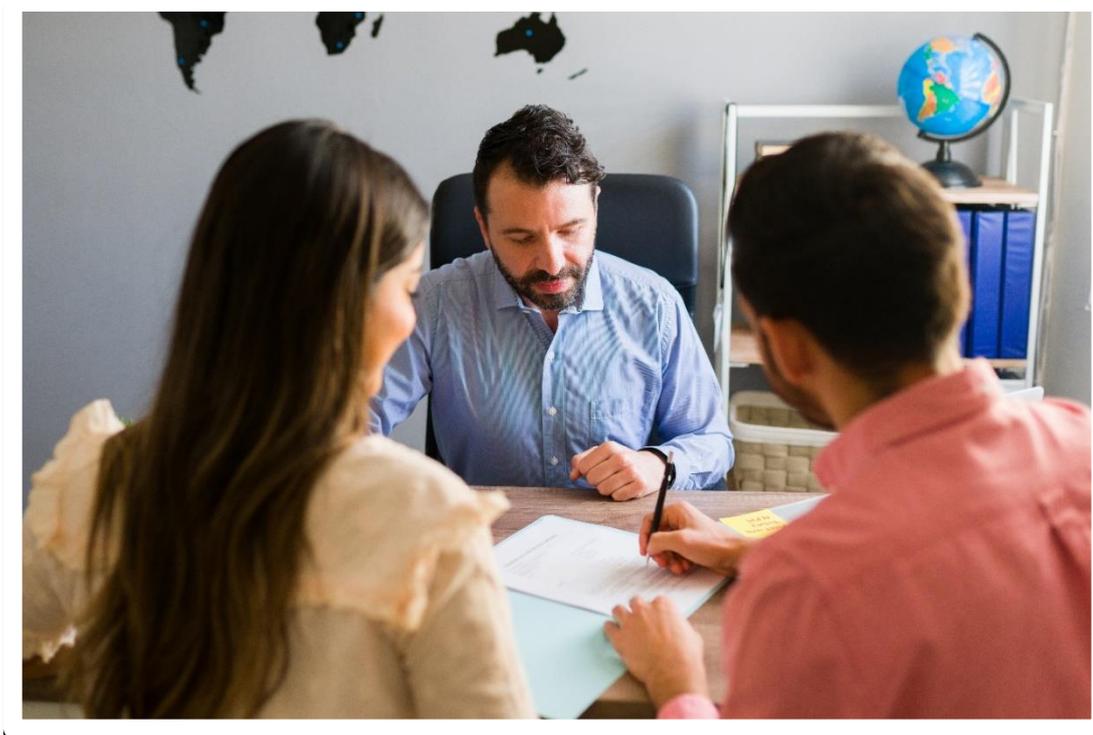
b) For more than a century, the labor relationships of the tourism and hospitality (T&H) _____ have been shaped by the growth of travel. When the Second Industrial Revolution happened, the innovations in _____ (e.g., trains, cars, and _____) induced people to travel more. The possibility of owning and driving _____ (i.e., motorcars) allowed new motels, restaurants, and bars to hire _____ with a formal degree under noncontingent employment arrangements by following traditional hiring processes [...].

Source: Velasco; Huang; Haney, 2021.



UNIT 7

PEOPLE ON TOURISM



Being one of the most important sectors for many countries' economies, Tourism generates thousands of jobs every year. All its subareas, food and beverage, transportation, hotels and accommodation, and so on, must count with a well-prepared workforce in order to better receive and serve travelers from everywhere. In this context we can find tourist agents, tourist guides, hotel employees, restaurant workers, drivers, and many other kinds of people – usually local residents – who benefit from the sector. It does not matter if the visitor is an international tourist, a local traveler, or a backpacker who is just passing by, causing a positive personal impression is essential in every tourist place.

A) Look at the following excerpts from academic articles of Tourism and see some terms related to People on Tourism in boldface in their context of use:

“So, the emergencies related to **visitor** health also need to attract the attention of **stakeholders**. Besides, the growth rate of tax risk and asset impairment risk is 5.98% and 5.25%, respectively” (LI et al., 2020, p. 11).

“This approach will help **managers** gain a better understanding of the **customer** perspectives. Additionally, **managers** of OFDs and OTAs can take appropriate steps to understand the new factors [...]” (RAY; BALA, 2021, p. 10).

B) This table brings a list of terms related to People on Tourism and some adjectives and verbs that collocate with these terms and therefore, usually come with them:

TERMS	agent; backpacker; consumer; corporate customer; customer; driver; guest; guide; host; hotel guest; hotel manager; international customer; international passenger; local consumer; local resident; manager; manager assistant; passenger; porter; resident; restaurant host; restaurant manager; server; stakeholder; taxi driver; tourism agent; tourist guide; traveler; Uber driver; visitor; waiter.
ADJECTIVES	adventurous; delighted; demanding; eager; helpful; honest; positive; satisfied; skilled; willing.
VERBS	access; affect; assist; call; demand; evaluate; guide; serve; take; work.

EXERCISES

1) READ THE TERMS BELOW AND CHECK IF THEY ARE RELATED TO "TOURISTS", "RECEPTIVE WORKERS" OR THEY ARE OTHER TERMS." WRITE THEM INTO THE CORRESPONDING COLUMN.

backpacker	corporate consumer	customer	driver
local resident	stakeholder	tourism agent	tourist guide
	traveler	visitor	

TOURIST	
RECEPTIVE WORKERS	
OTHER TERMS	

2) WRITE THE WORDS "CUSTOMER", "MANAGER", "LOCAL", OR "HOTEL" ON THE RIGHT OR ON THE LEFT OF THE GIVEN WORDS TO FORM COMPOUND TERMS. USE EACH WORD TWICE.

e.g., _____ *consumer* _____ : Answer: *international consumer*

_____	international	_____
_____	consumer	_____
_____	guest	_____
_____	restaurant	_____
_____	resident	_____
_____	support	_____
_____	assistant	_____
_____	manager	_____

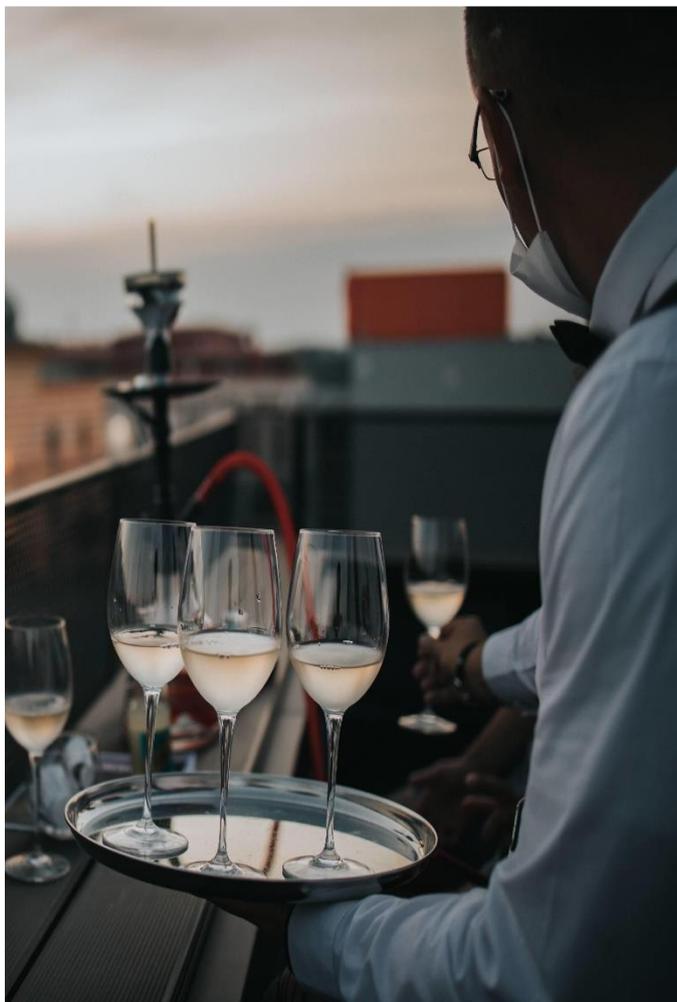
3) UNDERLINE THE VERB THAT BETTER COLLOCATES WITH THE WORDS IN ITALICS IN THE FOLLOWING SENTENCES.

1. In every stopping point of the itinerary there will be a *guide* to ASSIST/WORK/ACCESS the tourists in their needs.

2. The increase of the tourists in-flow in the last few has been CALLING/SERVING/DEMANDING much more from all the *receptive workers*.

3. In high season *Uber drivers* usually GUIDE/WORK/EVALUATE from 12 to 14 hours a day.

4. The *hotel's bellboy* is the one who GUIDES/AFFECTS/EVALUATES tourists to their rooms when they arrive.



Well-prepared
workers available!

Tourist guides
Taxi drivers
Waiters

4) MATCH THE DIFFERENT KINDS OF RESTAURANTS WITH THEIR DEFINITIONS:

(1) stakeholder	() A person who carries luggage or other heavy packages in places such as airports and hotels.
(2) hotel guest	() A person who has an interest in a specific activity. In tourism, it might be all the people involved in it.
(3) porter	() A person who travels or hikes carrying his belongings in a rucksack.
(4) backpacker	() A person who meets, greets, and assists guests when they get to a place to have a meal.
(5) restaurant host	() A person who has checked-in in an accommodation for a specific period of time.

5) TURN THE NOUNS IN PARENTHESES INTO ADJECTIVES AND THE VERBS INTO NOUNS BY ADDING PREFIXES OR SUFFIXES.

1. Backpackers tend to be very _____ (adventure) people. They enjoy going to different places with not much previous plan or a fixed itinerary.
2. All tourist destinations must provide adequate _____(access) to disabled travelers.
3. The group of tourists got _____ (delight) not just with the breath-taking scenery, but also with the tourist's guide knowledge about every single historical fact about the place.
4. All sorts of legal _____ (assist) is provided by the tourist agents. It is a way of helping the tourist to have great experience overseas.



6) READ THE FOLLOWING EXTRACT OF AN ACADEMIC ARTICLE AND FILL THE BLANKS WITH THE WORDS FROM THE BOX. THERE ARE THREE EXTRA WORDS.

acquired	customers	interest
profession	regulated	tour guide
	travelers	travel-websites
		tourism industry

a) The tour guiding _____ has been the “Cinderella” of the tourism industry: attractive, useful, but often neglected. Being a _____ has been an “attractive” dream job for many people [1]. Recently the development of standards and certification programs in the _____ gained importance in tourist-guide nexus. In many countries, tourist guiding is a _____ profession requiring a license, which is most often _____ through some form of education or training and examination or testing.

Source: Tsegaw; Teresa (2017, p. 1).

b) Fondevila-Gascón et al. (2019) in their unique experimental study on four tourism-relevant services found that Gen-Z _____ showed more confidence and _____ in the services. Cox et al. (2009) based on an online survey of 12,000 _____ found that the user-comments on _____ are not considered as credible as some government-agency website but these websites provide additional information to _____.

Source: Ray; Bala (2021, p. 3).



UNIT 8

GRAMMAR RESOURCE



This unit just aims at serving as a grammatical resource when the users of this material need. It does not consider the most common and recurrent content a grammar book usually presents, though. Instead, it focuses on specific points such as word formation with the use of prefixes and suffixes, e.g.: turning nouns into adjectives and verbs into nouns; word order, e.g.: the position of adjectives in a sentence; and collocations, e.g.: in English we must say “make a reservation” and not “do a reservation”. The grammar points presented in this unit were selected considering the kinds of exercises this material contains.

AFFIXATION IN ENGLISH

Affixation is the morphological process in which bound morphemes are attached to a root or stem of a word to mark changes in meaning, part of speech, or grammatical relationships.

Affixes take on several forms and serve distinct functions. In English we primarily see two types: **prefixes** and **suffixes**. Prefixes precede the root or stem, e.g., *re-cover*; while suffixes follow, e.g., *hope-ful*.

Derivational affixes derive new words by altering the definitional meaning or the grammatical category of a word, whereas **inflectional** affixes show grammatical relationships between words or grammatical contrast. In English, both prefixes and suffixes can be derivational, but only suffixes can be inflectional. The exercises on this book focus on **derivational affixes**.

Common derivational prefixes

Prefix	Meaning	Example
de-	undo	derail
ex-	non, out	extend
in-	negate	incapable
anti-	negate	anti-social
pre-	before	predate
	under	subway
un-	negate	undo
dis-	negate	disengage
mis-	wrongly	mistreat
non-	negate	nonsense
pro-	for	proclaim
re-	again	reread
trans-	across	transatlantic
bi-	two, twice	bilingual
co-	along with	co-author

Common derivational suffixes

Prefix	Meaning	Example
-ness	like	happiness
-ly	in the manner	likely
-able	to have the ability or quality	floatable
-er	person carrying out action	writer
-ful	having the quality of, full of	hopeful
-ment	result of	development
-less	negate	fruitless
-ous	having the quality of	joyous
-tion	to carry out	education
-age	result of	outage



ADJECTIVES

Adjectives are often called “describing words” because they provide information about the qualities of something described in a noun or a noun phrase.

- Noun: an **old** man
- Noun phrase: an **interesting** experience for everybody

A lot of adjectives are closely related to nouns

- **Beautiful**: beauty (noun)
- **Dangerous**: danger (noun)

The adjectives that are related to nouns often have one of the suffixes from the following table:

<i>-able: accountable</i>	<i>-ent: efficient</i>	<i>-ory: advisory</i>
<i>-al: paternal</i>	<i>-ful: truthful</i>	<i>-ous: courageous</i>
<i>-ate: passionate</i>	<i>-ist: tourist</i>	<i>-some: fearsome</i>
<i>-an: Anglican</i>	<i>-ive: impressive</i>	<i>-wise: clockwise</i>
<i>-ant: distant</i>	<i>-less: endless</i>	<i>-y: misty</i>

Source: Adapted from Parrott (2010).

Where do adjectives come in a sentence?

Single adjectives usually come before a noun, as in “a very **old** city;” or after a noun (or pronoun and a verb, as in “he is **cold**” and “it is getting **dark**”.

*The exercises on this material will mostly ask you to place adjectives before nouns.

Source: Adapted from Parrott (2010).

VERBS

People often think of verbs as “doing words” or “action words.” While many verbs do describe actions (e.g., play, run), we also use verbs to express other meanings such as existence (e.g., be, become, exist), mental conditions and processes (e.g., believe, deduce, enjoy), and relationships (e.g., depend, determine).

Source: Parrott (2010, p. 106).

Verbs turned into nouns

Many verbs can be turned into nouns by suffixation. Here are some suffixes used for that purpose:



Suffixes forming nouns	Meaning	examples: verb/noun
-ant/-ent	someone who does something or something that has a particular function	study = student defend = defendant
-ee	someone who does something	interview = interviewee
-er/-or	someone who does something, something that does a particular job	write = writer act = actor
-ment	forming abstract nouns	manage = management
-ness	quality or state	forgive = forgiveness
-sion/-tion	quality or state	discuss = discussion inform = information

Source: Adapted from ABC Learn English (2021).

NOUNS

The popular definition of a noun is that it “describes a person, thing or place”. In fact, we use nouns to express a range of additional meanings such as:

- Concepts (e.g., dedication, strength).
- Qualities (e.g., intelligence, wisdom).
- Organizations (e.g., institution, bureau).
- Communities (e.g., town, village).
- Sensations (e.g., enthusiasm, frustration).
- Events (incident, occurrence).



Source: Adapted from Parrott (2010).

COLLOCATION

Collocation describes the habitual partnering of words. The term is also used to refer to any words that frequently occur together (*shoe* and *polish*, *mum*, and *dad*).

In a narrow sense, however, **collocation** is a term used to describe two-word combinations where there is a restricted choice of which words may precede or follow which. These belong to distinct grammatical patterns: adjective-noun, noun-verb, verb-noun, adverb-adjective.

Most words have particular words with which they are associated, and there are often no logical rules to explain; it is simply a matter of custom.

For instance, we have a range of ways to describe which has become too old to eat: dairy products are described as **rancid**, bread or cake is **stale**, and vegetables are **rotten**. We could (but we don't) describe cabbage as **rancid** and cheese as **stale**.

*Throughout this material we focus on verb-noun and adjective-noun collocations, e.g.:

- **Adjective – noun:** sustainable hotel, tourist spot, delighted traveler.
- **Verb – noun:** book a hotel, take a bus, provide accommodation.

Source: Adapted from Parrott (2010).

ANSWER KEY

UNIT 1

Exercise 1: Kinds of tourism: heritage tourism; shopping tourism; sustainable tourism; wildlife tourism.

Places: tourist route; tourist agency; tourist spot.

Services: tourist guide; tourist information; tourist support.

Exercise 2: tourist demand; tourist guide; outbound tourism/tourist; leisure tourism; tourist route; inbound tourism/tourist; tourist arrival; tourism/tourist inflow.

Exercise 3: enhance; explore; increased; boost.

Exercise 4: 2; 5; 4; 1; 3.

Exercise 5: booming; creative; unsustainable; promotion.

Exercise 6: a) tourist flow; tourists; tourist demand; tourist flows; destinations; tourism destinations; b) inbound tourists; domestic tourists; tourism stakeholders; tourism market; international tourists.

UNIT 2

Exercise 1: Food: dessert; main dish; snack; seafood.

Beverage: celebratory drink; spirit; wine.

Both: delivery; gastronomy; takeaway.

Exercise 2: dine-in restaurant; food consumption; restaurant management; healthy food; seafood restaurant; food waste; restaurant chain; organic food.

Exercise 3: taste; have; waste; provide.

Exercise 4: 2; 3; 1; 5; 4.

Exercise 5: traditional; reduction; international; alcoholic.

Exercise 6: a) dine-in; delivery; food industry; fast-food; food-related; b) local; consumption; food tourism; producers; food production.

UNIT 3

Exercise 1: Saving money: budget seeker; cost reduction; fare reduction; low fare.

Expenses: delivery fee; travel cost; tour fee.

Fiscal policy: tax contribution; fee system; tax rate.

Exercise 2: additional payment; tax reduction: nominal payment; payment card; tax benefit; payment method; payment system; tax contribution.

Exercise 3: requires; exchange; plummeted; conceal.

Exercise 4: 2; 4; 5; 1; 3.

Exercise 5: additional; reasonable; requirement; reduction.

Exercise 6: a) foreign exchange; increase; price; local currency; improvement; b) credit card; payment; purchaser; financial; purchase.

UNIT 4

Exercise 1: Facilities: ferry terminal; grocery store; railway; metro station.

Artificial landforms: temple; theme park; monument.

Natural landforms: bay; conservation park; marine park.

Exercise 2: crafts shop; bus station; souvenir shop; ferry terminal; wine shop; airport terminal; train station; gas station.

Exercise 3: visited; leave; get to; book.

Exercise 4: 5; 3; 1; 4; 2.

Exercise 5: convenient; sustainability; international; arrivals.

Exercise 6: a) location; attractiveness; metro station; valued attractions; airports; b) venues; websites; museums; park; attractions.

UNIT 5

Exercise 1: Affordable accommodation: bed and breakfast; Airbnb; youth hostel.

High price accommodation: all-inclusive; casino resort; luxury hotel; seaside resort.

Other terms: check-in; check out; hotel facility.

Exercise 2: Hotel room; budget hotel; five-star hotel; hotel service; sustainable hotel; hotel facility; standard hotel; business hotel.

Exercise 3: Check-in; book; cancel; check out.

Exercise 4: 3, 4, 2, 5, 1.

Exercise 5: Affordable; convenient; reasonable; cancellation.

Exercise 6: outcomes; intention; hotels; travel; Airbnb; b) destinations; tourist-focused; all-inclusive resorts; relevance; tourists.

UNIT 6

Exercise 1: Services: boat tour; boat trip; shuttle bus.

Facility: bus stop; metro station.

Other terms: airplane company; airplane ticket; bus line; bus route.

Exercise 2: bus line; shuttle bus; boat service; airplane company; boat trip; commercial airplane; bus stop; airplane ticket.

Exercise 3: travel; leaves; get off; arriving.

Exercise 4: 4; 2; 1; 5; 3.

Exercise 5: unconventional; crowded; commercial; expensive.

Exercise 6: a) transport; urban tourism; shuttles; transfers; train station; b) industry; transportation system; airplanes; private vehicles; professionals.

UNIT 7

Exercise 1: Tourist: backpacker; traveler; visitor.

Receptive workers: driver; tourist agent; tourist guide.

Other terms: corporate consumer; customer; local resident; stakeholder.

Exercise 2: international customer; local consumer; hotel guest; restaurant manager; local resident; customer support; manager assistant; hotel manager.

Exercise 3: assist; demanding; work; guides.

Exercise 4: 3; 1; 4; 5; 2.

Exercise 5: adventurous; accessibility; delighted; assistance.

Exercise 6: a) profession; tour guide; tourism industry; regulated; acquired; b) customers; interest; travelers; travel-websites; customers.

REFERENCES

ABC EDUCATION. **Commonly used noun suffixes**. 2021. Available on: <https://www.abc.net.au/education/learn-english/commonly-used-noun-suffixes/13117528>.

Access on: Oct. 10th, 2022.

BURHAN, Muhammad et al. Crisis management in the hospitality sector SMEs in Pakistan during COVID-19. **International Journal of Hospitality Management**, n. 98, 2021.

CHAPMAN, Anya; LIGHT, Duncan. Exploring the tourist destination as a mosaic: the alternative lifecycles of the seaside amusement arcade sector in Britain. **Tourism Management**, n. 52, 2016, pp. 254-263.

COHEN, Scott; HOPKINS, Debbie. Autonomous vehicles and the future of urban tourism. **Annals of Tourism Research**, n. 74, 2019, pp. 33-42.

DOLNICAR; Sara; JUVAN, Emil; GRÜN, Bettina. REducing the plate waste of families at hotel buffets – a quasi-experimental field study. **Tourism Management**, n. 80, 2020.

ERIC, Tchouamou Njoya et al. Effects of enhanced air connectivity on the Kenyan tourism industry and their likely welfare implications. **Tourism Management**, n. 78, 2020.

GÖSSLING; Stefan; HIGHAM, James. The low-carbon imperative: destination management under urgent climate change. **Journal of Travel Research**, v. 69, 2021. pp. 1167-1179.

GYÓDI, Kristóf; NAWARO, Lukasz. Determinants of Airbnb prices in European cities: a spatial econometrics approach. **Tourism Management**, n. 86, 2021.

HIDALGO, Alberto et al. Does hotel management matter to overcoming the COVID-19 crisis? The Spanish case. **Tourism Management**, n. 88, 2022.

KIM, Sangkyun; PARK, Eerang; XU, Min. Beyond the authentic taste: the tourist experience at a food museum restaurant. **Tourism Management Perspectives**, v. 36, 2020.

LI, Jianping *et al.* Tourism companies' risk exposures on text disclosure. **Annals of Tourism Research**, n. 84, 2020.

LINGNET. **Affixation in English**, 2022. Available on: <https://www.linguisticsnetwork.com/affixation-in-english/>. Access on: Oct. 10th, 2022.

NGUYEN, Quang. Linking loss aversion and present bias with overspending behavior of tourists: insights from a lab-in-the-field experiment. **Tourism Management**, n. 54, 2016, pp. 152-159.

PARROTT, Martin. **Grammar for English Language Teachers**. Second Edition. Cambridge University Press, 2010.

RAY, Arghya; BALA, Pradip Kumar. User generated content for exploring factors affecting intention to use travel and food delivery services. **International Journal of Hospitality Management**, v. 92, 2021.

SALUVEER, Erki *et al.* Methodological framework for producing national tourism statistics from mobile positioning data. **Annals of Tourism Research**, n. 81, 2020.

SHAO, Yuhong *et al.* Evolution of international tourist flows from 1995 to 2018: a network analysis perspective. **Tourism Management Perspectives**, n. 36, 2020.

SKINNER, H. Place Branding—The Challenges of Getting It Right: Coping with Success and Rebuilding from Crises. **Tourism Hospitality**. 2021, 2, 173–189.

STHAPIT, Erose; BJÖRK, Peter. Sources of distrust: Airbnb guests' perspectives. **Tourism Management Perspectives**, v. 31, 2019, pp. 245-253.

TSEGAW, Wagnaw; TERESSA, Derera. Tour Guiding Quality Assurance Mechanisms and Respective Tourist Satisfaction: Evidence from South Ethiopia. **Journal of Tourism and Hospitality**, v. 6, 2017.

VELASCO, Efrén de la Mora; HUANG, Arthur; HANEY, Adam. An Employee Sharing Model for the Tourism and Hospitality Industry. **Tourism and Hospitality**, n. 2, 2021, pp. 190-194.

WANG, Lin; HOU, Yuansi; CHEN; Zengxiang. Are rich and diverse emotions beneficial? The impact of emodiversity on Tourists's experiences. **Journal of Travel Research**, vol. 65, 2021, pp. 1085-1103.

WILLIAMSON, Janine; HASSANLI, Najmeh. It's all in the recipe: how to increase domestic leisure tourist's experiential loyalty to local food. **Tourism Management Perspectives**, n. 36, 2020.

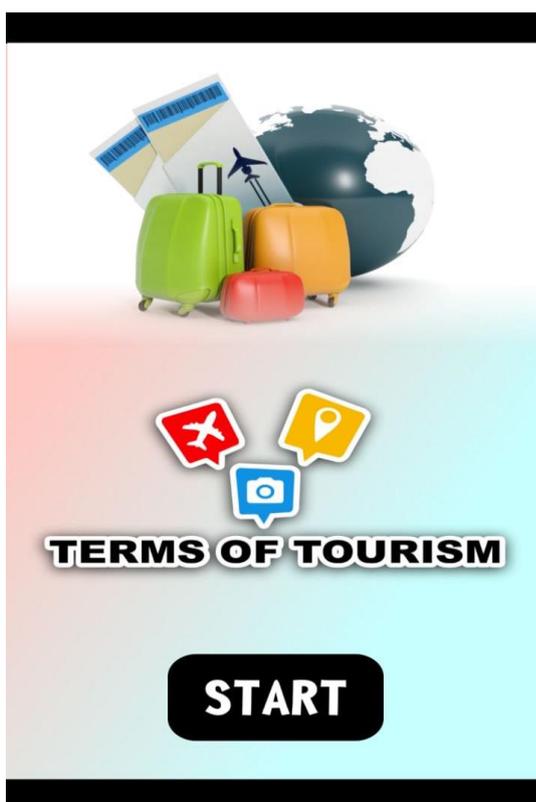
6.3 O APLICATIVO *TERMS OF TOURISM*

O uso da tecnologia tem tido um papel de importância cada vez maior no ensino. Pensando em uma maneira de alcançar um número maior de pessoas, além da proposta do material didático no formato livro apresentado anteriormente, elaboramos um aplicativo, disponível para dispositivos operacionais *Android*, que pretendemos disponibilizar gratuitamente no Play Store.

O conteúdo foi elaborado pelo autor desta Tese, enquanto a parte tecnológica, a criação do aplicativo, foi realizada por João Clóvis, funcionário público municipal da cidade de Cascavel – PR, especialista em Computação.

Apresentamos nas próximas linhas as principais características do aplicativo. Vejamos na figura a seguir o *layout* da página inicial:

Figura 21: *Print do Layout inicial do aplicativo.*



Fonte: aplicativo *Terms of Tourism*.

O conteúdo é o mesmo do material descrito anteriormente, isto é, ele apresenta os oito capítulos: *Terms with Tourism, Food and Beverage, Money and Finance,*

Places and Facilities, Hotels and Accommodation, Transportation, People on Tourism e *Grammar Resource*, como pode ser visto na figura a seguir.

Figura 22: *Print* das unidades no aplicativo.



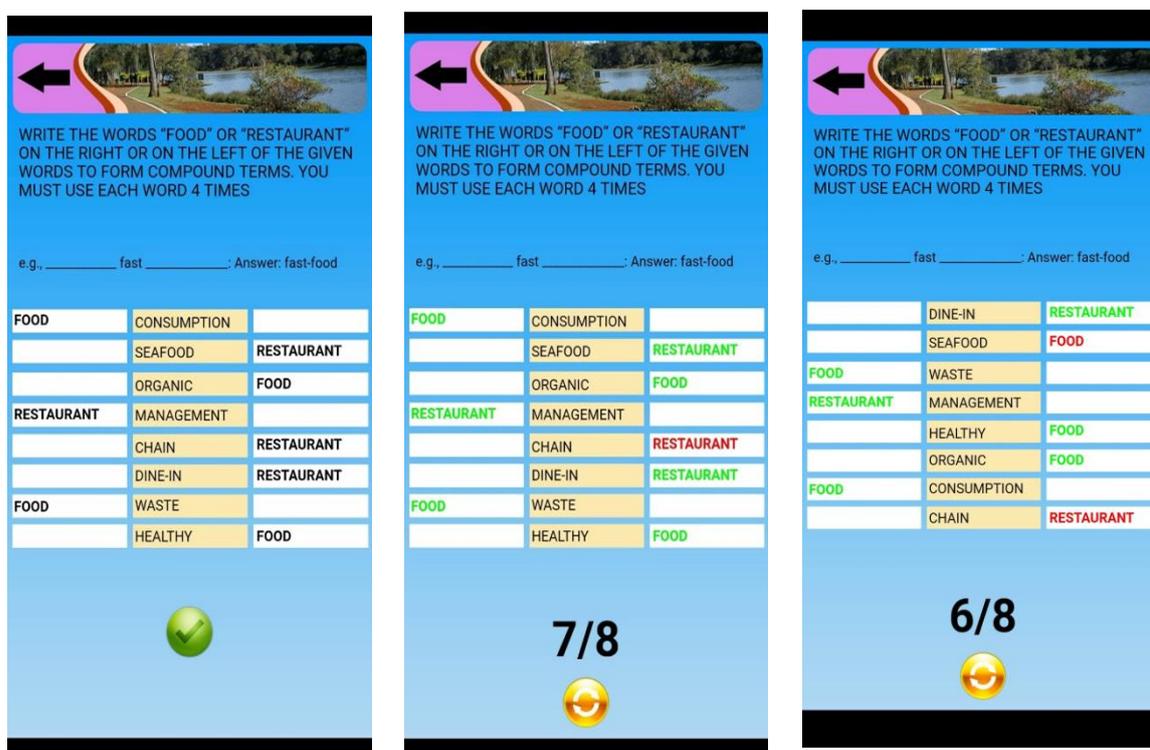
Fonte: aplicativo *Terms of Tourism*.

Na elaboração específica do aplicativo, adotamos alguns critérios que consideramos importantes para esse tipo de formato de material.

O usuário pode estudar as unidades de acordo com a ordem de sua preferência. Adotamos esse critério para dar a oportunidade ao estudante de iniciar pela subárea que têm mais afinidade, como é o caso de *Hotels and Accommodation* para graduandos em Hotelaria; e *Money and Finance* para alunos de Gestão em Turismo. Além disso, as atividades podem ser refeitas quantas vezes o usuário pretender, uma vez que a repetição pode ser uma maneira de melhor assimilar a terminologia em foco.

Quando o estudante completa uma atividade, uma imagem na cor verde e com o sinal de correto aparece na tela se todas as opções foram respondidas corretamente. Por outro lado, se a atividade não estiver toda certa, as opções erradas irão aparecer na cor vermelha, enquanto as corretas estarão em verde. Além disso, uma indicação numérica com o número de acertos e o total de questões aparece na tela. Quando acontecem erros, o estudante pode ver um ícone abaixo da indicação numérica que possibilita que ele refaça a atividade. No entanto, ao refazer, a ordem dos termos aparece diferente, evitando, assim, que o estudante faça a atividade de uma forma mecânica ou use, por exemplo, sua memória fotográfica ao invés de pensar a respeito dos termos. Vejamos a sequência de figuras:

Figura 23: *Print* da indicação de acertos e erros.



Fonte: aplicativo *Terms of Tourism*.

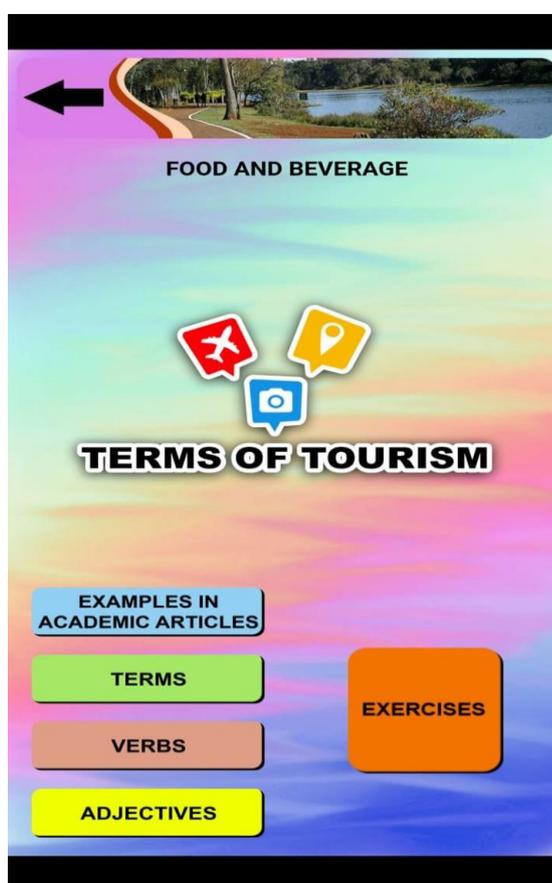
A qualquer momento o usuário pode reiniciar os estudos. Basta voltar na tela inicial clicar no ícone *restart*.

Para iniciar os estudos de uma unidade didática basta seguir os passos descritos a seguir.

Ao clicar em *Food and Beverage*, por exemplo, o usuário será direcionado ao texto introdutório daquela subárea específica e, na página seguinte, haverá a imagem de cinco ícones (figura 24), onde o estudante pode optar em ver: 1) exemplos em artigos acadêmicos; 2) os termos daquela subárea; 3) os adjetivos mais recorrentes; 4) os verbos mais recorrentes; 5) exercícios para fixação dos termos.

Ao seguir por qualquer caminho, o estudante sempre poderá voltar ao menu de subáreas ao clicar na seta superior, ou seguir os estudo dentro do tema que já está.

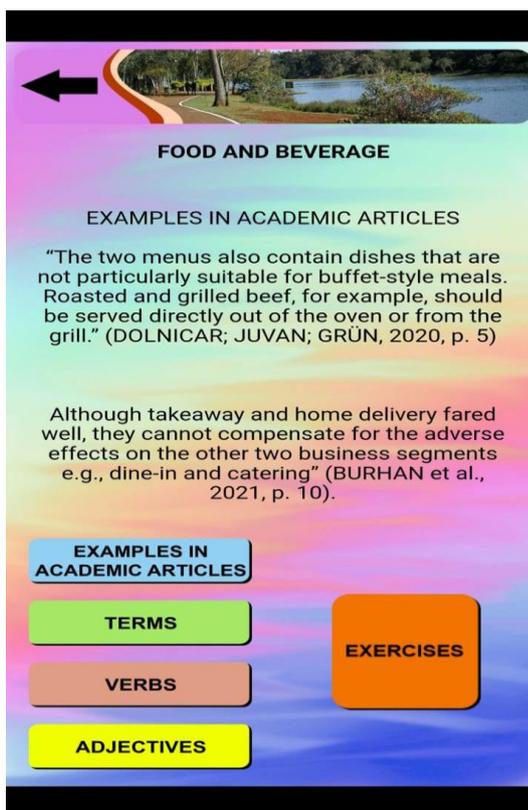
Figura 24 – *Print* dos ícones para escolher o caminho de estudo de uma subárea.



Fonte: aplicativo *Terms of Tourism*.

A figura a seguir está na página de exemplos de termos de *Food and Beverage* encontrado em artigos acadêmicos.

Figura 25 – Print dos exemplos em artigos acadêmicos.



Fonte: aplicativo *Terms of Tourism*.

Na parte inferior, encontra-se o menu com as possibilidades para a sequência do estudo: *terms*, *adjectives*, *verbs* e *exercises*.

O estudante pode navegar por todas as partes de acordo com o seu interesse. No entanto, é importante que leia o conteúdo antes de fazer os exercícios. Na parte de termos, adjetivos e verbos, há apenas uma lista com as palavras coletadas dos artigos acadêmicos.

Ao clicar em *exercises*, o estudante verá um menu com seis ícones (figura 26), nomeados com o tipo de exercício que cada parte apresenta.

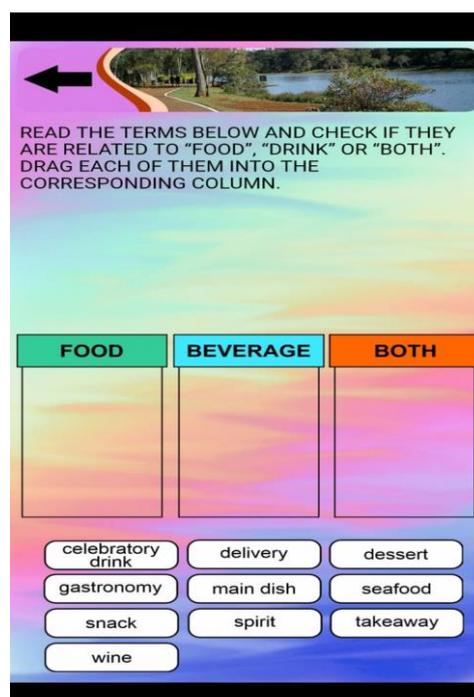
Figura 26 – *Print* dos tipos de exercícios no aplicativo.



Fonte: aplicativo *Terms of Tourism*.

No exercício 1 (figura 27), o estudante lê as palavras abaixo e arrasta a escolhida para a caixa corresponde, considerando se é comida, bebida ou ambas.

Figura 27 – *Print* do exercício 1.



Fonte: aplicativo *Terms of Tourism*.

No exercício 2 (figura 28), o usuário deve clicar nas palavras *food* e *restaurant* e, na sequência, clicar no lado esquerdo ou direito das palavras dadas a fim de do formar termos complexos, como *fast-food*, por exemplo.

Figura 28 – *Print* do exercício 2.



Fonte: aplicativo *Terms of Tourism*.

No exercício 3, o estudante deve escolher o verbo que tem melhor colocação com as palavras em itálico. Para realizar a atividade, o usuário deve clicar nas setas vermelhas. A seta correspondente à questão a ser respondida mudará para amarela e uma caixa com opções de escolha aparecerá. Então, basta selecionar a palavra correta. Observemos na figura 29 a sequência de imagens:

Figura 29 – Print do exercício 3: passos a seguir.

The figure displays four sequential screenshots of a mobile application interface for an English exercise. Each screenshot features a background image of a floating market and a list of four sentences with verbs in italics. The instructions at the top of each screen read: "READ THE SENTENCES AND CHOOSE THE VERB THAT COLLOCATES BETTER WITH THE WORDS IN ITALICS. THEN, CLICK ON THE ARROW AND WRITE YOUR ANSWER."

The first screenshot shows the initial state with a black arrow pointing left and a play button. The second screenshot shows a yellow arrow pointing to the first sentence, indicating the start of the selection process. The third screenshot shows a grey menu with three options: "WASTE", "TASTE", and "PROVIDE", each with a radio button. The fourth screenshot shows a green arrow pointing to the first sentence, indicating the final selection.

Instructions: READ THE SENTENCES AND CHOOSE THE VERB THAT COLLOCATES BETTER WITH THE WORDS IN ITALICS. THEN, CLICK ON THE ARROW AND WRITE YOUR ANSWER.

Sentences:

1. You shouldn't miss the occasion to *WASTE/TASTE/PROVIDE* the local food, which can be easily found in the old city neighborhood.
2. The group of tourists wants to *SERVE/DRINK/HAVE* dinner at the floating market.
3. Is it unethical to *WASTE/HAVE/DELIVER* food?
4. These villagers are simply understood as a place to *DELIVER/PREPARE/PROVIDE* food and accommodation for tourists because of their low level of culture and weak sense of innovation and development.

Options: WASTE, TASTE, PROVIDE

Fonte: aplicativo *Terms of Tourism*.

No exercício 4 (figura 30), o estudante irá relacionar os termos com as suas definições. Para tanto, deve arrastar os números correspondentes até as definições corretas.

Figura 30 – Print do exercício 4.

MATCH THE DIFFERENT KINDS OF RESTAURANTS WITH THEIR DEFINITIONS:
 DRAG THE NUMBERS TO MATCH THE DIFFERENT KINDS OF RESTAURANTS WITH THEIR DEFINITIONS:

1 Takeaway **2 Seafood**
3 Dine-in restaurant
4 Delivery **5 Self-service**

It is a restaurant that specializes in dishes based on fish, shrimp, squid, shellfish, and others.

Relating to or offering food that is eaten in the restaurant where it is ordered rather than being taken away.

It is a restaurant which sells hot food

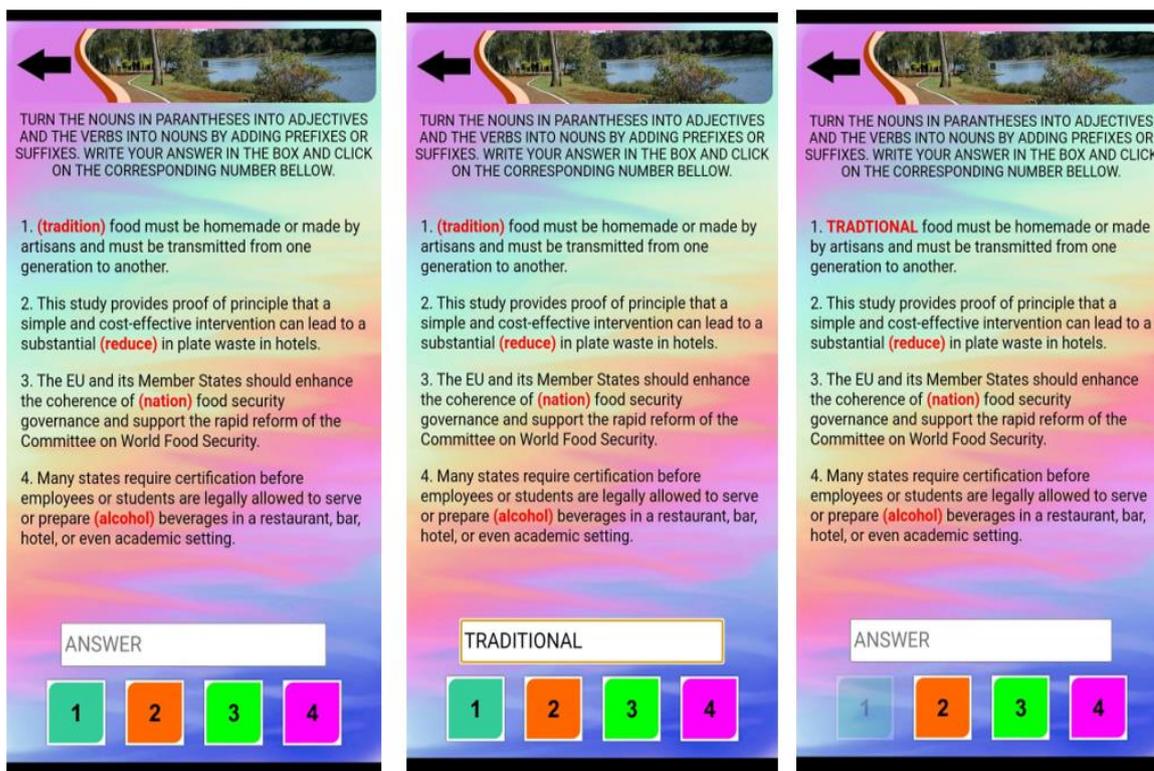
where you get things for yourself rather than being served by another person.

It is a courier service in which a restaurant delivers food at a customer's home.

Fonte: aplicativo *Terms of Tourism*.

No exercício 5, o estudante irá transformar substantivos em adjetivos e verbos em substantivos. As palavras dadas estão na cor vermelha em entre parênteses. Para a resolução da atividade, o usuário pode adotar duas estratégias diferentes. A primeira é a observação da classe da palavra dada. No número um, por exemplo, a palavra *tradition* é um substantivo. Então, de acordo com o que é pedido na atividade, ela deve ser transformada em um adjetivo, no caso, *traditional*. Segunda estratégia é ler a sentença e, a partir da palavra dada, inferir a resposta. Entretanto, pensando em uma estratégia ideal, o estudante deve realizar o primeiro passo, e o segundo deve ser uma leitura para checar se a palavra escrita apresenta coerência semântica e sintática. Para a realização da atividade, o estudante irá: 1) ler as sentenças, 2) escrever a forma correta da palavra na caixa onde aparece a palavra *answer*, 3) clicar no número correspondente, então a palavra correta será visualizada na sentença. Vejamos na figura a seguir:

Figura 31 – Print do exercício 5: passos a seguir.



Fonte: aplicativo *Terms of Tourism*.

No exercício 6, o estudante irá ler dois excertos de artigos acadêmicos, retirados do *corpus* da pesquisa, e deverá completar as lacunas com as palavras dadas. Nem todas as palavras que completam as lacunas são termos propriamente ditos. Em muitos casos são adjetivos e substantivos formados a partir de substantivos e verbos destacados na subárea em questão, assim como descrito no capítulo cinco desta tese. O conhecimento quanto à formação de palavras é trabalhado no exercício 5, assim como apresentada no capítulo oito, que traz informações sobre pontos gramaticais cobrados nas atividades.

Para a realização do exercício 6, o estudante deve: 1) ler os textos e as opções de escolha; 2) clicar na palavra *blank* e o número que quer completar. Nesse momento, uma caixa de texto escrito *answer* e o número selecionado irão aparecer na parte inferior da tela, como no exemplo da figura 32, *blank 1*; 3) digitar a resposta e clicar na seta verde. Então, a palavra digitada aparecerá no corpo do texto. Vejamos essa sequência na figura a seguir:

Figura 32 – Print do exercício 6: passos a seguir.

READ THE TEXT AND FILL THE BLANKS WITH THE WORDS FROM THE BOXES. CLICK ON THE BLANKS AND WRITE YOUR ANSWERS IN THE BOX THAT SHOWS UP BELOW.

consumption delivery dine-in food industry
 food-tourism fast-food local producers
 food-related food production

[...] Due to social distancing and partial lockdowns during COVID-19, restaurants were forced to close down for **BLANK_1** but open for takeout and home **BLANK_2**. In a developing country like Pakistan with consumer base of roughly 200 million, the **BLANK_3** is the second largest that also accommodates around 16% of the total employment among SMEs. Pakistan is also the eighth largest market in the world for **BLANK_4** and food-related entities (Memon, 2016). Recognizing the acute importance of restaurants and **BLANK_5** outlets in Pakistan, the sector has attracted little attention regarding crisis management.

Source: Burhan et al. (2021)

Food tourism is fast-growing and the significance of **BLANK_6** food **BLANK_7** in tourism has been widely acknowledged (Ellis,

ANSWER 1

16:27

food-tourism fast-food local producers
 food-related food production

[...] Due to social distancing and partial lockdowns during COVID-19, restaurants were forced to close down for **BLANK_1** but open for takeout and home **BLANK_2**. In a developing country like Pakistan with consumer base of roughly 200 million, the **BLANK_3** is the second largest that also accommodates around 16% of the total employment among SMEs. Pakistan is also the eighth largest market in the world for **BLANK_4** and food-related entities (Memon, 2016). Recognizing the acute importance of restaurants and **BLANK_5** outlets in Pakistan, the sector has attracted little attention regarding crisis management.

Source: Burhan et al. (2021)

Food tourism is fast-growing and the significance of **BLANK_6** food **BLANK_7** in tourism has been widely acknowledged (Ellis,

DINE-IN 1

consumption delivery dine-in food industry
 food-tourism fast-food local producers
 food-related food production

[...] Due to social distancing and partial lockdowns during COVID-19, restaurants were forced to close down for **DINE-IN** but open for takeout and home **BLANK_2**. In a developing country like Pakistan with consumer base of roughly 200 million, the **BLANK_3** is the second largest that also accommodates around 16% of the total employment among SMEs. Pakistan is also the eighth largest market in the world for **BLANK_4** and food-related entities (Memon, 2016). Recognizing the acute importance of restaurants and **BLANK_5** outlets in Pakistan, the sector has attracted little attention regarding crisis management.

Source: Burhan et al. (2021)

Food tourism is fast-growing and the significance of **BLANK_6** food **BLANK_7** in tourism has been widely acknowledged (Ellis,

Fonte: aplicativo *Terms of Tourism*.

Estas são as principais funcionalidades do aplicativo. Mostramos que ele tem o mesmo conteúdo do material didático proposto em formato de livro, apresentando apenas algumas características típicas desse tipo de formato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa está situada no campo dos estudos linguísticos e terminológicos, tomando como foco a área do Turismo no âmbito do Ensino Superior, devido à experiência pessoal como docente do curso de Graduação em Turismo da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), no *campus* de Foz do Iguaçu entre os anos de 2018 e 2020.

No contexto de Ensino Superior, nas mais diversas áreas do conhecimento, é recorrente a veiculação de novos conhecimentos por meio de artigos acadêmicos publicados em periódicos de língua inglesa. Devido a isso, torna-se fundamental aos estudantes aprimorar sua habilidade de leitura nesse idioma, para que possam manter-se atualizados.

Na fase inicial do doutoramento buscamos por pesquisas e publicações que tivessem como foco tanto o vocabulário acadêmico geral quanto específico do Turismo. Encontramos o AWL (Coxhead, 2000) como uma pesquisa amplamente utilizada como referência de vocabulário acadêmico em língua inglesa e a tomamos como um dos estudos basilares durante toda a pesquisa. Quanto ao vocabulário do Turismo, percebemos que existe uma lacuna quanto à existência de materiais de referência, pois mesmo na pesquisa de Coxhead (2000), que visa apresentar um vocabulário comum às mais variadas áreas do conhecimento, o setor do Turismo não foi incluído.

Essa constatação impulsionou as principais tomadas de decisões na pesquisa. Decidimos investigar o vocabulário acadêmico do Turismo recorrente em artigos publicados em periódicos da área em língua inglesa. No decorrer das leituras, percebemos que as palavras que compõem os textos do gênero em foco são de diferentes tipos, a saber: palavras acadêmicas, palavras do vocabulário fundamental e termos (NATION, 2013).

Foi nesta perspectiva que optamos por fazer um recorte na ideia inicial da pesquisa. Optamos por investigar os termos do Turismo recorrentes em artigos acadêmicos do setor. Para tanto, coletamos um total de 542 artigos de periódicos renomados da área, de acordo com o *ranking* apresentado no *Scimago Journal & Country Rank* (2020). Fizemos a coleta e análise do contexto de uso dos termos do setor, utilizando o programa *WordSmith Tools 7.0*, pois pretendíamos *produzir um*

material didático para estudantes de Graduação em Turismo que apresentasse os termos mais recorrentes em artigos acadêmicos da área em língua inglesa.

No capítulo 1, apresentamos o contexto do Turismo. Discorremos sobre a importância do setor turístico tanto global como localmente. Abordamos os órgãos institucionais que regulamentam e divulgam o Turismo no Brasil, como a EMBRATUR e o MTUR. Apresentamos as principais ações em prol do desenvolvimento e fortalecimento turístico nacional descritos nos PNTs (Planos Nacionais de Turismo) desenvolvidos pelo MTUR desde a sua criação no início dos anos 2000. Também, importante para o contexto da pesquisa, discorremos a respeito do ensino do Turismo no Ensino Superior, apresentando números relativos à quantidade de cursos e modalidades existentes no país. Nos capítulos 2 e 3, tratamos do ESP e dos estudos terminológicos, respectivamente. Percebemos que os contextos de ensino e aprendizagem de áreas específicas requerem atenção especial às especificidades tanto da disciplina em questão quanto das necessidades e motivações dos aprendizes. Ao considerar a comunicação especializada, percebemos as diferentes categorias vocabulares que compõem o discurso. Dessa maneira, selecionamos estudos para serem usados como referência nos capítulos das análises: AWL (COXHEAD, 2000) – para vocabulário acadêmico; GSL (WEST, 1953) – para o vocabulário fundamental da língua inglesa; e o *Dicionário de Turismo – Termos Técnicos do meio Turístico: Conceito, Definições, Siglas e Tipologias* (FALCÃO, 2016) e o *Thesaurus on Leisure and Tourism activities* (UNWTO, 2001) – para referência de termos do Turismo.

As obras citadas foram usadas como base para que pudéssemos atingir o primeiro objetivo específico da pesquisa: *elaborar uma lista dos termos do Turismo mais recorrentes no corpus selecionado*. Selecionados um total de 270 termos, os quais organizamos em sete subáreas, entre as quais estão *Food and Beverage*, *Money and Finance* e *Hotels and Accommodation*. Constatamos a predominância de termos complexos (195) em relação aos termos simples (77); além da tendência de nominalização, devido à maior incidência de substantivos, característica marcante do discurso científico.

O material de referência foi também essencial para atingirmos o segundo objetivo específico: *verificar se os termos selecionados se fazem mais presentes na AWL de Coxhead (2000) ou na GSL de West (1953)*.

Percebemos que mais da metade dos termos coletados nos artigos acadêmicos de Turismo são também palavras do vocabulário fundamental da língua inglesa (GSL), 147 de 270, o que corresponde a 54% do total. Esta característica demonstra que a comunicação especializada do setor em foco é consideravelmente próxima à linguagem comum. Nesta perspectiva, evidencia-se que a proficiência em leitura em inglês em um nível intermediário proporcionaria aos acadêmicos a compreensão de cerca de 50% da totalidade de palavras de qualquer artigo da área. Entretanto, estudos sobre a habilidade de leitura em inglês como segunda língua ou língua estrangeira mostram que é necessário o conhecimento de cerca de 98% das palavras que ocorrem nos textos para ser capaz de compreendê-los adequadamente (SCHMITT et al, 2017). Acreditava-se que a GSL – que apresenta as 2.000 famílias de palavras mais comuns da língua inglesa – cobriria aproximadamente 84% das palavras de qualquer texto, mas, constatamos que no âmbito do Turismo o número é bem inferior, pouco mais de 50%. Dessa maneira, evidencia-se que não basta aos estudantes de Turismo saber o vocabulário fundamental dessa língua para ter acesso ao conhecimento veiculado nos periódicos internacionais, os quais, como mencionado, são essenciais para a formação de qualquer estudante universitário. A partir destas constatações, procedemos à comparação dos 270 termos selecionados com a AWL (COXHEAD, 2000).

Os 123 termos não encontrados na GSL são unidades lexicais que se encontram além das 2000 palavras mais comuns da língua inglesa e, assim sendo, podemos dizer que são de um nível maior de complexidade. Um dos principais critérios da pesquisa de Coxhead (2000) foi selecionar apenas itens lexicais que não fizessem parte da GSL, por isso pressupomos que muitos dos 123 termos não encontrados na fase anterior das análises poderiam estar presentes na AWL. Nossa hipótese se confirmou, a investigação mostrou que 48 dos 123 termos não encontrados na GSL estavam listados entre as palavras que formam a AWL. Ou seja, 39% dos termos.

É interessante lembrar que o *corpus* selecionado por Coxhead (2000) não incluiu textos da área do Turismo, e mesmo assim houve a incidência de palavras do Turismo na AWL (a lista de disciplinas contempladas no *corpus* de análise de Coxhead (2000) para a elaboração da AWL está na seção 3.4.2 desta tese). Uma das razões para isso é que muitas unidades lexicais são utilizadas em diferentes áreas do conhecimento, muitas vezes compartilhando alguns traços de significação ou

apresentando um significação completamente diferente (HOFFMANN, 2015; NATION, 2013). Nessa perspectiva, as 60 ocorrências de termos do Turismo na AWL podem ser palavras de outras áreas do conhecimento que podem ter similaridades semânticas com o contexto turístico ou não.

A análise comparativa dos termos selecionados com a GSL e a AWL evidenciou que o vocabulário acadêmico do Turismo precisa ser tomado como objeto de investigação de futuras pesquisas linguísticas, pois existe uma lacuna a ser preenchida. Investigando apenas os termos, que como vimos é apenas uma parte do vocabulário acadêmico, constatamos que 23,7% dos itens (75 termos) são alheios à principal obra de referência do vocabulário acadêmico em língua inglesa. Como são unidades lexicais que se encontram além das 2000 palavras mais recorrentes do inglês, acreditamos que se trata de um conjunto vocabular de um nível de complexidade maior. Não nos propusemos a investigar de forma aprofundada os termos não encontrados nas obras de referência, chegamos a eles por meio das análises feitas para atingirmos os dois primeiros objetivos específicos da pesquisa. É nesta perspectiva que consideramos que as contatações feitas no presente estudo podem ser um ponto de partida para novas investigações.

O terceiro objetivo específico foi: *elaborar atividades com foco nas questões terminológicas, considerando o contexto do Turismo e as interfaces com a gramática*, o que nos possibilitou a atingir o quarto objetivo específico, que era: *produzir um material didático para estudantes de Graduação em Turismo, em formatos de livro e aplicativo, que apresentasse os termos mais recorrentes em artigos acadêmicos da área*.

Como visto no capítulo 6 desta tese, elaboramos um material didático composto por oito unidades, nas quais listamos todos os termos selecionados, assim como alguns adjetivos e verbos recorrentes com tais termos. As atividades propostas focam em conhecimentos lexicais importantes, como formação de palavras por meio de afixos, colocações, relação entre termo e significado, e interpretação de textos.

Pensando em praticidade e no importante papel que a tecnologia desempenha na educação atualmente, desenvolvemos também um aplicativo com o mesmo conteúdo proposto em forma de livro. Pela experiência própria como docente do curso de Turismo no campus da UNIOESTE, na cidade de Foz do Iguaçu, percebi que a maioria dos acadêmicos da área, naquele contexto, já trabalhavam no setor, dispondo de pouco tempo para dedicar-se aos estudos da universidade. Ter acesso a esse

conteúdo em seus celulares, pode ser uma maneira de mantê-los em contato não apenas com a língua inglesa, mas com o vocabulário específico de sua área de atuação e estudos.

A pesquisa realizada comprovou a asserção posta na fase inicial desta investigação, de que há termos do Turismo que não estão nos materiais de referências tanto de vocabulário fundamental do inglês, quanto sobre vocabulário acadêmico. Dos 270 termos selecionados no corpus, 75 (27,7%) não foram encontrados na GSL (WEST, 1953) nem na AWL (COXHEAD, 2000), o que demonstra a pertinência do presente estudo, assim como a necessidade de futuras investigações sobre o tema. Além disso, o livro didático elaborado e o aplicativo podem ser aplicados com alunos de Graduação de Turismo, Hotelaria, ou qualquer outra área correlata.

Por fim, é preciso ressaltar que acreditamos que a pesquisa realizada ao longo dos últimos quatro anos deixa mais do que um simples resultado materializado no livro e no aplicativo. Ela dá a oportunidade para acadêmicos de Turismo de expandirem o conhecimento de termos de sua área de interesse, e com isso terem mais autonomia e sentirem-se incluídos no mundo de conhecimentos que são veiculados de forma primária na língua inglesa. Dessa forma, podemos dizer que o papel da pesquisa foi cumprido com grande êxito.

REFERÊNCIAS

- ABRE-e-LIMA, D. M. *et al.* O Programa Inglês sem Fronteiras e a política de incentivo à internacionalização do ensino superior brasileiro. *In: SARMENTO, S. et al. Do inglês sem fronteiras ao idioma sem fronteiras: a construção de uma política linguística para a internacionalização.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.
- ALIUDIN, S. *et al.* Agro-tourism development panning to support vertical garden system tourism destination using Hirarchy Process Analysis Method in Tonjong Village Serarig Banten. **Journal of Tourism and Hospitality**, v.7, n. 5, 2018.
- ALLEN, J. P. B.; WIDDOWSON, H. G. Grammar in language teaching. *In: ALLEN, J.P.B.; CORDER, S.P. (Org.). The Edinburgh course in Applied Linguistics.* v. 2. Papers in Applied Linguistics: Oxford University Press, 1975.
- ALMEIDA, G. M. B. A teoria comunicativa da terminologia e a sua prática. **Alfa**, São Paulo, v. 50, n. 2: p. 85-101, 2006.
- ALMEIDA, G. M. B. O percurso da Terminologia: de atividade prática à consolidação de uma disciplina autônoma. **TradTerm**, São Paulo, n. 9: p. 211-222, 2003.
- ALMEIDA, P. C. O Turismo no Rio de Janeiro durante a década de 1920 e 1930. XIX Simpósio de História Nacional – contra os preconceitos: história e democracia. **Anais [...]** Brasília: UNB, 2017. p. 1-11.
- ASSIS, C. L.; NEPOMUCENO, C. M. **Estudos contemporâneos de cultura.** Campina Grande: UEPB/UFRN, 2008.
- ASSUNÇÃO, P. **História do Turismo no Brasil entre os séculos XVI e XX:** viagens, espaço e cultura. Barueri: Manole, 2012.
- BAHAR, V. S. *et al.* Coopetition with platforms: Balancing the interplay of cooperation and competition in hospitality. **Tourism Management.** Elsevier, n. 88, 2022.
- BAKOGIANNIS, E. *et al.* Crowded sourced geospatial infrastructure for coastal management and planning for emerging post COVID-19 tourism demand. **Tourism and Hospitality**, n. 2, 2021, pp. 261-276.
- BARBOSA, M. A. Relações de Significação nas Unidades Lexicais. I Encontro Nacional do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL, 1998. **Anais:** I Encontro Nacional do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL. Rio de Janeiro. p. 19-40.
- BELCHER, D. What ESP Is and Can Be: An Introduction. *In: BELCHER, D. (Org.). English for Specific Purposes in Theory and Practice.* Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2009. pp. 1-20.

BENI, M. C. **Políticas e planejamento de Turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006.

BEVILACQUA, C. Por que e para que a Linguística de Corpus na Terminologia. *In*: TAGNIN, S.; BEVILACQUA, C. **Corpora na Terminologia**. São Paulo: Hub Editorial, 2013. pp. 11-28.

BIBER, D.; CONNOR, U.; UPTON, T. A. **Discourse on the Move: Using Corpus Analysis to Describe Discourse Structure**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2007.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. *In*: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. – 2. ed. – Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001b. pp. 13-22.

BIDERMAN, M. T. C. Conceito linguístico de palavra. *In*: BASÍLIO, M. (org.). *Linguagem e Línguas*. Rio de Janeiro: Grypho, 1999. p. 81-97.

BIDERMAN, M. T. C. Léxico e vocabulário fundamental. **Alfa**, São Paulo, 1996. pp. 27-46.

BIDERMAN, M. T. C. Terminologia e Lexicografia. **TradTerm**, v. 7, p. 153-181, 2001.

BLOOR, M. The English Language and ESP Teaching in the 21st Century. *In*: MEYER, F. *et al.* (Org.) **ESP in Latin America**. Universidad de Los Andes. CODEBRE, 1997.

BOECHAT, J. **Rio de Janeiro lindo de janeiro a janeiro**. MINISTÉRIO DO TURISMO. Brasília, 2018.

BORGES, P. S. **A qualidade dos serviços de Catering nos eventos sociais na região oeste**: aplicação do modelo Cateringqual. 2013. 153 fl. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.

BOYER, M. **História do Turismo de massa**. Tradução: Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2003.

BRASIL. **Lei nº 10.683**. Brasília, 2003. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10683-28-maio-2003-496772-normaatualizada-pl.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2020.

BRASIL. **Resolução Nº 13**, de 24 de novembro de 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces13_06.pdf. Acesso em: 22 de mar. 2020.

BREEN, M.; CANDLIN, C. N. The essentials of a communicative curriculum in language teaching. **Applied Linguistics**. v. 1, nº 2, 1980. pp. 89-112.

BRITO, P A. **Ensino e Aprendizagem de Língua Estrangeira (Inglês) no Ensino Superior Tecnológico**: grau de ajuste de uma situação atual para o ELFE (Ensino

de Línguas para Fins Específicos). 2016. 156 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, Brasília.

BUCAK, T.; YIGIT, S. The future of the chef occupation and the food and beverage sector after the COVID-19 outbreak: Opinions of Turkish chefs. **International Journal of Hospitality Management**, n. 92. Elsevier, 2021.

CABRÉ, M.T. **La Terminología, una disciplina en evolución**: pasado, presente y algunos elementos de futuro. *Debate Terminológico*, v. 1, [http://www.riterm.net/revista/n_1/cabre.pdf], 2005.

CABRÉ, M. T. Hacia una teoría comunicativa de la terminología: aspectos metodológicos. In: **Terminología: representación y comunicación**: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Documenta Universitaria, 2005b.

CABRÉ, M. T. **La terminología**. Teoría, metodología, aplicaciones. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.

CAETANO, J. M. P. *et al.* A (in)compreensão da linguagem jurídica e seus efeitos na celeridade processual. In: SIEGA, P. R. (Org.). **Litterata**: revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões. v. 3, n. 1. Ilhéus, BA: Editus, 2015.

CAMARGO, H. L. **Uma pré-história do Turismo no Brasil**: recreações aristocráticas e lazeres burgueses (1808-1850). São Paulo: Aleph, 2007.

CARDOSO, M. Ilha de Santa Catarina recebeu esse nome há quase cinco séculos. **Notícias do Dia**, 2018. Disponível em: <https://ndmais.com.br/cultura/ilha-de-santa-catarina-recebeu-este-nome-ha-quase-cinco-seculos/>. Acesso em: 16 abr. 2020.

CARVALHO; A. S.; MARTINS, F. A.; VIOLIN, F. L. Turismo compartilhado: o novo modelo econômico e seus impactos no mercado turístico. **Colloquium Socialis**, Presidente Prudente, v. 01, n. Especial 2, 2017, pp. 867-872.

CASTELLI, G. **Hospitalidade**: a inovação na gestão das organizações prestadoras de serviços. São Paulo: Saraiva, 2010.

CASTELLI, G. **Hospitalidade**: na perspectiva da gastronomia e da hotelaria. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

CASTRO, C. A Natureza Turística do Rio de Janeiro. In: BANDUCCI JR, Álvaro; BARRETO, Margarita (org.). **Turismo e identidade local**: uma visão antropológica. Campinas: Papirus, 2001.

CASTRO, C.; GUIMARÃES, V. L.; MAGALHÃES, A. M. Apresentação: por uma história do Turismo no Brasil. In: CASTRO, C.; GUIMARÃES, V. L.; MAGALHÃES, A. M. **História do Turismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. pp. 7-12.

CELANI, M. A. A. A retrospective view of an ESP teacher education programme. In: CELANI, M. A. A.; DEYES, A. F.; HOLMES, J. L.; SCOTT, M. R. **ESP in Brazil**: 25

years of evolution and reflection. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: EDUC, 2005.

CELANI, M. A. A. *et al.* **The Brazilian ESP Project: an evaluation.** Centro de Pesquisas, Recursos e Informação em Leitura, PUC, São Paulo: EDUC, 1988.

CELANI, M. A. A. A retrospective view of an ESP teacher education programme. *In:* CELANI, M. A. A. *et al.* **ESP in Brazil: 25 years of evolution and reflection.** Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: EDUC, 2005. pp. 394-403.

CELANI, M. A. A. Introduction. *In:* CELANI, M. A. A. *et al.* **ESP in Brazil: 25 years of evolution and reflection.** Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: EDUC, 2005. pp. 13-26.

CHAWLA, G.; LUGOSI, P.; HAWKINS, R. Food Waste Drivers in Corporate Luxury Hotels: Competing Perceptions and Priorities across the Service Cycle. **Tourism and Hospitality**, n. 2, 2021, pp. 302-318.

CHOI, M. Shopping tourist satisfaction: an application of hedonic and utilitarian values. **Journal of Tourism and Hospitality**, vol. 304, n. 6, 2017.

CHOI, M; FONG, D. Typology of gaming tourists based on the perception of destination image. **Journal of Tourism Hospitality**, vol. 304, n. 6, 2017.

COLMORE, C. Conceptualization and Realization of a National Trail in a Small Island-Nation: The Commonwealth of Dominica's Experience. **Tourism Hospitality**, n. 2, 2021, pp. 79-94.

CONTI, E.; LEXHAGEN, M. Instagramming nature-based tourism experiences: a netnographic study of online photography and value creation. **Tourism Management Perspectives**, n. 34. Elsevier, 2020.

COSTA, A. G. P.; DIÓGENES, Conceição Malveira. **O Enoturismo no Vale do São Francisco (NE), Brasil:** interação com mídias sociais na consolidação de um destino turístico. *In:* CÉSAR, P. A. B. *et al.* **Gastronomia e Vinhos: contributos para o desenvolvimento sustentável do Turismo – Estudos de caso – Brasil e Portugal.** Caxias do Sul, RS: Educs, 2020, pp. 207-224.

COXHEAD, A. A new academic word list. **TESOL Quaterly**, v. 34, nº 2, 2000. pp. 213-238.

COXHEAD, A. Vocabulary and ESP. *In:* PALTRIDGE, B.; STARFIELD, S. (Org.). **The handbook of English for specific purposes**, First edition. West Sussex: Wiley-Blackwell, 2013, pp. 115-132.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução: Luciana de Oliveira da Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CRUICKSHANK, K. EAP in Secondary Schools. *In*: BELCHER, D. **English for Specific Purposes in Theory and Practice**. Michigan: The University of Michigan Press, 2009. pp. 22-40.

CRYSTAL, D. **English as a Global Language**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

CUCATI, A. Cataratas do Iguaçu são consagradas uma das Sete Maravilhas da Natureza. **G1**. Foz do Iguaçu, 2012. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2012/05/cataratas-do-iguacu-e-consagrada-uma-das-sete-maravilhas-da-natureza.html>. Acesso em: 27 mar. 2020.

DELGADO DA SILVA, T. G. **Contornos de um Componente ELFE na Formação Inicial de Professores de Línguas**. 2017. 196 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, Brasília.

DELLAI, N. L. V. **Ensino de vocabulário acadêmico no processo de compreensão em leitura**: uma revisão bibliográfica. Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul, 2016.

DEMARQUE, E. **Análise dos termos fundamentais do vocabulário acadêmico bilingue português-francês, presentes em textos acadêmico-científicos: questões de equivalência**. 2020. 504 f. Mestrado em ESTUDOS Linguísticos. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, SP.

DEYES, T. The selection and classification of texts in ESP. *In*: CELANI, M. A. A. *et al.* **ESP in Brazil: 25 years of evolution and reflection**. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: EDUC, 2005. pp. 204-237.

DIAS, P. **Mandioca, macaxeira ou aipim?** Diversidade da fala é tema de pesquisa da UFLA. Lavras, MG: Portal da Ciência, 2020. Disponível em: https://novo.ufra.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2757:pesquisadora-explica-diferencas-entre-macaxeira-e-mandioca&catid=17&Itemid=121#:~:text=A%20macaxeira%20tamb%C3%A9m%20%C3%A9%20conhecida,de%20raiz%20fresca%20sem%20casca. Acesso em 10 jun. 2020.

DUDLEY-EVANS, T. Five questions for LSP teacher training. *In*: HOWARD, R.; BROWN, G. (Eds.). **Teacher education for LSP**. Clevedon, UK: Multilingual Matters, 1997. pp. 58-67).

DUDLEY-EVANS, T.; ST JOHN, M. **Developments in English for Specific Purposes**. 7° ed. Cambridge. Cambridge University Press, 2005.

ELSEVIER. **Journals**. Amsterdam, 2021. Disponível em: <https://www.elsevier.com/books-and-journals>. Acesso em: 14 fev. 2021.

EMBRATUR. INSTITUTO BRASILEIRO DO TURISMO. **Bolsonaro assina MP e transforma Embratur em Agência**. Brasília, 2019. Disponível em:

<https://www.camara.leg.br/noticias/588685-bolsonaro-sanciona-a-lei-da-liberdade-economica/>. Acesso em: 01 abr. 2020.

EMBRATUR. INSTITUTO BRASILEIRO DO TURISMO. **Fundação e estrutura**. Brasília, 2020. Disponível em: http://www.embratur.gov.br/piembratur-new/opencms/historia/fundacao_estrutura.html. Acesso em: 21 mar. 2020.

E-MEC. **Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior**. Brasil, 2021. Disponível em: <https://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 18 mai. 2021.

FELDENS, L. **O homem, a agricultura e a história**. Lajeado: Univates, 2018.

FELIX, F. G.; MARTINS, M. L. Turismo e segurança alimentar: um estudo de caso na Costa Verde do Rio de Janeiro. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v.13., pp. 354-371, 2013.

FILHO, L. G. A.; BRITTO, P. D. Turistificação e Patrimonialização: experienciando o centro histórico de Pirenópolis, Goiás. **Turismo e Sociedade**. Curitiba, v. 13, n. 2, pp. 64-91, 2020.

FILIMONAU, V. *et al.* Food waste management in ethnic restaurants. *International Journal of Hospitality Management*, v. 92, 2021.

FINATTO, M. J. B.; ZILIO, L. (Org). **Textos e termos por Lothar Hoffmann**: um convite para o estudo das linguagens técnico-científicas. – Porto Alegre: Palotti, 2015.

FITCHETT, J.; LINDBERG, F.; MARTIN, D. Accumulation by symbolic dispossession: tourism development in advanced capitalism. **Annals of Tourism Research**: Elsevier, vol. 86, 2021.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLORIANÓPOLIS. PREFEITURA MUNICIPAL. **História**. Florianópolis, 2020. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/turismo/index.php?cms=historia&menu=5>. Acesso em: 27 mar. 2020.

FLOWERDEW, J. Reconciling contrasting approaches to genre analysis: the whole can equal more than the sum of the parts. *In*: BELCHER, D.; JOHNS, A.; PALTRIDGE, B. **New directions in English for specific purposes research**. The University of Michigan Press, 2011a. pp. 119-144.

FLOWERDEW, L. ESP and corpus studies. *In*: BELCHER, D.; JOHNS, A.; PALTRIDGE, B. **New directions in English for specific purposes research**. The University of Michigan Press, 2011b. pp. 222-251.

FLOWERDEW, L. Needs analysis and curriculum development in ESP. *In*: PALTRIDGE, B.; STARFIELD, S. (Org.). **The handbook of English for specific purposes**, First edition. West Sussex: Wiley-Blackwell, 2013, pp. 325-346.

FOGEL, R. **La región de la triple frontera**: territorios de integración y desintegración. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 10, n. 20, jun./dez. 2008, p. 270-290.

FOZ DO IGUAÇU. PREFEITURA MUNICIPAL. **A cidade**. Foz do Iguaçu, 2020. Disponível em: <https://www5.pmfi.pr.gov.br/cidade/>. Acesso em: 25 mar. 2020.

FREIRE-MEDEIROS, B.; CASTRO, C. Destino: Cidade Maravilhosa. *In*: CASTRO, C.; GUIMARÃES, V. L.; MAGALHÃES, A. M. (org.). **História do Turismo no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2013. p. 13-36.

FREEPIK. **Photos**, 2022. Disponível em: <https://www.freepik.com/search?format=search&query=money%20and%20finance>. Acesso em set. e out. 2022.

FREITAS, A. L. P. **Proficiência escrita em inglês especializado**: estudo de corpus de *abstracts* em Medicina, Nutrição e Farmácia. 2016. 254 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

GABLASOVA, D. Learning and retaining specialized vocabulary from textbook reading: comparison of learning outcomes through L1 and L2. **The Modern Language Journal**, v. 98, n°4, 2014. pp. 967-991.

GAO, J.; WU, B. Revitalizing traditional villages through rural tourism: A case study of Yuanjia Village, Shaanxi Province, China. **Tourism Management**, n. 63. Elsevier, 2017, pp. 223-233.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da IFRGS, 2009.

GHARIBSHAH, A.; MAHDAVINEJAD, M. Sci-Tech Lighting for High-Performance Architecture: A Bridge to Sustainable Development in Touristic Destinations. **Journal of Tourism Hospitality**, vol. 7, n° 5, 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, M. Florianópolis espera receber mais de 600 mil argentinos durante a temporada 2017/2018. **Notícias do Dia**. Florianópolis, 2017. Disponível: <https://ndmais.com.br/turismo/florianopolis-deve-receber-mais-de-600-mil-argentinos-durante-a-temporada-2017-2018/>. Acesso em: 24 mar. 2020.

GUIMARÃES, R. M. O ensino de línguas para fins específicos (ELFE) no Brasil e no mundo: ontem e hoje. **HELB**. ano 8. n. 8, 2014.

GUIMARÃES, V. L.; MAGALHÃES, A. M. (org.). **História do Turismo no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2013. p. 7-12.

GUTTMANN, T. *et al.* "I live with terror inside me": exploring customers' instinctive reaction to terror. **International Journal of Hospitality Management**, n. 92, 2021.

HALLIDAY, M. A. K. Some grammatical problems in scientific English. *In*: HALLIDAY, M. A. K; MARTIN, J. R. **Writing science: literacy and discursive power**. University of Pittsburgh Press, 1993.

HAYLAND; K.; TSE, P. Is there an "academic vocabulary"? **Tesol Quarterly**. v. 41, n. 2, 2007. pp. 235-253.

HEYDT, V. S. **English for specific purposes (ESP) e o ensino de termos no curso técnico em informática integrado ao Ensino Médio**. 2019. 149 f. Dissertação (Mestrado). Centro de Educação, Comunicação e Artes – Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, PR.

HOFFMANN, L. O papel das linguagens especializadas desde meados do século XX. *In*: FINATTO, M. J. B.; ZILIO, L. (Org). **Textos e termos por Lothar Hoffmann: um convite para o estudo das linguagens técnico-científicas**. – Porto Alegre: Palotti, 2015. pp. 21-34.

HOWATT, A.; SMITH, R. The history of teaching English as a foreign language, from a British and European perspective. **Language & History**, vol. 57, n° 1, pp. 75-95.

HUTCHINGSON, T.; WATERS, A. **English for Specific Purposes**. 11° Ed. Cambridge University Press, 1987.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/florianopolis/panorama>. Acesso em: 28 mar. 2020.

INEP. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Indicadores de Qualidade da Educação Superior**. Brasília, 2015. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/ce/audiencias-publicas-1/apresentacoes/apresentacao-stela-meneghel-inep>. Acesso em 30 mar. 2020.

INEP. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopses Estatísticas da Educação Superior – Graduação**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>. Acesso em: 30 mar. 2020.

IPHAN. INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Parque nacional do Iguaçu (PR)**. Brasília, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/52>. Acesso em: 27 mar. 2020.

JOHNS, A. Tertiary Undergraduate EAP: Problem and Possibilities. *In*: BELCHER, D. **English for Specific Purposes in Theory and Practice**. Michigan: The University of Michigan Press, 2009. pp. 41-59.

JOHNS, A. The history of English for specific purposes research. *In*: PALTRIDGE, B.; STARFIELD, S. (Org.). **The handbook of English for specific purposes**, First edition. West Sussex: Wiley-Blackwell, 2013, pp. 5-30.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1996.

KRIEGER, M. G. Terminologia Revisitada. **D.E.L.T.A.**, v. 16, n. 2, 2000. p. 209-228.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. Introdução à terminologia: teoria e prática. – 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2020.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LARA, L. F. Término y cultura: hacia una teoría del vocablo especializado. *In*: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (Orgs). **As Ciências do Léxico**: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2007.

LAUGHRAN, S. **The New General Service List**: A core vocabulary for EFL students and teachers. Cambridge University Press, 2018. Disponível em: <https://www.cambridge.org/elt/blog/2018/05/29/general-service-list/>. Acesso em: 15 jun. 2021.

LINNES, C. *et al.* Sustainable Tourism Empowered by Social Network Analysis to Gain a Competitive Edge at a Historic Site. **Tourism and Hospitality**, n. 2, 2021, pp. 332-346.

LOCKS, A. B. D.; TONINI, H. **Imagem e Turismo**: um breve estudo do destino Florianópolis, Brasil. IV SeminTUR – Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL. Caxias do Sul, 2006.

MACHADO, J. P. **História aplicada ao Turismo**. Manaus: Centro de Educação Tecnológica do Amazonas, 2010.

MACIEL, A. M. B. Terminologia e *Corpus*. *In*: TAGNIN, S.; BEVILACQUA, C. **Corpora na Terminologia**. São Paulo: Hub Editorial, 2013. pp. 29-46.

MARTINS, L. R. M.; RUSCHMANN, D. M. Desenvolvimento histórico turístico estudo de caso: Foz do Iguaçu – PR. VI SEMITUR – Seminário de pesquisa em Turismo do Mercosul: saberes e fazeres no Turismo: interfaces. **Anais [...]** Caxias do Sul: UCS, 2010. p. 0-15.

MATIAS, M. Turismo: o ensino de graduação no Brasil. **Turismo & Sociedade**. Curitiba, v. 5, n. 1, 2012, p. 58-81.

MEC. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior**: Cadastro e-MEC. MEC. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Brasília, 2020. Disponível em: <https://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 31 mar. 2020.

MEC. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Parecer N° CES/CNE 0146/2002-10**. Brasília, 2002. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=139531-pces146-02&category_slug=fevereiro-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 31 mar. 2020.

MENEZES, P. D. L. Reformulação curricular no ensino superior em Turismo: estudo multicascos. V Congresso Nacional de Educação – CONEDU. **Anais [...]**. Olinda, 2018.

MIRANDA, M. V. **Processos verbais em artigos científicos: uma análise com base na língua em uso**. 2016. 185 f. Mestrado em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

MOREIRA, M. A. **Teorias de Aprendizagens**. São Paulo: EPU, 2011.

MTUR. MINISTÉRIO DO TURISMO. **Brasil conquista vaga no conselho executivo da OMT**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/12958-brasil-conquista-vaga-no-conselho-executivo-da-omt.html>. Acesso em: 21 mar. 2020.

MTUR. MINISTÉRIO DO TURISMO. **Crescimento do turismo mundial pode chegar a 4% em 2019**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/12306-crescimento-do-turismo-mundial-pode-chegar-a-4-em-2019.html>. Acesso em: 23 mar. 2020.

MTUR. MINISTÉRIO DO TURISMO. **Embratur** – Instituto Brasileiro de Turismo. Brasília, 2015a. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/institucional/2015-04-06-14-28-40.html>. Acesso em: 22 mar. 2020.

MTUR. MINISTÉRIO DO TURISMO. **Estudo da demanda turística internacional – Brasil – 2018**. Brasília, 2018b. Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/2016-02-04-11-54-03/demanda-tur%C3%ADstica-internacional.html>. Acesso em: 24 mar. 2020.

MTUR. MINISTÉRIO DO TURISMO. **Institucional**. Brasília, 2015b. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/institucional.html>. Acesso em: 22 mar. 2020.

MTUR. MINISTÉRIO DO TURISMO. **Plano nacional de Turismo 2018-2022**: mais emprego e renda para o Brasil. Ministério de Estado do Turismo, 2018.

MTUR. MINISTÉRIO DO TURISMO. **Plano Nacional do Turismo 2007-2010**, 2007. Brasília, 2007. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/plano_nacional_turismo_2007_2010.pdf. Acesso em: 22 mar. 2020.

MTUR. MINISTÉRIO DO TURISMO. **Plano Nacional do Turismo**: diretrizes, metas e programas 2003-2007, 2003. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/plano_nacional_turismo_2003_2007.pdf. Acesso em 22 mar. 2020.

MTUR. MINISTÉRIO DO TURISMO. **Segmentação do Turismo e Mercado**, 2010. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Segmentaxo_do_Mercado_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf. Acesso em: 15 abr. 2020.

MTUR. MISNISTÉRIO DO TURISMO. **Índice de competitividade do Turismo nacional**: Florianópolis. Brasília, 2015c. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/Indice_comp etitividade/2015/Florianopolis_RA_2015.pdf. Acesso em: 28 mar. 2020.

MULTIRIO. A MÍDIA EDUCATIVA DA CIDADE. **A fundação da cidade de São Sebastião do rio de Janeiro**, 2020. Disponível em: <http://multirio.rj.gov.br/index.php/estude/historia-do-brasil/rio-de-janeiro/2426>. Acesso em: 16 abr. 2020.

NAGY, W.; TOWNSEND, D. Words as Tools: learning academic vocabulary as language acquisition. **Reading Research Quarterly**, nº 47, v. 1, 2012. pp. 91-108.

NAKASHIMA, S. K.; CALVENTE, M. C. M. H. A história do Turismo: epítome das mudanças. **Turismo & Sociedade**. Curitiba, v. 9, n. 2, 2016, p. 1-20.

NATION, I. S. P. **Learning vocabulary in another language**. Cambridge University Press, 2013.

NATION, P. **How large a vocabulary is needed for reading and listening?** The Canadian Modern Language Review, 2006.

NATION, P. **Making and using word lists for language learning and testing**. Amsterdam: John Benjamins, 2016.

NATION, P. **The BNC word Family lists 14,000**. Disponível em: <https://people.wgtn.ac.nz/paul.nation>. Acesso em: 18 fev. 2021.

NOGUEIRA, B. C.; KUHNEN, M. H.; FIATES, G. G. **Inovação em serviços de hospedagem**: uma análise do caso AIRBNB. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Ciências da Administração da Universidade Federal de Santa Catarina.

PAGE, S. *et at*. Wellness, tourism and small business development in a UK coastal resort: Public engagement in practice. **Tourism Management**. Elsevier, n. 60, 2017.

PAIXÃO-MATTOS, C. M. **Vou ensinar língua estrangeira num instituto federal**: aspectos da formação do professor de inglês em contexto superior tecnológico de ensino de línguas para fins específicos (ELFE). 2018. 144 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, Brasília.

PALTRIDGE, B. **Genre and the Language Learning Classroom**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2001.

PANOSSO NETTO, A. **O que é Turismo**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

PARANÁ. GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. **Parque Nacional do Iguaçu bate recorde de visitantes em 2019**. Curitiba, 2020. Disponível em: <http://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=105231&tit=Parque-Nacional-do-Iguacu-bate-recorde-de-visitantes-em-2019#:~:text=O%20Parque%20Nacional%20do%20Igua%C3%A7u,de%20dois%20milh%C3%B5es%20de%20vezes.> Acesso em 22 ago. 2020.

PERAZZOLO, O. A.; SANTOS, M. M. C.; PEREIRA, S. Meios de hospedagem no contexto do Turismo: considerações sobre o acolhimento e a formação profissional. **Anais**: VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul: saberes e fazeres no turismo: Interfaces. Universidade de Caxias do Sul, 2010.

PERINOTTO, A. R. C.; SANTOS, P. L.; BRITO, A. S. Graduação em Turismo no Brasil: evolução, articulações didáticas e desafios para turismólogos docentes. **Humanidades**. Fortaleza: v. 31, n. 1, 2016, p. 42-65.

PERROTTA, I. A construção dos atrativos turísticos do Rio de Janeiro a partir de seus primeiros guias para viajantes. *In*: CASTRO, C; GUIMARÃES, V. L.; MAGALHÃES, A. M. (org.). **História do Turismo no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2013. p. 37-52.

RAMOS, R. DE C. G. ESP in Brazil: history, new trends and challenges. *In*: KRZANOWSKI, M. (Ed.). **ESP and EAP in Developing and in Least Developing Countries**. IATEFL, 2008. pp. 68-83.

RAMOS, R. G. ESP in Brazil: history, new trends and challenges. *In*: KRZANOWSKI, M. (Ed.). **ESP and EAP in Developing and in Least Developing Countries**. IATEFL, 2008. pp. 68-83.

REIS, C. M. B.; SANTOS, W. S. Inglês sem fronteiras como *locus* privilegiado de formação inicial de professores de línguas estrangeiras. *In*: SARMENTO, S. *et al.* **Do inglês sem fronteiras ao idioma sem fronteiras**: a construção de uma política linguística para a internacionalização. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

REIS, D. G.; CARDOZO, P. F. **O Grand Tour e o aprendizado ao longo da vida de Goethe**. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2018.

RENAU, L. R. Touristification, Sharing Economies and the New Geography of Urban Conflicts. *Urban Science*, nº 2, vol. 104, 2018.

RICHARD, J. C; SANDY, C. **Passages**: student's book 2. 2nd ed. Cambridge University Press, 2008.

RIOTUR. EMPRESA DE TURISMO DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO. **Atrativos turísticos**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/riotur/atracoes-turisticas>. Acesso em: 28 mar. 2020.

RIOTUR. EMPRESA DE TURISMO DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO. **Rio de Janeiro é a cidade mais visitada da América do Sul**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/riotur/exibeconteudo?id=7472268>. Acesso: 28 mar. 2020.

RITTICHAINUWAT, B. *et al.* Resiliense to crises of Thai MICE stakeholders: a longitudinal study of the destination image of Thailand as a MICE destination. **Tourism Management Perspectives**, vol. 35, 2020.

RYBINAL, L.; LEE, T. Traveler Motivation and Destination Loyalty: Visiting Sacred Places in Central Asia. **Tourism and Hospitality**, n. 2, 2020, pp. 1-14.

SANCHEZ, Aquilino *et al* (org.). **CUMBRE – Corpus Lingüístico del Español contemporáneo** – Fundamentos, Metodología, y Aplicaciones. Madrid: SGEL, 1995).

SANTA CATARINA. GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Você sabia que SC tem uma “Baía dos Perdidos”?**: confira algumas curiosidades sobre nosso Estado. História, 2020. Disponível em: <https://www.sc.gov.br/conhecasc/historia>. Acesso em: 16 abr. 2020.

SANTIAGO, E. **Ilha de Santa Catarina**. InfoEscola, 2020. Disponível em: <https://www.infoescola.com/brasil/ilha-de-santa-catarina/>. Acesso em 16 abr. 2020.

SANTOS, V. **Vocabulário e Leitura: A elaboração de uma lista de palavras de uso acadêmico**. 2006. 111 f. Mestrado em Linguística Aplicada. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

SARDINHA, T. B. Linguística de Corpus: Histórico e Problemática. **D.E.L.T.A.** v. 16. n. 02: São Paulo, 2000. p. 323-367.

SARDINHA, T. B. **Pesquisa em Linguística de Corpus com WordSmith Tool**. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

SASTRY, G.V.R.; SUSHIL. Tourism Industry Depends on the Technological Integration: A Study of Product Integration Enhanced Performance with Banking and Insurance Products. **Journal of Tourism and Hospitality**: Elsevier, vol. 7, 2018.

SAVIANI, D. **As concepções pedagógicas na história da educação brasileira**. Campinas, UNICAMP, Projeto “20 anos do HISTEDBR”, 2005.

SCHLEPPEGRELL, M.; BOWMAN, B. **ESP: teaching English for specific purposes**. Center for Applied Linguistics, Washington, D.C.: Peace Corps, 1986.

SCHMITT, N. *et al.* **How much vocabulary is needed to use English?** Replication of van Zeeland & Schmitt (2012, Nation (2006) and Cobb (2007). *Language Teaching*, n. 50, Cambridge University Press, 2017. p. 212-226.

SCHUTH, E.; KÖHNE, J.; WEINERT, S. The influence of academic vocabulary knowledge on school performance. **Learning and instruction**, 2017, Vol. 49. pp.157-165. Disponível em: http://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php?option=com_phome. Acesso em: 15 abr. 2020.

SCIMAGO. SJR – SCIMAGO JOURNAL & COUNTRY RANK. **Journal Rankings: Tourism, Leisure and Hospitality Management**, 2020. Disponível em: <https://www.scimagojr.com/journalrank.php?category=1409>. Acesso em: 06 abr. 2020.

SCOTT, M. **Self-access in ESP**. Projeto Nacional de Inglês Instrumental em Universidades Brasileiras. PUC, São Paulo, 1984. Disponível em: <https://www.pucsp.br/lael/cepril/workingpapers/wp12.PDF>. Acesso em: 29 jan. 2021.

SCOTT, M.; TRIBBLE, C. **Textual Patterns: key words and corpus analysis in language education**. Amsterdam: John Benjamins, 2006.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 21. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2000.

SHEPHERD, T. M. G. O estatuto da linguística de corpus: metodologia ou área da linguística. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, 2009. p. 150-172.

SILVA, C. T. *et al.* Burnout and food safety: understanding the role of job satisfaction and men complexity in food service. **International Journal of Hospitality Management**. n. 92. Elsevier, 2021.

SILVA, E. B. **Identificação e análise do vocabulário acadêmico em língua inglesa presente em textos acadêmico-científicos**. 2015, 293 f. Doutorado em Estudos Linguísticos. Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho, São José do Rio Preto, SP.

SILVA, M. A. **Inglês para a área do Turismo: análise de necessidades do mercado e de aprendizagem**. 2007. 105 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

SIMAS, T. B.; OLIVEIRA, S. A. Le C. de; CANO-HILA, A. B. Tourismophobia or touristification? An analysis of the impacts of tourism in Poblenou, Barcelona. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 117-131.

SIVENAN, S. Sustainable Tourism Development in Jaffna District. *Journal of Tourism Hospitality*. Vol. 9, n. 431, 2020.

SNOW, C. E. Academic language and the challenge of reading for learning about science. **Science**. v. 328, 2010. pp. 450-452.

SNOW, C. E.; UCCELLI, P. The challenge of academic language. *In*: OLSON, D. R.; TORRANCE, N. (Org.). **The Cambridge Handbook of Literacy**. Cambridge University Press: Cambridge, 2009. pp. 112-133.

SOUSA, J. L.; LIMA, L. N. M. Regionalismo e variação linguística: uma reflexão sobre a linguagem caipira nos causos de Geraldinho. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. Brasil, n° 72, 2019. pp. 63-82.

STREVENS, P. ESP after twenty years: a re-appraisal. *In*: Tickoo, M. L. (ed.). **English for Specific Purpose: state of art**. Singapore: SEAMEO, 1988. Anthology series 21, pp. 1-13.

SWALES, J. M. **Research Genres: Exploration and Applications**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

TEIXEIRA, S. H. A. Cursos superiores de Turismo: uma abordagem histórica (1970/1979). IV Congresso Brasileiro de História da Educação: a educação e seus sujeitos na história. **Anais [...]** Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2006, p. 1-8.

TELES, T. V. S. **O inglês como língua dos negócios: o caso da instrução comercial luso-brasileira (1759-1902)**. 2019. 241 f. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, SE.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TUSSYADIAH, L. A review of research into automation in tourism: launching the Annals of Tourism Research Curated Collection on Artificial Intelligence and Robotics in Tourism. **Annals of Tourism Research**, n. 81, 2020.

UNESCO. UNITED NATIONS EDUCATION, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION. **Iguaçu National Park**, 2020. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/355/>. Acesso em: 27 mar. 2020.

THE UNITED STATES. Government Publishing Office. **Style manual: an official guide to the form and style of Federal Government publishing**. Washington, DC: U.S., 2016.

UNWTO. WORLD TOURISM ORGANIZATION. **Thesaurus on tourism and leisure activities**. Secretariat of State for Tourism of France and World Tourism Organization, 2001. Disponível em: <https://www.e-unwto.org/doi/book/10.18111/9789284404551>. Acesso em: 12 abr. 2020.

UNWTO. WORLD TOURISM ORGANIZATION. **About UNWTO**, 2020. Disponível em: <https://www.unwto.org/who-we-are>. Acesso em 21 mar. 2020.

USP. Universidade de São Paulo. **Projeto Político Pedagógico: Curso de Turismo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo**, 2017.

VIAN JR, Orlando. Inglês instrumental, inglês para negócios e inglês instrumental para negócios (English for Specific Purposes/ESP, English for general business purposes and English for specific business purposes. In: **D.E.L.T.A.**, vol. 15, nº. especial, 1999, pp. 437-457.

VILELA, M. O léxico do Português: perspectiva geral. In: VILELA, M. **Filologia e Linguística Portuguesa**. São Paulo: Hunanitas, 1997. pp. 31-50.

WENJIN, C. A qualitative research approach for a trust model of P2P accommodations for Chinese travelers. **Journal of Tourism and Hospitality**, n. 2, 2018.

WEST, M. **A General Service List of English Words**. London: Longman, Green and Co, 1953.

XUE, G.; NATION, I. A university word list. **Language Learning and Communication** [S.l.], v. 3, n.2, p. 215-229, 1984.

ZAKARIA, H.; NUMATA, S.; HIHARA, K. Expenditure Patterns of Foreign Resident Visitors and Foreign Tourist Visitors at a Day-Trip Nature-Based Destination. **Tourism Hospitality**, n. 2, 2021, pp. 277-287.

ZANETTE, R. I. C. **Dicionário terminológico bilíngue português/italiano das subáreas do Patrimônio Cultural e do Patrimônio Natural**. 2010. 249 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Artes e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo – USP – São Paulo

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termos ausentes na GSL (WEST, 1953) e na AWL (COXHEAD, 2000).

<i>TERMS WITH</i>	24. <i>budget seeker</i>	47. <i>terminal</i>
<i>TOURISM</i>	25. <i>cash</i>	48. <i>venue</i>
1. <i>eco-tourism</i>	26. <i>cash driven</i>	49. <i>zoo</i>
2. <i>gastronomy tourism</i>	27. <i>cash flow</i>	
3. <i>heritage tourism</i>	28. <i>cash holding</i>	<i>HOTELS AND</i>
4. <i>leisure tourism</i>	29. <i>currency</i>	<i>ACCOMMODATION</i>
5. <i>rural tourism</i>	<i>transaction</i>	50. <i>Airbnb</i>
6. <i>tourism destination</i>	30. <i>mobile payment</i>	51. <i>all-inclusive resort</i>
7. <i>tourism stakeholder</i>	31. <i>nominal</i>	52. <i>budget hotel</i>
8. <i>tourismophobia</i>	<i>payment</i>	53. <i>casino resort</i>
9. <i>tourist hotspot</i>		54. <i>hostel</i>
10. <i>tourist well-being</i>	<i>PLACES AND</i>	55. <i>hotel facility</i>
11. <i>touristification</i>	<i>FACILITIES</i>	56. <i>luxury hotel</i>
12. <i>volunteer tourism</i>	32. <i>airport</i>	57. <i>resort</i>
13. <i>well-being tourism</i>	33. <i>airport terminal</i>	58. <i>resort hotel</i>
	34. <i>casino</i>	59. <i>seaside resort</i>
<i>FOOD AND</i>	35. <i>conservation</i>	60. <i>sustainable resort</i>
<i>BEVERAGE</i>	<i>park</i>	61. <i>winter resort</i>
14. <i>beverage</i>	36. <i>crafts shop</i>	62. <i>youth hostel</i>
15. <i>catering service</i>	37. <i>ferry terminal</i>	
16. <i>celebratory drink</i>	38. <i>grocery shop</i>	<i>TRANSPORTATION</i>
17. <i>entry</i>	39. <i>international</i>	63. <i>boat tour</i>
18. <i>gastronomy</i>	<i>airport</i>	64. <i>bus tour</i>
19. <i>leftover</i>	40. <i>marine park</i>	65. <i>ferry</i>
20. <i>organic food</i>	41. <i>metro station</i>	66. <i>metro</i>
21. <i>snack</i>	42. <i>monument</i>	67. <i>metro station</i>
22. <i>takeaway</i>	43. <i>mountain resort</i>	68. <i>plane</i>
	44. <i>pub</i>	69. <i>shuttle bus</i>
<i>MONEY AND FINANCE</i>	45. <i>railway</i>	70. <i>Uber</i>
23. <i>budget</i>	46. <i>sanctuary</i>	

*PEOPLE ON TOURISM**71. backpacker**72. corporate customer**73. porter**74. stakeholder**75. Uber driver*

ANEXOS

ANEXO A – General Service List (WEST, 1953) – Headwords.

- | | | |
|---------------|-----------------|------------------|
| 1. a | 45. agency | 89. anyone |
| 2. ability | 46. agent | 90. anything |
| 3. able | 47. ago | 91. anyway |
| 4. about | 48. agree | 92. anywhere |
| 5. above | 49. agriculture | 93. apart |
| 6. abroad | 50. ahead | 94. apology |
| 7. absence | 51. aim | 95. appear |
| 8. absent | 52. air | 96. appearance |
| 9. absolute | 53. airplane | 97. applaud |
| 10. accept | 54. alike | 98. applause |
| 11. accident | 55. alive | 99. apple |
| 12. accord | 56. all | 100. application |
| 13. account | 57. allow | 101. apply |
| 14. accuse | 58. allowance | 102. appoint |
| 15. accustom | 59. almost | 103. approve |
| 16. ache | 60. alone | 104. arch |
| 17. across | 61. along | 105. argue |
| 18. act | 62. aloud | 106. arise |
| 19. action | 63. already | 107. arm |
| 20. active | 64. also | 108. army |
| 21. actor | 65. although | 109. around |
| 22. actress | 66. altogether | 110. arrange |
| 23. actual | 67. always | 111. arrest |
| 24. add | 68. ambition | 112. arrive |
| 25. address | 69. ambitious | 113. arrow |
| 26. admire | 70. among | 114. art |
| 27. admission | 71. amongst | 115. article |
| 28. admit | 72. amount | 116. artificial |
| 29. adopt | 73. amuse | 117. as |

30.	adoption	74.	ancient	118.	ash
31.	advance	75.	and	119.	ashamed
32.	advantage	76.	anger	120.	aside
33.	adventure	77.	angle	121.	ask
34.	advertise	78.	angry	122.	asleep
35.	advice	79.	animal	123.	association
36.	advise	80.	annoy	124.	astonish
37.	affair	81.	annoyance	125.	at
38.	afford	82.	another	126.	attack
39.	afraid	83.	answer	127.	attempt
40.	after	84.	anxiety	128.	attend
41.	afternoon	85.	anxious	129.	attention
42.	again	86.	any	130.	attentive
43.	against	87.	anybody	131.	attract
44.	age	88.	anyhow	132.	attraction
133.	attractive	180.	become	227.	body
134.	audience	181.	bed	228.	boil
135.	aunt	182.	bedroom	229.	bold
136.	autumn	183.	before	230.	bone
137.	avenue	184.	beg	231.	book
138.	average	185.	begin	232.	border
139.	avoid	186.	behave	233.	borrow
140.	avoidance	187.	behavior	234.	both
141.	awake	188.	behind	235.	bottle
142.	away	189.	being	236.	bottom
143.	awkward	190.	belief	237.	bound
144.	axe	191.	believe	238.	boundary
145.	baby	192.	bell	239.	bow
146.	back	193.	belong	240.	bowl
147.	backward	194.	below	241.	box
148.	bad	195.	belt	242.	boy
149.	bag	196.	bend	243.	brain
150.	baggage	197.	beneath	244.	branch

151.	bake	198.	berry	245.	brass
152.	balance	199.	beside	246.	brave
153.	ball	200.	besides	247.	bravery
154.	band	201.	best	248.	bread
155.	bank	202.	better	249.	breadth
156.	bar	203.	between	250.	break
157.	barber	204.	beyond	251.	breakfast
158.	bare	205.	bicycle	252.	breath
159.	bargain	206.	big	253.	breathe
160.	barrel	207.	bill	254.	bribe
161.	base	208.	bind	255.	bribery
162.	basic	209.	bird	256.	brick
163.	basin	210.	birth	257.	bridge
164.	basis	211.	bit	258.	bright
165.	basket	212.	bite	259.	brighten
166.	bath	213.	bitter	260.	bring
167.	bathe	214.	black	261.	broad
168.	battle	215.	blade	262.	broadcast
169.	bay	216.	blame	263.	brother
170.	be	217.	bleed	264.	brown
171.	beak	218.	bless	265.	brush
172.	beam	219.	blind	266.	bucket
173.	bean	220.	block	267.	build
174.	bear	221.	blood	268.	bunch
175.	beard	222.	blow	269.	bundle
176.	beast	223.	blue	270.	burn
177.	beat	224.	board	271.	burst
178.	beauty	225.	boast	272.	bury
179.	because	226.	boat	273.	bus
274.	bush	321.	chair	368.	coast
275.	business	322.	chairman	369.	coat
276.	businesslike	323.	chalk	370.	coffee
277.	businessman	324.	chance	371.	coin

278.	busy	325.	change	372.	cold
279.	but	326.	character	373.	collar
280.	butter	327.	charge	374.	collect
281.	button	328.	charm	375.	collection
282.	buy	329.	cheap	376.	collector
283.	by	330.	cheat	377.	college
284.	cage	331.	check	378.	colony
285.	cake	332.	cheer	379.	color
286.	calculate	333.	cheese	380.	comb
287.	calculation	334.	chest	381.	combine
288.	calculator	335.	chicken	382.	come
289.	call	336.	chief	383.	comfort
290.	calm	337.	child	384.	command
291.	camera	338.	childhood	385.	commerce
292.	camp	339.	chimney	386.	commercial
293.	can	340.	choice	387.	committee
294.	canal	341.	choose	388.	common
295.	cap	342.	Christmas	389.	companion
296.	cape	343.	church	390.	companionship
297.	capital	344.	circle	391.	company
298.	captain	345.	circular	392.	compare
299.	car	346.	citizen	393.	comparison
300.	card	347.	city	394.	compete
301.	care	348.	civilize	395.	competition
302.	carriage	349.	claim	396.	competitor
303.	carry	350.	class	397.	complain
304.	cart	351.	classification	398.	complaint
305.	case	352.	classify	399.	complete
306.	castle	353.	clay	400.	completion
307.	cat	354.	clean	401.	complicate
308.	catch	355.	clear	402.	complication
309.	cattle	356.	clerk	403.	compose
310.	cause	357.	clever	404.	composition

311.	caution	358.	cliff	405.	concern
312.	cautious	359.	climb	406.	condition
313.	cave	360.	clock	407.	confess
314.	cent	361.	close	408.	confession
315.	center	362.	cloth	409.	confidence
316.	century	363.	clothe	410.	confident
317.	ceremony	364.	cloud	411.	confidential
318.	certain	365.	club	412.	confuse
319.	certainty	366.	coal	413.	confusion
320.	chain	367.	coarse	414.	congratulate
415.	congratulation	462.	criminal	509.	deceive
416.	connect	463.	critic	510.	decide
417.	connection	464.	crop	511.	decision
418.	conquer	465.	cross	512.	decisive
419.	conqueror	466.	crowd	513.	declare
420.	conquest	467.	crown	514.	decrease
421.	conscience	468.	cruel	515.	deed
422.	conscious	469.	crush	516.	deep
423.	consider	470.	cry	517.	deepen
424.	contain	471.	cultivate	518.	deer
425.	content	472.	cultivation	519.	defeat
426.	continue	473.	cultivator	520.	defend
427.	control	474.	cup	521.	defendant
428.	convenience	475.	cupboard	522.	defense
429.	convenient	476.	cure	523.	degree
430.	conversation	477.	curious	524.	delay
431.	cook	478.	curl	525.	delicate
432.	cool	479.	current	526.	delight
433.	copper	480.	curse	527.	deliver
434.	copy	481.	curtain	528.	delivery
435.	cork	482.	curve	529.	demand
436.	corn	483.	cushion	530.	department
437.	corner	484.	custom	531.	depend

438.	correct	485.	customary	532.	dependence
439.	correction	486.	customer	533.	dependent
440.	cost	487.	cut	534.	depth
441.	cottage	488.	daily	535.	descend
442.	cotton	489.	damage	536.	descendant
443.	cough	490.	damp	537.	descent
444.	could	491.	dance	538.	describe
445.	council	492.	danger	539.	description
446.	count	493.	dare	540.	desert
447.	country	494.	dark	541.	deserve
448.	courage	495.	darken	542.	desire
449.	course	496.	date	543.	desk
450.	court	497.	daughter	544.	despair
451.	cousin	498.	day	545.	destroy
452.	cover	499.	daylight	546.	destruction
453.	cow	500.	dead	547.	destructive
454.	coward	501.	deaf	548.	detail
455.	cowardice	502.	deafen	549.	determine
456.	crack	503.	deal	550.	develop
457.	crash	504.	dear	551.	devil
458.	cream	505.	death	552.	diamond
459.	creature	506.	debt	553.	dictionary
460.	creep	507.	decay	554.	die
461.	crime	508.	deceit	555.	difference
556.	different	603.	double	650.	election
557.	difficult	604.	doubt	651.	electric
558.	difficulty	605.	down	652.	electrician
559.	dig	606.	dozen	653.	elephant
560.	dine	607.	drag	654.	else
561.	dinner	608.	draw	655.	elsewhere
562.	dip	609.	drawer	656.	empire
563.	direct	610.	dream	657.	employ
564.	direction	611.	dress	658.	employee

565.	director	612.	drink	659.	empty
566.	dirt	613.	drive	660.	enclose
567.	disagree	614.	drop	661.	enclosure
568.	disappear	615.	drown	662.	encourage
569.	disappearance	616.	drum	663.	end
570.	disappoint	617.	dry	664.	enemy
571.	disapprove	618.	duck	665.	engine
572.	discipline	619.	due	666.	engineer
573.	discomfort	620.	dull	667.	English
574.	discontent	621.	during	668.	enjoy
575.	discover	622.	dust	669.	enough
576.	discovery	623.	duty	670.	enter
577.	discuss	624.	each	671.	entertain
578.	discussion	625.	eager	672.	entire
579.	disease	626.	ear	673.	entrance
580.	disgust	627.	early	674.	envelope
581.	dish	628.	earn	675.	envy
582.	dismiss	629.	earnest	676.	equal
583.	disregard	630.	earth	677.	escape
584.	disrespect	631.	ease	678.	especially
585.	dissatisfaction	632.	east	679.	essence
586.	dissatisfy	633.	eastern	680.	essential
587.	distance	634.	easy	681.	even
588.	distant	635.	eat	682.	evening
589.	distinguish	636.	edge	683.	event
590.	district	637.	educate	684.	ever
591.	disturb	638.	education	685.	everlasting
592.	ditch	639.	educator	686.	every
593.	dive	640.	effect	687.	everybody
594.	divide	641.	effective	688.	everyday
595.	division	642.	efficiency	689.	everyone
596.	do	643.	efficient	690.	everything
597.	doctor	644.	effort	691.	everywhere

598.	dog	645.	egg	692.	evil
599.	dollar	646.	either	693.	exact
600.	donkey	647.	elastic	694.	examine
601.	door	648.	elder	695.	example
602.	dot	649.	elect	696.	excellence
697.	excellent	744.	far	791.	flood
698.	except	745.	farm	792.	floor
699.	exception	746.	fashion	793.	flour
700.	excess	747.	fare	794.	flow
701.	excessive	748.	fast	795.	flower
702.	exchange	749.	fasten	796.	fly
703.	excite	750.	fat	797.	fold
704.	excuse	751.	fate	798.	follow
705.	exercise	752.	father	799.	fond
706.	exist	753.	fatten	800.	food
707.	existence	754.	fault	801.	fool
708.	expect	755.	favor	802.	foot
709.	expense	756.	favorite	803.	for
710.	expensive	757.	fear	804.	forbid
711.	experience	758.	feast	805.	force
712.	experiment	759.	feather	806.	foreign
713.	explain	760.	feed	807.	forest
714.	explode	761.	feel	808.	forget
715.	explore	762.	fellow	809.	forgive
716.	explosion	763.	fellowship	810.	fork
717.	explosive	764.	female	811.	form
718.	express	765.	fence	812.	formal
719.	expression	766.	fever	813.	former
720.	extend	767.	few	814.	forth
721.	extension	768.	field	815.	fortunate
722.	extensive	769.	fierce	816.	fortune
723.	extent	770.	fight	817.	forward
724.	extra	771.	figure	818.	frame
		772.	fill		

725.	extraordinary	773.	film	819.	framework
726.	extreme	774.	find	820.	free
727.	eye	775.	fine	821.	freedom
728.	face	776.	finger	822.	freeze
729.	fact	777.	finish	823.	frequency
730.	factory	778.	fire	824.	frequent
731.	fade	779.	firm	825.	fresh
732.	fail	780.	first	826.	friend
733.	failure	781.	fish	827.	friendly
734.	faint	782.	fit	828.	friendship
735.	fair	783.	fix	829.	fright
736.	faith	784.	flag	830.	frighten
737.	fall	785.	flame	831.	from
738.	false	786.	flash	832.	front
739.	fame	787.	flat	833.	fruit
740.	familiar	788.	flatten	834.	fry
741.	family	789.	flavor	835.	full
742.	fan	790.	flesh	836.	fun
743.	fancy	791.	float	837.	funeral
838.	funny	885.	great	932.	heap
839.	fur	886.	greed	933.	hear
840.	furnish	887.	green	934.	heart
841.	furniture	888.	greet	935.	heat
842.	further	889.	grind	936.	heaven
843.	future	890.	ground	937.	heavenly
844.	gaiety	891.	group	938.	heavy
845.	gain	892.	grow	939.	height
846.	gallon	893.	growth	940.	heighten
847.	game	894.	guard	941.	hello
848.	gap	895.	guess	942.	help
849.	garage	896.	guest	943.	here
850.	garden	897.	guide	944.	hesitate
851.	gas	898.	guilt	945.	hesitation

852.	gate	899.	gun	946.	hide
853.	gather	900.	habit	947.	high
854.	gay	901.	hair	948.	highway
855.	general	902.	half	949.	hill
856.	generous	903.	hall	950.	hinder
857.	gentle	904.	hammer	951.	hindrance
858.	gentleman	905.	hand	952.	hire
859.	get	906.	handkerchief	953.	history
860.	gift	907.	handle	954.	hit
861.	girl	908.	handshake	955.	hold
862.	give	909.	handwriting	956.	hole
863.	glad	910.	hang	957.	holiday
864.	glass	911.	happen	958.	hollow
865.	glory	912.	happy	959.	holy
866.	go	913.	harbor	960.	home
867.	goat	914.	hard	961.	homecoming
868.	god	915.	harden	962.	homemade
869.	gold	916.	hardly	963.	homework
870.	golden	917.	harm	964.	honest
871.	good	918.	harvest	965.	honesty
872.	govern	919.	haste	966.	honor
873.	governor	920.	hasten	967.	hook
874.	grace	921.	hat	968.	hope
875.	gradual	922.	hate	969.	horizon
876.	grain	923.	hatred	970.	horizontal
877.	grammar	924.	have	971.	horse
878.	grammatical	925.	hay	972.	hospital
879.	grand	926.	he	973.	host
880.	grass	927.	head	974.	hot
881.	grateful	928.	headache	975.	hotel
882.	grave	929.	headdress	976.	hour
883.	gray	930.	heal	977.	house
884.	grease	931.	health	978.	how

979.	however	1026.	kneel	1073.	instrument
980.	human	1027.	knife	1074.	insult
981.	humble	1028.	knock	1075.	insurance
982.	hunger	1029.	knot	1076.	insure
983.	hunt	1030.	know	1077.	intend
984.	hurrah	1031.	knowledge	1078.	intention
985.	hurry	1032.	lack	1079.	interest
986.	hurt	1033.	ladder	1080.	interfere
987.	husband	1034.	lady	1081.	interference
988.	hut	1035.	lake	1082.	international
989.	I	1036.	lamp	1083.	interrupt
990.	ice	1037.	land	1084.	interruption
991.	idea	1038.	landlord	1085.	into
992.	ideal	1039.	language	1086.	introduce
993.	idle	1040.	large	1087.	introduction
994.	if	1041.	last	1088.	invent
995.	ill	1042.	late	1089.	invention
996.	imaginary	1043.	lately	1090.	inventor
997.	imaginative	1044.	latter	1091.	invite
998.	imagine	1045.	laugh	1092.	inward
999.	imitate	1046.	laughter	1093.	iron
1000.	imitation	1047.	law	1094.	island
1001.	immediate	1048.	lawyer	1095.	it
1002.	immense	1049.	lay	1096.	jaw
1003.	importance	1050.	lazy	1097.	jealous
1004.	important	1051.	lead	1098.	jealousy
1005.	impossible	1052.	leadership	1099.	jewel
1006.	improve	1053.	leaf	1100.	join
1007.	in	1054.	lean	1101.	joint
1008.	inch	1055.	learn	1102.	joke
1009.	include	1056.	least	1103.	journey
1010.	inclusive	1057.	leather	1104.	joy
1011.	increase	1058.	leave	1105.	judge

1012.	indeed	1059.	left	1106.	juice
1013.	indoor	1060.	leg	1107.	jump
1014.	industry	1061.	lend	1108.	just
1015.	influence	1062.	length	1109.	justice
1016.	influential	1063.	lengthen	1110.	keep
1017.	inform	1064.	less	1111.	key
1018.	ink	1065.	lessen	1112.	kick
1019.	inn	1066.	lesson	1113.	kill
1020.	inquire	1067.	let	1114.	kind
1021.	inquiry	1068.	letter	1115.	king
1022.	insect	1069.	level	1116.	kingdom
1023.	inside	1070.	liar	1117.	kiss
1024.	instant	1071.	liberty	1118.	kitchen
1025.	instead	1072.	librarian	1119.	knee
1120.	library	1167.	machine	1214.	mere
1121.	lid	1168.	machinery	1215.	merry
1122.	lie	1169.	mad	1216.	message
1123.	life	1170.	madden	1217.	messenger
1124.	lift	1171.	mail	1218.	metal
1125.	light	1172.	main	1219.	middle
1126.	lighten	1173.	make	1220.	might
1127.	like	1174.	male	1221.	mild
1128.	likely	1175.	man	1222.	mile
1129.	limb	1176.	manage	1223.	milk
1130.	limit	1177.	mankind	1224.	mill
1131.	line	1178.	manner	1225.	mind
1132.	lip	1179.	manufacture	1226.	mine
1133.	lipstick	1180.	many	1227.	mineral
1134.	liquid	1181.	map	1228.	minister
1135.	list	1182.	march	1229.	minute
1136.	listen	1183.	mark	1230.	miserable
1137.	literary	1184.	market	1231.	misery
1138.	literature	1185.	marriage	1232.	miss

1139.	little	1186.	marry	1233.	mistake
1140.	live	1187.	mass	1234.	mix
1141.	load	1188.	master	1235.	mixture
1142.	loaf	1189.	mat	1236.	model
1143.	loan	1190.	match	1237.	moderate
1144.	local	1191.	material	1238.	moderation
1145.	lock	1192.	matter	1239.	modern
1146.	lodge	1193.	may	1240.	modest
1147.	log	1194.	maybe	1241.	modesty
1148.	lonely	1195.	meal	1242.	moment
1149.	long	1196.	mean	1243.	momentary
1150.	look	1197.	meantime	1244.	money
1151.	loose	1198.	meanwhile	1245.	monkey
1152.	loosen	1199.	measure	1246.	month
1153.	lord	1200.	meat	1247.	moon
1154.	lose	1201.	mechanic	1248.	moonlight
1155.	loss	1202.	mechanism	1249.	moral
1156.	lot	1203.	medical	1250.	more
1157.	loud	1204.	medicine	1251.	moreover
1158.	love	1205.	meet	1252.	morning
1159.	lovely	1206.	melt	1253.	most
1160.	low	1207.	member	1254.	mother
1161.	loyal	1208.	membership	1255.	motherhood
1162.	loyalty	1209.	memory	1256.	motherly
1163.	luck	1210.	mend	1257.	motion
1164.	lump	1211.	mention	1258.	motor
1165.	lunch	1212.	meuseum	1259.	mountain
1166.	lung	1213.	merchant	1260.	mouse
1261.	mouth	1214.	mercy	1355.	operate
1262.	move	1308.	north	1356.	operation
1263.	much	1309.	northern	1357.	operator
1264.	mud	1310.	nose	1358.	opinion
1265.	multiplication	1311.	not	1359.	opportunity
		1312.	note		

1266.	multiply	1313.	notebook	1360.	oppose
1267.	murder	1314.	nothing	1361.	opposite
1268.	music	1315.	notice	1362.	opposition
1269.	musician	1316.	noun	1363.	or
1270.	must	1317.	now	1364.	orange
1271.	mystery	1318.	nowadays	1365.	order
1272.	nail	1319.	nowhere	1366.	ordinary
1273.	name	1320.	nuisance	1367.	organ
1274.	narrow	1321.	number	1368.	organize
1275.	nation	1322.	numerous	1369.	origin
1276.	native	1323.	nurse	1370.	ornament
1277.	nature	1324.	nursery	1371.	other
1278.	near	1325.	nut	1372.	otherwise
1279.	neat	1326.	oar	1373.	ought
1280.	necessary	1327.	obedience	1374.	ounce
1281.	necessity	1328.	obedient	1375.	out
1282.	neck	1329.	obey	1376.	outline
1283.	need	1330.	object	1377.	outside
1284.	needle	1331.	objection	1378.	outward
1285.	neglect	1332.	observe	1379.	over
1286.	neighbor	1333.	occasion	1380.	overcome
1287.	neighborhood	1334.	ocean	1381.	overflow
1288.	neither	1335.	of	1382.	owe
1289.	nephew	1336.	off	1383.	own
1290.	nest	1337.	offend	1384.	ownership
1291.	net	1338.	offense	1385.	pack
1292.	network	1339.	offer	1386.	package
1293.	never	1340.	office	1387.	pad
1294.	new	1341.	officer	1388.	page
1295.	news	1342.	official	1389.	pain
1296.	newspaper	1343.	often	1390.	paint
1297.	next	1344.	oil	1391.	pair
1298.	nice	1345.	old	1392.	pale

1299.	niece	1346.	old-fashioned	1393.	pan
1300.	night	1347.	omission	1394.	paper
1301.	no	1348.	omit	1395.	parcel
1302.	noble	1349.	on	1396.	pardon
1303.	nobody	1350.	once	1397.	parent
1304.	noise	1351.	one	1398.	park
1305.	none	1352.	only	1399.	part
1306.	noon	1353.	onto	1400.	particle
1307.	nor	1354.	open	1401.	particular
1402.	partner	1449.	pint	1496.	pray
1403.	party	1450.	pipe	1497.	preach
1404.	pass	1451.	pity	1498.	precious
1405.	passage	1452.	place	1499.	prefer
1406.	passenger	1453.	plain	1500.	preference
1407.	past	1454.	plan	1501.	prejudice
1408.	paste	1455.	plant	1502.	prepare
1409.	pastry	1456.	plaster	1503.	presence
1410.	path	1457.	plate	1504.	present
1411.	patience	1458.	play	1505.	preserve
1412.	patient	1459.	pleasant	1506.	president
1413.	patriotic	1460.	please	1507.	press
1414.	pattern	1461.	pleasure	1508.	pressure
1415.	pause	1462.	plenty	1509.	pretend
1416.	paw	1463.	plow	1510.	pretense
1417.	pay	1464.	plural	1511.	pretty
1418.	peace	1465.	pocket	1512.	prevent
1419.	pearl	1466.	poem	1513.	prevention
1420.	peculiar	1467.	poet	1514.	price
1421.	pen	1468.	point	1515.	pride
1422.	pencil	1469.	poison	1516.	priest
1423.	penny	1470.	police	1517.	print
1424.	people	1471.	polish	1518.	prison
1425.	per	1472.	polite	1519.	private

1426.	perfect	1473.	political	1520.	prize
1427.	perfection	1474.	politician	1521.	probable
1428.	perform	1475.	politics	1522.	problem
1429.	performance	1476.	pool	1523.	procession
1430.	perhaps	1477.	poor	1524.	produce
1431.	permanent	1478.	popular	1525.	product
1432.	permission	1479.	population	1526.	production
1433.	permit	1480.	port	1527.	profession
1434.	person	1481.	position	1528.	profit
1435.	persuade	1482.	possess	1529.	program
1436.	persuasion	1483.	possession	1530.	progress
1437.	pet	1484.	possessor	1531.	promise
1438.	photograph	1485.	possible	1532.	prompt
1439.	photography	1486.	post	1533.	pronounce
1440.	pick	1487.	postpone	1534.	pronunciation
1441.	picture	1488.	pot	1535.	proof
1442.	piece	1489.	pound	1536.	proper
1443.	pig	1490.	pour	1537.	property
1444.	pigeon	1491.	poverty	1538.	proposal
1445.	pile	1492.	powder	1539.	propose
1446.	pin	1493.	power	1540.	protect
1447.	pinch	1494.	practical	1541.	protection
1448.	pink	1495.	practice	1542.	proud
1543.	prove	1496.	praise	1637.	request
1544.	provide	1590.	reason	1638.	rescue
1545.	public	1591.	reasonable	1639.	reserve
1546.	pull	1592.	receipt	1640.	resign
1547.	pump	1593.	receive	1641.	resist
1548.	punctual	1594.	recent	1642.	resistance
1549.	punish	1595.	recognition	1643.	respect
1550.	pupil	1596.	recognize	1644.	responsible
1551.	pure	1597.	recommend	1645.	rest
1552.	purple	1598.	record	1646.	restaurant
		1599.	red		

1553.	purpose	1600.	redde	1647.	result
1554.	push	1601.	reduce	1648.	retire
1555.	put	1602.	reduction	1649.	return
1556.	puzzle	1603.	refer	1650.	revenge
1557.	qualification	1604.	reference	1651.	review
1558.	qualify	1605.	reflect	1652.	reward
1559.	quality	1606.	reflection	1653.	ribbon
1560.	quantity	1607.	refresh	1654.	rice
1561.	quarrel	1608.	refuse	1655.	rich
1562.	quart	1609.	regard	1656.	rid
1563.	quarter	1610.	regret	1657.	ride
1564.	queen	1611.	regular	1658.	right
1565.	question	1612.	rejoice	1659.	ring
1566.	quick	1613.	relate	1660.	ripe
1567.	quiet	1614.	relation	1661.	ripen
1568.	quite	1615.	relative	1662.	rise
1569.	rabbit	1616.	relief	1663.	risk
1570.	race	1617.	relieve	1664.	rival
1571.	radio	1618.	religion	1665.	rivalry
1572.	rail	1619.	remain	1666.	river
1573.	railroad	1620.	remark	1667.	road
1574.	rain	1621.	remedy	1668.	roar
1575.	raise	1622.	remember	1669.	roast
1576.	rake	1623.	remind	1670.	rob
1577.	rank	1624.	rent	1671.	robbery
1578.	rapid	1625.	repair	1672.	rock
1579.	rare	1626.	repeat	1673.	rod
1580.	rate	1627.	repetition	1674.	roll
1581.	rather	1628.	replace	1675.	roof
1582.	raw	1629.	reply	1676.	room
1583.	ray	1630.	report	1677.	root
1584.	razor	1631.	represent	1678.	rope
1585.	reach	1632.	representative	1679.	rot

1586.	read	1633.	reproduce	1680.	rotten
1587.	ready	1634.	reproduction	1681.	rough
1588.	real	1635.	republic	1682.	round
1589.	realize	1636.	reputation	1683.	row
1684.	royal	1731.	scissors	1778.	sharpen
1685.	royalty	1732.	scold	1779.	shave
1686.	rub	1733.	scorn	1780.	she
1687.	rubber	1734.	scrape	1781.	sheep
1688.	rubbish	1735.	scratch	1782.	sheet
1689.	rude	1736.	screen	1783.	shelf
1690.	rug	1737.	screw	1784.	shell
1691.	ruin	1738.	sea	1785.	shelter
1692.	rule	1739.	search	1786.	shield
1693.	run	1740.	season	1787.	shilling
1694.	rush	1741.	seat	1788.	shine
1695.	rust	1742.	second	1789.	ship
1696.	sacred	1743.	secrecy	1790.	shirt
1697.	sacrifice	1744.	secret	1791.	shock
1698.	sad	1745.	secretary	1792.	shoe
1699.	sadden	1746.	see	1793.	shoot
1700.	saddle	1747.	seed	1794.	shop
1701.	safe	1748.	seem	1795.	shore
1702.	safety	1749.	seize	1796.	short
1703.	sail	1750.	seldom	1797.	shorten
1704.	sailor	1751.	self	1798.	should
1705.	sake	1752.	selfish	1799.	shoulder
1706.	salary	1753.	sell	1800.	shout
1707.	sale	1754.	send	1801.	show
1708.	salesman	1755.	sense	1802.	shower
1709.	salt	1756.	sensitive	1803.	shut
1710.	same	1757.	sentence	1804.	sick
1711.	sample	1758.	separate	1805.	side
1712.	sand	1759.	separation	1806.	sight

1713.	satisfaction	1760.	serious	1807.	sign
1714.	satisfactory	1761.	servant	1808.	signal
1715.	satisfy	1762.	serve	1809.	signature
1716.	sauce	1763.	service	1810.	silence
1717.	saucer	1764.	set	1811.	silent
1718.	save	1765.	settle	1812.	silk
1719.	saw	1766.	several	1813.	silver
1720.	say	1767.	severe	1814.	simple
1721.	scale	1768.	sew	1815.	simplicity
1722.	scarce	1769.	shade	1816.	since
1723.	scatter	1770.	shadow	1817.	sincere
1724.	scene	1771.	shake	1818.	sing
1725.	scenery	1772.	shall	1819.	single
1726.	scent	1773.	shallow	1820.	sink
1727.	school	1774.	shame	1821.	sir
1728.	science	1775.	shape	1822.	sister
1729.	scientific	1776.	share	1823.	sit
1730.	scientist	1777.	sharp	1824.	situation
1825.	size	1872.	sorry	1919.	steer
1826.	skill	1873.	sort	1920.	stem
1827.	skin	1874.	soul	1921.	step
1828.	skirt	1875.	sound	1922.	stick
1829.	sky	1876.	soup	1923.	stiff
1830.	slave	1877.	sour	1924.	stiffen
1831.	slavery	1878.	south	1925.	still
1832.	sleep	1879.	sow	1926.	sting
1833.	slide	1880.	space	1927.	stir
1834.	slight	1881.	spade	1928.	stock
1835.	slip	1882.	spare	1929.	stocking
1836.	slippery	1883.	speak	1930.	stomach
1837.	slope	1884.	special	1931.	stone
1838.	slow	1885.	speech	1932.	stop
1839.	small	1886.	speed	1933.	store

1840.	smell	1887.	spell	1934.	storm
1841.	smile	1888.	spend	1935.	story
1842.	smoke	1889.	spill	1936.	stove
1843.	smooth	1890.	spin	1937.	straight
1844.	snake	1891.	spirit	1938.	straighten
1845.	snow	1892.	spit	1939.	strange
1846.	so	1893.	spite	1940.	strap
1847.	soap	1894.	splendid	1941.	straw
1848.	social	1895.	split	1942.	stream
1849.	society	1896.	spoil	1943.	street
1850.	sock	1897.	spoon	1944.	strength
1851.	soft	1898.	sport	1945.	strengthen
1852.	soften	1899.	spot	1946.	stretch
1853.	soil	1900.	spread	1947.	strict
1854.	soldier	1901.	spring	1948.	strike
1855.	solemn	1902.	square	1949.	string
1856.	solid	1903.	staff	1950.	strip
1857.	solution	1904.	stage	1951.	stripe
1858.	solve	1905.	stain	1952.	stroke
1859.	some	1906.	stair	1953.	strong
1860.	somebody	1907.	stamp	1954.	struggle
1861.	somehow	1908.	stand	1955.	student
1862.	someone	1909.	standard	1956.	study
1863.	something	1910.	star	1957.	stuff
1864.	sometime	1911.	start	1958.	stupid
1865.	sometimes	1912.	state	1959.	subject
1866.	somewhere	1913.	station	1960.	substance
1867.	son	1914.	stay	1961.	succeed
1868.	song	1915.	steady	1962.	success
1869.	soon	1916.	steam	1963.	such
1870.	sore	1917.	steel	1964.	suck
1871.	sorrow	1918.	steep	1965.	sudden
1966.	suffer	2013.	tell	2060.	tight

1967.	sugar	2014.	temper	2061.	tighten
1968.	suggest	2015.	temperature	2062.	till
1969.	suggestion	2016.	temple	2063.	time
1970.	suit	2017.	tempt	2064.	tin
1971.	summer	2018.	tend	2065.	tip
1972.	sun	2019.	tender	2066.	tire
1973.	supper	2020.	tent	2067.	title
1974.	supply	2021.	term	2068.	to
1975.	support	2022.	terrible	2069.	tobacco
1976.	suppose	2023.	test	2070.	today
1977.	sure	2024.	than	2071.	toe
1978.	surface	2025.	thank	2072.	together
1979.	surprise	2026.	that	2073.	tomorrow
1980.	surround	2027.	the	2074.	ton
1981.	suspect	2028.	theater	2075.	tongue
1982.	suspicion	2029.	theatrical	2076.	tonight
1983.	suspicious	2030.	then	2077.	too
1984.	swallow	2031.	there	2078.	tool
1985.	swear	2032.	therefore	2079.	tooth
1986.	sweat	2033.	these	2080.	top
1987.	sweep	2034.	they	2081.	total
1988.	sweet	2035.	thick	2082.	touch
1989.	sweeten	2036.	thicken	2083.	tough
1990.	swell	2037.	thief	2084.	tour
1991.	swim	2038.	thin	2085.	toward
1992.	swing	2039.	thing	2086.	towel
1993.	sword	2040.	think	2087.	tower
1994.	sympathetic	2041.	thirst	2088.	town
1995.	sympathy	2042.	this	2089.	toy
1996.	system	2043.	thorn	2090.	track
1997.	table	2044.	thorough	2091.	trade
1998.	tail	2045.	those	2092.	train
1999.	tailor	2046.	though	2093.	translate

2000.	take	2047.	thread	2094.	translation
2001.	talk	2048.	threat	2095.	translator
2002.	tall	2049.	threaten	2096.	trap
2003.	tame	2050.	throat	2097.	travel
2004.	tap	2051.	through	2098.	tray
2005.	taste	2052.	throw	2099.	treasure
2006.	tax	2053.	thumb	2100.	treasury
2007.	taxi	2054.	thunder	2101.	treat
2008.	tea	2055.	thus	2102.	tree
2009.	teach	2056.	ticket	2103.	tremble
2010.	tear	2057.	tide	2104.	trial
2011.	telegraph	2058.	tidy	2105.	tribe
2012.	telephone	2059.	tie	2106.	trick
2107.	trip	2154.	vessel	2201.	welcome
2108.	trouble	2155.	victory	2202.	well
2109.	true	2156.	view	2203.	west
2110.	trunk	2157.	village	2204.	western
2111.	trust	2158.	violence	2205.	wet
2112.	truth	2159.	violent	2206.	what
2113.	try	2160.	virtue	2207.	whatever
2114.	tube	2161.	visit	2208.	wheat
2115.	tune	2162.	visitor	2209.	wheel
2116.	turn	2163.	voice	2210.	when
2117.	twist	2164.	vote	2211.	whenever
2118.	type	2165.	vowel	2212.	where
2119.	ugly	2166.	voyage	2213.	wherever
2120.	umbrella	2167.	wage	2214.	whether
2121.	uncle	2168.	waist	2215.	which
2122.	under	2169.	wait	2216.	whichever
2123.	underneath	2170.	waiter	2217.	while
2124.	understand	2171.	wake	2218.	whip
2125.	union	2172.	walk	2219.	whisper
2126.	unit	2173.	wall	2220.	whistle

2127.	unite	2174.	wander	2221.	white
2128.	unity	2175.	want	2222.	whiten
2129.	universal	2176.	war	2223.	who
2130.	universe	2177.	warm	2224.	whoever
2131.	university	2178.	warmth	2225.	whole
2132.	unless	2179.	warn	2226.	whom
2133.	until	2180.	wash	2227.	whose
2134.	up	2181.	waste	2228.	why
2135.	upon	2182.	watch	2229.	wicked
2136.	upper	2183.	water	2230.	wide
2137.	uppermost	2184.	wave	2231.	widen
2138.	upright	2185.	wax	2232.	widow
2139.	upset	2186.	way	2233.	widower
2140.	urge	2187.	we	2234.	width
2141.	urgent	2188.	weak	2235.	wife
2142.	use	2189.	weaken	2236.	wild
2143.	usual	2190.	wealth	2237.	will
2144.	vain	2191.	weapon	2238.	win
2145.	valley	2192.	wear	2239.	wind
2146.	valuable	2193.	weather	2240.	window
2147.	value	2194.	weave	2241.	wine
2148.	variety	2195.	weed	2242.	wing
2149.	various	2196.	week	2243.	winter
2150.	veil	2197.	weekday	2244.	wipe
2151.	verb	2198.	weekend	2245.	wire
2152.	verse	2199.	weigh	2246.	wisdom
2153.	very	2200.	weight	2247.	wise
2248.	wish				
2249.	with				
2250.	within				
2251.	without				
2252.	witness				
2253.	woman				
2254.	wonder				
2255.	wood				

- 2256. wooden
- 2257. wool
- 2258. woollen
- 2259. word
- 2260. work
- 2261. world
- 2262. worm
- 2263. worry
- 2264. worse
- 2265. worship
- 2266. worth
- 2267. would
- 2268. wound
- 2269. wrap
- 2270. wreck
- 2271. wrist
- 2272. write
- 2273. wrong
- 2274. yard
- 2275. year
- 2276. yellow
- 2277. yes
- 2278. yesterday
- 2279. yet
- 2280. yield
- 2281. you
- 2282. young
- 2283. youth
- 2284. zero

ANEXO B – Academic Word List (Coxhead, 2000) – Headwords.

This list contains the head words of the families in the Academic Word List. The numbers indicate the sublist of the Academic Word List. For example, *abandon* and its family members are in Sublist 8 of the Academic Word List. Sublist 8 is on page 33 in this book.

abandon	8	annual	4	channel	7
abstract	6	anticipate	9	chapter	2
academy	5	apparent	4	chart	8
access	4	append	8	chemical	7
accommodate	9	appreciate	8	circumstance	3
accompany	8	approach	1	cite	6
accumulate		appropriate	2	civil	4
	8	approximate	4	clarify	8
		arbitrary	8	classic	7
accurate	6	area	1	clause	5
achieve	2	aspect	2	code	4
acknowledge	6	assemble	10	coherent	9
acquire	2	assess	1	coincide	9
adapt	7	assign	6	collapse	10
adequate	4	assist	2	colleague	10
adjacent	10	assume	1	commence	9
adjust	5	assure	9	comment	3
administration	2	attach	6	commission	2
adult		attain	9	commit	4
		attitude	4	commodity	8
	7	attribute	4	communicate	4
advocate	7	author	6	community	2
affect		authority	1	compatible	9
		automate	8	compensate	3
	2	available	1	compile	10
aggregate	6	aware	5	complement	8
aid	7	behalf	9	complex	2
albeit	10	benefit	1	component	3
allocate	6	bias	8	compound	5
alter	5	bond	6	comprehensive	7
alternative	3	brief	6	comprise	7
ambiguous		bulk	9	compute	2
		capable	6	conceive	10
	8	capacity	5	concentrate	4
amend	5	category	2	concept	1
analogy	9	cease	9	conclude	2
analyse	1	challenge	5	concurrent	9

conduct	2	confirm	7	consent	3
confer	4	conflict	5	consequent	2
confine	9	conform	8		
considerable	3	deny	7	entity	5
consist	1	depress	10	environment	1
constant	3	derive	1	equate	2
constitute	1	design	2	equip	7
constrain	3	despite	4	equivalent	5
construct	2	detect	8	erode	9
consult	5	deviate	8	error	4
consume	2	device	9	establish	1
contact	5	devote	9	estate	6
contemporary	8	differentiate	7	estimate	1
context	1	dimension	4	ethic	9
contract	1	diminish	9	ethnic	4
contradict	8	discrete	5	evaluate	2
contrary	7	discriminate	6	eventual	8
contrast	4	displace	8	evident	1
contribute	3	display	6	evolve	5
controversy	9	dispose	7	exceed	6
convene	3	distinct	2	exclude	3
converse	9	distort	9	exhibit	8
convert	7	distribute	1	expand	5
convince	10	diverse	6	expert	6
cooperate	6	document	3	explicit	6
coordinate	3	domain	6	exploit	8
core	3	domestic	4	export	1
corporate	3	dominate	3	expose	5
correspond	3	draft	5	external	5
couple	7	drama	8	extract	7
create	1	duration	9	facilitate	5
credit	2	dynamic	7	factor	1
criteria	3	economy	1	feature	2
crucial	8	edit	6	federal	6
culture	2	element	2	fee	6
currency	8	eliminate	7	file	7
cycle	4	emerge	4	final	2
data	1	emphasis	3	finance	1
debate	4	empirical	7	finite	7
decade	7	enable	5	flexible	6
decline	5	encounter	10	fluctuate	8
deduce	3	energy	5	focus	2
define	1	enforce	5	format	9
definite	7	enhance	6	formula	1
demonstrate	3	enormous	10	forthcoming	10
denote	8	ensure	3	foundation	7
found	9	fundamental	5	generation	5
framework	3	furthermore	6	globe	7
function	1	gender	6	goal	4
fund	3	generate	5	grade	7

grant	4	integrate	4	minimal	9
guarantee	7	integrity	10	minimise	8
guideline	8	intelligence	6	minimum	6
hence	4	intense	8	ministry	6
hierarchy	7	interact	3	minor	3
highlight	8	intermediate	9	mode	7
hypothesis	4	internal	4	modify	5
identical	7	interpret	1	monitor	5
identify	1	interval	6	motive	6
ideology	7	intervene	7	mutual	9
ignorance	6	intrinsic	10	negate	3
illustrate	3	invest	2	network	5
image	5	investigate	4	neutral	6
immigrate	3	invoke	10	nevertheless	6
impact	2	involve	1	nonetheless	10
implement	4	isolate	7	norm	9
implicate	4	issue	1	normal	2
implicit	8	item	2	notion	5
imply	3	job	4	notwithstanding	10
impose	4	journal	2	nuclear	8
incentive	6	justify	3	objective	5
incidence	6	label	4	obtain	2
incline	10	labour	1	obvious	4
income	1	layer	3	occupy	4
incorporate	6	lecture	6	occur	1
index	6	legal	1	odd	10
indicate	1	legislate	1	offset	8
individual		levy	10	ongoing	10
	1	liberal	5	option	4
induce	8	licence	5	orient	5
inevitable	8	likewise	10	outcome	3
infer	7	link	3	output	4
infrastructure	8	locate	3	overall	4
inherent	9	logic	5	overlap	9
inhibit	6	maintain	2	overseas	6
initial	3	major	1	panel	10
initiate	6	manipulate	8	paradigm	7
injure	2	manual	9	paragraph	8
innovate	7	margin	5	parallel	4
input		mature	9	parameter	4
	6	maximise	3	participate	2
insert	7	mechanism	4	partner	3
insight	9	media	7	passive	9
inspect	8	mediate	9	perceive	2
instance	3	medical	5	percent	1
institute	2	medium	9	period	1
instruct	6	mental	5	persist	10
integral	9	method	1	perspective	5
		migrate	6	phase	4
		military	9	phenomenon	7

philosophy	3	register	3	specify	3
physical	3	regulate	2	sphere	9
plus	8	reinforce	8		
policy	1	reject	5		
portion	9	relax	9		
pose	10	release	7		
positive	2	relevant	2		
potential	2	reluctance	10		
practitioner	8	rely	3		
precede	6	remove	3		
precise	5	require	1		
predict	4	research	1		
predominant	8	reside	2		
preliminary		resolve	4		
	9	resource	2		
presume	6	respond	1		
previous	2	restore	8		
primary	2	restrain	9		
prime	5	restrict	2		
principal	4	retain	4		
principle	1	reveal	6		
prior	4	revenue	5		
priority	7	reverse	7		
proceed	1	revise	8		
process	1	revolution	9		
professional	4	rigid	9		
prohibit	7	role	1		
project	4	route	9		
promote	4	scenario	9		
proportion	3	schedule	8		
prospect	8	scheme	3		
protocol	9	scope	6		
psychology	5	section	1		
publication	7	sector	1		
publish	3	secure	2		
purchase	2	seek	2		
pursue	5	select	2		
qualitative	9	sequence	3		
quote	7	series	4		
radical	8	sex	3		
random	8	shift	3		
range	2	significant	1		
ratio	5	similar	1		
rational	6	simulate	7		
react	3	site	2		
recover	6	so-called	10		
refine	9	sole	7		
regime	4	somewhat	7		
region	2	source	1		
		specific	1		

stable	5
statistic	4
status	4
straightforward	10
strategy	2
stress	4
structure	1
style	5
submit	7
subordinate	9
subsequent	4
subsidy	6
substitute	5
successor	7
sufficient	3
sum	4
summary	4
supplement	9
survey	2
survive	7
suspend	9
sustain	5
symbol	5
tape	6
target	5
task	3
team	9
technical	3
technique	3
technology	3
temporary	9
tense	8
terminate	8
text	2
theme	8
theory	1
thereby	8
thesis	7
topic	7
trace	6
tradition	2
transfer	2
transform	6
transit	5
transmit	7
transport	6
trend	5
trigger	9
ultimate	7
undergo	10

underlie	6
undertake	4
uniform	8
unify	9
unique	7
utilise	6
valid	3
vary	1
vehicle	8
version	5
via	8
violate	9
virtual	8
visible	7
vision	9
visual	8
volume	3
voluntary	7
welfare	5
whereas	5
whereby	10
widespread	8

FONTE: Victoria University of Wellington (2022).